MUNDO EM CHAMAS

BILLY GRAHAM
Tradução de AFFONSO BLACHEYRE
Edição Especial da EDITORA BETÂNIA
Caixa Postal 2024 - Belo Horizonte, Minas Gerais
DISTRIBUIDORA RECORD
Rio de Janeiro - São Paulo

Título do original em inglês
WORLD AFLAME
Copyright © 1965 by BILLY GRAHAM
2ª. Edição – 1968

[Orelha do livro]:
MUNDO EM CHAMAS
BILLY GRAHAM

Billy Graham, o evangelista de renome mundial, que já levou a palavra de Cristo aos cinco continentes e trouxe milhares de almas ao conhecimento do Salvador, examina neste livro a nossa época à luz dos ensinamentos bíblicos.

MUNDO EM CHAMAS não é para ele uma simples metáfora. Crê realmente que o mundo está sendo consumido pelos incêndios de erros, de incompreensões, de pecados nascidos do alheamento em que vive de Deus o homem moderno e da sua rebeldia contra o Criador.

O crime, o orgulho, a luxúria, a inquietação e a permanente ameaça de guerra e destruição em que vive a humanidade atual – tudo vem desse erro fundamental de rejeição pelo homem do seu laço essencial com Deus e do esforço desesperado de fugir à sua própria natureza e ao destino glorioso para o qual foi criado. Mas a sua conclusão não é pessimista. Ao contrário, o livro é uma mensagem de esperança e de fé.

O mundo arderá até à combustão final, quando então virá o Segundo Advento de Cristo e o estabelecimento do Reino de Deus sobre toda a terra, nova e transformada.

Contudo, a sua análise do mundo atual é feita sem meias-tintas, com um realismo e uma agudeza que visam, nas próprias palavras do autor, à esperança de que o mesmo leve os leitores "a saírem da apatia e caírem na realidade do nosso estado desesperado, individual e socialmente".

Por isso mesmo, todos os problemas modernos – o comunismo, o aumento do crime, a onda transbordante de sexo, o desenvolvimento das fatais armas nucleares, a procura sempre frustrada da paz – são escalpelados sem complacência, mostrando não só a sua raiz profunda mas também a ineficácia dos remédios que os homens angustiados procuram e propõem.

Referindo-se à primeira explosão atômica a 16 de julho de 1945 no deserto do Novo México, diz ele: "A partir daquele dia o mundo não é mais o mesmo e entramos numa nova era da história, talvez a última de todas as eras".

O seu livro é um roteiro para essa nova era. Não se sabe quando chegará o fim, que virá "como um ladrão dentro da noite". Mas, justamente por essa razão, é que os homens devem quanto antes abandonar os falsos deuses do sexo, da tecnologia e da política, para que, sobre os escombros das mentiras demoníacas, possa emergir o Homem Novo em quem se cumprirão as promessas e as profecias. A cada um de nós compete a tarefa de preparar o Homem Novo com o abandono das idolatrias modernas e a aceitação dos valores eternos na sua vida pessoal e social, no caminho difícil mas excelso para o Reino, a cuja glória o livro é dedicado tanto quanto ao exame das misérias do mundo atual.

ÍNDICE

Prefácio 8
Introdução 10

1. LABAREDAS SEM CONTROLE 15
   A labareda demográfica 16
   A labareda da delinqüência 17
   A labareda racial 19
   A labareda vermelha 22
   A labareda da ciência incontrolada 26
   A labareda do dilema político 28
2. A VELHA IMORALIDADE 32
   Sexo 34
   Pornografia 34
   Perversão 36
   Desonestidade 38
   Uma cultura que morre 40
3. NOSSAS PERTURBACÕES PSICOLÓGICAS 45
   Fuga 46
   Ansiedade 47
   Lazer 48
   "Pensamento duplo" 50
   "Pensamento de grupo" 51
   A mentira 53
4. A IDOLATRIA NACIONAL 57
   Deuses de universidade 58
   A idolatria das massas 59
   O homem adora a ciência 60
   O homem adora coisas 61
   O homem adora a si próprio 62
   As pequenas divindades falharam 63
5. OS PESQUISADORES NUM MUNDO EM CHAMAS 65

O homem examina a si próprio 68
Fé versus intelectualismo orgulhoso 70
A revolução sem sangue 71
6. QUEM SOU EU? 74
Pessimismo 74
O homem feito para Deus 76
A sociedade do homem com Deus 77
A vida com um propósito 78
7. A DOENCA FATAL DO HOMEM 80
A origem do pecado 81
Revolta contra Deus 82
O que é o pecado? 85
Somos pecadores por decisão própria 85
Os resultados do pecado 86
A morte tríplice 88
Modo de Deus versus modo do homem 92
O remédio da redenção 92
8. A INSUFICIÊNCIA DA RELIGIÃO MODERNA 95
Religião natural versus plano divino 96
Falsos profetas 98
Engano 99
Religiões verdadeiras e falsas 101
9. A JORNADA INACREDITÁVEL 104
Não podemos racionalizar Deus 105
Outros deuses 106
O homem pode conhecer Deus? 107
10. COMO DEUS FALA? 110
Revelação na natureza 111
Revelação na consciência 113
Revelação na Escritura 114
Revelação em Jesus Cristo 115
11. O CRISTO INILUDÍVEL 117
A singularidade de Cristo 118

A divindade de Cristo 119
A realidade histórica de Cristo 123
O Deus-Homem 124
12. A LOUCURA DE DEUS 127
Expiação 130
A cruz de Cristo 132
A evidência da culpa 134
Prova de que Deus odeia o pecado 135
A glória do amor divino 135
A base da fraternidade 136
13. O DIA EM QUE A MORTE MORREU 138
O homem viverá outra vez? 139
Provas históricas da ressurreição de Cristo 141
A ressurreição é essencial 144
O que significa a ressurreição para nós? 147
14. A POSSIBILIDADE DO NOVO HOMEM 150
As tentativas de transformação do homem 151
O novo nascimento 152
Mais do que reforma 154
15. COMO TORNAR-SE UM NOVO HOMEM 159
Conversão 161
Arrependimento 162
Fé 164
Compromisso 165
Emoção 166
Um ato da vontade 167
Segurança 169
Como receber Cristo 170
16. A DINÂMICA DO NOVO HOMEM 172
Perdoado e justificado 172
Adotado 174
O Espírito Santo 174
Força para resistir à tentação 176

O novo homem não é perfeito 178
Novos padrões 179
Nova orientação 181
Nova motivação 181
Nova direção 181
Novo crescimento 182
Nova preocupação social 185
17. LIGACÃO SOCIAL DO NOVO HOMEM 188
A missão da Igreja 190
O ministério de Cristo 193
Injustiças sociais 194
Valores verdadeiros 196
Responsabilidade cristã 197
18. O FUTURO FABULOSO 199
O perigo interno 200
A intervenção de Deus 201
Aquele grande dia 203
Deus não está ausente 208
19. A TROMBETA DISTANTE 211
Jesus Cristo voltará 212
Virá inesperadamente 215
Quando vier 216
Paz 217
Justiça social 218
Restauração da natureza 218
Justiça internacional 219
A vontade de Deus feita na terra 219
20. SINAIS DO FIM 221
1. O estado mental do mundo 223
2. O estado moral do mundo 224
3. Apostasia 225
4. Aumento da delinqüência 227
5. A chegada dos zombadores 228

6. Perseguição generalizada 229
7. Opulência 229
8. Preparação para o Armagedom 230
9. Conhecimento e viagens 231
10. Conferências de paz 231
11. A vinda do ditador mundial 232
12. Evangelismo mundial 235
Que fazer? 236
21. O JUIZO FINAL 239
Deus julgará todos os homens 240
Justiça, misericórdia e amor 241
O último grande conflito 244
Os juízos diferentes 244
O juízo do pecado 244
O juízo do crente 246
O juízo do grande trono branco 247
22. O MUNDO EM FOGO 252
O fogo do juízo 253
O fogo purificador 253
A tríplice transformação que virá 254
Preparando para o futuro 257
23. O MUNDO DE AMANHÃ 260
Uma nova criação 261
Jesus Cristo estará presente. 263
Um lugar preparado 264
Perfeição 265
Cidadãos do céu 266
Apenas uma porta para o céu 268

NOTAS 270

PREFÁCIO

MUNDO EM CHAMAS (WORLD AFLAME) foi escrito na fúria de uma multidão de responsabilidades. Houve centenas de interrupções – desde Ned e Franklin, que entravam correndo em meu escritório querendo jogar bola, até uma semana passada no hospital. Todas as vezes que eu dispunha de alguns dias para trabalhar no livro, parecia que um novo apelo ou desafio externo se apresentava, ou então alguma emergência exigia-me tempo e atenção. Mas a mensagem deste livro continuava ardendo em minha alma; ele tinha que ser escrito!

Pascal disse: "Certos autores, ao falarem de seu trabalho, dizem: 'Meu livro, meus comentários, minha história...' Fariam melhor se dissessem 'nosso livro, nossos comentários, nossa história', uma vez que seus escritos em geral contêm maior quantidade de argumentos de outrem do que deles próprios."1

Este é nosso livro! Desejo agradecer a todos os que ajudaram na preparação de MUNDO EM CHAMAS, e agradecimentos especiais são daqui enviados às seguintes pessoas que leram o original e fizeram sugestões valiosas:

Reverendo Frank Colquhoun
Reverendo Lee Fisher
Dr. Frank E. Gaebelein
Dr. Carl F. H. Henry
Dr. Ray L. Laurin
Dr. Wilbur M. Smith
Reverendo Calvin Thielman

Finalmente, foi lido por minha esposa, Ruth, meu crítico mais estimado.

Fico agradecido a Wanda Ann Mercer, que coordenou o material e supervisionou a datilografia, feita por Martha Warkentin e Elsie Brookshire.

Ao correr dos anos reuni idéias e até mesmo citações tiradas de fontes há multo esquecidas. A cada escritor cujos livros e artigos tenho lido, cada pessoa com quem falei ou orei com respeito à necessidade que o homem tem de Deus e do plano divino de redenção, a cada ministro do Evangelho cuja sermão ouvi, expresso minha gratidão, país cada um deles contribuiu de certo modo para este livro. Lamento não ser possível relacioná-los todos nominalmente.

Minha sincera oração e esperança é de que Deus abençoará "nosso" livro.

BILLY GRAHAM

Montreal, North Carolina
1 de junho de 1965.

INTRODUÇÃO

Às cinco e mera da manhã de 16 de julho de 1945, uma luz mais forte do que a de mil sóis reunidos iluminou as areias do deserto do Novo México. Um cientista, observando aquilo, chorou.

"Meu Deus!" – exclamou. – "Nós criamos o inferno."

A partir daquele dia nosso mundo não foi mais o mesmo. Entramos numa nova era da história, talvez a última das eras.

Este livro tenta descrever o nosso mundo moderno, que está em chamas. O fogo pode purificar ou desunir.

O mundo esteve em chamas antes disso, mas somente num sentido limitado. Hoje em dia, o nosso mundo é como um só povoado, todo ele alcançável em questão de horas pelo vôo físico em aeronaves, e em segundos, por intermédio das ondas do ar. Essa aproximação, ou encurtamento das distâncias, faz aumentar a disseminação das tensões e dissensões, de modo que, quando irrompem as labaredas da guerra e da delinqüência, varam as fronteiras nacionais, ultrapassam as diferenças culturais e se tornam conflagrações imensas. O mundo todo está cheio de desordens e demonstrações públicas, ameaças, guerras e rebeliões contra a autoridade, que põem em perigo a própria civilização.

Não é intuito destas páginas identificar as diversas chamas que se transformam e mudam com velocidade calidoscópica, mas examinar a causa dessas tensões e as condições de que elas advêm. Os jornais, telas de televisão e receptores de rádio revelam a crise crescente de nossos tempos e repetidamente nos vemos indagando, a nos próprios: Por quê? Qual a causa? O que aconteceu ao nosso mundo? Podemos fazer algo para corrigir esse estado de coisas?

Alguns *economistas* supõem que o nosso mundo esteja em chamas em conseqüência dos desníveis monetários. Bastaria redistribuir a riqueza, dizem eles, e teremos os nossos problemas resolvidos. No entanto, como indicou o Juiz Whittaker, "até a distribuição da riqueza

não resolveria ou abrandaria por muito tempo os problemas humanos com que nos debatemos".

Alguns *diplomatas* supõem que a causa das tensões mundiais seja política e que, se conseguirmos boa vontade e amizade com todas as nações, poderíamos dar solução aos nossos problemas. Nas Nações Unidas, já tentamos desesperadamente fazer isso, mas ainda assim a ONU está-se revelando quase tão ineficaz quanto o foi a Liga das Nações. O diplomata ignora as indicações de que a diplomacia internacional constitui um longo registro de sonhos desfeitos, promessas quebradas e tratados violados.

A suposição de alguns *educadores* é de que a causa das tensões mundiais se encontra na falta de conhecimentos e que, se conseguirmos educar todos os homens, a paz será implantada no mundo. Dizem que, quando o homem sabe mais, age melhor. Em *O Suicídio do Ocidente*, que pretende explicar o significado e destino do liberalismo, James Burnham diz que essa afirmação feita pelo educador deixa inteiramente de lado alguns fatos: que a Alemanha, há muito uma das nações de grande cultura em nosso mundo, produziu um Hitler, um Himmler, e Joseph Goebbels era doutor em Filosofia. Bumham afirma que pessoas e povos altamente educados possuem impulsos íntimos, cobiças, obsessões, paixões e uma sede de poder que não se eliminam com nenhum processo educacional conhecido.

O *sociólogo* acha que o ambiente deficiente, sob a forma de más condições de vida como as favelas urbanas e as regiões rurais pobres, constitui a sementeira do mal e das dificuldades. Também nesse ponto, Burnham tem razão, quando afirma que tais condições ambientais ruins continuarão a existir, porque seus substitutos inevitavelmente tornar-se-ão ruins também. Uma favela não se compõe apenas de barracos ou construções em mau estado. Os pardieiros podem ser demolidos, mas as mesmas pessoas permanecem, para construir outros. Na verdade, alguns dos maiores problemas sociais com que nos defrontamos acham-se nas

zonas mais opulentas das cidades. Estamos começando a compreender que o problema é ainda mais profundo do que o mau ambiente.

Neste livro, minha tese baseia-se na filosofia bíblica do homem e da história. Quanto mais viajei pelo mundo, tanto mais me convenci de que a revelação bíblica quanto ao homem, sua origem, suas dificuldades atuais e seu destino é verdadeira. Este livro é propositadamente polêmico e espero que alguma coisa do que nele escrevi leve os leitores, mediante o choque que sintam, a saírem da apatia e caírem na realidade de nosso estado desesperado, individual e socialmente.

Os cristãos jamais devem cair na armadilha de pensar que uma filosofia baseada na Bíblia sobre os acontecimentos e destino do mundo possa ser paralela ás filosofias do mundo. Como exemplo, há poucos filósofos, políticos, economistas ou sociólogos que aceitem a antevisão profética de Jesus no terreno da história, como a vemos registrada no vigésimo-quarto capítulo de Mateus. Para aquele que aceita o relato bíblico, é empolgante apanhar um jornal numa das mãos, a Bíblia na outra para notar o cumprimento das profecias quase que diária. O homem é precisamente o que a Bíblia diz que ele é. A natureza humana comporta-se exatamente como a Bíblia previu. Os acontecimentos humanos se vêm desenrolando como Cristo predisse que se desenrolariam.

Como cristão, não tenho qualquer obrigação de tentar conciliar os ensinamentos "da Bíblia com a filosofia moderna. A verdade bíblica não entra em paralelo com a opinião humana em qualquer geração; em geral, opõe-se a ela! Deveremos ser testemunhas, e não imitadores. Os profetas que falaram às suas gerações, em Dome de Deus, não agradaram os ouvintes nem a eles se amoldaram; causaram irritação e fizeram oposição.

A filosofia da Bíblia sobre o homem na história tem início em Deus, o Criador do universo. A Bíblia apresenta o homem em rebelião contra Deus. Isso começou quando, em ato evidente da vontade própria, nossos primeiros pais se rebelaram contra a lei de Deus. Ao fazer isso, o homem arruinou sua imagem divina, alheou-se de Deus e iniciou uma

série de atos que causaram civilizações e culturas saturadas de crime, concupiscência, cobiça, ódio e guerra. A Terra é um planeta em rebelião.

A Bíblia nos revela que, a despeito da rebelião do homem, Deus o ama e por isso empreendeu a operação de salvação, a mais dramática da história cósmica. Resolveu salvar a raça humana da autodestruição e enviou Seu Filho Jesus Cristo para salvá-la e redimi-la. A tarefa da redenção do homem foi cumprida na cruz.

A Bíblia olha, finalmente, para o futuro a fim de antever um novo mundo onde prevaleçam a paz e a justiça. Deverá haver paz mundial, deverá haver uma nova ordem social, uma nova era. Deverá haver um homem completamente novo, em quem não existirá o falso orgulho, o ódio, a concupiscência, a cobiça ou o preconceito.

Será esse o ápice da história humana, e tal era se mostrará diferente de tudo quanto o mundo já conheceu! O Reino de Deus triunfará, e dizem as Escrituras:

"Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (II Pedro 3:13).

Até o advento da nova ordem social na intervenção dieta de Deus, o mundo continuará a passar uma crise para outra. Em meio a essas vicissitudes e atribulações, deveremos ver de que modo Deus está-se movendo na história – e, em seguida, acertar o passo com Ele!

Em MUNDO EM CHAMAS, toco apenas de leve nos pontos altos. Poderia escrever todo um livro sobre o assunto tratado em cada capítulo, especialmente nos capítulos em que examino o fim do mundo. Deixei muita coisa por dizer, e algum dia espero escrever um livro sobre "O Fim".

Em teoria, os povos do Ocidente apresentam diversas formas de democracia, baseadas na crença em Deus, bem como na aceitação geral da lei moral. Na prática, entretanto, estamos começando a assemelhar-nos aos marxistas, que têm pouco respeito pela lei moral ou pela religião. Os nossos interesses estão centralizados em nós mesmos. Estamos preocupados com as coisas materiais, e nosso deus supremo é a tecnologia

enquanto nossa deusa é o sexo. A maioria de nós tem mais interesse em chegar à Lua do que alcançar o céu, preocupa-se mais com a conquista do espaço exterior do que com a conquista da própria alma. Temos mais dedicação à segurança material do que à pureza íntima. Pensamos muito mais naquilo que havemos de vestir, comer, beber e no que nos há de divertir do que naquilo que realmente somos. Tal preocupação com coisas periféricas se aplica a todos os setores de nossas vidas.

MUNDO EM CHAMAS constitui uma tentativa no sentido de falar ao homem sobre a sua situação anual, de mostrar-lhe como pode obter a vitória sobre o ambiente e vencer o impulso interno para os infernos de nossa época.

Hoje, o mundo se acha envolto em chamas, todo ele! Estas páginas apresentam o que acredito ser a resposta bíblica para a conflagração mundial.

LABAREDAS SEM CONTROLE

Há alguns anos, irrompeu um incêndio na mata das montanhas dos fundos da nossa casa. As labaredas foram descobertas pelos guardas florestais, que mantêm a vigilância durante as vinte e quatro horas diárias em seu posto de observação sobre uma montanha próxima. Já não era possível dominar o rogo que marchava com rapidez em direção ao nosso lar, quando fomos avisados de que devíamos estar preparados para deixar a casa. Chegaram os bombeiros florestais e toda aquela noite lutamos contra o incêndio, até conseguir subjugá-lo.

O nosso mundo está em chamas, e o homem sem Deus jamais poderá controlar as labaredas. Os demônios do inferno acham-se à solta e os rogos da paixão, cobiça, ódio e concupiscência varrem a Terra. Parecemos estar sendo loucamente arrastados para Armagedom.

Pouco antes de morrer num desastre de aviação, há alguns anos atrás, o Sr. Dag Hammarskéjöld recebeu-me em seu gabinete nos Nações Unidas. Ele, durante a nossa conversa, parecia profundamente abatido e, olhando pela janela, de onde se descortinava a cidade de Nova York, disse-me em tom calmo:

– Não vejo esperanças de uma paz mundial permanente. Nós nos esforçamos ao máximo, mas fracassamos de modo miserável.

Depois disso, fez uma pausa breve, olhou para mim e acrescentou:

– A menos que o mundo passe por um renascimento espiritual nos próximos anos, a civilização está condenada.

É esta a geração que atravessará o fogo. É a geração, disse a revista *Holiday*, que está "sob as armas". É a geração atormentada, a geração destinada a viver no meio da crise, do perigo, do medo e da morte. Somos como uma pessoa condenada à monte, que aguarda a data da execução. Sentimos que alguma coisa está por acontecer, sabemos que as coisas não podem continuar como estão. A história chegou a um impasse. Encontramo-nos agora num caminho de catástrofe. Alguma coisa está para acontecer.

Jean Paul Sartre, o existencialista francês, afirmou: "Não há saída para o dilema humano."

Sir Winston Churchill referiu-se a esse dilema mundial com as seguintes palavras: "Os problemas estão fora do nosso alcance." As labaredas lambem todo o mundo – o telhado está a ponto de cair – e o homem se vê apanhado por um incêndio crepitante fora de controle.

Quais são essas labaredas que ameaçam destruir-nos?

A LABAREDA DEMOGRÁFICA

A explosão demográfica atual torna perplexos os nossos melhores espíritos. O aumento da população mundial mostra-se aterrador e esse dilema é analisado pelo eminente historiador britânico Arnold Toynbee. Acredita ele que, se tivermos uma guerra nuclear, restará um número de pessoas insuficiente para manter a civilização, mas se não tivermos uma guerra assim, a vida neste planeta se tornará tão intolerável quanto impossível pelo número excessivo de habitantes. As estatísticas espantam, quando verificamos a rapidez com que os nascimentos ultrapassam os óbitos.

A população do mundo, no início da história documentada, é calculada em 125.000 pessoas. Na época do Cristo havia em toda a terra apenas cerca de dois terços da população encontrada, hoje, nos Estados Unidos da América. A população aumentou com tamanha rapidez, desde então, que três por cento de todos os seres humanos que já existiram desde a alvorada da história humana vivem na terra, hoje. Ao final deste século, no ano 2000, a população mundial terá ultrapassado a casa de seis e meio bilhões de pessoas. A partir do ano 2000, as estatísticas deixam de ser possíveis ou críveis.

Os resultados dessa explosão demográfica são fantásticos. Dentro de seis gerações se continuar o índice atual de aumento, os Estados Unidos terão nove bilhões de habitantes, o que vem a ser três vezes mais do que a população mundial de hoje. O resultado será que este país se

tornará numa única cidade metropolitana. Os cientistas falam já em termos de uma ecumenópole, ou metrópole mundial! Temos assim de imaginar, sendo a natureza humana como é, que perspectivas assustadoras nos esperam, se continuar sem freio essa explosão demográfica.

O mundo enfrenta hoje um problema biológico, bem como político. Seremos capazes de ter a vontade, a sabedoria e a compaixão necessárias para lutar com esse problema crescente de superpopulação? Plano algum, atual ou futuro, de bem-estar socialista ou altruísta, que vise a partilhar a riqueza, poderá ter qualquer sentido se houver mais gente do que riqueza a partilhar. Desse modo, os próprios seres humanos se tomaram uma arma que poderá, ao final, vir a destruí-los. A energia sexual é uma das labaredas sem controle.

A LABAREDA DA DELINQÜÊNCIA

A Bíblia ensina que o pecado é a transgressão da lei (I João 3:4). Esta palavra "transgressão" poderia ser traduzida por "delinqüência". Jesus indicou que, à medida que os homens se aproximassem do final da história, haveria uma rebelião mundial contra a lei e a ordem. A rebelião e a delinqüência já se acham presentes em escala tal como jamais o mundo as conheceu. Filhos rebelam-se contra os pais a tal ponto que muitos destes chegam mesmo a ter medo do filhos. Jovens se rebelam contra os mestres, estudantes universitários se revoltam contra as autoridades administrativas. Existe uma tentativa organizada de rebaixar o policial, torná-lo objeto de ridículo e desprezo. Tudo isso é parte de um desrespeito geral pela lei e pela ordem.

Deveríamos ficar escandalizados com o fato de que, em muitos países, o crime organizado é o maior dos negócios. Na verdade, um dos principais quadrilheiros dos Estados Unidos se gabou, há pouco tempo atrás, dizendo:

– O crime organizado é maior do que o Governo dos Estados Unidos da América.

O crime arrecada perto de 10% da renda nacional dos Estados Unidos e, virtualmente, forma um Estado dentro do Estado. Custa-nos mais do que os programas combinados de educação e bem-estar social. O crime organizado, com seus sindicatos, *demi-monde*, quadrilhas e a Máfia, chega praticamente a dominar algumas das maiores cidades do mundo. Além disso, existe o crime não-organizado, que se mostra tão perigoso, senão pior.

O crime está aumentando com tal rapidez que nos encontramos agora bem perto da rebelião aberta e da anarquia. É perigoso passear a pé pelas ruas de qualquer cidade dos Estados Unidos da América, depois do entardecer. Em algumas regiões as pessoas vivem numa atmosfera de medo e pavor. É como se alguma força sinistra e sobrenatural estivesse à solta. As ruas de nossas cidades se transformaram em selvas de terrorismo, assaltos, estupros e morte. A praga da criminalidade ameaça destruir a nossa sociedade, e à medida que sobe o índice de criminalidade, desabam os alicerces morais da nação. Recentemente o chefe de polícia de uma de nossas maiores cidades me disse, em confiança:

– O crime compensa, sem dúvida alguma.

Disse-me ainda que mais da metade dos criminosos em sua cidade vêm, mais tarde, a ser postos em liberdade. A maioria passa despercebida, e os que são apanhados dão à polícia grande trabalho para convencer os tribunais de sua criminalidade.

Onde está a resposta para o problema do crime? Estará em mais ação da polícia? Em mais elevada educação? Numa punição mais rigorosa? Por que motivo, na sociedade mais opulenta da história humana, nossa nação lidera o mundo quanto ao crime?

No curso dos últimos decênios tem-nos sido ensinado que a moralidade é relativa, e estamos agora colhendo a safra dessa semeadura. A tendência do sistema educativo, dos tribunais e dos meios de

comunicação em massa, muitas vezes, é ignorar a vítima e mimar o criminoso. Em alguns casos, chegamos a tornar o criminoso num herói. Verifico que, por todo o país, os a entes da lei se mostram desanimados acham que os tribunais não lhes estão dando qualquer cooperação. As estatísticas criminais atingem níveis astronômicos, e os órgãos de aplicação da lei não contam com a verba ou pessoal necessários para deter sequer uma fração dos criminosos. Ninguém parece ter resposta para aquelas perguntas. É mais uma labareda sem controle!

A LABAREDA RACIAL

O Primeiro-Ministro Chou En-lai da China, disse recentemente numa irradiação radiofônica, feita em inglês, na Rádio de Pequim:

– Os homens de cor de todo o mundo são mais numerosos do que os brancos, na proporção de 12 para 1. Acabemos com eles!

Um eminente sociólogo recentemente me disse crer que nos veremos envolvidos numa feroz luta racial dentro dos próximos anos. Homens da estatura de um Dr. Martin Niemöller, um dos presidentes do Conselho Mundial de Igrejas, e Sir Hugh Foote, membro do governo trabalhista britânico, fazem também advertências sobre a possibilidade de uma guerra racial.

Na cidade de Nova York, um rapaz negro de 17 anos, foi recentemente preso por assassinato. A sua alcunha era "Gigantão", e sua mãe declarou que o rapaz costumava ser muito bom, mas os nacionalistas negros tinham-no levado a odiar os brancos. Disse ela também que seu filho recebera uma lavagem de cérebro.

Não resta dúvida de que a tensão racial aumenta por todo o mundo. Em algumas regiões já se está apresentando como guerra subterrânea. Nascer-se negro em algumas partes do mundo – ou judeu em outras – ou oriental em outras – ou bronco, em alguns lugares – é uma carga intolerável enquanto aqueles que, por acidente, nascem na maioria predominante desfrutam vantagens que não precisaram conquistar e das

quais parecem ter pouca compreensão. Odiar, discriminar e restringir aqueles que são diferentes, falam de modo diferente apresentam antecedentes nacionais diversos, ou agem diversamente do grupo dominante é um traço universal e comum da natureza humana, estendendo-se além das barreiras nacionais. O preconceito racial não se limita à parte meridional dos Estados Unidos ou à África do Sul. Já o observei em quase toda a parte. Onde quer que duas raças vivam lado a lado, existe preconceito, como entre israelenses e árabes, franceses e argelinos, indonésios e malásios, sul-africanos brancos e sul-africanos de cor.

Estive num país onde se afirma resolvido o problema racial. Na aparência, realmente, o país parece um paraíso racial. No entanto, descobri que quanto mais escura era a pele do homem menos vantagem e oportunidade encontrava. Havia certos clubes nos quais não tinha entrada, e não poderia chegar a oficial das forças armadas do país.

Fui a outro país onde se afirmava estar resolvida a questão racial, parecendo mesmo que não existia ali o preconceito. Condenava-se constantemente, nesse país, a luta racial nos Estados Unidos da América, Da Guiana Inglesa e na União Sul-Africana. Depois, compreendi que os seus habitantes tinham apenas uma raça, pois aderem rigorosamente à doutrina de "todos brancos".

A Grã-Bretanha sempre se orgulhou de estar isenta do preconceito racial. Quando milhares de pessoas de cor entraram nas Ilhas Britânicas, entretanto, os ingleses verificaram ser cheios de preconceitos. Até as eleições na Inglaterra são afetadas pelo preconceito racial. O mesmo se aplica à União Soviética. Embora haja relativamente poucos estudantes africanos que façam cursos naquele país, muitos deles o abandonaram, queixando-se de discriminação racial. Desse modo, o preconceito é um problema mundial.

Existe tamanha hipocrisia na questão do preconceito racial que se torna difícil saber por onde começar o exame. Cristo ensinou a dignidade do homem e a possibilidade da fraternidade do homem em Si Mesmo.

Onde quer que se apresente a discriminação, Cristo trabalha com Sua espada, eliminando o ódio e a intolerância. A Bíblia diz com toda a clareza que Deus não faz acepção de pessoas e isso contraria a teoria da supremacia racial, tornando todos os homens iguais aos olhos de Deus. A posição bíblica cria insatisfação entre os que sentem que estão sendo vítimas da discriminação, e cria também um complexo de culpa entre os que a praticam.

A Bíblia não diz onde começar as diversas cores da pele. Há quem creia que as raças tiveram início nos três filhos de Noé, mas não se encontrara provas que elucidem qual desses filhos era escuro e qual deles era branco.

A fé cristã muitas vezes se acha em conflito com a tradição. A maior preocupação de Jesus era com os fariseus, motivados não pelo amor, mas pelo respeito às próprias tradições. Estão também dominadas pela tradição as regiões onde a discriminação se mostra mais acentuada.

Como poderemos resolver esse grande problema nacional e mundial? Até um tolo pode ver que não poderemos fazê-lo apenas mediante medidas legislativas.

Um dia ou dois, depois da aprovação da Lei dos Direitos Civis, em 1964, o então senador Hubert Humphrey veio ter à mesa em que eu estava, em Washington, e disse:

– Billy, a legislação nada conseguirá por si só. A coisa terá de vir de dentro, do coração.

Como estava certo! Será preciso amor, compreensão, tolerância e paciência por parte de ambas as raças.

Existe apenas uma única solução possível para o problema racial e esta se encontra numa experiência pessoal vital com Jesus Cristo, por parte de ambas as raças. Em Cristo, a muralha de separação foi rompida. Não existe judeu ou gentio, não existe branco, amarelo, negro ou vermelho. Poderíamos ser uma grande irmandade em Jesus Cristo. No entanto, enquanto não O tenhamos reconhecido como Príncipe da Paz e recebido Seu amor em nossos corações, as tensões raciais aumentarão, as

exigências raciais se tornarão mais militantes, e muito sangue será derramado. O problema racial poderá tornar-se outra labareda sem controle!

A LABAREDA VERMELHA

O comunismo constitui perigosa ameaça, não só ao Ocidente, mas à cristandade, por toda a parte. George Meany, o maior dirigente trabalhista dos Estados Unidos e presidente da AFLCIO, declarou: "O conflito entre o comunismo e a liberdade é o problema de nossa época, e ofusca todos os demais. Esse conflito reflete bem nossa era, seus esforços, tensões, dificuldades e também a tarefa que tem a cumprir. Do desfecho desse conflito depende o futuro de toda a humanidade."

No grande debate que se trava atualmente no Ocidente, em relação ao perigo comunista, vigoram dois conceitos. Um deles vê esse perigo como algo quase inteiramente externo, advindo da agressão militar ou expansão territorial chinesa ou russa. Tal ponto de vista é fortalecido pelo avanço rápido e assustador que a China está fazendo em aperfeiçoamentos nucleares e de foguetes. Alguns técnicos acreditam que, quando os chineses tiverem a capacidade de transportar ogivas nucleares em foguetes, passarão ao ataque. O outro conceito vê o perigo comunista como algo interno, um perigo advindo da subversão e infiltração. Ambos os perigos são reais, e se nosso impasse em foguetes revela alguma coisa, e a experiência histórica ensina lições práticas, parece que a conquista comunista se poderia, efetuar por meio da agressão não-militar. Muitos dirigentes comunistas já disseram abertamente que pretendem ter todo o mundo sob seu controle até 1975. Pareceria que o plano atual é tentar tomá-lo por infiltração e subversão, ao mesmo tempo em que manteriam pressão militar, e assim é que estão vencendo em muitos países.

Seja qual for o método adotado, o comunismo é fato real e perigoso! Os comunistas acreditam no triunfo final, pelo qual fazem

planos e trabalham. A isso é que podemos chamar aspecto escatológico do comunismo, constituindo o traço que une os vermelhos, ajudando-os a suportar as carrancas e caretas do Ocidente. O seu sentimento de destino vem a ser quase uma aura religiosa, uma fé na capacidade de triunfar. Motivados por esse desejo fanático e ardente de vencer, os comunistas não acham grande demais qualquer sacrifício por sua causa.

A sua filosofia se baseia no princípio de que "o fim justifica os meios". Por mais errados que estejam, os comunistas têm uma meta, um propósito e um sentimento de destino. Torna-se claro que jamais poderemos vencer o comunismo apenas por meio do medo ou do ódio. Precisamos reconstituir nosso próprio sentimento de propósito, nossa dedicação a uma grande causa, e uma fé vital, se quisermos ter êxito frente ao inimigo que faz planos para destruir-nos.

Falamos do comunismo como um grande desafio à cristandade, e ideologicamente ele o é, mas sistema algum pode ser seriamente ameaçado por um inimigo "de fora" a menos que tenha sido enfraquecido por algum inimigo "de dentro". Embora eu me oponha diametralmente ao comunismo em si, estou mais preocupado com a falta de entusiasmo demonstrada pela cristandade do que com o entusiasmo e os propósitos dos comunistas.

O comunismo jamais conseguirá vencer, a menos que a cristandade fracasse. Lenine disse certa vez: "A religião é uma espécie de gim espiritual, no qual os escravos do capital afogam a sua forma humana e os seus direitos a qualquer vida humana decente." O engano cometido por Lenine estava em ignorar a história e continuar ignorante dos ensinamentos da Bíblia. A igreja russa sob os czares apresentara a Lenine e seus seguidores apenas uma caricatura da verdadeira cristandade e por isso ele, em parte, estava certo, em relação ao lugar e à época em que viveu.

Quantos cristãos na América e Europa consideram Cristo e a igreja não como principal motivo de fidelidade, dedicação e lealdade, mas uma injeção reanimadora que se aplica no braço, administrada na curta visita

feita à igreja nas manhãs de domingo? Acaba por tornar-se um dever, muitas vezes um dever penoso, como o de ir ao dentista, e os pacientes soltam um suspiro de alívio quando o pastor diz "amém" e está acabado o tratamento semanal. Embora Lenine não houvesse, de modo algum, apresentado todo o quadro ao dizer aquilo, estava certo quando afirmou que para muitas pessoas a religião é mero coquetel espiritual que ajuda a diminuir a dor de viver. A menos que possamos provar que Lenine estava errado, graças a um sentimento desperto de consagração, que se possa igualar à dedicação dos comunistas ou superá-la, estaremos travando uma batalha perdida.

A meta dos comunistas é liquidar a religião, pois em seu conceito e a constitui um produto do sistema capitalista. Aqui encontramos outro erro no raciocínio comunista. A religião cristã foi iniciada por Jesus Cristo, a quem não se poderá, ainda que forçando a imaginação, chamar de americano ou europeu endinheirado. Tratava-se de um carpinteiro pobre do Oriente Médio. Diz a Bíblia:

"Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que pela Sua pobreza vos tornásseis ricos" (II Coríntios 8:9). Nasceu num estábulo tomado por empréstimo, e não tinha uma casa à qual pudesse chamar Sua. Dizia: "As raposas têm seus covis e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Lucas 9:58). Comemorou Sua última ceia numa sala tomada de empréstimo, entrou em Jerusalém montado num asno também emprestado. Foi crucificado numa cruz tomada por empréstimo, e sepultado num túmulo também emprestado.

Embora se recusasse a lançar uma classe contra outra, lemos que o povo comum O ouvia com satisfação. No entanto, tinha tanto interesse pelos burgueses quanto pelo proletariado. Tinha tanto tempo a dedicar ao jovem e rico governante quanto ao pedinte cego, e preocupou-se tanto por Nicodemos quanto pelo pobre aleijado no povo de Siloé.

Um pastor da Alemanha Oriental falou-me do sofrimento dos cristãos naquele país, dizendo: "Muitos de nós decoramos o Salmo 37."

O referido Salmo diz: "Porque os malfeitores serão exterminados, mas os que esperam no Senhor possuirão a terra... Trama o ímpio contra o justo, e contra ele tinge os dentes. Rir-se-á dele o Senhor, pois vê estar-se aproximando o seu dia... Vi um ímpio prepotente a expandir-se qual cedro do Líbano. Passei, e eis que desaparecera; procurei-o, e já não foi encontrado."

Embora seja real o perigo comunista, a perspectiva para os cristãos também é verdadeira. O comunismo não contém em si a resposta decisiva ou a última esperança. Seja qual for o vigor ou esforço com que o comunismo possa atacar os problemas das massas deserdadas do mundo, não traz em si uma solução para o verdadeiro problema do homem, o problema do espírito humano em busca de Deus. É este um dos motivos pelos quais o comunismo virá, finalmente, a fracassar.

Encontramos reconforto nos palavras de Cristo: "Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus 16:18). Se a igreja permanecer forte, vital, cálida e cheia de Espírito, temos a promessa de Nosso Senhor de que até mesmo as portas do inferno não prevalecerão contra ela, mas se deixarmos que nossa fé cristã seja adulterada pelo materialismo e corroída pelo secularismo, e misturada com um humanismo afável, não conseguiremos resistir a um sistema que se empenha em sepultar-nos.

Deverá a igreja orientar a sua pregação e os seus meios de ensino para uma luta total contra o comunismo? Não é essa a missão ou tarefa da igreja. Na época de Cristo e da igreja em seu início, o grande perigo contra a cristandade era Roma Imperial e as ameaças dos godos e mongóis, porém isso não quis dizer que a igreja reunisse todas as suas forças apenas para lutar contra inimigos. Ela possuía uma missão distinta perante o mundo, missão essa que não era nacional, ideológica ou política. Era a de dar testemunho de Jesus Cristo. Esse testemunho não devia empregar qualquer tipo de poder estatal, nem receber qualquer medida de apoio estatal. Não devia tomar à espada e empregar a força. Devia pregar o Evangelho transformador da graça de Deus e usar meios

de ajuda social que servissem às necessidades humanas de então. Como cristãos, devemos viver e prestar serviços sob todas as formas de governo – e morrer por nossa fé, se for preciso.

Em minha opinião, Deus pode estar utilizando o comunismo como um meio de julgar o Ocidente. Os pecados do Ocidente mostram-se tão grandes, agora, que tal julgamento é inevitável, a menos que haja arrependimento geral. Deus já fez isso antes. Diz a Bíblia: "O Senhor, Deus de seus pais, começando de madrugada, falou-lhes por intermédio dos seus mensageiros, porque se compadecera do Seu povo e da Sua própria morada. Eles, porém, zombavam dos mensageiros, desprezavam as palavras de Deus e mofavam dos seus profetas até que subiu a ira do Senhor contra o Seu povo, e não houve remédio algum. Por isso fez subir contra ele o rei dos caldeus" (II Crônicas 36:15-17). Aqui temos um quadro de Deus permitindo a um governo mau, ateu, trazer o julgamento a Seu próprio povo. O povo pecara contra a grande luz e o julgamento era inevitável.

Nos dias de hoje, vemos situação semelhante no mundo. A América e a Europa ocidental vivem sob impulso de ganhar dinheiro e desfrutar loucamente os prazeres, sem paralelo na história mundial. Em geral, Deus é ignorado ou ridicularizado. Em muitos casos, os membros da igreja são apenas cristãos desanimados. O julgamento está chegando, e Deus *poderia* utilizar o comunismo ateu para aplicá-lo. Desse modo, a maior ameaça do comunismo não é o comunismo propriamente dito, mas a apatia espiritual dos povos do Ocidente. Enquanto isso, a labareda comunista se torna cada vez mais perigosa, e em alguns pontos do mundo está descontrolada!

A LABAREDA DA CIÊNCIA INCONTROLADA

Temos um fato irônico em que a ciência, devotada à solução de nossos problemas, se tenha tornado por sua vez um problema. A ciência nos deu a luz elétrica, o automóvel, o avião, a televisão e o computador,

mas deu-nos também a bomba de hidrogênio. Podemos usar proveitosamente o automóvel para transporte e prazer, mas no reverso da moeda dezenas de milhares de pessoas, só nos Estados Unidos, morrem em acidentes automobilísticos todos os anos. Quando os cientistas desintegraram o átomo pela primeira vez e libertaram a energia do seu núcleo, o primeiro uso dessa grande realização científica foi lançar o sofrimento e a morte sobre Hiroxima e Nagasaque.

O problema da ciência está em sua má utilização. A bênção do conhecimento torna-se uma maldição quando o pervertemos. Por ser a homem o que é, as realizações científicas são muitas vezes usadas para destruir e não para construir. Devido ao fato de que nossa moralidade não se equipara à nossa intelectualidade, o mau uso da ciência pode ser maior do que o seu bom uso. Só quando o progresso moral do homem se emparelhar com o progresso intelectual é que poderemos resolver os problemas criados pela ciência. Embora a ciência tenha chegado ao máximo em destruição, ainda assim se mostra prostrada e indefesa diante dos problemas realmente grandes da vida.

Nossa civilização ocidental poderá morrer, com todas as suas realizações políticas, econômicas e científicas. Na verdade, estas últimas poderão ser a causa de sua morte. É esta a geração que produziu o DDT para matar insetos, o 2-4-D para matar ervas, a fórmula 1080 para matar os ratos, e também $E = MC^2$ para destruir a raça humana.

"De dez em dez anos, os progressos das ciências duplicam o acúmulo de conhecimentos. Quando os entendidos olham o futuro, ficam perturbados pelas potencialidades de mal que poderiam surgir da aplicação de suas descobertas. As pesquisas biológicas já estão em fermentação, criando e prometendo métodos de interferência nos processos naturais que poderiam destruir ou transformar quase todos os aspectos da vida humana que prezamos."[1]

Complica os nossos problemas o anseio mundial de paz, que constantemente se vê ameaçado pela guerra nuclear. Disse o General Omar Bradle: "Nosso sofrimento é crítico, e a cada esforço que fazemos

por aliviá-lo, mediante maior avanço científico, só conseguimos agravar os perigos. Os mísseis trarão antimísseis, e estes trarão os antiantimísseis, mas inevitavelmente todo esse castelo eletrónico de cartas atingirá um ponto onde não se poderá mais construir. . . Já nos adiantamos demais na procura da paz mediante a acumulação de perigos?" E concluía: "Se quisermos salvar-nos dos instrumentos da nossa inteligência devemos colocar-nos sem demora sob controle e começar a tornar o mundo um lugar seguro para se viver."

Aconteceu, como observou o presidente do Howard Payne College, Guy D. Newman, que "o conhecimento do homem ultrapassou sua sabedoria. Ele tem medo do que sabe". A era da automatização ameaça todas as fases da dignidade, personalidade e individualidade do homem. Também ela se tornou uma labareda sem controle.

A LABAREDA DO DILEMA POLÍTICO

Certo estadista europeu declarou recentemente: "Se o diabo pudesse oferecer uma panacéia para os problemas do mundo, eu prazerosamente o acompanharia." É bem isso o que a Bíblia prediz para o futuro. Quando o mundo não puder mais resolver os seus problemas, surgirá o grande Anticristo com encanto e astúcia jamais vistos. Todo o mundo o seguirá e até o adorará.

Enquanto isso, a era política moderna se acha dominada pelos acontecimentos e transformações que tiveram lugar em conseqüência da Primeira Guerra Mundial, travada entre 1914 e 1918. Isso marcou a época das coroas derrubadas e dos tronos que ruíram. Começou a florescer a democracia, mas também a ditadura. Todos nos lembramos de quando o Presidente Franklin Roosevelt prometeu as quatro liberdades ao mundo todo, mas hoje existe menos liberdade do que em qualquer outra época. A instabilidade entrou no clima político em transformação de todo o mundo, até que, em nossos dias, o mundo se apresenta como um caldeirão político em ebulição. Desordens públicas,

demonstrações e revoluções ocorrem em vários pontos do planeta, quase todos os dias. Até na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos da América o povo se habituou a fazer greves sentadas, de pé, e manifestações públicas para conseguir o que deseja!

A história humana fala com palavras tonitruantes, dizendo que nenhum estado ou governo inventado pelo homem pode florescer para sempre. Também é verdade, como Will Durant afirmou, que: "Nenhuma grande nação jamais foi vencida, até se haver destruído a si própria." As repúblicas, reinos e impérios atravessam as suas vidas incertas e morrem. Nos Estadas Unidos, estamos agora a pique de ver uma democracia desvairar. A liberdade torna-se licenciosidade. A lei moral está em perigo de ser abandonada até pelos tribunais. Até que ponto podemos esperar imunidade da lei inevitável do retrocesso, que entra em ação quando as nações desafiam as leis de Deus?

É esse, portanto, o cenário internacional moderno com seus problemas de população, crimes, racismo, comunismo, ciência e política, que complicam a existência moderna e tornam o mundo a que chegam os jovens um mundo onde as liberdades pessoais são limitadas por todos os tipos de regulamentos. À medida que o mundo diminui, os nossos problemas se agigantam. Desaparecem as nossas liberdades e aumentam os nossos perigos! Esperam-nos dificuldades e riscos. A jovem geração atual nada pode esperar, a não ser crises, derramamento de sangue, guerra, ódio, cobiça, concupiscência e luta, enquanto o mundo se esforça por um reajustamento sem clima de paz.

O mundo moderno marcha em meio a dilemas desconcertantes. Ao mesmo tempo em que a ciência econômica está mais adiantada do que em qualquer outra época, há no mundo mais pobreza e fome do que nunca. O nosso programa espacial prepara um vôo à lua, mas não resolvemos ainda os problemas básicos da terra. A ameaça da guerra e revolução pende sobre nossas cabeças como a espada de Dâmocles. Embora a psiquiatria e a psicoterapia nos prometam uma personalidade

integral, há mais distúrbios nervosos e doenças mentais do que em qualquer tempo da história.

Qual é exatamente o problema? Qual é a resposta a nossas dificuldades? Sem Deus, o homem está em pior estado do que uma flor cortada do galho. Esquecemos que somos finitos. Ostentamos a nossa arrogância até chegar à beira do precipício de um fim trágico. O problema, agora, está em saber se poderemos recuperar-nos, esclarecer a mente, reconquistar a calma e mudar de rumo antes que seja tarde demais.

A maioria dos técnicos, analistas, historiadores, cientistas, filósofos e estadistas atuais, concorda em que o homem está doente. Mas a questão crucial é a seguinte: Estaremos desenganados? Não nos resta mais esperança? Alguns de nossos maiores pensadores concordam, em particular, que já ultrapassamos o ponto crítico.

As pessoas que fazem tais perguntas e exprimem tais presságios são os peritos e não as pessoas comuns. Numa cultura em declínio e decadência, uma das características está em que as pessoas comuns não se apercebem do que está ocorrendo. Apenas aqueles que reconhecem e sabem interpretar os sinais de decadência apresentam as questões que, até o momento, não encontraram solução. O Sr. Homem Comum continua confortavelmente complacente e despreocupado, tanto quanto uma traça imersa numa pilha de revistas antigas onde se fala de questões mundiais. Não faz qualquer pergunta, pois os benefícios de previdência social que recebe do governo lhe proporcionara uma segurança falsa. É esse o seu problema, essa a sua tragédia. O homem moderno tornou-se um espectador dos acontecimentos mundiais, observando-os na tela de sua televisão mas sem se envolver em tudo aquilo. Observa os acontecimentos de nossos tempos, que desfilam ante seus olhos, enquanto beberica cerveja, sentado em confortável poltrona. Não parece compreender o que lhe está acontecendo, não compreende que seu mundo está em chamas e que ele próprio está a ponto de ser envolvido pelo incêndio.

Em meio a essa cacofonia de vozes do destino, surge a Palavra de Deus. A Bíblia diz que não é tarde demais. Não acredito que tenhamos ultrapassado o ponto crítico. Não acredito que tudo esteja nas trevas e sem esperança. Ainda há tempo de voltar aos princípios morais e espirituais que tornaram grande o Ocidente. Ainda há tempo para a intervenção divina. Mas está-se aproximando e com rapidez a época em que será tarde demais!

A VELHA IMORALIDADE

Há algum tempo, um amigo e eu passeávamos pela Rua Oxford, em Londres, quando vimos uma atriz ou modelo embarcando numa limusine com motorista, enquanto se juntava uma pequena multidão para olhar. Diversos fotógrafos imploraram à mulher que saísse do veículo a fim de que pudessem tirar fotografias melhores. Quando ela concordou, eles começaram a gritar:

– Abra mais o decote! As fotografias não serão publicadas se não fizer isso!

Em nossos dias, todas as áreas da vida estão invadidas por essa flama imoral, que não poupa pessoa alguma. Em muitas de nossas publicações e na maior parte dos meios de divertimento, o destaque maior é conferido à atração do sexo. Até eclesiásticos, não tendo conseguido identificar a causa ou dar um remédio para essa doença do homem, estão falando numa "nova moralidade" que se ajuste à época, mas essa chamada "nova moralidade" nada mais é do que a antiga imoralidade, atualizada.

As indicações de desintegração moral em nossa sociedade aparecem por toda a parte. Um senador me declarou recentemente:

– Todas as vezes que designamos uma comissão para investigar qualquer coisa, encontra-se um ninho de víboras!

Parecemos ter voltado aos dias de Noé e completado todo o ciclo que Jesus profetizou que ocorreria, ao dizer: "Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem" (Mateus 24:37). Reafirmou a narrativa encontrada no Antigo Testamento, de uma desintegração social e moral tão pronunciada que Deus permitiu a destruição do mundo pelo dilúvio no tempo de Noé. Disse também que a história moral se repetiria e que usa mesma desintegração moral seria característica era imediatamente anterior ao final da história como a conhecemos.

A preocupação quanto à dissolução moral do homem ocidental não se restringe aos sociólogos, psicólogos, pregadores e professores. É também a preocupação de dirigentes políticos, chefes militares, profissionais e homens de negócio, bem como de dirigentes sindicais. É preocupação de jornalistas tais como Jenkin Lloyd Jones, do *Tribune* de Tulsa, que declarou em discurso feito perante uma convenção de diretores de jornais que nosso povo chegou à conclusão de que o pecado é em grande parte coisa imaginária. Tornamo-nos enamorados de uma psicologia onde se afirma que o homem é o produto de sua hereditariedade e vítima do meio. Disse o Sr. Jones: "Semeamos os dentes de dração do sentimentalismo pseudocientífico, e do chão surgiu uma legião empunhando facas e correntes de bicicleta. Está claro que falta alguma coisa."

Examinando a produção cinematográfica de Hollywood Jones perguntou: "Poderá alguém negar que o cinema está mais sujo do que antes? Mas não chamam isso de sujeira, chamam de 'realismo'. Por que deixamos que nos enganem? Por que concordamos com expressão de sabedoria quando nos dizem que a sujeira é apenas uma forma artística mais audaciosa, que a licenciosidade constitui, realmente, uma forma de comentário social?"

Diante dessa pornografia legalizada, a consciência dos Estados Unidos parece atingida pela parafina. Mais sério do que nossa impostura na arte, na literatura ou nos filmes cinematográficos é o colapso de nossos padrões morais e o embotamento de nossa capacidade, como nação, de demonstrar justa indignação. Parecemos insensíveis às grosserias do palco, à glorificação do burlesco, ao afundamento dos nossos menores na violência, cinismo e sadismo que entram através da televisão em nossas salas de estar e até na creche. Ficamos estonteados diante da literatura de bordel, que abarrota as nossas listas de *bestsellers* com novelas obscenas que se desenrolam em prostíbulos. Um elemento de administração de certo jornal teve a coragem de pedir à seção de livros que deixasse de dar publicidade à literatura moralmente recusável,

na lista de *bestsellers*. Somos acusados de deformar os fatos, mas que fatos? Há os fatos da imoralidade, da degeneração e da glorificação da prostituição. Não são fatos exclusivamente americanos, pois poderiam cobrir de vergonha as bandeiras de quase teclas as nações do mundo.

SEXO

A obsessão do sexo sempre foi a marca de civilizações em decadência. Quando os povos e pessoas perdem o rumo, o propósito, a vontade e os objetivos, bem como a fé, lançam-se, como os antigos israelitas, na devassidão. Trata-se de forma de diversão que não requer pensamento, caráter ou freio. Um dos grandes historiadores de nosso mundo foi quem me disse:

– A deterioração moral no Ocidente nos destruirá até o ano 2000, mesmo que os comunistas não o consigam antes disso!

PORNOGRAFIA

A sociedade ocidental está tão obcecada pelo sexo que este emana por todos os poros da vida nacional. Em tempos idos, os romancistas, apresentavam sutilmente o sexo nos seus enredos, como parte da vida, mas das penas de D. H. Lavrence, Norman Mailer, Henry Miller, e centenas de outros menos famosos jorra hoje uma torrente de obras imorais, vulgares e até obscenas, como o vazamento de um cano de esgoto. O sexo ocupa, por toda a parte, a capa das publicações.

A questão, nesse caso, está em sabermos se a liberdade de palavra e de imprensa implica a liberdade de corromper as mentes humanas por meio dos recursos de comunicação em massa, incitando assim a todas as formas de perversão e imoralidade sexual. Em nossas cidades dispomos de leis que proíbem a existência de esgotos e fossas sanitárias ao ar livre, descobertos. Por que não há leis que proíbam a pornografia e a obscenidade? Muitos homens heróicos já tentaram fazer alguma coisa a

esse respeito, mas esbarraram até na definição da palavra "obscenidade". Quando não conseguimos acordo sobre o comprimento de um palmo, é porque perdemos o nosso padrão de medida. Ninguém conseguiu ainda apresentar coisa melhor do que o padrão de medida moral dado ao homem nos Dez Mandamentos. A pornografia é tudo aquilo que apresente luxúria de modo a criar pensamentos e desejos impuros. Os esgotos, no entanto, continuam a transbordar, destruindo a fibra moral de nossa sociedade, até que se tenham tornado a maior ameaça à nossa segurança.

O chamado realismo artístico, que constitui ao mesmo tempo orientação e finalidade de parte da indústria cinematográfica na Europa e nos Estados Unidos, aumenta a podridão, a imundície e a pornografia que estão envenenando a nossa juventude. Não é de admirar que os jovens estejam ficando sexualmente maduros aos dezesseis anos de idade.

Estamos corrompendo a imaginação e o bom gosto de toda uma geração. O amor é pervertido numa concupiscência de Sodoma. As sensibilidades são tão endurecidas que os crimes nacionais e as atrocidades internacionais estão sendo aceitos como coisas naturais.

Ninguém pode duvidar de que os apetites sujos se tornam a satisfação principal da vida, e desse modo estamos permitindo que triunfe o demoníaco. Jeremias, o profeta, avisava em seu tempo: "Serão envergonhados, porque cometem abominação sem sentir por isso vergonha; nem sabem que coisa é envergonhar-se. Portanto cairão com os que caem; quando Eu os castigar, tropeçarão, diz o SENHOR" (Jeremias 6:15).

O Dr. P. A. Sorokin, um dos mais astutos observadores do cenário sexual norte-americano e ex-professor de Sociologia na Universidade de Harvard, afirma sobre a questão: "Tem havido uma preocupação crescente de nossos escritores quanto aos esgotos sociais, os lares desfeitos de pais desleais e filhos desamados, o quarto da meretriz, o bordel, o antro de criminosos, o pavilhão dos dementes, o clube dos

políticos desonestos, a quadrilha de adolescentes delinqüentes, a penitenciária onde só se respira ódio, o cais varrido pelo crime, o tribunal do juiz desonesto, as aventuras sexuais de trogloditas urbanizados e estupradores, os amores de adúlteras e fornicadores, de masoquistas, sadistas, prostitutas, amantes, *playboys*. Amores transbordantes, orgasmos, libidos, tudo é atraentemente preparado e servido com todos os acessórios."

Os historiadores antigos nos dizem que um dos sintomas da civilização em decadência é a dessexualização da raça humana, onde os homens se tornam mais afeminados e as mulheres mais masculinizadas, não somente em suas características físicas, mas na sua personalidade básica.

PERVERSÃO

Ao lado dessa dessexualização aparece a forma sinistra da perversão, cada vez mais evidente em nossa sociedade, e de tal natureza que os pecados antigos parecem quase simpáticos, em confronto. Nada pode alterar o fato de que Deus chama a perversão de pecado.

"Tais homens são por isso indesculpáveis... Por causa disso os entregou Deus a paixões infames; porque até as suas mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas, por outro contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo em si mesmos a merecida punição do seu erro" (Romanos 1:20-27).

A lei imutável de semeadura e colheita se manteve. Somos agora os possuidores desafortunados da depravação moral e procuramos em vão a cura. O joio da indulgência ultrapassaram o trigo do comedimento moral. Nossos lares foram afetados e o divórcio assumiu proporções epidêmicas. Quando a moralidade da sociedade está perturbada, a família é a primeira a sofrer. O lar é a unidade básica de nossa sociedade, e uma nação só consegue ter a força que tenham os seus lares. O rompimento

de um lar nem sempre constitui assunto para manchetes da imprensa, mas devora, como os cupins, a estrutura da nação.

Em conseqüência do número crescente de divórcios, separações e abandonos do lar, cerca de doze milhões dos quarenta e cinco milhões de crianças nos Estados Unidos da América não residem com ambos os pais. Põe-se em movimento um círculo vicioso, e como diz a Bíblia: "Os país comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram" (Jeremias 31:29).

Em todas as áreas de nossa vida social vemos, em funcionamento, a lei inevitável de lucros cessantes, em nossa obsessão com o sexo. Muitos fazem alguma coisa para experimentar, somente para descobrir na vez seguinte que têm de aumentar a dose para chegarem à mesma satisfação da primeira vez. À medida que essa sensação entra em desgaste, são levados a novos meios e experiências diferentes para conseguirem sensação comparável. O insaciável sexual é torturado por sentimentos de culpa e remorso. O seu modo de vida acha-se saturado de tensão intensa, emoções antinaturais e conflitos íntimos. A sua personalidade é contrariada na busca de aperfeiçoamento. As suas paixões escapam ao controle e o resultado final é a frustração. No desafio à lei de Deus e à norma social, sobrecarrega-se a alma de tensão mortal. A procura de novas sensações, novos prazeres e experiências excitantes faz com que se mantenha tomado pelo medo, insegurança, dúvida e sentimento de futilidade.

Diz o Dr. Sorokin: "O estado físico, emocional e espiritual enfraquecido do insaciável sexual geralmente o incapacita para resistir às pressões ligadas a essa atividade, e ele vem a ceder sob seu peso. Muitas vezes termina tomando-se neurótico ou suicida."

É bem claro o aviso encontrado na Bíblia. Na Epístola aos Hebreus 13:4 dizem as Escrituras: "porque Deus julgará os impuros e adúlteros". Quem zomba da idéia desse julgamento faria bem em estudar as mais recentes estatísticas sobre nascimentos ilegítimos e doenças venéreas. Os nascimentos ilegítimos se apresentam em níveis nunca dantes atingidos e

as doenças venéreas se estendem em proporções epidêmicas por toda a nação. Note-se que tudo isso ocorre quando há a última palavra em matéria de anticoncepcionais e antibióticos. Dizem as Escrituras: "Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem os que abusam de si próprios com a humanidade... herdarão o reino de Deus" (I Coríntios 6:9).

Um dos traços mais perturbadores da situação é a atitude de alguns ministros protestantes. Diz a revista *Time*: "Os ministros protestantes estão começando a mudar de atitude. Não enristam mais o dedo porque rapazes e moças cedem aos impulsos biológicos naturais e experimentam, não dizem mais: 'Parem! Vocês estão errando!' Ao invés disso, perguntam: 'Isso tem alguma importância?'" Muitos pastores e capelães universitários perdoam e fecham os olhos agora às atividades sexuais pré-conjugais.

Nossa era é de relativismo moral. No entanto, existem certas áreas nas quais as Escrituras não nos dão licença para transigir. Em todos esses séculos não ocorreu a menor sombra de alteração na natureza de Deus ou em Sua atitude para com o pecado. A Bíblia ensina, do começo ao fim, que o adultério e a fornicação constituem pecado, e a atitude de alguns eclesiásticos modernos não modifica esse fato.

DESONESTIDADE

Não devemos dar, entretanto, a impressão de que a imoralidade sexual soja a única esfera de perigo moral em nossa civilização. A desonestidade tem aumentado em proporções alarmantes, em nossa sociedade. Estive presente a um tribunal federal, a fim de acompanhar o caso de um elemento altamente respeitado na profissão médica, que voluntária e deliberadamente falsificara a sua declaração de imposto de renda. Foi condenado a dez anos de prisão.

A doença da desonestidade invade todas as profissões e a sua disseminação por nossa sociedade mostra-se alarmante até para os mais

apáticos. Os escândalos no mundo esportivo chocaram a nação, ao saber-se que jovens atletas amadores vendiam seus ideais e ética a bandidos e quadrilheiros. Já se sabia antes que o boxe profissional está profundamente infiltrado pelas quadrilhas, e as investigações feitas demonstram que perder as lutas por interesse financeiro é coisa comum, o que veio a surpreender muita gente. Em recente levantamento feito na vida de uma faculdade, descobriu-se que 75% dos estudantes reconheciam terem sido desonestos uma vez pelo menos durante a sua vida universitária.

Ao sair de táxi do aeroporto de uma grande cidade, puxei conversa com o motorista, que disse:

– Em toda esta cidade o dinheiro resolve tudo. Se a casa comercial não está dando dinheiro a alguém, a prefeitura abre um buraco na rua em frente dela e deixam ficar assim um ano inteiro. Quando examinam meu táxi, tenho de pagar 25 dólares por fora. O homem que recebe diz que só consegue ficar com cinco.

Fez uma pausa, e acrescentou:

– Se acabassem com a desonestidade, a cidade entraria em colapso financeiro.

John Steinbeck escreveu uma carta a Adlai Stevenson, onde dizia: "Há um gás que vaza e impregna tudo, um gás de imoralidade que começa no berço e não pára até chegar aos cargos mais elevados, tanto nas companhias quanto nos cargos públicos." Walter Lippmann afirma: "Os Estados Unidos estão começando a aceitar um novo código de ética onde se permite a fraude e a mentira."

Por que existe toda essa desonestidade em todas as fases de nossa vida? É Russell Kirk quem responde a essa pergunta: "Em todo esse século, na minha opinião, a honestidade em coisas grandes e pequenas tem diminuído em quase todo o mundo. A honestidade pública e particular é produzida, em parte, por convicções religiosas... quando as sanções religiosas entram em decadência... o homem sensual comum se inclina para a fraude e a mentira."

UMA CULTURA QUE MORRE

A decadência moral e espiritual com que lidamos hoje torna-se evidente ao virarmos qualquer página dos jornais diários. Vivemos numa época na qual os valores antigos são rejeitados e o sentido de significado e propósito desapareceu da vida de muita gente. O único objetivo do mundo ocidental parece ser o êxito, a posição destacada, a segurança, o desregramento, o prazer e o conforto. Se pudermos julgar os nossos tempos pelos quadros produzidos por alguns artistas modernos, veremos borrões indiscriminados de cores, sem qualquer configuração ou desenho reconhecível. Uma criança que jogasse tintas sobre a tela conseguida os mesmos resultados. Na verdade, em certa exposição artística um chimpanzé conquistou o primeiro prêmio por seu quadro. A mistura incompreensível de tintas demonstra apenas as mentes e valores confusos de nossos dias. O dramaturgo, o novelista e o escritor especializado em roteiros cinematográficos nos proporcionara doses incontidas de violência, sexo e homicídio. Com certeza, esta geração parece doente e necessitada de salvação.

A causa de nossas dificuldades foi revelada recentemente na seguinte declaração feita por Tennessee Williams, um dos dramaturgos mais lidos de nossa época: "Temos pouca convicção de nossa dignidade íntima, ou mesmo de nossa decência íntima."

Com todas essas indicações de decadência diante de nossos olhos, não admira que May Craig, correspondente em Washington, afirme: "A menos que haja uma transformação muito profunda no povo norte-americano, uma cruzada genuína contra a sensualidade e a imoralidade, tanto pública quanto privada, seremos testemunhas do declínio e queda da República Americana."

Sim, é preciso que nos lamentemos em voz alta, para que nos salvem, para que nos salvem de nós mesmos, pois é a alma de uma nação e uma cultura o que está morrendo! Oséias, o profeta, incitava a gente de seus dias: "Semeai para vós outros em justiça, ceifai segundo a

misericórdia; arai o campo virgem; porque é tempo de buscar o Senhor até que Ele venha e chova a justiça sobre vós" (Oséias 10:12).

Está aumentando a fenda na represa da moral, mas como a gente dos dias de Noé antes do dilúvio, a vida continua em seu ritmo habitual, havendo apenas alguns que se preocupam e pouquíssimos que se mostrem alarmados. A apatia, no entanto, não fará deter-se a catástrofe. A gente dos dias de Noé não esperava o julgamento, mas ele veio! Nós nos tornamos amolecidos e amantes do conforto. Observando os programas de televisão, noto que quando irrompe qualquer crise na tela o autor em geral pede: "Prepare-me um drinque." Quando as manchetes se tornam sombrias e alarmantes, aumenta no país a venda de álcool e barbitúricos, pois milhões de pessoas buscam, desse modo, escapar às realidades sombrias dos perigos que nos ameaçam.

Em seminário de debates realizado numa universidade, um estudante me perguntou:

– Nossa sociedade ainda está morrendo, ou está cometendo a hipocrisia de estar morta sem saber disso?

Minha resposta foi:

– Não tenho certeza, mas estou alarmado e sinto o encargo e o impulso dos profetas antigos no sentido de alertar as pessoas. Se me irão ouvir, ou não; na verdade isso não é de minha responsabilidade.

Os profetas alertaram reiteradamente o povo dos tempos idos, mas as Escrituras dizem que seus corações se endureceram e seus ouvidos ficaram moucos. Faziam-se deliberadamente surdos à Palavra de Deus.

Há uma coisa que sabemos: nossa moralidade decadente não surpreende Deus. Vai ter à pilha de materiais inflamáveis que, um dia, será acesa pelo fogo do julgamento divino. As palavras do Apóstolo Paulo, no primeiro capítulo da Epístola aos Romanos, dirigida à decadente sociedade romana, podem bem aplicar-se a nós: "Porquanto, tendo conhecimento de Deus não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças" (Romanos 1:21). Se já houve alguma geração que tenha recebido o conhecimento de Deus, fomos essa geração. No entanto,

estamos jogando fora essa herança gloriosa, em virtude da nossa concupiscência e das nossas paixões.

Foi também Paulo quem disse: "Antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tomaram-se loucos" (Romanos 1:21-22). A palavra "tornaram-se" sugere deterioração e decadência. Numa sociedade decadente, a vontade de crer, de resistir, de lutar e pelejar desapareceu. Em lugar dessa vontade de resistir, há o desejo de se conformar, derivar, seguir, Ceder c desistir. Foi o que sucedeu com Roma, mas também se aplica a nós. As mesmas condições que vigoraram em Roma vigoram em nossa sociedade. Antes de Roma cair, os seus padrões tinham sido abandonados, desintegrara-se a família, prevaleciam os divórcios, a imoralidade campeava e a fé era reduzida. Como disse Gibbon, "falava-se muito em religião, mas poucos a praticavam". Hoje em dia, nossas igrejas estão cheias, mas quantos realmente praticam o cristianismo na vida diária?

Mais uma vez, é Paulo quem diz: "E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível" (Romanos 1:23). O humanismo tornou-se o deus de nosso tempo, e Aldous Huxley falou do "controle humano pelo esforço humano, de acordo com ideais humanos". O credo moderno de "eu creio no homem" é uma inversão completa da teologia bíblica.

Foi ainda o grande Apóstolo quem disse: "Por isso Deus entregou tais homens à imundície, pelas concupiscências de seus próprios corações, para desonrarem os seus corpos entre si" (Romanos 1:24). Ele não diz que Deus desistiu, apenas que Deus abandonou o homem às práticas impuras e injustas. Quando isso acontece, estamos em perigo terrível!

Assim temos que em três passagens da Epístola aos Romanos nos é dito que Deus abandonou o homem. Num dos exemplos, Deus o abandonou quando o homem se voltou para a concupiscência e as práticas imorais. Em outro, Deus o abandonou quando o homem se

voltou para as afeiçoes vis e os desvios imorais. No terceiro exemplo, Deus o abandonou quando o homem se tornou perverso e se encheu de injustiça, fornicação, cobiça e malícia.

Quando o homem é abandonado por Deus, só lhe resta uma coisa: o julgamento! Aqui está: "Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem" (Romanos 1:32). Quando Sodoma e Gomorra se tornaram culpadas dos mesmos pecados que cometemos, Deus a julgou com fogo e enxofre. Diz a Bíblia: "Deus não as poupou." Quando a gente dos dias de Noé se tornou culpada dos mesmos pecados, diz a Bíblia: "Deus não os poupou."

Não podemos afirmar que somos os preferidos de Deus. Não estamos especialmente dispensados de julgamento. Se continuarmos em nosso rumo atual, a lei moral onde se afirma "porque o salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23) representará a morte final para nossa sociedade.

Como é irônico o fato de que a civilização que produziu os melhores automóveis, as melhores geladeiras e os melhores aparelhos de televisão esteja produzindo, ao mesmo rompo, alguns dos piores seres humanos! A resposta total ao nosso dilema nessa derrocada é que abandonamos Deus. A acusação divina contra o homem se resume em quatro palavras: "Eles não têm desculpa" (Romanos 1:20). Como nação, não temos desculpa, pois trocamos o nosso direito de nascimento por um amontoado de prazeres imorais. Estamos descobrindo ser verdade o que Tocqueville disse: "Quando a América deixar de ser boa, deixará também de ser grande."

Em nosso conhecimento, que se tornou insensatez, estamos preparando o cenário para a dissolução pessoal e nacional e o juízo final. Estamos acumulando bastante material para a conflagração. Estamos construindo para a destruição. Estamos implorando o juízo. Disse Thomas Jefferson: "Tremo por meu país, quando me lembro de que Deus é justo." "Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e

Gomorra no dia de Juízo, do que para aquela cidade" (Mateus 10:15), disse Jesus.

No museu do Rei Tut, no Cairo, existe um grão de trigo com cinco mil anos de idade, tirado dos túmulos dos faraós egípcios. Dizem que, se esse grão ou semente fosse plantado, germinaria e cresceria. As sementes da integridade, reverencia e reunião ou justiça não estão mortas, mas não estamos deixando que germinem.

Ainda há tempo. É bem verdade que o dia se está aproximando do seu fim, mas não é tarde demais para que detenhamos os fogos catastróficos do juízo de Deus. Declara a Bíblia: "Deus não quer que nenhum pereça" (II Pedro 3:9). E é também na Bíblia que encontramos: "Hoje se ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações" (Hebreus 3:7-8).

NOSSAS PERTURBAÇÕES PSICOLÓGICAS

Um dos maiores matemáticos do mundo visitou-me em meu quarto de hotel, há pouco tempo. Pude perceber que seus problemas pessoais se tornaram tão pesados que o homem estava à beira de um colapso. A tensão da vida moderna se tornara grande demais, e ele corria o perigo de ser mais um caso na estatística do crescimento alarmante das doenças mentais.

O clima intelectual em que vive o homem moderno constitui um paradoxo. A tecnologia cria milagres, mas deixa de satisfazer-nos as necessidades mais íntimas. Põe rodas sob nossos pés, mas põe também medos e apreensões em nossos corações. Podemos viver mais tempo, mas não melhor. Podemos viver em conforto maior, mas não mais contentes.

De acordo com um relatório do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos, oito milhões de pessoas sofrem de alguma doença mental no país. Desse número, um milhão recebe tratamento nos hospitais, todos os anos. Mais de 50% dos leitos de hospital dos Estados Unidos estão ocupados por doentes atacados por alguma forma de problema mental ou psicológico. Em dez crianças nascidas hoje, uma será internada num hospital com algum tipo de doença mental, em alguma época da sua vida.

Muitos dos que são mentalmente doentes estão literalmente doentes do coração e da alma. Os seus males nada têm que ver com cérebros corroídos ou danificados. As pessoas não perdem a sanidade mental ou sofrem esgotamento nervoso nos chamados ataques de nervos – perdem-se a si próprias! Desaparecem em mundos de sua própria criação, numa tentativa de fuga ao mundo real. O fato assustador sobre a doença mental e emocional é que a mesma faz incursões alarmantes na jovem geração atual.

Um recente artigo de revista chama a juventude de hoje de "a geração atormentada",[1] e diz: "Na Universidade de Pennsylvania, 25% dos estudantes precisam de auxílio do serviço de sanidade mental

durante os seus anos de estudos. Em Harvard, 25% dos estudantes consultara um psiquiatra ou assistente social." Essas percentagens não desmerecem as universidades de Pennsylvania e Harvard, e num levantamento recentemente feito junto a 600 psiquiatras universitários ficou revelado que cerca de 15% dos estudantes em seus cursos recorrem ao psiquiatra, ao mesmo tempo que 30% deviam fazer o mesmo.

FUGA

Há milhões de pessoas ocupadas na tarefa de meter a cabeça na areia e fingir que os acontecimentos devastadores de nossos tempos na realidade não estão ocorrendo. Procuram assim desesperadamente fugir às realidades das pressões impostas pela vida moderna.

Em si mesma, a fuga não é estado de doença mental, mas um mecanismo subconsciente de escapar à realidade. É um modo de comportamento adotado a fim de fugir aos fatos e realidades desagradáveis. Pode tomar muitas formas. A dona de casa, perturbada, sai num passeio de compras exageradas, enquanto outro procura abrigo num caso amoroso clandestino ou numa noite de dança Watusi. Um dos modos mais conhecidos de fuga é o alcoolismo, que constitui hoje verdadeira catástrofe nacional.

Em nosso gabinete de Minneapolis recebemos, todas as semanas, milhares de cartas, mais de metade das quais têm relação com problemas domésticos, e metade destas relacionadas com problemas de alcoolismo. Beber é hoje um dos problemas sociais mais sério. Em sua base, é o resultado de uma tentativa de fugir às responsabilidades e realidades da vida. "Todas as vezes que meu marido e eu entramos em desacordo, ele sai para o bar da esquina", escreve uma mulher do Iowa.

Poderíamos escrever volumes internos sobre os problemas da toxicomania. Milhões de comprimidos de barbitúricos são ingeridos todas as noites para ajudar o país a dormir. Milhões de tranqüilizantes

nos mantêm calmos durante o dia. Milhões de pílulas tonificantes nos despertam de manhã, após as ressacas alcoólicas da noite anterior.

A Bíblia avisa que tais fugas à realidade não produzem satisfação duradoura. "O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia; visto que só se preocupam com as coisas terrenas" (Filipenses 8:19).

ANSIEDADE

No futuro, os historiadores poderão rotular os tempos de hoje como sendo "A Idade da Ansiedade". Embora, de certo modo, tenhamos menos com que nos preocupar do que as gerações anteriores, parecemos mais preocupados do que elas. Embora tenhamos vida mais fácil do que os nossos ancestrais, temos também mais inquietação do que eles. Embora tenhamos menos causa de ansiedade, mostramo-nos mais ansiosos. As mãos calosas foram a marca dos pioneiros deste país, ao passo que os sulcos das rugas se apresentam como distintivo no rosto do homem moderno.

Os pioneiros queixavam-se de estarem "esgotados" pela exaustão física, mas o problema conosco é que estamos "supercarregados" pela hipertensão. Grande parte disso se deve a uma modificação dos interesses. Há um século, a preocupação principal do homem era sua vida espiritual; hoje são as questões físicas e temporais que o preocupam. Grande número de pessoas acredita, na verdade, que, se dermos bastante comida, abrigo, roupas, educação e divertimentos ao homem, teremos chegado à Utopia.

O psicanalista Erich Fromm assevera que a vida moderna transforma os homens em sombras ansiosas e desprovidas de amor. Diz ele: "A maioria dos norte-americanos acredita que estejamos numa sociedade de consumo... de gente feliz, que gosta de se divertir, que viaja em aviões a jato, e cria o máximo de felicidade para todos. Contrariamente a essa opinião, acredito que a nossa vida anual conduz á

ansiedade, à vulnerabilidade e, mais tarde, à desintegração de nossa cultura. Poderia suceder que nosso sonho – de que o bem-estar material, por si só, conduz à felicidade – seja uma esperança ilusória?"

LAZER

Outro problema com que lutam milhões de pessoas no mundo ocidental é o do lazer. Podemos não encarar isso como problema, mas os psicólogos, psiquiatras e sociólogos estão começando a compreender que a questão poderá ser o principal problema psicológico da próxima geração. Compreendendo a importância das perspectivas e conseqüências crescentes do lazer em virtude da automatização, a revista *Life* dedicou uma série de artigos ao assunto.

Nas sociedades onde o lazer já constitui realidade, o tédio e o aborrecimento constituem o grande problema. Há algum tempo atrás, estive visitando um país incluído na categoria de estado de bem-estar, onde um dos dirigentes da igreja me disse:

– Na igreja, temos lutado por melhores condições de vida e um padrão de vida mais elevado. Neste país, temos agora segurança e previdência social desde que nascemos até que morremos, mas estamos também diante de problemas psicológicos tais como o tédio e a monotonia, que se mostram tão grandes e devastadores quanto os antigos problemas sociais de um século antes.

Quando se dispõe de mais lazer e menos responsabilidade, o problema do que fazer assume proporções dramáticas. A proposta de semana de trabalho de vinte horas e férias anuais de dez semanas, juntamente com a automatização acelerada que fará aumentar o número dos que não têm o que fazer, vêm sendo as causas dos maiores problemas sociais de nosso século. O crescimento rápido do lazer poderia produzir mais crime, mais destruição de lares, mais problemas psicológicos do que poderíamos ter capacidade de enfrentar. Poderia, também, criar descontentamento e inquietação, o que levaria a uma

infelicidade ainda maior do que aquela na qual vivemos hoje, com toda a nossa grande prosperidade.

Já é possível ver o potencial de crime entre nós, ao examinarmos o vandalismo da juventude desocupada, nos salões de coquetel, onde os entediados e inquietos vão passando as horas monótonas de lazer, nos clubes noturnos, onde homens de negócio esfalfados e frustrados observam artistas sensuais executando números rotineiros e frenéticos, deixando a platéia vazia, frustrada e saciada. Todos nós já lemos narrativas sobre o tédio que impera no coquetel comum. Diversas pessoas ricas já me disseram: "Se eu tiver de ir a mais um cocktail party, darei um tiro nos miolos."

Certo senador confidenciou-me que a maior necessidade em Washington era a eliminação desse tipo de festas ou acontecimento social, e comentou:

– Isso consome parte tão grande de nosso tempo que não nos resta muito para tratar das questões de Estado.

No curso de uma entrevista, indagaram a Arnold Toynbee:

– A abolição da pobreza pode garantir que a civilização da América continue a crescer e a ser dinâmica?

Eis a resposta do grande historiador:

– Não. Há mais do que isso na era da automatização. Acredito que a questão essencial está em saber o que os americanos faraó com o seu tempo de folga. As pessoas acabarão tendo de trabalhar apenas algumas horas por dia, e disporão cada vez mais de lazer. Se passarem esse tempo vendo televisão ou disputando jogos mecânicos, o futuro da civilização americana não será muito sadio.[2]

O rumo futuro da civilização americana dependerá, ao menos em parte, de seu povo utilizar ou não o lazer de modo construtivo. Este passou a ser um dos maiores desafios com que nos defrontamos. A perspectiva futura de lazer poderá mostrar-se maior do que o problema atual de trabalho. Já disse um psiquiatra: "A grande maioria de nosso povo não está emocional ou psicologicamente pronta para dispor de

tempo livre." Um economista afirmou que à altura do ano 2000 poderá ser possível a 2% de nossa população, trabalhando em fábricas e fazendas, produzir todos os bens e gêneros alimentícios que bastem para os demais 98%.

Se tais previsões e cálculos vierem a efetivar-se na prática, a vida logo se tornará, virtualmente, uma seqüência só de divertimentos sem qualquer trabalho. Que faremos, então, com todo esse tempo disponível? Foi Shakespeare quem afirmou: "Se todos os anos fossem de férias, divertir-se passaria a ser tão aborrecido quanto trabalhar." Carlyle dizia: "Uma vida fácil não é para homem algum, ou para deus algum." E afirma a Bíblia: "Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no Jardim do Éden para o cultivar e o guardar" (Gênesis 2:15).

O plano de Deus para a raça humana era que nos mantivéssemos ocupados, e isso para nosso próprio bem psicológico, fisiológico e espiritual. Se, por intermédio de nosso progresso tecnológico, conseguirmos arredar esse princípio, será com risco para nós. Já se pode antever o perigo que isso acarretará.

"PENSAMENTO DUPLO"

Como é que uma sociedade forma o tipo de psicose que nos assalta hoje? É o produto de muitas coisas, inclusive da perda da fé religiosa, da educação defeituosa e da demasiada facilidade. Em seu livro 1984, George Orwell descreve aquilo a que chama "pensamento duplo". Não se trata de idéia original, pois encontramos na Bíblia: "O homem de ânimo doble é inconstante em todos os seus caminhos" (Tiago 1:8). No âmbito nacional, estamos no estado de mente dupla que pode pôr em perigo nossa própria sobrevivência. O "pensamento duplo", ou mente dupla, significa a faculdade de manter duas arengas contraditórias na mente, e aceitá-las, ás duas. Todo o mundo já se familiarizou com a fala comunista, de duplo sentido. Quando os comunistas se referem á paz, querem dizer "paz sob as nossas condições". Mas nós também falamos

pelos dois cantos da boca ao mesmo tempo. Dizemos ser uma nação cristã, mas grande parte de nossa literatura, de nossas práticas e costumes sociais, nossos interesses profundos, não são absolutamente cristãos e se mostram de todo seculares.

Hn seu livro *Will Man Prevail?* (O Homem Prevalecerá?), Erich Fromm afirma: "Embora as pessoas acreditem em Deus, não se preocupam com Ele, isto é, não se preocupam, nem perdem o sono em virtude dos problemas religiosos ou espirituais. A maioria das pessoas no Ocidente diz acreditar em Deus e, portanto, nos princípios divinos de amor, justiça, verdade e humildade. Tais idéias têm, porém, pouca influência em nosso comportamento. A maioria é motivada pelo desejo de maior conforto material, segurança e prestígio."

Dizemos crer na igreja, e ainda assim muitos entre nós, privados de consciência, passam por eta sem se deterem di, em seu caminho para o golfe, passeios de barco, natação ou mesmo para os clubes noturnos.

Os ideais podem ser facilmente transformados em simples palavras. Tornam-se alheios a nós, deixam de ser uma experiência autêntica, passando a ser um ídolo, estranho ao íntimo de cada qual, a que rendemos homenagem mas que utilizamos para encobrir a desonestidade e a imoralidade.

Freud aprendeu o que ensina a Bíblia, que uma pessoa pode ser plenamente sincera e, ao mesmo tempo, estar errada. A sinceridade pode, até, ser uma capa, um disfarce para o impulso real que motiva a pessoa. Isso também pode acontecer a uma nação. Podemos estar empregando o "pensamento duplo" e não nos apercebermos de que erramos ao fazer isso.

"PENSAMENTO DE GRUPO"

A par com o "pensamento duplo", vemo-nos invadidos por um novo método de pensamento, chamado "pensamento de grupo". A atração exercida pelo sentimento de identificação, segurança e aceitação por

parte dos outros leva-nos a cenas configurações de pensamento, atos e comportamento. Procuramos pensar, agir e falar como o fazem aqueles em torno de nós e um de nossos temores mais arraigados é que nos considerem "estranhos", gente "de fora" do grupo.

Esse medo levou-nos pela estrada do conformismo, imprimindo em nossas almas o selo de "homem de organização",* privando-nos da originalidade de pensamentos, individualidade e ação construtiva, tendo invadido não só nossa vida secular, mas também a religiosa.

É Vance Packard quem observa, em sua obra *The Status Seekers* ("Os Que Buscam Posição Social"): "Para a vasta maioria dos cristãos norte-americanos, ir à igreja é a coisa mais direita que as pessoas podem fazer aos domingos. Isso torna pública a sua respeitabilidade, proporciona-lhes o sentimento cálido de que se estão comportando de um modo que mereceria a aprovação de seus ancestrais tementes a Deus, e adiciona alguns milímetros à sua estatura própria, situando-os num grupo social com o qual desejam identificar-se. E até aqueles que levam a sério a sua vida religiosa preferem realizá-la cercados por pessoas de sua espécie."

Não é fácil nos livrarmos do "pensamento de grupo" de nossos tempos, quando os propagandistas da televisão rebaixam o mérito da marca de aspirina que preferimos e pintam, com cores dramáticas, seus efeitos devastadores em nosso estômago, secundados por ruídos estridentes e sons fantasmagóricos em meio aos quais nossas "tripas" se desintegram, só porque não saímos correndo na mesma hora para comprar a aspirina da marca por eles recomendada.

A pressão do "pensamento de grupo" afeta nossa votação nas urnas, as marcas de gêneros alimentícios que compramos e comemos, dos

* *Organization man* no original. O autor faz referência ao tipo humano, que para poder empregar-se junto às grandes e médias organizações comerciais e industriais, ou manter mu emprego netas, tem de se amoldar ao feitio, padrão ou "modelo" de pensamento, comportamento e até mesmo vida familiar e social que, direta ou indiretamente, é o "aprovado" ou "bem visto" por essas organizações, bom número das quais mantém a seu serviço sociólogos, psicólogos e demais "especialistas" da natureza humana cuja função "profissional" torna-se bem clara. – N. do T.

automóveis que dirigimos, da gasolina que usamos, bem como os nossos padrões de crença religiosa.

É quase apavorante notar o modo pelo qual as massas humanas podem ser levadas a crer, praticamente, em qualquer coisa, desde que o "ensinamento" seja transmitido numa forma que transite pelos caminhos por intermédio dos quais estão acostumadas a receber seus conhecimentos, verdadeiros ou falsos. Como exemplo, em determinado filme cinematográfico, certo ator pediu champanha cor-de-rosa, e com isso deu início a uma pequena revolução na indústria vinícola. Os restaurantes em todo o país se viram imediatamente assoberbados pelos pedidos de gente que queria tomar a bebida exótica. De um ao outro extremo da nação, as estrelas e astros de cinema e televisão determinam a lei da moda, do vestuário, da maneira de talar e até do comportamento moral. O banheiro elegante e complexo, o telefone em peça única e as venezianas, tudo isso foi inspirado pelo cinema de Hollywood e mais tarde se transformou em condição essencial de quase todos os lares americanos. No entanto, esses são apenas os sintomas superficiais do poder de sugestão exercido pela Madison Avenue e Hollywood.

Com igual facilidade, o cinema e a televisão orientam e modificam os pensamentos da nação em matéria de política, moralidade e questões sociais de grande importância. Na penumbra de uma sala de estar ou de cinema, onde as pessoas se sentam repousadas para prestar atenção integral aos quadros que passam, as condições psicológicas são perfeitas para insinuar idéias. Em provas reiteradas, feitas entre estudantes de ginásio e universidade, ficou evidenciado que um filme cinematográfico ou um programa de televisão podem representar uma lavagem de cérebro.

A MENTIRA

Estamos vivendo em mero a uma geração cujas mentes foram preparadas para a MENTIRA. A Bíblia fala, na segunda Epístola aos Tessalonicenses, da vinda do grande Anticristo: "Ora, o aparecimento do

iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem" (2:9, 10). O cinema, a televisão, o rádio, o romance sensual, a revista barata, tudo isso se combina para tornar quase impossível às massas dedicar-se a qualquer pensamento individual verdadeiro. Em vista da ruptura da disciplina no lar e da instilação de veneno por todas as fontes de diversão e instrução em nossa vida diária, não é para admirar que a mente do povo já esteja pronta a receber qualquer coisa, menos a verdade, e que esteja disposta a acreditar em mentiras e, finalmente, na MENTIRA.

É possível que o "pensamento de grupo" tenha tornado a ação individual uma coisa fora de moda em nosso país. Estar-nos-emos transformando numa civilização mecânica, manipulada pelos meios de comunicação em massa, pressionada pelo conformismo e impelida pelas manobras políticas? Teremos formado mentalidade tipo "grande loja comercial", onde fazemos nossas compras de fé, política e novo modo de vida exigindo as marcas registradas sob que tais "produtos" estejam enlatados? Estaremos coletivizando a mentalidade da América?

Nas eleições de 1964, os especialistas em "prévias" predisseram até à fração percentual o que o povo norte-americano iria fazer nas urnas, e menos de uma hora antes de estas terem sido fechadas, os computadores já prediziam quem venceria e qual seria a maioria. Mais tarde, um colunista comentava: "No futuro, poderíamos muito bem deixar que os especialistas em prévias eleitorais nos digam a favor de quem está o povo norte-americano, e isso nos economizaria todas as despesas de uma campanha política."

Parece que, como nação, estamos correndo o fisco de perder nossa individualidade e nossa identidade pessoal. O estudante foi transformado em mero cartão de máquina IBM. É uma estatística. A relação pessoal entre mestres e alunos, que costumava prevalecer, já se desfez. Agora, o estudante é apenas uma parte da "massa".

Quando procuramos um remédio para tal estado, que produz uma psicose nacional, devemos lembrar-nos do que Bernard Iddings Bell afirmou: "Todos os transes humanos não podem ser resolvidos com o simples tratamento dos sintomas, pois nossos distúrbios não são de simples domesticidade. É todo o sistema de esgotos que está desarranjado".

Nos ocasiões de problemas nacionais, deveríamos estar ouvindo a voz de Deus em Seu esforço por que pensemos os Seus pensamentos, de acordo com Ele. Muitas vezes deixamos de perceber o propósito ou explicação das catástrofes nacionais. É Charles C. West quem diz: "Voltamo-nos para Deus procurando ajuda quando os nossos alicerces estão estremecendo, para então descobrirmos que é Ele quem os faz estremecer."

Talvez seja por meio de tudo isso que Deus está falando à nação e ao indivíduo. Não somos feitos para o vácuo, não somos feitos para o tédio. Não fomos criados para viver acovardados no medo. Nossa ansiedade, nossa angústia mental, nossa preocupação, tudo isso se dirige para cima, procurando um propósito e uma realização satisfatória. Os sinais já estão nos céus, e augurara uma vida melhor, um caminho melhor, um dia melhor.

Você e eu tomos feitos para as alturas. A Bíblia diz, referindo-se ao homem: "Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus, e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão, e sob seus pés ludo lhe puseste" (Salmos 8:5,6).

É Jesus Cristo quem confere dignidade e valor ao indivíduo. É Ele quem diz: "Que aproveita ao homem, ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Marcos 8:36). Cristo ensinou que, à vista de Deus, uma alma vale todo o mundo material! À vista de Deus o indivíduo é de importância máxima. Quando Cristo chama um homem para que O siga, Ele o chama para que "seja" do "grupo". Cristo pode preencher os vácuos, restaurar-lhe a identidade pessoal. Ele pode tornar-Se a VERDADE para a nossa geração.

A questão está em saber: Onde podemos encontrar Cristo?. Onde podemos encontrar essa vida nova? Como podemos ser os homens e mulheres que Deus desejou que fôssemos?

A IDOLATRIA NACIONAL

Há algum tempo, perguntei a um estudante, na Universidade da Carolina do Norte, se acreditava em Deus.

– Sim – respondeu ele. – Tenho os meus deuses particulares.

No homem ocidental, a idolatria é o humanismo, o materialismo e o sexo. A idolatria apresenta uma associação quase automática de superstição, magia, feitiçaria, bruxaria e ídolos físicos, mas os deuses modernos são evoluídos, cultos, bem na moda e intelectuais.

Quando uma nação se afasta do Deus verdadeiro e vivo de sua herança cristã, troca-O por deuses falsos. O homem é criatura inatamente religiosa e precisa ter um deus de algum tipo. Foi Russell Kirk quem observou: "Na prova final, o poderio de uma nação ou civilização será avaliado não em mísseis ou em divisões de exército, mas em fé, seja falsa ou verdadeira."

Esse estado de fé falsa, bem como de religião apenas nominal, reflete-se numa afirmação feita por Carl Henry, diretor da revista *Christianity Today*: "Embora o homem moderno explore com afinco o espaço que rodeia a Terra, parece bem contente em viver num jardim de infância espiritual e em brincar nutria atmosfera de primitivismo moral." Na verdade, brinca com deuses de sua própria confecção.

A cultura ocidental moderna é hoje uma mistura de paganismo e cristianismo. Somos uma combinação de ambos e falamos de Deus, mas muitas vezes nos comportamos como se fôssemos ateus. Criamos um tipo de personalidade dupla, esquizofrênica. Cunhamos as palavras "Em Deus Confiamos" (*In God We Trust*) em nossas moedas, mas nos corações temos gravada a afirmação: "Primeiro, Eu" (*Me First*). O fato é que, enquanto acreditamos em Deus, teoricamente, construímos em nós próprios imagens gravadas e passamos a adorá-las. Temos coisa bem próxima de um novo tipo de politeísmo, mediante o qual tentamos adorar tanto o Deus da Bíblia quanto os deuses de nossa própria feitura, e isso simultaneamente.

DEUSES DE UNIVERSIDADE

O abismo entre uma relação operante com o Deus da Bíblia e nossa idolatria atual se vê nas atitudes dos estudantes de nossa geração. Otto Butz, da Universidade de Princeton, em seu livro *The Unsilent Generation* (A Geração Que Não Silenciou) cita trechos de ensaios preparados por onze componentes da turma de 1957. As suas afirmações a respeito de Deus são bastante reveladoras. Um deles afirma: "Acho que posso ser indiferente a um Deus que se mostra indiferente para conosco. . . . é este o mundo, e não o próximo, com que me preocupo."

Outro dizia: "Raramente penso em Deus como tal, e só quando estou em dificuldades excepcionais. Mesmo quando oro, não me vejo a pedir ajuda ou orientação. Acontece simplesmente que, ao orar, descubro certa dose de reconforto."

A maioria dos estudantes universitários de hoje professa ter fé em Deus, mas não se trata de fé em um Deus pessoal. Para eles, um Deus pessoal não é importante, não faz diferença. Por esse motivo, têm tendência a fabricar um deus ou deuses próprios, aquilo a que Chad Walls chama "deuses de universidade" no livro intitulado *Campus Gods on Trial* (Deuses de Universidade em Julgamento).

Parte da explicação advém da trágica negligência, por parte da igreja, que deixou de cuidar dos jovens nos anos críticos em que os mesmos mais necessitavam de orientação espiritual. O estudante universitário comum traz, em sua mente, uma caricatura de Deus. Estudou pouco a Bíblia, e apresenta conceito débil dos ensinamentos bíblicos e de nossas responsabilidades morais para com Deus. Por esse motivo, o estudante rejeita o Deus bíblico, mas como precisa ter um deus de algum tipo, cria-o para si próprio no ambiente universitário. O seu objetivo máximo podem ser as notas altas, a conquista de belas pequenas, a perícia esportiva ou a rebelião, como disse um deles, "só pelo prazer de rebelar-se". Coisas assim tornam-se aquilo com que ele substitui Deus. Na verdade, chegam a ser deuses nas vidas de milhares

de estudantes, e a um ou mais desses deuses o estudante dedicará sua vida. É assim que milhares de estudantes não têm qualquer crença genuína em Deus ou nos valores morais que sustentam a sociedade humana.

A IDOLATRIA DAS MASSAS

Voltando-nos dos deuses de universidade para a idolatria das massas, examinemos antes de mais nada o deus do humanismo, ou a adoração ao homem. O humanista verdadeiro canta com Swinburne: "Glória ao homem nas alturas!" É esta a nova idolatria de nossa era, intelectual e evoluída, e está ficando altamente organizada.

David Winter, diretor da revista *Crasade* em Londres, é quem afirma: "Nenhum outro inimigo tão sutil já enfrentou a igreja cristã quanto esse, que lhe tira do trono o seu Deus e O substitui pela Sua criatura." Os humanistas, em especial na Grã-Bretanha, estão-se tomando militantes. Devotaram-se a atacar o cristianismo e Julian Huxley declarou que para adquirir uma atração maior o humanismo deve ser uma religião, enquanto outro humanista, L. F. J. Ross, sugere que "deve adotar-se uma bíblia humanista simples e hinos humanistas, podendo-se acrescentar a isso dez mandamentos para os humanistas, bem como práticas confessionárias humanistas para os grupos ou indivíduos... o uso de técnicas hipnóticas... música e outros dispositivos... durante o culto humanista proporcionaria à platéia uma experiência espiritual profunda, da qual ela sairia reanimada e inspirada por sua fé humanista".

Numa esclarecedora série de artigos publicados na revista *Crasade*, diz Edward Atkinson: "O humanismo pode estar-se lentamente transformando num culto de mistério, mostrando-se completo com sua própria superstição curiosa, pensamento confuso e jargão obscuro. E, como todos os cultos assim, sua atração principal se exerce sobre os místicos. É fato dos mais irônicos que o humanismo, a despeito de todas

as suas acusações absurdas de que o cristianismo extrai sua origem de cultos de mistério, venha a ser um deles."

Assim vemos que o humanismo se tornou, para muitos, um nome educado para uma cruzada eloqüente, agressiva e influente contra a religião, em nome do progresso social e moral. Nada de novo existe no humanismo, que é o ceder à primeira tentação utilizada pelo Demônio contra Adão e Eva: "Sereis como deuses" (Gênesis 3:5).

Em segundo lugar, temos nos Estados Unidos uma idolatria, chamada a "adulação da juventude" em recente artigo publicado pela revista *Look*. Aparentemente perturbados por sua incapacidade de comunicar-se com a geração mais jovem, muitos adultos passam simplesmente a imitá-la, e cada vez mais as mulheres que seguem as trilhas da era nova se esforçam por parecer adolescentes.

O HOMEM ADORA A CIÊNCIA

Em terceiro lugar, dessa nova era de ciência e tecnologia tem aparecido uma nova fé no cientificismo, que afasta a fé bíblica. Esta era nuclear reduziu muito a fé bem arraigada na cultura do passado. Foi certo cientista quem declarou: "O quadro mundial da era nuclear não inclui Deus. O homem culto de nossos dias não encontra Deus em seu reator atômico, nem O vê pelo seu telescópio. Deus não se encentra entre os elétrons em disparada, e não se faz visível no espaço exterior."

Não resta dúvida de que existem poderes novos da ciência, que correspondem ao acionamento de um botão no santuário dos computadores eletrónicos, mais do que à palavra de nossas orações ou aos altares de nossos templos. Encontra-se em nossas mãos um poder que, às nossas mentes finitas, parece tão grande quanto aquele antes atribuído a Deus. Para muitos, esse poder é o de um deus, e mais uma vez ouvimos, agora de modo novo, as palavras proferidas pela serpente quando seduzia os nossos primeiros ancestrais: "Sereis como deuses" (Gênesis 3:5).

Como os demais deuses da nossa geração, entretanto, a ciência não satisfaz aos reclamos profundos da alma humana. Quanto mais o homem aprende, tanto menos fica sabendo. Assim é que muitos dos mais destacados cientistas vieram a exprimir sua fé em Deus.

O HOMEM ADORA COISAS

Em quarto lugar, outra de nossas idolatrias é a adoração nas coisas. Deixo ao psicólogo a tarefa de descobrir qual seja nossa motivação mais profunda – se é um caso de imaturidade, tédio, orgulho ou um sentimento genuíno da necessidade que nos impele à busca das coisas materiais, com exclusão de tudo mais. Uma importante revista apresenta o anuncio onde se lê um parágrafo revelador: "A automatização, o uso da eletrónica para dirigir máquinas, irá encher seu lar de surpresas agradáveis? Irão olhos mágicos iluminar todas as pegas da casa? Você virá a possuir um piano portátil, relógios elétricos sem fio e telefones onde se fala sem ser preciso tirar o receptor do gancho! Descubra como esse novo e emocionante acontecimento poderá tornar mais feliz a sua vida." Terá ficado a felicidade reduzida a pianos portáteis e ao piscar de olhos mágicos?

No livro *Alas Babylon* (Ai, Babilônia!) Pat Frank imagina a Flórida sob a mortalha de um ataque atômico fictício. Toda a eletricidade foi cortada, as reservas de gasolina esgotaram-se e a vida se processa em condições elementares. *Cadillacs* eram trocados por galinhas, e lanchas a motor por saleiros cheios. Se uma guerra nuclear atingir nosso mundo, os sobreviventes compreenderão de repente que a maioria das coisas pelas quais temos lutado e atormentado o cérebro para conseguir são mais do que inúteis. Se pudéssemos descobrir isso a tempo, talvez o destino de Sodoma e Gomorra, para o qual estamos marchando, pudesse ser evitado.

A Madison Avenue descobriu ser lucrativo dirigir o impulso principal da publicidade para um traço inerente da natureza humana, o

orgulho. Basta examinar as revistas elegantes e observar os anúncios coloridos que tomam toda a página. Muitas vezes tais anúncios não se referem à utilidade do artigo por eles apresentado, mas ao orgulho do comprador. "Pense na satisfação que vai sentir quando seus amigos olharem, invejosos, o seu novo banheiro, seu carro novo, seu novo iate." E as ilustrações apresentam também a expressão de inveja nos rostos dos amigos, a quem está sendo mostrada uma casa nova, com todas as instalações elegantes e dispositivos embutidos. Foi Bacon quem afirmou, há tempos idos: "A felicidade dos grandes não consiste em sentir que sejam realmente felizes, mas em compreender como os outros acham que devem ser felizes."

Assim é que vemos gente entediada desfilando em veículos elegantes, não que esteja procurando oportunidades de fazer qualquer contribuição à sociedade, mas pondo-se à vista para que outras pessoas a admirem. O orgulho não está em querer ser rico, mas em querer ser mais rico ainda do que o vizinho. Não é querer ser notado, mas querer ser o *mais* notado. Não é querer ter as coisas, mas querer ter mais coisas do que os outros.

O HOMEM ADORA A SI PRÓPRIO

O homem recusou a revelação feita pela Bíblia a respeito do Deus verdadeiro e vivo de seus pais, e pôs em Seu lugar os deuses de sua própria fabricação. Na realidade, o homem moderno resolveu destronar Deus e entronizar a si próprio com toda a sua glória nuclear. Muitos intelectuais passaram a crer que a mente humana poderá compreender tudo, com o tempo, e Kintner declara: "O resumo desse ponto de vista é desenvolvido nos doutrinas de Marx, Engels e Lenine." E, como diz Carl Henry, "em seu desejo de controlar o universo o homem reiteradamente se coloca no lugar de Deus, mas a idéia do Filho de Deus tomando o lugar do homem é por ele recusada como insensatez inacreditável".

Desse modo, o homem atirou para um lado as divindades pagãs das civilizações anteriores, tais como o sol, a lua, o fogo, a água e os animais – bem como o Deus vivo. Hoje em dia, adora a si próprio.

De muitas salas de aula em universidades vêm as conclusões seguintes:

Em primeiro lugar, o homem é somente um animal.

Em segundo, a existência é um acidente químico.

Em terceiro, a luta pela sobrevivência tornou o homem o que ele é.

Em quarto, a moralidade e os padrões de conduta são extraídos somente de um contexto sociológico.

Em quinto, o homem vive neste e para este mundo, apenas, e qualquer outra opinião a respeito é anticientífica.

Em conseqüência dessas premissas, o fracasso do homem em lidar com seu novo mundo trouxe a futilidade e o pessimismo a todas as áreas de sua vida. Desapareceu a alegria de viver. A sensação maravilhosa de estar vivo, o rosto radioso, o sorriso de satisfação e a emoção sentimental afastaram-se de nós. Desde que transformamos o homem em deus, os nossos olhos não se erguem mais para o céu, mas voltam-se para dentro, deturpando a visão de todo o nosso mundo.

AS PEQUENAS DIVINDADES FALHARAM

O homem não aceita mais os padrões de comportamento pregados em nossos ensinamentos bíblicos. Tomamo-nos pragmatistas, contentados com a ética existencial e situacional. Não mais nos preocupamos em fazer o que é certo, mas sim em ajustar-nos e dar-nos uns com os outros. Estamos perdendo o equilíbrio moral. Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Europa ocidental estão-se tornando nações de gente sentada, acocorada, sem iniciativa e descontente, farta e aborrecida com todas as bobagens que lhe foram entregues. Quer o compreendam, quer não, estão todos fartos e cansados dos deuses feitos

pelo homem. As pequenas divindades falharam inteiramente. A alegria, a paz, a segurança, e a felicidade que deviam ter trazido não existem.

Até uma leitura apressada da Bíblia ter-lhes-ia ensinado que essas pequenas divindades fracassariam. Dizem as Escrituras: "Não vos virareis para os ídolos, nem vos fareis deuses de fundição... Eu sou o Senhor vosso Deus" (Levítico 19:4). Trata-se de um aviso, de um desafio feito pelo Deus verdadeiro e vivo. Na verdade, a Bíblia ensina no Salmo 59:8 que Deus ri quando olha para esses pequeninos deuses de nossa própria fabricação.

O Apóstolo Paulo nos preveniu para que não transformássemos a verdade de Deus numa mentira (Romanos 1:25). Preveniu-nos também de que não devemos adorar e servir a criatura mais do que ao Criador. No entanto, é precisamente isso o que tem acontecido em grande parte do mundo ocidental. A Bíblia avisa que os "idólatras... não herdarão o reino de Deus" (I Coríntios 6:9, 10). O Apóstolo João escreveu: "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos" (I João 5:21). Mais adiante, é ele quem avisa: "Os idólatras... a parte que lhes cabe será no lago que arde com rogo e enxofre, a saber, a segunda marta" (Apocalipse 21:8).

Aos olhos de Deus a idolatria constitui pecado grave. "Não terás outros deuses diante de mim" (Êxodo 20:3). O juízo incidirá sobre todos os idólatras. Milhões de norte-americanos são culpados de idolatria e muitos deles freqüentam as igrejas, servindo a Deus com os lábios enquanto os seus corações se colocam bem longe dEle. São mais culpados de idolatria do que o selvagem que na floresta se prostra diante de uma imagem que fez com as próprias mãos.

Em todas as Escrituras Deus insiste com o povo para que "volte". Quando a cidade de Nínive cometera suas imoralidades e passara a servir a outros deuses, Jonas foi enviado para avisar seu povo. Pregou o arrependimento nas ruas, e o povo se arrependeu, sendo poupado ao juízo de Deus. Não é tarde demais para que nos arrependamos. Ainda há tempo.

OS PESQUISADORES NUM MUNDO EM CHAMAS

Nas primeiras horas de 7 de dezembro de 1946, quando ainda estava escuro, um incêndio violento irrompeu no Hotel Winecoff, na Rua Peachtree, em Atlanta, capital da Geórgia. Antes que as últimas labaredas houvessem sido apagadas, havia morrido grande número de homens, mulheres e crianças. A maioria não morrera queimada, mas quando procurava desesperadamente fugir. Muitos saltaram de janelas bem acima do solo, tomados pelo pânico e morrendo na queda. Outros foram sufocados pela fumaça e calor enquanto procuravam achar uma saída. Para todos eles, entretanto, fora tarde demais. Haviam simplesmente acordado tarde demais para fugir ao horror daquele edifício em chamas de quinze andares, e morreram procurando um modo de sair dali.

Hoje em dia, com o mundo em chamas, em todos os continentes e países existem os que procuram uma saída. Na verdade, estamos na Era da Procura. Em todos os setores da vida o homem procura a verdade. Recentemente, os Estados Unidos mandaram ao espaço exterior um foguete chamado "O Descobridor" (*The Discoverer*) a fim de procurar a verdade científica. Assim como o homem está procurando a verdade científica, está procurando também soluções, panacéias, significados, remédios para suas necessidades espirituais mais profundas. Nessa procura o homem emprega a sabedoria que acumulou do passado.

O presidente dos Estados Unidos estabeleceu há pouco tempo um serviço singular para o governo, no qual instalou um "homem de pensamento", cuja função única é oferecer idéias novas para serem examinadas. A indústria compreende que o amanhã começa hoje e as transformações se efetuam com tamanha rapidez que os homens têm de projetar o pensamento num futuro de um decênio ou mais, a fim de se manterem a par do progresso. Para conseguir isso, a indústria depende do "planificador comercial", cujo trabalho é pesquisar e sondar, descobrir e planejar. A sua responsabilidade maior é responder à pergunta: "De que

se trata?" Todo esse planejamento, pensamento e elaboração de idéias é bom, mas que dizer das grandes questões da vida e da morte? Não existem perguntas morais e espirituais profundas, que reclamam resposta? O homem sempre pensou assim e por isso temos filósofos, psicólogos e teólogos. Hoje em dia, entretanto, grande parte de nossa procura é materialista, naturalista e humanística.

Um professor da Universidade de Michigan me declarou:

– Assim que tivermos criado a vida num tubo de ensaio, não precisaremos mais de Deus.

Ao que respondi:

– Isso já aconteceu certa vez, quando o homem eliminou Deus e propôs a construção da Torre de Babel. Terminou em frustração, confusão e julgamento.

Numa reunião efetuada em Harvard, um estudante observou:

– Não parece estranho que se gastem milhões de dólares na tentativa de criar a vida, ou descobrir sua origem? Não é nosso problema número um cuidarmos da vida que já temos aqui?

Ou o homem não teve origem em lugar algum e está procurando para onde ir, ou então teve origem em alguma parte, e perdeu o caminho. Em qualquer dos casos, está buscando e procurando. A Bíblia nos conta que o homem começou à imagem de Deus e perdeu o caminho. Uma boa indicação do problema humano de hoje é o aviso visto na traseira de um automóvel, onde se lê: "Não me siga, porque estou perdido."

Carl Jung, o eminente psicólogo, disse em certa ocasião: "O homem é um enigma para si próprio."

Dentro de todos os homens existe um certo sentimento de frustração, e nos recessos de sua alma há um eco de vozes, que diz: "Eu não devia ser como sou. Fui feito para coisa maior. Deve haver um ser supremo. A vida não se destina a esse vazio." Tais vozes, muitas vezes subconscientes e sem articulação, levam o homem a marchar à frente, lutando, em direção a alguma meta desconhecida e sem nome. Podemos tentar esquivar-nos a essa busca, fazer um desvio que nos leve à fantasia,

voltar aos níveis inferiores da vida e procurar fugir a essa tarefa difícil. Na verdade, podemos até desistir temporariamente, levantar os braços em desânimo, e perguntar: "Que adianta?" Mas sempre há algum impulso íntimo que nos leva de volta, e invariavelmente retomamos a procura.

Em todas as culturas os homens se acham empenhados nessa procura eterna. Parte de meus estudos universitários se dedicou à Antropologia, onde se estudavam as sociedades primitivas. Nunca pudemos encontrar qualquer tribo, em parte alguma do mundo e por mais primitiva que fosse, que não estivesse empenhada nessa busca. É a procura da verdade e da realidade. Pode ser grosseira, primitiva ou mesmo vulgar, mas ainda assim é parte da busca!

Estou convencido de que as desordens públicas, arruaças e, muitas vezes, os crimes dos jovens são sintomas dessa busca. O capelão de uma grande universidade no leste dos Estados Unidos foi quem me narrou, falando sobre um grupo de estudantes que viera ter com ele um dia, para lhe dizer: "Queremos fazer uma manifestação a favor de alguma coisa, mas nada encontramos que valha a pena!" Quando observei manifestações efetuadas por diversas causas, sempre pude ver "a procura" escrita nos rostos dos manifestantes.

Na portada do Hotel Ucrânia, em Moscou, estive sentado ao lado de um homem que parecia importante. Foi um dos homens mais cordiais que conheci na Rússia, e falava muito bem o inglês. Começamos a conversar, de início sobre as condições do tempo, depois sobre os *Sputniks*, e finalmente ele disse:

– Atravessei duas guerras, vi muitas transformações, mas resta uma coisa que ainda não mudou.

– E qual é ela? – indaguei, curioso.

– O coração do homem – respondeu ele, batendo no peito. – Seja qual for a forma de governo ou ideologia que abracemos, o coração sempre procura a paz.

Da selva até à universidade, falei com gente de todos os continentes, de comerciantes a soldados, e sempre, por toda a parte,

encontrei os fenômenos milenares, o mistério do *anthropos*, o "que olha para cima", buscando, sondando, indagando à busca do sentido mais profundo da vida, que muitas vezes se encontra oculto.

O dono de um luxuoso hotel balneário na praia de Miami confidenciou-me um dia:

– Billy, tendo tudo quanto um homem pode ter, materialmente. Pensei que havia conseguido realizar-me de todo, mas ultimamente me vejo farto de tudo isso. Sempre desejei ter essas coisas, mas agora que as possuo, parecem-me menos do que pensei que fossem. Acredito que a vida seja mais do que isso."

Tinha razão, e foi Jesus quem disse: "A vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui" (Lucas 12:15).

Quando estive na Índia, um hindu me declarou: "Preciso de alguma coisa aqui!" Dizia isso e batia no peito, sobre o coração. É esse o grito de todos os homens, em todos os tempos: "Preciso de alguma coisa aqui!"

Ao final da Primeira Guerra Mundial, julgamos ter encontrado as respostas. A ciência afirmou sua posição, e a "guerra, para acabar com as guerras" terminara. Criara-se a Liga das Nações, e o progresso se tornou um deus daquela época. Por toda a parte reinava o otimismo, mas ainda não havíamos chegado a 1930 e já parecia que a história fora invertida. Aumentava o crime, decaía a moralidade, esmaecia a fé. Em seguida, veio a Depressão Econômica, surgiram o fascismo e o nazismo, explodiu a bomba atômica – e milhões de seres humanos acabaram morrendo na mais sangrenta guerra de toda a história humana. Quando tudo aquilo terminou, despertamos sentindo na boca e cabeça a ressaca chamada "o equilíbrio do terror".

O HOMEM EXAMINA A SI PRÓPRIO

Enquanto o Ocidente se embalara e adormecera com a doutrina confortável das realizações humanas, uma grande revolução se processara na Rússia. O martelo bateu e a foice ceifou até que uma nova

ordem social chamada "comunismo" aparecesse como uma das ideologias mais poderosas de todos os tempos. Contestava todos os conceitos já sustentados pelo homem e ameaçava a vida do mundo inteiro. Tornou-se o maior desafio já enfrentado pelo cristianismo, em dois mil anos de existência, e logo se reconhecia que o comunismo era multo mais do que mero determinismo econômico. Era uma religião fanática, que fazia perguntas e exigia respostas. Por todo o mundo, os estudantes e estudiosos começaram a fazer perguntas, como nunca tinham sido feitas antes.

Mais uma vez, o homem se viu forçado a examinar sua alma. As perguntas que julgávamos respondidas eram novamente formuladas. O que é o homem? De onde veio? Qual o seu destino neste planeta? Para onde vai? Existe Deus? Se existe, revelou-se ao homem? O homem pode conhecer Deus? Deus tem importância no plano da vida diária e comum? Deus tem, realmente, *qualquer* importância em nossas vidas? Faz alguma diferença?

O Dr. Jung afirmou que "a neurose central de nossa época é a vacuidade", e pondo em ação suas palavras abraçou o cristianismo para preencher o vazio de sua própria vida. Aqui e acolá, outros intelectuais decepcionados com as metas rasteiras de uma sociedade materialista começaram a examinar a alma. Muitos se voltaram para um livro antigo, chamado Bíblia. Milhares se arrebanharam sob diversos messias e outros recorreram às drogas que permitiam uma fuga, tais como o DMT, o UM-491, o LSD-25 e o CI-395. Outros, ainda, ingressaram em cultos estranhos. Ainda assim, foram inúmeros os que começaram a descobrir respostas, mediante a renovação da fé que seus pais haviam cultivado.

Por toda a parte as pessoas estão procurando alguma coisa que dê resultado. Gostaríamos de nos salvar, pois isso faria bem à nossa vaidade e orgulho. O nosso amor-próprio é fortalecido quando acreditamos que podemos arranjar-nos independentemente de Deus. Como Lúcifer, dizemos: "Serei semelhante ao Altíssimo" (Isaías, 14:14). O poder destruidor do orgulho está em não reconhecermos coisa alguma acima de

nós próprios. Devido a um defeito inerente a nossa natureza, o homem inclina-se para o lado do erro. Em nosso desejo intencional de viver independentemente de Deus, cortamos o elo que nos prendia à fonte de toda a vida, separamo-nos da única esperança.

Jamais uma geração foi levada a sofrimento mais intenso, a maiores dificuldades, dores e desespero do que a nossa. O medo que paralisa, a dor que estonteia, a guerra que devasta, a morte trágica, o pessimismo intelectual, tudo isso nos assalta porque o homem, em seu orgulho, recusa voltar-se para Deus! Lembramo-nos das palavras de Jesus, que disse: "Não só do pão vive o homem" (Mateus 4:4). O homem é constituído de tal modo que não pode subsistir sem Deus. Não lhe bastará a prosperidade material: precisamos ter Deus. Penetrar no espaço exterior, pausar na Lua ou em Marte, por mais emocionante e grandioso que isso possa ser, não satisfará a fome íntima do homem. Ele precisa ter Deus! Mais tempo de lazer, viver em lares confortáveis, dirigir automóveis de grande força mecânica, dispor de televisão em cores, tudo isso não constitui a solução. O homem precisa ter Deus!

Ao final de sua vida, Buda declarou: "Ainda estou procurando a verdade." Essa afirmação poderia ser feita por inúmeros milhares de cientistas, filósofos e chefes religiosos de toda a história. Jesus Cristo, no entanto, fez a afirmação espantosa: "Eu sou a verdade" (João 14:6). Ele é a corporificação de toda a verdade, e a única meta para a procura humana se encontra nEle.

FÉ VERSUS INTELECTUALISMO ORGULHOSO

Não bastará também mantermos uma atitude analítica para com Deus. Vivemos numa época em que o destaque maior se confere ao intelectualismo soberbo. A Bíblia ensina que, por intermédio do saber, o homem não poderá encontrar Deus. Foi Jó quem fez a pergunta: "Porventura... penetrarás até a perfeição do Todo-Poderoso?" (Jó 11:7). Note-se que Jó não perguntou: "Não poderás, pela procura, encontrar

Deus?" Jó dizia que um homem, com sua capacidade mental limitada, nem sequer pode medir e compreender a imensidade de Deus. É possível encontrar Deus, mas é impossível "descobrir" a infinidade da imensidade de Deus. Em outras palavras, o homem gostaria de pôr Deus dentro de um laboratório, contê-Lo nos limites do seu pequeno cérebro. Está claro que tal empresa é impossível. Nem sequer podemos provar-Lhe a existência, mas sabemos Ele existe.

Jamais se poderá reduzir o cristianismo à razão, apenas. Esta é uma das minhas divergências com alguns teólogos, que tentam reduzir todo o conteúdo da fé cristã a um exercício de ginástica intelectual. Se o homem quiser encontrar Deus, deverá apresentar-se com uma fé simples e infantil, e em completa dependência de Sua Palavra revelada. A palavra "fé" é empregada 92 vezes no Evangelho de João, indicando parte do grande destaque que a Bíblia lhe confere.

Tenho um amigo que jurou, durante seus estudos superiores, tornar-se milionário antes de chegar aos 25 anos de idade, e atingiu seu objetivo com pouco esforço. Tornou-se vitorioso homem de negócios, alcançara sua meta, casara-se com uma bela mulher e podia dizer: "Tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come e bebe, e regala-te" (Lucas 12:19). No entanto, ele e a mulher sentiam-se mal em meio à sua opulência. Levados pela curiosidade, vieram a uma de nossas reuniões e responderam ao apelo para que recebessem Jesus Cristo. Cristo exigia uma decisão, um salto, uma escolha! Eles deram esse salto, e hoje são duas das criaturas mais radiosamente felizes que conheço.

A REVOLUÇÃO SEM SANGUE

Está-se processando em nossos dias uma revolução silenciosa e sem sangue. Ela não se apresenta com fanfarras, cobertura jornalística ou propaganda, mas está transformando o curso de milhares de vidas. Está restituindo o propósito e significado à vida de homens de todas as raças e nacionalidades, que encontram a paz com Deus.

O Dr. Fred Smith foi um dos maiores bioquímicos do mundo. Educado na Grã-Bretanha, e professor na Universidade de Minnesota até sua morte, que ocorreu há pouco tempo, o Dr. Smith veio a uma de nossas reuniões para "ver o espetáculo". Por meio da ciência, estivera procurando as respostas para as perguntas mais profundas de seu coração e naquela norte, depois de uma mensagem simples, encontrou o que procurava.

É neste ponto que a narrativa sobre o incêndio no hotel de Atlanta deixa de servir como exemplo, pois *existe* um modo de escapar. A garantia e a segurança estão ao alcance de todos aqueles que procuram. O homem jamais precisa saltar afoitamente para a destruição certa para escapar aos problemas deste mundo, pois a despeito de os filósofos modernos dizerem que não há saída, Jesus Cristo continua acenando a todos os que procuram e continua a dizer "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (João 14:6).

Meu amigo, o Dr. Kenneth L. Pike, professor de Lingüística na Universidade de Michigan, escreveu um livrinho penetrante, intitulado *With Heart and Mind* (De Coração e Vontade), e num de seus capítulos, chamado "Receita Para Intelectuais", ele afirma: "Aquele que caiu, afastou-se e quer ser purificado, perdoado e reabilitado não precisa de grande compreensão de como lhe vem a ajuda pedida; precisa apenas da ajuda, e bem depressa."

Quando nos estamos afogando, só gritamos uma palavra: "Socorro!" Nesse momento, não tentamos raciocinar para saber como chegamos àquela situação de perigo. Sabemos que precisamos de ajuda, gritamos por ela e nos agarramos a qualquer coisa que apareça. Isso é tudo que faz a pessoa que "caiu", estando indefesa e sabendo disso. Não é preciso conhecer a filosofia do cristianismo para conseguir ajuda, pois as Escrituras dizem: "Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo" (Romanos 10:13).

O Dr. Pike, no entanto, mostra que o mesmo não acontece ao intelectual que já tem sua estrutura mental formada logicamente, como um sistema coerente com todas as peças ajustadas uma à outra num mosaico

claro, de modo que a remoção de uma dessas peças destrói o desenho geral. O intelectual acha que deve ser capaz de compreender, antes de ir ter com Cristo. O intelectual não consegue estender o braço e segurar-se à mão que ajuda, porque precisa ter toda a situação explicada em termos de seu sistema de pensamento. Quer conhecer a fonte daquela ajuda, quem o está auxiliando, pois já se comprometeu com um conjunto de hipóteses rígidas que julga abarcar tudo. Do seu ponto de vista, seu sistema é completo.

Também Nicodemos foi intelectual, e também ele dispunha de um sistema filosófico e teológico bem rígido, já elaborado, e devemos notar que se tratava de um bom sistema! Chegava a incluir a crença em Deus. A estruturação mental de seu sistema religioso e filosófico não dava lugar a Jesus como Filho de Deus.

Mas o que disse Jesus a esse intelectual? Disse-lhe coisa assim: "Nicodemos, lamento não poder explicá-lo a ti. Viste algo que te perturba, viste algo que não se ajusta, a teu sistema. Viste-me sendo bom e ouviste-me dizer que sou Deus, que ajo com o poder de Deus. Isto não se ajusta a teu sistema, mas não posso explicá-lo a ti, porque tuas suposições não dão lugar a um ponto de partida. Nicodemos, para ti isso não é lógico. Em teu sistema, nada o permite. Lamento não poder explicá-lo. Tu terás simplesmente que nascer de novo" (João 3:1-5).

Em outras palavras, Nicodemos tinha de começar sem, ao menos, ser lógico em seu próprio ponto de vista. Tinha de começar sem ajustar o que Jesus dissera a seu sistema. Tinha de dar um salto, tocado pela fé, passando ao novo sistema.

Se você quer achar a resposta para sua procura, também terá de rejeitar grande parte de seu antigo sistema e entrar nesse novo sistema. Como diz o Dr. Pike, "ao intelectual não se precisa dizer que todo o seu sistema deve ser substituído... que ele terá de nascer de novo. O cristianismo não é um acréscimo, não é coisa que se adiciona ao existente. É uma visão total e nova, que não se satisfaz com menos do que a penetração nos recantos mais profundos da mente e da compreensão".

QUEM SOU EU?

Em hora bem adiantada da noite, e durante debates travados em Yale, um estudante repentinamente perguntou: "Quem sou eu?" Alguns estudantes, não percebendo a profundidade da pergunta, começaram a rir. Eu, que estava presente, não ri, pois sabia que aquele estudante fizera uma das perguntas mais profundas jamais formuladas.

Há muito tempo, Sócrates afirmava: "Conhece-te ti mesmo." O homem moderno acha-se ainda mais perplexo, diante da busca por conhecer a si próprio, do que os filósofos da antigüidade. Muitos de nossos pensadores modernos indagam, com dúvida, se o homem é cognoscível. De onde vim? Por que estou aqui? Para onde vou? Qual o motivo de minha existência? Estas perguntas atormentam todos os homens que pensam.

Está ainda bem próxima a época na qual o homem achou que podia dominar e governar o mundo por meio das suas realizações científicas, de modo que resolveu jogar Deus pela janela. No entanto, está agora começando a compreender que, ao fazer isso, atirou-se também pela mesma janela. Embora tenha conseguido êxitos brilhantes na ciência, o homem pouco avançou na compreensão de si mesmo. Afirma o Dr. Fred H. Klooster: "É bem verdade que o homem chegou a uma percepção mais realista de si próprio, mas tal experiência fez apenas sombra a seus mitos antigos e o deixou no cepticismo ou no desespero. Manifestações tremendas do mal na sociedade industrial e a violência destilada nas guerras mundiais estraçalharam o mito liberal da bondade trata do homem."[1]

PESSIMISMO

Os autores modernos descrevem o pessimismo de nossa época e muitos, erguendo os braços em desespero, disseram que não existe solução para o dilema humano. Ernest Hemingway, em *Death in the*

Afternoon (Morte na Tarde), afirmou: "Não há remédio para coisa alguma na vida... a morte é o remédio soberano para todos os infortúnios." Milhões de pessoas concordam com as palavras do Hemingway: "Vivo num vácuo tão solitário quanto a válvula do rádio quando as baterias se esgotaram e não há tomada para ligar a corrente."

Eugene O'Neill, em *Long Day's Journey into Night* (Jornada Noturna de um Longo Dia), exemplifica a atitude filosófica de nossos dias, de que a vida constitui uma busca do sentido da mesma. "O único significado da vida é a morte", diz ele, "de modo que devemos enfrentá-la com coragem, até mesmo com amor pelo inevitável. A morte se toma um cobertor para a noite fria." O filme *The Misfits* (Os Desajustados), que seria o último no qual Clark Gable e Marilyn Monroe trabalhariam juntos, narra a história da "gente perdida". *After the Fall* (Após a Queda), de Arthur Miller, contém o enredo da falta de esperança na existência. Estamos numa era de vacuidade espiritual, na qual o homem procura com desespero, mas poucos parecem estar encontrando.

Foi assim que o homem se secularizou, estando agora em perigo de entrar num estado de niilismo espiritual. Nega os valores espirituais, perdeu a fé e rejeita quaisquer ideais superiores à satisfação de seus apetites.

"Enquanto Nietzsche afirmava que Deus morrera no século XIX, há agora quem acrescente ter o homem morrido no século XX. Como a relação entre Deus e o homem é tão estreita, ao se dissolver a fé em Deus o conhecimento do homem sobre si próprio também se faz impossível."[2]

O dilema do homem moderno é que ele não sabe quem é, ou em que consiste o significado de sua vida.

Em minhas viagens pelo mundo, descobri certas verdades que me produziram grande impacto. Uma delas é a verdade de que o homem é o mesmo, em todas as partes do planeta. As suas aspirações, esperanças, sonhos, problemas, dificuldades são os mesmos, em essência, quer se encontre no coração da África ou na América. Outra verdade que me impressionou, enquanto estudava o homem em todos os continentes, é

que em essência ele não é diferente hoje do que foi há mil anos atrás. Mudam as circunstâncias que o rodeiam, mas a natureza humana permanece essencialmente a mesma. Como disse Goethe, "a humanidade está sempre avançando, e o homem continua o mesmo".

Desse modo, o problema com que o mundo hoje se defronta é o problema antropológico. Que é o homem? Qual é o seu propósito, na existência? Existe apenas um livro no mundo que proporciona resposta adequada, e esse livro é a Bíblia. A natureza e o destino do homem estão revelados nas Escrituras.

O HOMEM FEITO PARA DEUS

Dizem-nos as Escrituras que Deus fez o homem à sua imagem e semelhança. Não se tratava de imagem física, pois Deus é espírito e não tem corpo. O homem apresenta a imagem de Deus em suas faculdades racionais e morais, e em sua natureza social. Deus deu ao homem o livre arbítrio, que o distingue de todas as demais criaturas do mundo, fazendo-o pertencer à mesma ordem de existência do próprio Deus. Assim, por termos sido feitos à imagem de Deus, podemos conhecê-Lo. Se não fôssemos como Deus, não O poderíamos conhecer.

Adão e Eva eram perfeitos. Em Eclesiastes 7:30, lemos: "Deus criou o homem reto" e em Gênesis 1:31, temos a indicação de que o homem era moralmente perfeito. No início, não existiam coisas tais como a concupiscência, a cobiça e o ódio.

Por ser mental, moral e socialmente como Deus, o homem era livre, também. Pensava, compreendia, era bom, tinha afeições e podia fazer escolhas. Com respeito ás escolhas morais, sua vontade ou arbítrio era internamente livre. Sempre teve a capacidade de escolher o certo, mas recebera também o poder de escolher o mal. A liberdade de Adão se acha implicada no mandamento de Deus: "De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, indubitavelmente

morrerás" (Gênesis 2:16, 17). Se o homem *não pudesse* fazer o mal, nesse caso para que alertá-lo? Se nada podia fazer, senão pecar, então por que puni-lo? O homem tinha a faculdade de não pecar e a de pecar.

Não existe indicação científica concludente de que o homem "venha do macaco". Embora os animais fossem criados "à imagem de sua espécie", vemos que "criou Deus, pois, o homem à sua imagem" (Gênesis 1:27). A Bíblia não nos diz exatamente como Deus criou o homem e não adianta especularmos sobre o assunto. Sabemos apenas que o homem é um ser ímpar, diferente e especial. Até onde sabemos, não existiam no universo outras criaturas comparáveis a ele. Era o ato de coroação da criação divina. Um animal tem consciência, mas o homem tem consciência de si próprio. O animal não objetiva ou concretiza o eu íntimo. Se um cachorro pudesse dizer, uma vez apenas, "Eu sou um cachorro", deixaria de sê-lo. O animal não distingue o "eu íntimo" de suas sensações. O homem é um ser consciente de si próprio e autodeterminado, feito à imagem de seu Criador e capaz de decisões morais entre o bem e o mal.

A SOCIEDADE DO HOMEM COM DEUS

De início, Deus e o homem eram amigos, andavam juntos e conversavam. Faziam grandes planos sobre como este planeta seria povoado e desenvolvido. O planeta Terra deveria mostrar a glória de Deus a todo o universo, deveria ser o centro das atividades de Deus em Sua sociedade com o homem.

Torna-se inteiramente evidente que Deus desejava a companhia de uma criatura como o homem, e assim este foi criado com um propósito elevado e exaltado, um destino elevado e exaltado. O homem deveria ser o maior amigo de Deus, Seu companheiro no cultivo e aperfeiçoamento da Terra.

Deus não criou o homem como um mecanismo, de modo que pudesse aportar um botão e com isso o homem Lhe obedecesse. O

homem não era uma máquina, era um "eu íntimo". Tinha dignidade e vaidade, podia escolher, se quisesse, a amizade e companhia de Deus ou não. Deus não queria que Sua criatura O amasse por ser obrigado a isso. Não teria sido amor verdadeiro. Queria o amor e companhia do homem quando este resolvesse amar a Deus.

Assim é que, desde o início, Deus passou a submeter o amor e amizade do homem a provas. Por esse motivo, colocou a árvore no jardim do paraíso, dizendo: "De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, indubitavelmente morrerás" (Gênesis 2:16, 17).

Deus prometeu recompensar o homem com "a árvore da vida" se ele obedecesse, mas estabeleceu a penalidade máxima pela desobediência. Não sabemos tudo o que "a árvore da vida" implica, mas a recompensa deve ter sido algo muito além de nossa compreensão. Se aceitamos a narrativa do Gênesis, que Cristo certamente aceitou, nesse caso toda a vida tem um significado.

A VIDA COM UM PROPÓSITO

Quando os estudantes promoveram desordens públicas num fim-de-semana em que se celebrava o Dia do Trabalho nos Estados Unidos, em cerimônias efetuadas na praia de Hampton, em New Hampshire, alguns deles foram entrevistados, sendo-lhes perguntado por que tinham assim agido. Algumas das respostas foram muito esclarecedoras. "Não temos um propósito ou coisa alguma pela qual viver." "A vida não tem sentido". Em meio à crise e transformação mundiais, há milhares que se esforçam por achar o propósito e sentido da vida. A pergunta que se formula é: "O que é o sentido?" Nietzsche já disse: "Se o homem tem um *porquê* em sua vida, pode suportar quase todo *como*." Disse Albert Camus: "Eis o que me assusta: é ver dissipado o sentido desta vida, ver

desaparecer o nosso motivo de existência. Isso é que se mostra intolerável. O homem não pode viver sem um propósito."

O homem feito à imagem divina no entanto, tem um significado. Existem propósito, destino e significado na vida. No livro intitulado *From Death Camp to Existentialism* (Do Campo de Morte ao Existencialismo) Victor Frankl, que sofrera os maiores horrores às mãos dos nazistas, é quem diz: "Todo esse sofrimento e morte ao nosso redor possuem um sentido? Pois se não tiverem, nesse caso não há um sentido supremo para a sobrevivência."

Foi Jean-Paul Richter quem afirmou, certa feita: "Jamais esquecerei o fenômeno em mim mesmo... quando estive diante do nascimento de minha própria autoconsciência, cujo lugar e momento guardo bem claramente na memória. Certa manhã, eu estava em pé, na porta da casa, e olhando para a pilha de lenha, quando num instante a revelação íntima 'eu sou eu' veio como um relâmpago do céu e se apresentou com toda a claridade diante de mim. Naquele momento, eu vira a mim próprio como eu... pela primeira vez e para sempre."

Esse "eu" foi feito à imagem de Deus para a companhia de Deus. Sem Deus, ele é desgraçado, vazio, confuso e frustrado. Sem Deus, a vida não tem significado, mas com Deus ao centro dela existe vida, vigor e paz internos, uma satisfação profunda, uma alegria perene só conhecida daqueles que conhecem Jesus Cristo. Com Ele, até as dificuldades e sofrimentos da vida podem tornar-se os meios pelos quais se chega àquela alegria íntima que tem sua glória na atribulação.

"Afastados de Jesus Cristo não sabemos o que é nossa vida, ou nossa morte, ou Deus, ou nós próprios", escrevia Pascal. Com Jesus Cristo, podemos saber.

A DOENÇA FATAL DO HOMEM

Há poucos anos, um médico recém-formado começou a clinicar numa pequena cidade. Um velho foi o seu primeiro cliente e o jovem médico estava nervoso, querendo causar boa impressão inicial. O velho enumerou todos os seus padecimentos e esperou que o médico fizesse o diagnóstico. Depois de examiná-lo longamente, o jovem doutor não conseguiu encontrar a indicação do que havia com o doente e afinal perguntou:

– Já teve essa doença antes?

– Sim, muitas vezes – respondeu o ancião.

– Pois bem, está novamente com ela – explicou o médico.

Quando olhamos o mal-estar, a frustração, a confusão e os males profundos de nossa era, tudo quanto podemos dizer é repetir com aquele esculápio: "O mundo está novamente com ela." Mas, que mal é esse?

Todos os jornais e revistas que examinarmos trarão indicações da doença, humana – ódio, concupiscência, cobiça, preconceito, manifestando-se em milhares de modos diferentes, todos os dias. O próprio tato de termos policiais, cadeias e forças militares constitui indicação de que alguma coisa está positivamente errada.

Na verdade, o homem é um paradoxo. De um lado, encontramos nele a futilidade, a degradação e o pecado; do outro, encontramos a bondade, a gentileza e o amor. Como disse Sêneca: "Os homens amam seus vícios e, ao mesmo tempo, os odeiam."[1] Onde quer que examinemos, encontramos o paradoxo do homem. É o pecador irremitente e, ao mesmo tempo, apresenta capacidades que o relacionam com Deus. Não admira que Paulo se referisse à doença do homem como "o mistério da iniqüidade".

Assim é que todos nós reconhecemos estar doente a raça humana e igualmente reconhecemos que o homem apresenta uma doença que lhe afetou toda a vida. A essa doença a Bíblia dá o nome de pecado, e ensina que o homem é pecador.

O que é o pecado? A Confissão de Westminster define-o como "qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, ou qualquer transgressão desta lei". Em palavras mais simples, o pecado é qualquer coisa contrária à vontade e à lei de Deus.

A ORIGEM DO PECADO

A questão que nos confunde é: Onde o mal e o pecado se originaram, e por que Deus os permitiu? A Bíblia ensina que o pecado não se originou com o homem, mas com o anjo que passamos a conhecer como Satanás. No entanto, o modo exato pelo qual o pecado se originou não é inteiramente conhecido. Trata-se de um daqueles mistérios que a Bíblia não revela em sua inteireza. De quando em vez percebemos, de relances, na Bíblia, a resposta desse enigma.

No vigésimo oitavo capítulo de Ezequiel, por exemplo, vemos a descrição de um ser grande e glorioso, de quem diz o profeta: "Tu eras querubim da guarda, ungido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus... Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, *até que se achou iniqüidade em ti"* (Ezequiel 28:14, 15).

Nisto temos um vislumbre de onde a coisa começou. Em algum passado longínquo a iniqüidade foi encontrada no coração de uma das criaturas mais magníficas do céu. Como essa iniqüidade chegou lá, não nos dizem. Por algum motivo, não agradou a Deus revelar a resposta completa do mistério do início da iniqüidade, bastando-nos saber que ela se acha no mundo e que o homem caiu sob o seu poder.

No livro de Isaías temos outro indício sobre a origem do mal: "Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu que dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. Contudo foste precipitado no reino dos mortos, no mais

profundo do abismo" (Isaías 14:12-15). Aqui temos um quadro do pecado de Lúcifer, a descrição da iniqüidade encontrada em seu coração, mas não há explicação de como ela chegou lá.

Com base nessas referências ficamos sabendo que ele caiu e se tornou Satanás devido à sua ambição desmedida. O Novo Testamento nos apresenta de relance uma indicação quanto ao pecado do orgulho: "Não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça, e incorra na condenação do diabo" (I Timóteo 3:6). Aqui o Apóstolo Paulo afirma que o pecado básico de Lúcifer foi o orgulho.

REVOLTA CONTRA DEUS

O pecado é uma revolta contra Deus, o estabelecimento de uma independência falsa, a substituição de uma "vida para Deus" por uma "vida para si".

Quando chegamos à entrada do pecado da raça humana, a Bíblia se mostra muito mais detalhada e ensina que, por culpa de um ato do homem, o pecado veio ter ao mundo, com todas as suas conseqüências universais. Esse homem foi Adão, e o ato foi a prova do fruto tirado da árvore do conhecimento do bem e do mal, que Deus proibira (Romanos 5:12-19, Gênesis 3:1-8; I Timóteo 2:13, 14). Deus concebeu ao homem o dom da liberdade e este podia escolher entre servir e amar a Deus e rebelar-se e tentar construir seu mundo sem Deus. A árvore do conhecimento do bem e do mal serviu como prova.

A causa imediata da rebelião do homem foi a "concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (I João 2:16). "Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu" (Gênesis 3:6).

Séculos mais tarde, Cristo enfrentou as três mesmas tentações no deserto. Venceu-as todas, mostrando assim que é possível ao homem resistir às tentações de Satanás (Mateus 6:1-11).

Desejar o que Deus proibiu é preferir-se a Deus, e isso constitui pecado. Nos Dez Mandamentos se diz que não cobicemos ou sejamos concupiscentes. Recebemos instruções para não desejar coisa alguma proibida por Deus, mas Adão e Eva falharam em sua prova e tiveram um ato de rebelião contra Deus. No entanto, toda a lei moral é mais do que uma prova, pois se destina ao bem do próprio homem! Todas as leis que Deus apresentou foram feitas em benefício do homem, e se este as viola não se está apenas rebelando contra Deus, mas também prejudicando a si próprio.

Deus avisara antes: "Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, indubitavelmente morrerás" (Gênesis 2:17). Por ter o homem violado esse mandamento de Deus, morreu espiritualmente e teve de enfrentar a morte eterna. As conseqüências do pecado cometido por Adão e Eva foram imediatas, de longo alcance e terríveis. Se houvessem obedecido a Deus, só nos é dado imaginar as possibilidades que o homem teria concretizado nos milhares de anos posteriores àquele ato. Não teria havido ódio, cobiça, preconceito. Não teria havido guerras e o homem jamais teria conhecido o sofrimento, a doença, a pobreza ou a morte. Deus e o homem, juntos, teriam construído neste planeta uma gloriosa ordem social inteiramente desconhecida de nós hoje.

Bem pouco vale, entretanto, especular sobre o que poderia ter sido, mas não foi. O pecado é o fato obstinado de nosso mundo, e temos de aceitá-lo.

Assim é que no primeiro capítulo do Gênesis lemos a narrativa da glória potencial do homem como criatura feita à imagem de Deus e dos efeitos de ter cedido à tentação, com a tragédia e a degradação seguintes. Ali se mostra que o mal existiu antes do homem, não nasceu dele. Já existia uma falha e uma desarmonia na criação, na pessoa de Satanás, que fora um príncipe-anjo ou vice-rei de Deus. Dessa fonte do mal é que surgiu a tentação do homem, mas isso não o liberta da responsabilidade pelo seu ato de rebelião.

A Bíblia ensina assim que o principal problema do homem é espiritual, e a base desse problema é revelada na narrativa do Gênesis sobre a tentação e queda do homem. Deus o criou livre, não só para obedecer mas também para desobedecer. Se a desobediência não fosse possível, a obediência seria destituída de qualquer sentido.

Nessa liberdade, o homem foi na verdade submetido a duas opções que se neutralizavam mutuamente. Deus ofereceu ao homem a supremacia e poder, se este se submetesse à lei e ao governo divinos. Satanás oferecia esclarecimento e semelhança aos deuses, ao homem, se este desobedecesse a Deus.

Embora as recompensas pela obediência ultrapassassem de muito as da desobediência, o homem preferiu desobedecer.

Qual foi o resultado? Satanás prometera ao homem o conhecimento do bem e do mal, e de modo deturpado manteve sua palavra, mas ao invés de mostrar o mal da altura do bem, ele mostrou o "bem" do abismo profundo do mal. Conforme o plano de Deus, por meio da vitória sobre a tentação, o homem deveria ter percebido o que é o bem e o que seria o mal. Mas, pelo pecado, o homem na verdade percebeu o que o mal é, o que o bem teria sido. E, por ter deliberadamente pecado, devia agora ser também cortado da árvore da vida. A morte ingressou na realidade humana, e o inferno teve início no paraíso.

O universo em que vivemos está sob a lei de Deus. No reino material, os planetas se movem com precisão cronométrica. Em todo o universo vemos harmonia, ordem e obediência. Deus não é menos exigente na ordem espiritual e moral, que é mais elevada. Embora Deus ame o homem com amor infinito, não pode e não quer aceitar a desordem, e por isso determinou leis espirituais que, se obedecidas, trazem harmonia e realização, mas, desobedecidas, trazem discórdia e infelicidade.

O resultado claro do pecado adâmico veio numa série de modos. Tanto Satanás quanto Adão haviam desafiado a lei divina. Eles não a invalidaram, mas se invalidaram ao transgredi-la. Como Deus avisara,

"no dia em que dela comeres, indubitavelmente morrerás" (Gênesis 2:17). O resultado foi a morte, como fora predito. A vida de beleza, liberdade e companhia que Adão conhecera estava terminada. O pecado dera em resultado uma morte em vida. A natureza tornou-se amaldiçoada e o veneno do pecado infeccionou toda a família humana. Toda a criação foi largada em desarmonia, e o paraíso ganho era agora um paraíso perdido! A Terra se transformara num planeta em rebelião!

O QUE É O PECADO?

Há muitas palavras no Novo Testamento que foram traduzidas como "pecado". Uma das mais comuns é *hamartia*, que significa "errar o alvo". O pecado é errar o alvo a que deve mirar a vida, e que esta deveria atingir. Desse modo, o pecado é deixar de corresponder aos padrões estabelecidos por Deus. Como nenhum de nós pode cumprir todas as leis de Deus invariavelmente, todos nós "erramos o alvo". A Bíblia disse do próprio início da humanidade: "Porque todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra" (Gênesis 6:12). Diz o rei Davi: "Todos se extraviaram e juntamente se corromperam: não há quem faça o bem, não há um sequer" (Salmos 14:3). Isaías, o profeta, confessava: "Todos nos andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho" (Isaías 53:6). E o rei Salomão dizia: "Pois não há homem que não peque" (II Crônicas 6:36).

SOMOS PECADORES POR DECISÃO PRÓPRIA

Embora a tendência ao pecado nos tenha sido transmitida por nossos primeiros pais, somos também pecadores por decisão nossa. Quando chegamos à idade da responsabilidade e nos vemos diante da escolha entre o bem e o mal, todos preferimos de vez em quando ficar raivosos, dizer uma mentira e agir egoisticamente. Como disse Davi: "Eu nasci na iniqüidade, e em pecado me concebeu minha mãe" (Salmos 51:5).

Isto não quer dizer que ele tivesse nascido fora de matrimônio, mas que herdara dos pais a tendência ao pecado. Assim é que Jeremias afirmava: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?" (Jeremias 17:9).

Um adolescente de dezessete anos assassinou a punhal um ancião em Brooklyn. Mais tarde, na delegacia de polícia, afirmou: "Não sei por que fiz isso." Afirma um grande domador de leões: "Não há leão domesticado. Um leão pode ser bem comportado hoje e ferocíssimo amanhã." Nenhum de nós pode, realmente, confiar em seu coração e a Bíblia apresenta esse ponto de modo bem incisivo, ao dizer: "Eis que o pecado jaz à porta" (Gênesis 4:7). Em circunstâncias favoráveis, a maioria de nos é capaz de cometer quase qualquer transgressão.

Isto não quer dizer que todas as pessoas se acham privadas de qualidades agradáveis. O ser humano pode apresentar certas qualidades morais, pode ser um cavalheiro em todos os sentidos da palavra. As Escrituras, no entanto, ensinam que todas as pessoas são destituídas do amor por Deus que é a exigência fundamental da lei. Isso significa que o homem comum é dado a preferir o "eu íntimo" a Deus.

Desde que o homem deixa de atender às exigências de Deus, é culpado e está sob condenação. Ser culpado significa que o homem merece castigo, e a santidade de Deus reage contra o pecado porque Ele é um Deus santo. Por isso, existe "a ira de Deus" (Romanos 1:18).

OS RESULTADOS DO PECADO

A Bíblia nos ensina que o pecado afeta o espírito. "Ora o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus... e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente" (I Coríntios 2:14). Embora um homem possa mostrar-se brilhante em algumas coisas, pode também estar grosseiramente confuso sobre as realidades espirituais. A Bíblia ensina que existe um véu sobre o seu espírito. Antes que alguém se possa converter a Cristo, esse véu deve ser levantado, o que se faz pelo poder

sobrenatural do Espírito Santo. Sem esse "erguer o véu," não há possibilidade de que um homem chegue a Deus. O Evangelho de Jesus Cristo não é antiintelectual, e exige o uso da inteligência, mas esta se acha afetada pelo pecado e está a serviço de uma vontade rebelde. Em análise final, o homem deve submeter a sua inteligência à autoridade de Cristo. Em anos recentes, vi grande número de intelectuais responderem ao Evangelho. Muitos tentaram entrar primeiramente pelo raciocínio, e não conseguiram! Deve haver uma resposta dada por todo o homem, intelecto, vontade e emoções, à iniciativa salvadora de Deus.

Ensina também a Bíblia que o pecado afeta a *vontade*. Foi Jesus quem disse: "Todo o que comete pecado é escravo do pecado" (João 8:34). Existem inúmeras pessoas que vivem sob a tirania do orgulho, ciúme, preconceito, ou sob a escravidão do álcool, barbitúricos ou entorpecentes. Até alguns que não querem fazer as coisas que fazem mostram-se sem força para abandoná-las; tomaram-se escravos, gritam pedindo libertação mas não parece haver saída. Foi Cristo, no entanto, quem proclamou: "E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (João 8:32). Ele é a verdade; Ele poderá libertar-nos.

O pecado também afeta a *consciência,* a ponto de nos tornarmos vagarosos na percepção de que o pecado se aproxima. A Bíblia fala do caráter enganoso do pecado. Os psicólogos aprenderam que podem pôr uma rã na água quente e que o animal saltará dali, mas se puserem a rã em água morna e a aquecerem gradualmente, poderão cozê-la sem que o animal pule fora. O mesmo acontece com o pecado. Houve uma época em que você andou perturbado e atormentado pela consciência, devido a determinado pecado. Pode ter sido alguma imoralidade, uma mentira, ou a primeira desonestidade na escola, mas já agora a sua consciência não o incomoda. O seu coração se endureceu, e você não apresenta mais sensibilidade a coisas que sabe que são erradas. Você formou um sistema racional para manter tranqüila a consciência.

No primeiro capítulo da Epístola aos Romanos, o Apóstolo Paulo dizia que, devido ao fato de os homens estarem tão entregues a seus

pecados, "Deus os abandonou". Certa feita, Deus disse a respeito de Efraim: "Efraim está entregue aos ídolos; é deixá-lo" (Oséias 4:17).

Trata-se de um dos mais terríveis resultados do pecado. Começamos a chamar o preto de branco – e o branco de preto. Não sabemos mais a diferença entre o bem e o mal. Conheci homens que mentem habitualmente, e há tanto tempo vêm mentindo que não conseguem mais distinguir a verdade da mentira. A sua sensibilidade ao pecado foi quase inteiramente embotada.

A totalidade dessa infecção se reflete em todas as partes das Escrituras, em todos os jornais que lemos. Reflete-se em todas as noticias divulgadas pelo rádio e pela televisão. O homem é assim descrito como um ser totalmente depravado e corrompido. Isso não quer dizer que ele seja de todo pecaminoso, desesperada e irreparavelmente mau, sem qualquer traço de bondade; quer dizer que o pecado infeccionou a totalidade da vida humana, obscurecendo-lhe a inteligência enfraquecendo-lhe a vontade e corrompendo-lhe as emoções. O homem está alheado de Deus e necessitado de restauração. As suas inclinações naturais e instintivas afastam-no de Deus e orientam-no para o pecado.

Em sua auto-afirmação, como o pai Adão, o homem gostaria de crer que pode construir o seu mundo sem Deus. Aí está a sua depravação. Ele gostaria de acreditar que os seus problemas podem ser resolvidos mediante soma maior de conhecimentos, pela diplomacia, pelas negociações, por suas próprias maquinações. Aí está sua depravação. Ele gostaria de crer que pode salvar a si próprio, por suas próprias obras e esforços meritórios. Também aí está sua depravação.

A MORTE TRÍPLICE

Já que todos os homens pecaram, todos estão sob a penalidade máxima da morte. O homem sofre não só em conseqüência do pecado cometido nesta vida, mas tem ainda de enfrentar o julgamento que virá

um dia. Assim como sucedeu com Adão, sucederá com todos os homens. Deus castiga o pecado com tríplice morte – física, espiritual e eterna.

Em primeiro lugar, existe a morte física. É a Bíblia quem afirma: "Aos homens está ordenado morrerem uma só vez" (Hebreus 9:27) e ensina que existe "tempo de nascer, e tempo de morrer" (Eclesiastes 3:2). Como pergunta o Salmo 89:48: "Que homem há, que viva, e não veja a morte?" A Bíblia diz assim, com toda a clareza, que Deus marcou encontro entre cada homem e a morte. Para todo o homem existe um dia, uma hora e um minuto. Em muitos lugares a Bíblia fala da brevidade da vida. Diz-nos que nossas vidas físicas são "um conto que foi dito", "uma lançadeira do tecelão", "uma flor que murcha", "a grama que seca". Passa uma geração e vem outra. Se Deus não houvesse proferido o julgamento da morte física para a raça humana, os homens teriam continuado em seus pecados até que a Terra se tornasse o próprio inferno. Cada geração tem um começo novo e assim a morte, embora castigo para o pecado, divinamente imposto aos indivíduos, quando passada a gerações sucessivas de humanidade torna-se uma bênção.

Devido à brevidade da vida, a Bíblia adverte que devemos estar preparados para encontrar Deus a qualquer momento. "Visto que os seus dias estão contados, contigo está o número dos seus meses; tu ao homem puseste limites, além dos quais não passará" (Jó 14:5).

A Bíblia nos concita: "Prepara-te... para te encontrares com o teu Deus" (Amós 4:12). Em seus últimos momentos de vida, César Bórgia afirmou: "No curso de minha vida preparei-me para tudo, menos para a morte, e agora tenho de morrer inteiramente despreparado."

Em segundo lugar, existe a morte espiritual. Há milhões de pessoas, neste mundo e neste momento, que sofrem a morte espiritual. Quase todos os dias, podemos ler num jornal a respeito daqueles cujas vidas são vazias ou perdidas. Foram feitas para a companhia de Deus, e acham-se separadas de seu Criador. Essa é a morte espiritual, a separação entre a alma e Deus, a separação entre o homem e Aquele que disse: "Eu sou... a

vida." A Escritura diz dessas pessoas que estão mortas "nos vossos delitos e pecados" (Efésios 2:1).

Em terceiro lugar, existe a morte eterna. A Bíblia tem muita coisa a dizer sobre o inferno. Ninguém falou mais sobre ele do que Jesus, e o inferno do qual veio salvar os homens não era apenas aquele sobre a terra. Não era apenas algum estado no qual os homens estejam hoje vivendo – era algo que viria ainda. Jesus jamais ensinou que qualquer pessoa na terra estivesse vivendo no inferno. Sempre advertiu sobre um inferno vindouro. Qualquer que fosse o inferno a que se referia, este era em sua essência a separação entre a alma e Deus como culminação da morte espiritual do homem. Existem muitos mistérios sobre esse ponto, e não nos atrevemos a ir além dos ensinamentos das Escrituras. Basta lembrar aos homens que Jesus disse: "E irão estes para o castigo eterno" (Mateus 25:46). Jesus também disse: "Mandará o Filho do homem os seus anjos que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniqüidade, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro ranger de dentes" (Mateus 13:41-42).

Foi Sir Thomas Scott, Chanceler da Inglaterra, quem afirmou em seu leito de morte: "Até este momento, pensei que não havia Deus, nem inferno. Agora sei e sinto que existem ambos, e estou condenado à perdição pelo julgamento justo do Onipotente."

A afirmação bíblica é, portanto, que algo aconteceu ao homem, que este se tornou coisa diferente da criada por Deus, e continua a ser o que não se destinava a ser. Isso requer uma recuperação, e tal recuperação deverá ser radical e revolucionária, devendo fazer o homem voltar sobre os seus passos e tomar novo rumo.

A necessidade de renascimento espiritual torna-se evidente até ao observador mais superficial da natureza humana. O homem caiu, perdeu-se. O homem está alheado de Deus, e sua recuperação tem de começar no ponto de sua queda. Preferiu o seu eu íntimo a Deus. Se quiser recuperar-se, terá de escolher Deus e colocá-lo acima de seu eu. O homem vive sob condenação à morte e tal sentença só poderá ser

suspensa se ele, por um ato de seu livre arbítrio, fizer uma inversão completa de sua decisão inicial.

A primeira indicação do Evangelho vem do Gênesis 3:15: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar." É a primeira nota do Evangelho, a primeira promessa de salvação! Pela primeira vez Deus fala de Seu Filho, por cujo redentor a cabeça de Satanás será esmagada.

É assim que Deus inicia aquilo que o homem não tem o poder de proporcionar – a sua própria salvação. Todos os poderes morais do indivíduo e todas as formas sociais da coletividade se mostrarão inadequados, pois a salvação por Deus, em Cristo, é o único plano possível para a redenção do homem.

O homem tem desesperadamente tentado recuperar a companhia perdida de Deus. Tentou milhares de modos para obter isso, mas não adiantou. Por intermédio de formas diversas de religiões, o homem procurou recuperar o paraíso, e o homem ocidental voltou-se agora para o secularismo e o humanismo, esperando que mediante os seus próprios esforços possa construir uma Utopia na Terra. Assim como todos os outros planos fracassaram, também esse fracassará.

Existem aqueles, porém, que afirmam ter o mundo tentado o cristianismo e que também o cristianismo fracassou. O fato de que o mundo não tenha melhorado moralmente, no entanto, não é culpa do cristianismo; foi a falta de sua aplicação. Quando, postos diante dos problemas mundiais, nós, os cristãos, dizemos automaticamente: "O cristianismo é a solução." Mas isso não é verdade! A resposta está na aplicação do cristianismo.

Foi G. K. Chesterton quem declarou, há uma geração: "O ideal cristão não foi experimentado e achado inservível. Foi achado difícil, e ficou sem ser experimentado."

MODO DE DEUS VERSUS MODO DO HOMEM

Desde o início, todas as tentativas no sentido de recuperar para o homem sua posição perdida dividiram-se em dois modos. Adão e Eva tiveram dois filhos, Caim e Abel. Um deles seguiu o caminho do Senhor e era obediente. O outro filho, Caim, seguiu seu próprio caminho, desobediente ao mandamento bem claro de Deus. Abel representava "a semente da mulher", enquanto Caim representava "a semente da serpente".

Caim é o arquiteto da civilização moderna. É ele o materialista auto-suficiente e o humanista religioso. Embora fosse religioso e se apresentasse ao altar de Deus, negava a revelação implícita de salvação dada a Adão na forma de roupa conseguida por intermédio da vida de outro (Gênesis 3:21). Trouxe ao altar uma expressão de seus próprios esforços e vigor, tomando-se o protótipo de todos os que se atrevem a aproximar-se de Deus sem derramamento de sangue.

A partir desse ponto, dois caminhos ou modos se apresentam na história humana. De um lado, temos o caminho de Caim, com sua religião da carne, com uma redenção humana que confia apenas no homem e rejeita a substituição por Deus. O seu modo humanizou Deus e deificou o homem. Seu modo era o modo do materialista, do secularista, do humanista.

Do outro lado, temos o caminho de Abel, com seu reconhecimento humilde de que o pecado exige a morte, de que o pecador culpado deve confiar no sacrifício indicado por Deus. Seu modo tornou -se um tipo da morte de Cristo.

O REMÉDIO DA REDENÇÃO

Desde a época de Caim e Abel até nossos dias, o homem tem procurado encontrar o seu próprio remédio para a sua doença, o pecado. isso não deu certo no caso de Caim e jamais produziu resultado para homem algum, e não será conseguido em nossos dias. Apenas Deus pode

diagnosticar corretamente a doença do homem, e só Ele nos pode indicar o remédio. E Deus escolheu o sangue como meio de redenção do homem. O Apóstolo João escreveu que Jesus Cristo "pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados" (Apocalipse 1:5).

O sangue é o símbolo da vida sacrificada pelo pecado. "Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas: porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida" (Levítico 17:11).

Em todo o Antigo Testamento vemos registrado reiteradamente que Deus queria a vida de um animal perfeito, sendo seu sangue derramado sobre o altar, como sacrifício pelo pecado. "E sem derramamento de sangue não há remissão" (Hebreus 9:22). Tais sacrifícios eram feitos em antecipação ao dia em que um sacrifício permanente se realizaria. "Entretanto, nesses sacrifícios faz-se recordação de pecados todos os anos, porque é impossível que sangue de touros e de bodes remova pecados" (Hebreus 10:3-4).

Quando Jesus Cristo, o homem-Deus perfeito, derramou sangue na cruz, estava entregando Sua vida pura e sem mácula à morte como sacrifício eterno pelo pecado do homem. De uma vez por todas, Deus providenciou de modo completo e perfeito a cura para os pecados humanos; sem o sangue de Cristo, eles realmente são uma doença fatal.

Ao sentar-se para a última ceia com os discípulos, Jesus disse: "Porque isto é o meu sangue, o sangue da aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados" (Mateus 26:28).

Os apóstolas disseram o mesmo, reiteradas vezes.

Paulo escreveu: "No qual temas a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados" (Efésios 1:7).

Pedro disse: "Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou aura, que fostes resgatados... mas pelo precioso sangue, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue do Cristo" (I Pedro 1:18, 19).

João afirmou: "E o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado" (I João 1:7).

Todos têm que fazer sua escolha entre os dois caminhos, o caminho do homem ou o de Deus. Um é o caminho do esforço próprio por curar a si mesmo e obter a redenção própria; o outro é a justificação, mediante a fé no sangue de Jesus Cristo.

Em nossas cruzadas sempre cantamos um hino que exemplifica a necessidade do homem quanto a essa necessidade, e a resposta de Deus:

Tal qual estou eis-me, Senhor,
Pois o teu sangue remidor
Verteste pelo pecador;
Ó Salvador, me achego a Ti.

Tal qual estou, sem esperar
Que possa a vida melhorar,
Na tua graça a confiar
Ó Salvador, me achego a ti.

(Just as I am, without one plea
But that Thy blood was shed for me,
And that Thou bidd'st me come to Thee,
O Lamb al God, I come! I come!

Just as I am, and waiting not,
To rid my soul al one dark blot,
To Thee whose blood can cleanse each spot,
O Lamb al God, I come! I come!)

A INSUFICIÊNCIA DA RELIGIÃO MODERNA

Foi William James quem disse, certa vez, que a religião é um hábito monótono ou então uma febre aguda, e John Dewey observou: "Em parte alguma do mundo, em qualquer época, a religião se mostrou tão completamente respeitável quanto conosco... e tão quase totalmente desligada da vida."

Tais afirmações fazem-nos lembrar que religião é uma palavra com muitos significados. Pode significar orgias frenéticas de uma tribo selvagem, ou o culto meditativo e inteligente ao Senhor Deus. Como termo, "religião" aparece duas vezes na Versão Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica, do Novo Testamento, uma vez nos Atos (26:5) e outra em Tiago (1:26, 27).

Quando os homens falam em religião, nem sempre se referem à mesma coisa, pois todas as definições de religião se distribuem por dais pólos magnéticos, o naturalista e o teísta. O pólo naturalista é aquele do qual falava o Apóstolo Paulo quando escreveu que os homens "mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis" (Romanos 1:23). O pólo teísta acha-se corporificado nos ensinamentos da Bíblia, com sua revelação da origem, queda e recuperação do homem mediante a redenção.

Quando Caim se aproximou do primeiro altar com sua oferta do "fruto da terra", era esse o seu meio de tentar reconquistar o paraíso sem aceitar o plano divino de redenção. Em seu egoísmo e arrogância, Caim resolvera vir a seu modo, rejeitando o plano de Deus. Os tempos não mudaram, e hoje milhões de pessoas querem a salvação, mas dentro das suas condições. Querem vir ao seu modo, e assim se apresentaram centenas de planos e esquemas imaginados pelo homem para reconquistar o paraíso. Deram origem a muitas seitas, cada qual fazendo propaganda de seu plano particular de salvação.

O orgulho foi o pecado de Lúcifer, o orgulho foi também o de Adão, e o pecado do homem moderno não é outro senão o orgulho. Ele não quer reconhecer sua fraqueza e indefensabilidade diante das situações insolúveis apresentadas pela vida, acha que de algum modo, de algum jeito, pode conseguir a própria salvação. Caim apresentou as indicações de sua própria cultura, que visavam a uma salvação mediante obras, enquanto Abel obedeceu a Deus e humildemente ofereceu um sacrifício de sangue, reconhecendo assim que o pecado merecia a morte e só poderia ser encoberto diante de Deus mediante a morte substituta de um sacrifício sem culpa, e foi esse o plano que Caim rejeitou deliberadamente.

RELIGIÃO NATURAL VERSUS PLANO DIVINO

No início dos tempos, houve a introdução da religião natural no cenário humano, como esforço por contornar o plano divino. A religião natural, no entanto, nem sempre constitui grosseira invenção dos primeiros homens. Hoje em dia, é o esforço completo de muitos intelectuais, no sentido de contornar o plano de Deus. Alguns desses intelectuais são professores de religião em nossas universidades, enquanto outros ocupam até o lugar de dirigentes na igreja.

O Apóstolo Paulo referiu-se à corrupção da revelação geral de Deus, promovida pelo homem, tornando-a uma religião naturalista:

"Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis. Porquanto, tendo conhecimento de Deus não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tomaram-se loucos. . . mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura, em lugar do Criador, o qual é bendito por todos os séculos" (Romanos 1:20-25).

Assim está pintado um quadro bíblico de como o homem perverteu a revelação divina, com todas as suas cores de grosseria primitiva, sensualidade, fetichismo, superstição e magia. Isso passou por muitos retoques e reformas, e hoje se apresenta sob formas de respeitabilidade intelectual, mas nas culturas primitivas ainda existe nas mesmas formas de sensualidade e engodo degradantes.

A religião natural se opõe à revelação divina, que aceita a Bíblia como fonte autorizada das idéias de pecado e justificação pela fé, na morte expiatória de Cristo. A religião natural rejeita quase tudo o que consta do Credo dos Apóstolos.

Com isto não quero dizer que a religião natural não contenha elementos de verdade, ou que não apresente alguns padrões éticos elevados, bem como valores morais. Alguns de seus seguidores empregam, às vezes, termos que fazem lembrar a linguagem empregada na Bíblia. Embora a moralidade incentivada pela religião natural possa conquistar a aprovação dos homens, ela não garante aceitação por Deus e tampouco reflete Seus ditames morais completos. Na verdade, parte da imoralidade mais crua e grosseira na história humana recebeu a sanção da religião natural, como o Apóstolo Paulo faz lembrar, na Epístola aos Romanos.

A Bíblia ensina que Satanás pode-se transformar num "anjo de luz", adaptando-se a todas as culturas e situações, chegando às vezes a enganar os verdadeiros fiéis. Os falsificadores estão sempre tentando fazer com que seu dinheiro falso se pareça exatamente ao verdadeiro e assim é que Satanás age em nossos dias. Milhares de pessoas são arrebanhadas e levadas à igreja sem que tenham tido uma experiência vital com Jesus Cristo, e substituíram a salvação pessoal por boas obras, esforço social, reforma social ou rito religioso. Muitas possuem em si um grau bastante de religião natural para tornarem-se imunes à verdadeira.

Todas as vezes que vou ao Extremo Oriente sou vacinado contra o cólera e em geral essa vacina provoca uma reação que me faz adoecer. Na verdade, essa reação é um caso suave da doença, o que me torna imune à doença em sua forma aguda, caso seja contagiado durante as

viagens. Isso acontece com a maioria das vacinas e é verdade também no reino da religião. Há muitas pessoas que possuem religião em grau apenas suficiente para tornarem-se imunes a uma experiência pessoal genuína com Jesus Cristo, e aí está o grande perigo para milhares de pessoas que se proclamam cristãs.

FALSOS PROFETAS

Não resta dúvida que a religião naturalista invadiu a igreja, em nossos dias. Muitos de nossos conceitos da igreja são seculares, e até a missão dela se vê muitas vezes transformada, de uma base bíblica para uma base secularizada.

Existe um forte movimento, em especial no seio do protestantismo, no sentido de refundir a mensagem cristã, a fim de torná-la aceitável ao homem moderno, e os participantes desse movimento afirmam que os intelectuais rejeitam o cristianismo hoje porque "não podem aceitar certas crenças tradicionais que, na verdade, eram o invólucro no qual a mensagem era enviada, e não a própria mensagem."[1]

Esses teólogos modernos, no entanto, não conseguem concordar entre si sobre a parte do Novo Testamento que deve ser mantida e a parte que deve ser eliminada. Muitos parecem concordar em que os milagres foram mitos, encaram a ressurreição como experiência subjetiva dos discípulos, mais do que como acontecimentos histórico objetivo. Tais teólogos chamam a Deus "a base do ser", e rejeitam de modo absoluto que Jesus Cristo tenha sido sobrenatural. Dizem que Ele foi um homem, tão bom e altruísta que o amor de Deus brilhava em meio à Sua humanidade, mais do que nos termos bíblicos da Encarnação.

Karl Barth, o teólogo europeu, afirma o seguinte, em ataque candente a esses desmitologistas: "Ao jogarem fora a água em que banharam a criança, jogaram a criança, também. Ao tentarem tornar o cristianismo plausível para os céticos, só conseguiram foi torná-lo destituído de sentido."

Em toda a Bíblia somos alertados contra os falsos profetas e falsos mestres. No Sermão da Montanha, Jesus disse: "Acautelai-vos dos falsos profetas que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis" (Mateus 7:15, 16). Torna-se difícil, às vezes até para um cristão, distinguir e desmascarar o falso profeta. Existe semelhança muito grande entre o verdadeiro e o falso profeta, e Jesus falava destes últimos, que "surgirão... operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos" (Mateus 24:24). Paulo fala-nos do Anticristo vindouro, cuja atividade nos dias finais será marcado por "sinais e prodígios da mentira" (II Tessalonicenses 2:9). O maior disfarce de Satanás sempre foi o aparecer aos homens como "anjo de luz" (II Coríntios 11:14).

ENGANO

O princípio em que repousa toda a tática satânica é o do engano e embuste. Ele é hábil e engenhoso na arte da camuflagem, e para que seus enganos e embustes tenham êxito, é preciso que venham tão astutamente disfarçados que o seu verdadeiro objetivo esteja dissimulado. Trabalha com sutileza e em segredo. Cristão algum, por mais espiritual que seja, se encontra fora do alcance dos assaltos sedutores de Satanás. O seu embuste começou no Jardim do Paraíso. "Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi" (Gênesis 3:13). Desde aquela época, até ao presente, Satanás tem seduzido e iludido. "Mas os homens perversos e impostores", dizia Paulo avisando Timóteo, "irão de mal a pior, enganando e sendo enganados" (II Timóteo 3:13). Avisava também à igreja em Éfeso: "Ninguém vos engane com palavras vás" (Efésios, 5:6), e também: "para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro." (Efésios, 4:14).

Sim, haverá número cada vez maior de falsos mestres e pregadores, à medida que os tempos se aproximarem do fim. Como disse o Apóstolo Pedro:

"Haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão dissimuladamente heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade; também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme." (II Pedro 2:1-3.)

Satanás não funda uma igreja e a chama Primeira Igreja de Satanás, pois é esperto demais para fazer isso. Invade a escola dominical, a aula de doutrina bíblica e até o púlpito. Chega a invadir a igreja, sob a coberta de um vocabulário ortodoxo, esvaziando os termos sagrados de seu sentido bíblico. Paulo avisava que muitos seguirão falsos mestres, sem saberem que ao tragarem aquilo que os apóstatas dizem, e nutrirem-se daquilo, estão levando o veneno do demônio às suas próprias vidas. Milhares de cristãos desavisados estão sendo enganados em nossos dias. Falsos mestres usam palavras altissonantes que parecem um resumo de todo o conhecimento e a cultura. São intelectualmente astutos e habilidosos em sua sabedoria, proficientes na sedução de homens e mulheres incautos e sem esclarecimento. Sobre eles o Apóstolo Paulo se exprimiu, dizendo: "Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras" (I Timóteo 4:1, 2).

Esses falsos mestres afastaram-se da fé que Deus revelou nas Escrituras. A Bíblia diz com toda a clareza que o motivo de seu desvio é que deram ouvido às mentiras de Satanás e deliberadamente preferiram aceitar a doutrina dos demônios, ao invés da verdade de Deus. Assim foi que eles próprios se tornaram os porta-vozes de Satanás, proferindo mentiras.

RELIGIÕES VERDADEIRAS E FALSAS

Porque a igreja se está voltando para a religião naturalista e proclama cada vez mais um evangelho humanista, milhares de leigos e eclesiásticos estão formulando perguntas penetrantes quanto ao propósito e missão da igreja. Milhares de fiéis membros da igreja, em especial nos Estados Unidos, estão começando a reunir-se em grupos de oração e de estudo da Bíblia. Multidões de cristãos, dentro da igreja, estão marchando em direção ao ponto onde poderão vir a rejeitar a instituição a que chamamos "a igreja". Estão começando a voltar-se para formas mais simplificadas de adoração, têm fome de uma experiência pessoal e vital com Jesus Cristo, e querem para si uma fé pessoal que lhes reconforte o coração.

A menos que a igreja recupere rapidamente sua mensagem bíblica autorizada, poderemos vir a ser testemunhas do espetáculo em que milhões de cristãos sairão da igreja estabelecida para procurarem alimento espiritual.

A fim de competir com Deus pelo domínio do mundo, Satanás, a quem Cristo chamava "o príncipe deste mundo", viu-se forçado a entrar no "mundo" da religião. Embora expulso do Jardim, o homem trazia ainda uma consciência de Deus em seu coração e a estratégia de Satanás era desviar essa fome inata, afastando-a do Senhor Deus. Assim teve lugar o aparecimento do que chamamos religião falsa, falsificada ou naturalista – e sua história é comprida e trágica. A Bíblia diferencia claramente entre a fé verdadeira e a mera religiosidade e nada poderia estar mais errado do que o surrado refrão onde se diz que qualquer religião é boa, desde que a pessoa seja sincera. Em nenhuma outra área da vida encontramos tanto erro, tanto engano e charlatanismo como na religião.

Os dois fogos sagrados, fora do Éden, exemplificam a diferença entre a religião verdadeira e a religião falsa. Um deles pertencia a Abel, que trouxe o primogênito de seu rebanho como oferenda ao Senhor

Deus. Ofereceu-o com amor, adoração, humildade e reverência, e a Bíblia nos diz que o Senhor se agradou de Abel e de sua oferta. O outro pertencia ao irmão mais velho, Caim, que trouxera uma oferta sem sangue e de pouco valor ao seu altar, e a Bíblia nos diz que "de Caim e de sua oferta Deus não se agradou".

Como poderia o Senhor Deus mostrar-se tão caprichoso? Afinal de contas, Caim não estava igualmente tentando agradar a Deus, e não se apresentava com sinceridade perfeita?

Essa narrativa foi colocada na Bíblia a fim de ensinar que existe um modo certo e um modo errado de entrar em contato com Deus. Abel fez seu sacrifício humilde e reverentemente, com espírito de sacrifício, trazendo a Deus o que de melhor possuía, e vejo pelo caminho de Deus. Caim fez a sua oferenda de má vontade, com egoísmo e de modo superficial, e além disso desobedeceu a Deus, no modo pelo qual veio, sem trazer consigo a fé. Quando Deus não sancionou e abençoou seu sacrifício, Caim se enfureceu e matou o irmão. Abel amava realmente a Deus e O adorava. A adoração de Caim era religiosidade desprovida de sentido, tão vazia e oca quanto se tornou sua vida, depois disso. Deixando a família, andou pela terra amargurado, gritando para o Senhor: "É tamanho o meu castigo, que já não posso suportá-lo" (Gênesis 4:13).

Aí vemos o aparecimento de uma corrente de religiosidade, separando-se da torrente principal de verdadeira adoração do Senhor Deus. Por toda a história humana essa corrente está destinada a tornar-se um rio cada vez maior. O homem está eternamente hesitante entre o falso e o verdadeiro, entre a adoração de ídolos e a adoração do Senhor Deus, entre a sedução da religiosidade e o reconhecimento do claro ensinamento bíblico do caminho para a salvação.

No mesmo momento em que Moisés se achava no Monte Sinai, recebendo as tábuas da lei "escritas pelo dedo de Deus", a religião humanista irrompia no campo de Israel. O povo disse a Aarão: "Faze-nos deuses que vão diante de nós", e ele curvou-se àquelas exigências,

dizendo: "Tirai as argolas de ouro das orelhas de vossas mulheres, vossos filhos e vossas filhas, e trazei-mas... Este, recebendo-as das suas mãos trabalhou o ouro com buril, e fez dele um bezerro fundido. Então disseram: São estes, ó Israel, os teus deuses; que te tiraram da terra do Egito" (Êxodo 32:1-4).

Com a continuação do tempo, outros afluentes idólatras vieram a desaguar no curso principal da religião: Baal, o deus das tribos de Canaã, Quemoche, o deus dos moabitas, Dagom, o deus dos filisteus, e Moloque, deus dos amonitas. Se relacionássemos nominalmente todos os deuses da história humana, seria necessário um grosso volume para reproduzir a lista.

A afirmação implícita numa falsificação ou contrafação é que existe a coisa verdadeira, que se pretende imitar ou falsificar. Ninguém jamais falsificou uma nota de setenta e cinco dólares, pois notas desse valor não existem. Toda a falsificação dá testemunho da realidade e existência daquilo que se tenta igualar e assim, em meio a todos os planos e programas que os homens imaginaram para satisfazer seu impulso religioso, a religião verdadeira existe e está ao alcance de todos que desejem vir a Deus, mas sob as condições dEle.

A JORNADA INACREDITÁVEL

Foi Sheila Bumford quem escreveu o entrecho de *The Incredible Journey* (A Jornada Inacreditável), que Walt Disney iria depois transformar em película cinematográfica. Trata-se da história de dois cachorros e um gato, que perderam seu dono e o procuraram numa distancia de 400 quilômetros em meio às florestas do Canadá. Também a humanidade vem empreendendo, há séculos, uma jornada inacreditável, que levou o homem, ao correr das gerações, a passar por todas as experiências e situações concebíveis, em sua procura de Deus.

Certo jovem aproximou-se de um homem santo da Índia, quando este estava sentado à beira do rio Ganges, e perguntou como seria possível encontrar Deus. O homem santo empurrou-o para a água, onde o manteve submerso quase ao ponto de afogar-se. Quando o rapaz voltou à tona, bufando e resfolegando, fez ao homem santo a pergunta:

– Por que fé isso?

A que o homem santo respondeu:

– Quando você desejar Deus tanto quanto desejou o ar para respirar enquanto esteve nas águas deste no, você O encontrará.

Desde que se separou de Deus no Jardim do Éden, o homem tem procurado desesperadamente encontrar o caminho de volta ao paraíso.

A Bíblia começa com as palavras majestosamente simples: "No princípio, era Deus." Nessas poucas palavras está a pedra fundamental de toda a existência e toda a história humana. Sem Deus, não poderia ter havido início e não poderia ter havido continuação. Deus foi o poder criador e a força de coesão que tirou o universo do caos. Por decisão divina, Ele deu forma ao amorfo, ordem à desordem e luz às trevas. Como disse Alfred Noyes, "o universo não tem seu centro na Terra, ou no Sol... mas em Deus".

NÃO PODEMOS RACIONALIZAR DEUS

Sempre que tentamos racionalizar Deus, de modo exaustivo, falhamos. Há mistérios a respeito de Deus que jamais compreenderemos nesta vida. Como pode o pequeno e finito, limitado no tempo e no espaço, compreender um Deus infinito? Não devíamos achar estranho que seja impossível compreender Deus, intelectualmente, desde que é igualmente impossível explicar muitos mistérios no reino da matéria.

Quem pode explicar o motivo pelo qual os objetos são sempre atraídos para o centro da Terra? Quem pode aprofundar-se na lei da gravidade? Newton a descobriu, mas não a pôde explicar. Quem pode explicar o milagre da reprodução? Há anos que os cientistas vêm tentando reproduzir uma célula viva e resolver o mistério da procriação. Acreditam estar perto da solução, mas até aqui não tiveram êxito.

Há muitos argumentos que poderíamos apresentar para dar indicação da existência de Deus. Há indicações científicas da existência de Deus. Por exemplo, tudo quanto estiver em movimento deve ter sido impelido por outra coisa, uma vez que o movimento é a resposta ou reação da matéria à força. No mundo da matéria não pode haver força ou energia sem vida, e a vida condiciona a existência de um ser do qual emane a força ou energia que mova as coisas, como as mares e os planetas.

Há também o argumento de que nada pode ser a causa de si mesmo. Para isso, teria de ser anterior a si próprio, e isso constitui absurdo. Existe igualmente a lei da vida. Vemos objetos que não possuem inteligência, como estrelas e planetas, movendo-se de forma coerente, colaborando engenhosamente uns com os outros. É evidente que eles conseguem seus movimentos não por acidente, mas por desígnio. Tudo aquilo a que falte inteligência não pode mover-se inteligentemente. Uma seta seria inútil sem o arco e arqueiro que a disparasse. O que dá direção, propósito e desígnio a objetos inanimados? É Deus. É Ele a força primária e motivadora da vida.

Assim é que muitas indicações e argumentos poderiam ser apresentados, indicando a existência de um Deus, mas a verdade clara é a seguinte: Deus não pode ser provado pela mera racionalização. Não pode ser contido num minúsculo tubo de ensaio, de fabricação humana, ou confinado a uma fórmula algébrica. Se Deus puder ser inteiramente provado pela mente humana, nesse caso não é maior do que a mente que O prova.

OUTROS DEUSES

Em minhas viagens pelo mundo encontrei um número multo reduzido de ateus. Seja qual for o período histórico estudado, seja qual for a cultura examinada, quem procura, encontra o homem acreditando em um deus de algum tipo. Todos os povos, primitivos ou modernos, reconheceram algum tipo de divindade e no curso dos dois últimos séculos a arqueologia desenterrou ruínas de muitas civilizações antigas, mas até agora nenhuma foi encontrada que não contivesse indícios de ter adorado um deus. Os conceitos do homem sobre Deus têm variado tanto quanto seus estados de espírito e, valendo-se da imaginação, ele tem criado deuses de todos os feitios, em formas múltiplas.

Alguns, tomados de frustração, abandonam a procura de Deus e afirmam-se irreligiosos, mas o vazio deixado dentro deles tem de ser preenchido por algum tipo de divindade. Assim é que o homem cria o seu próprio "deus". Hoje em dia são muitos os que usam a nação como objeto de sua adoração e esposam o evangelho do nacionalismo, cometendo o erro de transformarem seu nacionalismo num deus e numa religião. Isso vem, então, a tomar o lugar de Deus verdadeiro e vivo em suas vidas. Embora os comunistas neguem a fé em Deus, tornaram sua causa um deus, e milhares espontaneamente limitam a vida, sofrem privações e pobreza, devido à sua crença na "causa".

Tendo fracassado assim na busca do Deus verdadeiro, milhões de seres humanos declarara sua fidelidade a deuses e causas menores. O

homem sempre fez isso, mas esses outros deuses e causas não proporcionam soluções ou satisfações supremas. Assim como Adão foi feito para a companhia de Deus, todos os homens o foram. Quando Jesus, comentando o Primeiro Mandamento, disse: "Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, todo o teu entendimento e com todas as tuas forças" (Marcos 12:30), queria dizer que o homem tem a capacidade de amar a Deus.

O HOMEM PODE CONHECER DEUS?

As nossas grandes perguntas são: Podemos conhecer Deus? Deus Se revelou? Pode ser restaurada a companhia com Deus?

Em última análise, temos de chegar a Deus pela fé. A fé constitui o elo entre Deus e o homem, e as Escrituras nos dizem que devemos acreditar em que Ele *é*. Por esse motivo a palavra "fé" é usada tantas vezes nas Escrituras.

Por surpreendente que pareça, a despeito das transgressões e rebeliões do homem, Deus o ama com amor eterno. Deus jamais abandonou o homem, e a busca mais dramática ao curso dos séculos é a de Deus, amoroso e paciente procurando chegar ao homem. Deus anseia pelo regresso e recuperação do homem.

Em seu poema *The Hound al Heaven* (O Mastim do Céu), Francis Thompson apresenta Deus e o modo pelo qual Ele segue o homem com persistência, procurando-o pelos desvãos da história, acompanhando-o sem desânimo, vigiando-o graciosamente, como um compassivo cão são-bernardo que procura uma criança perdida nas montanhas da Suíça.

Onde se efetua a irrupção dessa revelação de Deus? Como pode um cego enxergar, um surdo ouvir? Quando o homem, ainda no Éden, resolveu desafiar a lei de Deus, verificou-se uma grande tragédia. Quebrou-se a linha de comunicação entre Deus e o homem, e os dois não puderam mais manter companhia. A luz e as trevas não podiam coexistir.

Uma das coisas incompreendidas pelo comum das pessoas é que Deus é "santo". Há muito que Deus declarou a Israel: "Eu, o Senhor vosso Deus, sou santo" (Levítico 9:2). No discurso de despedida que Josué fez aos exércitos de Israel, encontramos: "é Deus santo, Deus zeloso" (Josué 24:19). Afirmou o salmista: "Deus se assenta no seu santo trono" (Salmos 47:8). No Apocalipse, o grito no Céu é, dia e noite: "Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, aquele que era, que é e que há de vir" (4:8).

Por ser santo, Deus não pode ver a iniqüidade e o pecado. O pecado é feio e revoltante para Deus, sendo impossível a nossas mentes finitas e embotadas pelo pecado compreender a santidade absoluta de Deus. Por estar o homem manchado de pecado e iniqüidade, Deus não podia mais fazer-lhe companhia. De algum modo, Deus deve ter preparado um plano destinado a restaurar a companhia com o homem, a despeito do pecado deste. Como Deus santo, Ele não podia voltar atrás em Sua palavra, e já dissera na verdade: "Em qualquer dia que transgredires minha lei... morrerás" (Gênesis 2:17). O homem tinha de morrer, ou Deus se tornaria um mentiroso, e nesse caso não seria mais Deus.

Porque o homem ainda está pecando e desafiando a autoridade, agindo independentemente de Deus, existe um grande abismo entre Deus e ele. É por cima desse abismo tenebroso e estéril que Deus chama, suplica e pede ao homem que se reconcilie com Seu coração de amor, pois como disse o Apóstolo João, "Deus é amor" (João 4:8). Jeremias, o profeta, cita Deus: "Com amor eterno eu te amei, por isso com benignidade te atraí" (Jeremias 31:3). Da mesma forma, Malaquias, o profeta, citou Deus, dizendo: "Eu vos tenho amado, diz o Senhor" (Malaquias 1:2).

Por ser santo, Deus não podia automaticamente perdoar ou ignorar a rebelião do homem. Por seu amor, Deus não podia atirar o homem inteiramente de lado. Era esse o grande dilema divino: Como poderia Deus ser justo e, ainda assim, justificar o pecador? Esta é a questão

apresentada por Jó: "Porque, como pode o homem ser justo para com Deus?" (Jó 9:2).

A revelação é um meio de comunicação, e significa "tornar conhecido" ou "desvelar". A revelação requer um "revelador", que no caso é Deus, e requer também um "ouvinte". Os ouvintes de Deus foram os profetas e Apóstolos escolhidos, que registraram a revelação feita por Ele. Assim é que a revelação se torna uma linha de comunicação, estando Deus numa de suas extremidades e o homem na outra.

Quando eu ainda era menino, a radiofonia, começava a aparecer e nós nos reuníamos em volta de um receptor simples, feito em casa, girando os três dispositivos de sintonia, procurando estabelecer contato com a estação transmissora. Muitas vezes só conseguíamos captar no amplificador o ruído da estática, mas sabíamos que em algum lugar existia o transmissor que não podíamos ver, e que se o contato fosse estabelecido e os dispositivos de sintonização chegassem ao ponto certo, poderíamos ouvir uma voz, em tom alto e claro. Depois de muitos esforços no sentido de sintonizar, aquela voz distante irrompia, de repente, e um sorriso de triunfo iluminava os rostos de todos os presentes. Estávamos finalmente sintonizados! Na revelação que Deus estabeleceu entre Si próprio e o homem, podemos descobrir uma vida nova, uma nova dimensão de vida, mas temos de nos "sintonizar" com o transmissor.

Há planos mais elevados de vida, que nunca pudemos atingir antes. Existem paz, satisfação e alegria que ainda não conseguimos sentir. Deus está tentando chegar a nós. Os céus estão chamando. Deus está chamando! Que o homem O escute!

COMO DEUS FALA?

Quando um engenho espacial regressa de seu vôo orbital, há um período de blecaute que dura cerca de quatro minutos e no qual todas as comunicações se interrompem. Isso é devido ao calor intenso gerado pelo regresso da nave espacial á atmosfera terrestre.

A Bíblia nos ensina que o homem se encontra num período de blecaute espiritual, pois nesse aspecto ele está cego. "Apalpamos as paredes como cegos, sim, como os que não têm olhos andamos apalpando; tropeçamos ao meio-dia como nos trevas, e entre os robustos somos como mortos" (Isaías 59:10). "O deus deste mundo cegou o entendimento dos incrédulos" (II Coríntios 4:4).

Espiritualmente, o homem também está *surdo*. "Homens que têm ouvidos de ouvir, e não ouvem" (Ezequiel 12:2). Jesus chegou ao ponto de dizer: "Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão pouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos" (Lucas 16:31).

Espiritualmente, o homem está *morto*. "Estando vós mortos nos vossos delitos e pecados" (Efésios 2:1).

Tudo isso quer dizer que a comunicação entre Deus e o homem se encontra quebrada. Existe um mundo maravilhoso de alegria, harmonia, paz e satisfação ao qual milhões de pessoas são cegas, surdas e até mortas. Anseiam pela serenidade, procuram e felicidade, mas nunca parecem encontrar.

Há muita gente que desiste da procura e se entrega ao pessimismo; com freqüência o desatento a leva a uma roda frenética de coquetéis, nos quais se ingerem vastas quantidades de bebidas alcoólicas. Outras vezes, gente em tal estado se vicia em entorpecentes, e tudo isso é parte da procura desesperada com a qual o homem procura uma saída, para fugir às frias realidades de uma existência atormentada pelo pecado. Durante todo esse tempo, Deus está falando, pedindo. O aparelho de televisão que temos pode estar na sala frio, desligado, sem imagem e sem funcionar, mas isso não é por culpa da indústria da televisão, que

mantém seus programas no ar, com muitas estações transmissoras em pleno e perfeito funcionamento. Cabe-nos, no entanto, ajustar os botões de sintonia em nosso receptor, procurar o canal certo. Deus está enviando Sua mensagem de amor, mas é preciso que sintonizemos, é preciso que desejemos ouvir e receber Sua mensagem, e depois obedecê-la.

Muitos querem ouvir o que Deus diz, levados apenas pela curiosidade. Querem analisar e dissecar a mensagem em seus próprios tubos de ensaio e para essas pessoas Deus continua a ser o grande silêncio cósmico "lá fora, em algum lugar". Ele Se comunica com os que desejam ouvi-lo e recebê-lo, e está pronto a obedecer. Jesus disse que nos devemos tornar humildes como criancinhas, e Deus Se revelou com mais freqüência aos pequenos e humildes – a um menino pastor, como Davi, a um homem do deserto como João Batista, a pastores que observavam suas ovelhas, a uma jovem chamada Maria.

Como Deus fala? Como pode um cego ver? Como pode um surdo ouvir?

Desde o início, Deus falou ao homem. Adão ouviu a voz do Senhor no Jardim do Éden. Teve dois filhos, Caim e Abel, e com ambos Deus falou. Caim rejeitou o que lhe era revelado, mas Abel foi obediente à palavra de Deus. A atitude de Abel demonstrou que um homem manchado e prejudicado pelo pecado podia corresponder às propostas de Deus e assim, logo de início, Deus começou a construir uma ponte entre Si próprio e o homem, mediante a revelação.

REVELAÇÃO NA NATUREZA

Deus Se revela *na natureza*. "Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se houve som nenhum" (Salmos 19:1-3). Existe na natureza uma língua que fala da existência de Deus; é a língua da ordem, beleza, perfeição e inteligência.

Faz pouco tempo que um cientista me disse que quando pensava seriamente na ordem majestosa do universo e sua obediência à lei imutável, não conseguira deixar de crer em Deus, e de perceber que Deus falava por intermédio da natureza.

Deus fofa na certeza e regularidade das estações do ano, na precisão de movimentos do Sol, Lua e estrelas, no aparecimento regular da noite e do dia, no equilíbrio entre o consumo humano de oxigênio vital e sua produção pela vida vegetal do planeta, e mesmo no choro de um recém-nascido, com sua demonstração sempre renovada do milagre da vida.

Quando nasceu o meu filho Ned, o mais novo, tive o privilégio de estar na sala de parto, junto de minha esposa. Pouco antes do momento em que ele nasceu, o médico olhou para mim e disse:

– Já assisti ao nascimento de milhares de crianças, e não me canso de ficar maravilhado com o milagre do nascimento. Como alguém pode negar a existência de Deus, depois de assistir a isto, é coisa que não entendo.

O avanço do conhecimento humano, em nossa geração, não quer dizer a descoberta de coisas novas, mas apenas a ampliação de nosso entendimento e capacidade de usar aquilo que já se encontra presente. O homem está sempre descobrindo mundos que para ele são novos, porém antigos para Deus. Até um exame casual das estatísticas da astronomia faz com que fiquemos pasmados. A densidade espacial do universo é tão grande que se calcula existirem agora mais de mil milhões de galáxias. Essas galáxias têm a dimensão média de vinte mil anos-luz de uma borda a outra, e muitas se encontram a mais de dois milhões de anos-luz de distância. Essas grandezas são de absorção impossível pelos nossos espíritos. Muitos astrônomos afirmam não existir limite para o universo e as idéias e teorias antigas sobre o início do universo estão sendo abandonadas. Se ao cientista faltar a crença em Deus, é certo que se sentirá perplexo diante dos mistérios do universo.

Olhar por um microscópio é ver outro universo, tão pequeno que somente os microscópios eletrônicos o podem descobrir. Como exemplo,

revelou-se que ura único cristal de neve, numa tempestade ou nevasca com milhões de outros cristais, é equivalente a vinte bilhões de elétrons. Os cientistas estão descobrindo que o mundo em miniatura de uma única célula viva se mostra tão espantoso quanto o próprio homem.

Assim é que o Apóstolo Paulo afirmou: "Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas" (Romanos 1:20). Deus declara que podemos aprender muita coisa a Seu respeito, bastando para isso observarmos a natureza. Por ter Ele fala do por intermédio de Seu universo, homem algum tem desculpa para não crer nEle. Por isso o salmista afirmou: "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus" (Salmos 13:1).

REVELAÇÃO NA CONSCIÊNCIA

Deus também Se revelou ao homem *na consciência*. Esta tem sido descrita como a luz da alma. O que faz com que essa luz de advertência continue acesa, quando cometemos um erro?

A consciência é nosso conselheiro e mestre mais bondoso, nosso amigo mais fiel e, às vezes, nosso pior inimigo. Não existem castigos ou prêmios comparáveis àqueles conferidos pela consciência. Dizem as Escrituras: "O espírito do homem é a lâmpada do Senhor" (Provérbios 20:27). Em outras palavras, a consciência é a lâmpada de Deus, dentro do peito humano. Em sua *Crítica da Razão Pura,* Emanuel Kant dizia que apenas duas coisas lhe causavam assombro – os céus estrelados e a consciência do homem.

Em seus diversos graus de sensibilidade a consciência dá testemunho de Deus e sua própria existência dentro de nós constitui reflexo divino na alma do homem. Sem consciência, seríamos como navios desgarrados, ou como mísseis desprovidos de sistema orientador.

REVELAÇÃO NA ESCRITURA

Deus também Se revelou *nas Escrituras*. Ele tem dois manuais: um é o da natureza; o outro é o da revelação. As leis de Deus, reveladas no manual da natureza, jamais se alteraram e são hoje o que sempre foram, desde o início. Elas nos falam do poderio e majestade imensos de Deus.

No manual da revelação, que é a Bíblia, Deus se manifestou verbalmente, e essa palavra pronunciada sobreviveu a todos os golpes da pena humana. Resistiu aos assaltos dos céticos, agnósticos e ateus, e jamais curvou a cabeça diante das descobertas científicas. Continua suprema, em sua revelação da redenção, e quanto mais o arqueólogo cave e o cientista descubra, tanto maior é a confirmação para a verdade bíblica.

Reiteradamente os autores da Bíblia afirmam que Deus lhes deu o que escrever. Duas mil vezes no Antigo Testamento eles dizem que Deus falou. Nos cinco primeiros livros encontramos expressões tais como:

"O Senhor Deus chamou Adão e disse"
"O Senhor disse a Noé"
"Deus falou a Israel"
"Estas são as palavras que o Senhor pronunciou"
"Deus disse"
"O Senhor falou, dizendo"
"O Senhor ordenou"
"A palavra do Senhor"

É com freqüência enorme que os profetas do Antigo Testamento usaram expressões tais como:

"Ouvi a palavra do Senhor"
"Diz o Senhor"
"Ouvi a voz do Senhor dizendo"
"A palavra do Senhor veio a mim"
"Tudo quanto te ordenar, tu dirás"
"Pus minhas palavras em tua boca"
"A Palavra do Senhor veio a mim, dizendo"

Ou Deus realmente falou a esses homens, enquanto eles escreviam sob inspiração, ou então foram eles os mentirosos mais coerentes já vistos no planeta. Contar mais de duas mil mentiras sobre um assunto parece inacreditável, e mais de duas mil vezes os autores da Bíblia disseram que Deus pronunciara aquelas palavras! Ou Ele realmente fez isso ou então eles mentiram. Se estivessem errados nessa insistência por que motivo deveríamos aceitar seu testemunho em qualquer outro ponto?

Jesus fazia freqüentes citações do Antigo Testamento, e em nenhum momento indicou que duvidava das Escrituras. Também os Apóstolos citavam-nas repetidas vezes, e o Apóstolo Paulo afirmou: "Toda Escritura é inspirada por Deus" (II Timóteo 3:16). Disse o Apóstolo Pedro: "Porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo" (II Pedro 1:21).

Deus fala ao homem por intermédio das Escrituras, e por isso é tão importante que leiamos a Bíblia. Muitos há que recebem a Bíblia de segunda mão e conhecem apenas uma caricatura do que ela diz, tendo somente idéias vagas sobre os seus ensinamentos. Quando vou a centros universitários, fico espantado ao verificar como os estudantes se mostram ignorantes dos verdadeiros ensinamentos da Bíblia. Eles pensam que os conhecem, mas tal não acontece.

REVELAÇÃO EM JESUS CRISTO

Finalmente, Deus fala na pessoa de *Seu Filho Jesus Cristo*. "Deus... ultimamente, nestes dias, falou-nos por meio de seu Filho" (Hebreus 1:1, 2). A idéia de que Deus viria algum dia visitar este planeta é uma verdade antiga que, sem dúvida, constitui remanescente oral da revelação original proporcionada por Deus a Adão, referente a uma prometida salvação (Gênesis 3:15). Encontramos referências grosseiras a isso, na maioria das demais religiões do mundo, indicando que em alguma época passada o homem ouvira ou percebera que Deus viria visitar a Terra. No entanto,

somente quando a "plenitude do tempo" se formou, quando estavam certas todas as condições, quando todas as considerações proféticas se achavam cumpridas, é que Deus "enviou seu Filho, nascido de mulher" (Gálatas 4:4).

Naquela primeira noite de Natal em Belém, Deus "se manifestou na carne" (I Timóteo 3:16). Essa manifestação foi na pessoa de Jesus Cristo. A Escritura afirma, referindo-se a Cristo: "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade" (Colossenses 2:9). Essa manifestação de Deus se mostra, sem comparação, a revelação mais completa que Deus já deu ao mundo. Se quisermos saber como é Deus, basta olharmos bem para Jesus Cristo. NEle estavam presentes não só as perfeições exibidas na criação, como a sabedoria, poder e majestade, mas também perfeições tais como a justiça, misericórdia, graça e amor. "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (João 1:14).

A seus discípulos Jesus disse: "Credes em Deus, crede também em mim" (João 14:1). Essa seqüência de fé é inevitável. Se acreditarmos no que Deus fez e no que Deus disse, acreditaremos nAquele que Deus enviou.

O meio de entendermos esses fatos da salvação é a fé. Nem sempre somos desafiados a entender tudo, mas nos é dito que acreditemos. "Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em meu nome" (João 20:31).

Todas as esperanças que tenhamos de Deus, todas as possibilidades que tenhamos de vida eterna, toda prelibação que tenhamos do céu, toda probabilidade de que tenhamos uma nova ordem social – tudo isso tem de estar ligado a Jesus Cristo. É quando vamos ter com Jesus que o desconhecido se torna conhecido, e não só isso, mas também quando vamos ter com Jesus Cristo é que sentimos o próprio Deus. Nossas vidas obscuras e limitadas recebem a luz da presença eterna de Deus, e vemos que há um outro mundo além da confusão, limitação e frustração deste mundo.

O CRISTO INILUDÍVEL

Na Índia, certa mulher ficara sabendo que era uma pecadora e que Deus é santo e não pode deixar passar o pecado sem castigo. Muitas vezes essa mulher passou a dizer: "Preciso de um grande príncipe que se anteponha entre minha alma e Deus." Posteriormente, ouviu dizer que a Bíblia contém a narrativa de um Salvador que morrera pelos pecadores, de modo que pediu a um sábio que lesse a Bíblia para ela. O sábio começou a leitura pelo primeiro capítulo de Mateus, e ao enunciar a lista de nomes na genealogia de Cristo, a mulher pensava: "Que príncipe maravilhoso deve ter sido esse Jesus, para ter linhagem tão ilustre de ancestrais!" E quando o sábio leu: "Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mateus, 1:21) a mulher exclamou: Esse é o príncipe que eu quero! Esse é o príncipe que eu quero! O Príncipe que é também um Salvador!"

Uma das perguntas mais cruciais que circulam nos meios universitários é a seguinte: "Que dizer de Jesus Cristo?" O estudante moderno simplesmente não lhe pode escapar e tem que resolver se Cristo e o Evangelho realmente importam, se Ele tem relação com esta era moderna. Por um lado, Jesus Cristo é o centro de oposição, por outro é objeto de devoção e adoração. O que pensamos a Seu respeito influencia o nosso pensamento e controla os nossos atos.

A história, filosofia, teologia e, em muitos centros, até as ciências, estão sendo examinadas para descobrir-se o que têm a dizer sobre Jesus Cristo. Os documentos da primeira igreja estão sendo meticulosamente reexaminados quanto ao testemunho que dão dele e os arqueólogos estão escavando para descobrir novas indicações a respeito de Jesus Cristo.

Aquilo que D. S. Cairns disse na primeira parte deste século continua sendo verdadeiro até os últimos decênios: "A personalidade histórica de Jesus elevou-se acima da consciência da igreja com força quase que de uma nova revelação, cujas resultados supremos se encontram ainda bem no futuro por descobrir. É literalmente verdade que

este século se encontra frente a frente com aquela grande figura, como nenhum outro século, desde o primeiro."[1]

Há quem diga que Jesus Cristo é um mito, e que Ele realmente nunca existiu na história humana. Já outros afirmam que Ele foi apenas um homem, nada havendo de sobrenatural em Seu nascimento, e que Sua ressurreição foi, para os Apóstolos, uma alucinação. Outros, ainda, falam sobre um cristianismo sem Cristo, afirmando que tudo quanto se pense sobre Ele não afeta o cristianismo. Essa gente está errada!

O cristianismo se acha ligado, para sempre, à pessoa de Cristo. Carlyle reconhecia isso, ao dizer: "Se esta doutrina da divindade de Cristo houvesse ficado perdida, o cristianismo teria desaparecido como se fora um sorvo." É Lecky quem observa: "O cristianismo não é um sistema de moralidade, mas a adoração a uma pessoa."

No momento em que muitos dirigentes religiosos exploram pontos de contato entre o cristianismo e as religiões não-cristãs, a questão da pessoa de Cristo se torna de importância máxima para a igreja. O cristianismo está agora sendo comparado como nunca a outras religiões. Até alguns dirigentes cristãos advogam o sincretismo, ou a elaboração de um sistema de moralidade, ética e religião que reúna todas as religiões do mundo. Muitos desses dirigentes estão dispostos a abandonar alguns ensinamentos da Bíblia a fim de harmonizarem o cristianismo com outras religiões.

A SINGULARIDADE DE CRISTO

Por que motivo insistimos na singularidade do cristianismo? O que apresenta ele de diferente? Que trouxe ele ao mundo que já não houvesse aparecido antes? A resposta cristã é a singularidade de Cristo, a manifestação suprema de Deus. "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (II Coríntios 5:19). É esse o fato central de nossa fé cristã. Cerca de 700 anos antes de Cristo nascer, Isaías, o profeta, já dissera: "Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho" (Isaías

7:14). Essa expressão não encontra paralelo algum na literatura. Homem algum em toda a história, a não ser Cristo, pode dizer que sua mãe era virgem. As Escrituras nos ensinam que Jesus Cristo não teve pai humano. Se o tivera – "o que é nascido da carne, é carne" (João 3:6) – teria herdado todos os pecados e enfermidades apresentados por todos os homens. Teria sido concebido em pecado e modelado na iniqüidade como nós todos.

Ele não foi concebido por meios naturais, mas pelo Espírito Santo, que envolvia a Virgem Maria e Cristo, surge como o único homem que apareceu puro, vindo da mão de Deus. Podia apresentar-se a todos os Seus semelhantes e dizer: "Quem dentre vós me argüirá de pecado?" (João 8:46). Foi o único homem, desde Adão, que podia dizer: "Eu sou puro."

Existem mistérios a respeito da encarnação que jamais poderemos compreender. Na verdade, Paulo fala de "Deus. . . que se manifestou na carne" como um "mistério" (I Timóteo 3:16). Em outra epístola, ele afirma: "Tende em vós os mesmos sentimentos que houve em Jesus Cristo, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo e tornando-se em semelhança de homens" (Filipenses 2:5-7).

A DIVINDADE DE CRISTO

Jesus Cristo foi, de forma singular, divina e completa, unigênito Filho de Deus. Ninguém jamais se aproximou da eminência alcançada por Jesus e ninguém jamais se tornou o que Ele foi, pois ninguém jamais nasceu como Ele nasceu, ou morreu como Ele morreu!

Desde seu início até o fim, o Novo Testamento dá testemunho da divindade de Jesus Cristo. O Apóstolo Tomé O chamou "Senhor meu e Deus meu" (João 20:28). Como Tomé não foi censurado por Jesus, isto equivale a uma afirmação de Sua própria parte, de Seu direito divino. Ele apresenta todos os atributos do próprio Deus.

Tem vida divina. "A vida eslava nele" (João 1:4). "Eu sou. . . a vida" (João 14:6).

É imutável. "Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre" (Hebreus 13:8).

É a verdade. "Eu sou... a verdade" (João 14:6).

E santo. "Por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus" (Lucas 1:35). "E nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus" (João 6:69). "Santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores" (Hebreus 7:26).

Existia antes de começar o tempo. "Antes que Abraão existisse, eu sou" (João 8:58). "Ele é antes de todas as coisas" (Colossenses 1:17). "Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim" (Apocalipse 21:6).

Sabia todas as coisas. "Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos" (Mateus 9:4). "Porque os conhecia a todos... porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana" (João 2:24, 25). "Vemos que sabes todas as coisas" (João 16:30). "Em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos" (Colossenses 2:3).

A Ele são atribuídas todas as obras de Deus. "Todas as coisas foram feitas por intermédio dele" (João 1:3). "E um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas" (I Coríntios 8:6). "Tudo foi criado por meio dele e para ele" (Colossenses 1:16). "Os céus são obras das tuas mãos" (Hebreus 1:10).

A Ele foram proporcionadas adoração e honrarias conferidas somente à divindade. "Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei" (João 14:14). "E todos os anjos de Deus o adorem" (Hebreus 1:6). "Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho . . . e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus-Pai" (Filipenses 2:10, 11). "Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno" (II Pedro 3:18).

Quando Ele perdoou pecados, fez o trabalho que somente Deus pode fazer. "Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados – disse então ao paralítico:

Levanta-te, toma o teu leito e vai para a tua casa" (Mateus 9:6). "Por que fala ele deste modo? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?" (Marcos 2:7).

Foi William E. Gladstone quem dissera uma vez: "Tudo quanto escrevo, penso e espero se baseia na divindade de nosso Senhor, a única esperança central de nossa pobre raça transviada."

Jesus chama a si próprio o Filho de Deus. Duas vezes, no Evangelho de João, Ele Se identifica como o Filho de Deus, nos capítulos 9 :37 e 10:30. Fá-lo de novo em Marcos 14:61, bem como em muitos outros lugares, seja por afirmação direta ou por inferência. O Evangelho de João se inicia com a afirmação majestosa, que faz paralelo ao Gênesis 1:1: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus." Aí encontramos uma igualdade com Deus. É novamente João quem diz: "Pois de fato vi, e tenho testificado que ele é o Filho de Deus" (João 1:34). Natanael disse: "Mestre, tu és o Filho de Deus" (João 1:49). Também podemos fazer referência a João 3:16, 18 e 19:7, estando claramente determinado que Jesus afirmava ser o Filho de Deus, ou isso Lhe era atribuído por Deus, ou afirmado a Seu respeito por Seus contemporâneos.

Quando o Novo Testamento indica a fé salvadora, identifica essa fé à divindade de Cristo. Na conclusão do Evangelho de João, o Apóstolo declara: "Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (João 20:31).

Duas coisas apresentam importância capital neste ponto. A primeira: o objetivo da fé é lesas Cristo. "Estes porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus" (João 20:31).

É especificado e acentuado que "Jesus é o Cristo, o Filho de Deus". Eis a mais elevada revelação de Jesus, e qualquer coisa inferior a esse nível de fé mostra-se ineficaz como ato de fé salvadora.

O objetivo da fé salvadora não é um corpo de verdades chamado credo, embora os credos sejam importantes. O objetivo da fé é uma

pessoa, Jesus Cristo. Essa pessoa não é apenas a personagem histórica conhecida pelo nome de Jesus Cristo, mas a personagem pré-histórica e pós-histórica de Jesus Cristo, conhecido como o Filho de Deus! Ele é "o mesmo ontem, e hoje, e o será para sempre" (Hebreus 13:8).

Se a Bíblia há de servir como nossa base de autoridade, nesse caso devemos "pela fé" aceitá-Lo como Filho do Deus vivo. Isso parece estreito e intolerante, e em certo sentido é mesmo! Alguns de nossos teólogos modernos não iriam a esse ponto, mas em meu longo estudo da Bíblia tive de chegar à conclusão de que as Escrituras ensinam que devemos acreditar que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo.

Quando Jesus voltou a Seu lar em Nazaré, foi dito que "não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles" (Mateus 13:58). Que incredulidade era essa? Seus concidadãos acreditavam que José era Seu pai, e não que Ele fosse o Filho de Deus.

A salvação é um ato de Deus, iniciado por Deus, executado por Deus e por Deus sustentado. A fé que salva a alma é descrita como fé em Cristo como Filho de Deus, e não como homem bom, ou grande homem, mas como o singularmente concebido Filho do Deus vivo! Isto é coerente com o testemunho de todo o Novo Testamento e com as proclamações dos primeiros pregadores do Evangelho, unânimes em proclamar a necessidade de fé em Jesus Cristo como divindade.

A segunda coisa importante em João 20:31 está em que o efeito da fé em Jesus Cristo é "vida". "E para que, crendo, tenham vida em seu nome." O resultado de uma fé bem colocada, e dessa natureza específica, é descrito como "vida". A Bíblia descreve o homem como fisicamente vivo, mas espiritualmente morto e um homem morto precisa de vida.

Toda a raça humana é descrita como estando "morta nos delitos e pecados" (Efésios 2:1). Isto significa que estão mortos para Deus, são incapazes de produzir vida divina, o que só pode ser feito por Deus. Eles podem apenas acreditar e receber. A vida de que se fala nesse ponto é aquela com que Adão foi criado, mas que perdeu por pecar. É a vida que Jesus tinha como eterno Filho de Deus, a vida que se viu sujeita à

tentação do deserto e às atrações da concupiscência da carne, do olhar e soberba da vida. É a vida que se submeteu à rotina da vida diária como a temos de viver hoje, onde Cristo foi "tentado em todas coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (Hebreus 4:15). Essa vida foi tornada possível a toda a humanidade pela morte de Jesus na cruz. Ele disse: "Eu vim para que tenham vida" (João 10:10). Essa é a vida que podemos ter agora! Isto é "Cristo em vós, a esperança da glória" (Colossenses 1:27).

A REALIDADE HISTÓRICA DE CRISTO

A vida de Jesus tem sido objeto de tributos prestados pelos maiores homens e pelos mais humildes, o que se mostra particularmente verdadeiro no caso de grande homens que reconheceram Jesus como o personagem singular e superlativo do mundo. As suas estimativas de Jesus deram testemunho de Sua realidade histórica e confirmaram que o que Ele foi e fez se baseia em fato histórico concreto.

Rousseau declarou: "Teria sido um milagre maior inventar uma vida tal como a de Cristo do que ela existir." Outro disse: "Seria preciso um Jesus para inventar um Jesus." Declarou Pascal: "Conhecemos Deus apenas por intermédio de Jesus Cristo. Sem esse mediador, desaparece toda a comunhão com Deus; por meio de Jesus Cristo, conhecemos Deus."[2]

Os homens sentem assombro na presença da vida do Salvador, e suas avaliações instintivas dão amplo testemunho da singularidade de uma vida da qual nenhum ser humano jamais se aproximou. Por ocasião do falecimento de Winston Churchill, um jornal londrino declarou: "Pode-se dizer que foi o maior dos homens, depois de Jesus Cristo." Em outras palavras, o jornalista eslava reconhecendo que Jesus foi o maior de todos os homens.

No caso de Cristo, não se pode apresentar qualquer explicação natural, e Ele não pode ser comparado àqueles que aprenderam na escola ou ensinaram a si próprios. Ele falou como alguém que não só conhecia a verdade, mas *era* a verdade. Como disse Philip Schaff: "Cristo se

apresenta ... solitário entre todos os heróis da história, e nos apresenta um problema insolúvel, a menos que admitamos ser Ele mais do que o homem, o eterno Filho de Deus."[3]

Assim é que todo o cristianismo se baseia numa pessoa: Jesus Cristo. O próprio Cristo é a corporificação do Evangelho. É Ele quem faz as maiores afirmações sem o menor sentimento de orgulho, ambição ou vaidade, mas com a simplicidade e autoridade da verdade axiomática. E quando Jesus falou à Sua própria geração, disse: "Porque se não crerdes que eu sou morrereis nos vossos pecados" (João 8:24).

Cristo apresenta-Se como tendo sido "enviado de Deus" e "não sendo deste mundo" e tendo "vindo de Deus". Declara-Se "a luz do mundo", "o caminho, a verdade e a vida", e "a ressurreição e a vida". Promete vida eterna a todos que nEle creiam como Salvador. Quando diante de Sua morte próxima e sob solene apelo ao Deus vivo, Ele foi desafiado por um chefe religioso – "És tu o Cristo, Filho de Deus?" – calara e deliberadamente respondeu pela afirmativa. Além disso, referiu-Se à Sua gloriosa volta, proclamando-Se assim, no momento de mais profunda humilhação e diante do triunfo aparente dos poderes das trevas, o governante divino e juiz da humanidade (Mateus 26:63, 65).

O DEUS-HOMEM

Aonde nos leva esse testemunho tão esmagador? Deixa-nos com a convicção de que Jesus não foi apenas um homem bom, ou um grande profeta, mas o Filho de Deus, divino tanto quanto humano, revelando em Sua vida e por Seus ensinamentos a mente e o coração de Deus. Na verdade, se Jesus tivesse sido apenas um homem igual a outros homens, ainda que melhor, nesse caso o cristianismo seria simplesmente uma filosofia superlativa, ou meramente outro código ético. Na realidade, é a divindade de Cristo o que, acima de qualquer outra coisa, proporciona ao cristianismo sua sanção, autoridade, poder e significado verdadeiro.

Foi Archibald Rutledge quem afirmou: "Durante mais de trinta anos minha função principal na vida foi estudar e tentar ensinar literatura. A quem se dedica a isso com tanto afinco é natural que advenha certa capacidade de distinguir o genuíno do falso, o autêntico do inventado. Todas as vezes que leio os Evangelhos, sinto-me mais impressionado pela convicção de que as narrativas referentes a Cristo não estão no terreno da fantasia, tradição ou folclore. Existe nelas a realidade ingênua da própria vida. Não podem ser, como São Pedro nos diz expressamente que não são, 'fábulas astutamente inventadas'. Os incidentes são de tal natureza que jamais poderiam ter sido forjados, e seu efeito sobre o mundo, por dois mil anos, tem sido de molde tal que invenção alguma poderia produzir. Aquelas narrativas possuem a validez transparente e patente que só se encontra na verdade.'"

"Na divindade de Jesus Cristo", afirma Rutledge, "eu tenho fé implícita, confiança completa e raciocinada... Cristo é Deus."[5]

O mesmo autor formula e responde uma pergunta importante: "E podemos crer que Deus nos daria um modo de vida baseado num embuste? Deus nos ofereceria uma religião que a razão se visse obrigada a rejeitar? A resposta é obvia, e quanto mais elevada seja a inteligência humana tanto mais certa ela se mostra de seu poder de reconhecer a verdade. A aceitação de todos os grandes ensinamentos do cristianismo mostra-se fácil e natural, no momento em que aceitamos a divindade de Cristo, e como qualquer mente sincera e honesta possa rejeitá-lO como Deus é coisa além de minha capacidade de compreensão."

Em última análise, deste ou daquele modo, neste ou naquele momento, encontrar-nos-emos diante da pergunta: Que pensais de Cristo? De quem Ele é Filho? Se Jesus Cristo não é quem afirmou ser, trata-se de um embusteiro ou de um egomaníaco.

Temos de responder essa pergunta tanto com a crença quanto pela ação. Não devemos simplesmente acreditar algo a respeito de Jesus, mas devemos fazer alguma coisa a Seu respeito. Devemos aceitá-Lo ou rejeitá-Lo. Jesus tornou claro quem Ele era e o motivo pelo qual viera ao

mundo. Perguntou a seus discípulos: "Quem diz o povo ser o Filho do homem?" Eles Lhe apresentaram toda uma variedade de designações no plano humano, e então Jesus voltou-se para eles e indagou: "Mas vós, quem dizeis que eu sou?" A isso Pedro respondeu com a afirmação histórica: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mateus 16:13-16). Aí temos o ápice da fé, o pináculo da crença. É aí que deve assentar-se a fé de cada um, se quiser a salvação. Cristo é iniludível! Também nos devemos resolver "o que fazer com Cristo"!

A LOUCURA DE DEUS

Na costa meridional da China e sobre uma montanha a cavaleiro do porto de Macau, colonizadores portugueses construíram em tempos idos uma grande catedral, mas um furacão mostrou-se mais forte do que a obra das mãos humanas, e há alguns séculos a construção ruiu, ficando em pé somente a parede da fachada. Bem no alto daquela parede, desafiando os elementos ao correr dos anos, acha-se uma grande cruz de bronze. Em 1825, Sir John Bowring naufragou perto daquele lugar, e segurando-se aos destroços do navio finalmente pôde ver aquela grande cruz, que lhe mostrava onde poderia encontrar abrigo. Esse salvamento dramático lhe inspirou os versos hoje conhecidos por milhões de pessoas:

Na cruz de Cristo encontro a glória
Bem alta, acima até do horizonte;
Toda a luz da sagrada história
Junta-se em torno de Sua fronte.

(In the cross al Christ I glory,
Towering o'er the wrecks al time;
All the light al sacred story,
Gathers round its head sublime.)

Quando o Apóstolo Paulo se dirigiu à grande cidade intelectual de Corinto, declarou: "Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (I Coríntios 2:2). E, quando perguntaram qual era sua mensagem, respondeu: "Pregamos a Cristo crucificado" (I Coríntios 1:23).

Ao povo de Corinto a pregação da cruz era empreendimento ridículo, louco e até idiota, mas Paulo disse: "Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (I Coríntios 1:25). Naquele grande centro, a cruz de Cristo era um tropeço para os filhos de Israel, e para os gentios uma idiotice!

Os coríntios, gente intelectualizada, exigiam um sistema filosófico de feitura humana afirmado na capacidade do homem irregenerado no sentido de resolver os mistérios divinos. Queriam algo que suas mentes pudessem entender, mas Paulo diz que o homem natural não pode entender as coisas de Deus (I Coríntios 2:14).

Não precisamos compreender os elementos químicos de um remédio para que nos beneficiemos com ele e isso não parece ser irrazoável. Um médico redige uma receita que não conseguimos ler, para o tratamento de uma doença que não compreendemos, e com satisfação pagamos uma soma que pode parecer absurda porque confiamos no conhecimento qualificado e temos fé em que recobraremos a saúde. Antes que a cruz apresente qualquer sentido, o Espírito de Deus precisa abrir a mente humana. As Escrituras ensinam que as nossas mentes estão encobertas por um véu em conseqüência da nossa separação de Deus. A um homem "de fora" a cruz deve parecer ridícula e tola. No entanto, para os que sentimos seu poder de transformação dos homens, ela se tornou o remédio único para os males do indivíduo e do mundo.

O Evangelho de Cristo e de Cristo Crucificado ainda constitui loucura para milhões de pessoas no mundo. Há muito tempo Paulo fez a pergunta: "Onde está o sábio? onde o escriba? onde o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação" (I Coríntios 1:20, 21).

"Pregamos a Cristo crucificado." A cruz torna-se o ponto focal na vida e ministério de Jesus Cristo, não foi uma segunda reflexão ou medida de emergência com Deus. Cristo é "o Cordeiro que foi morto, desde a fundação do mundo"' (Apocalipse 13:8). A cruz foi destinada a derrotar Satanás que, mediante embuste, obtivera direitos de posseiro ao título de propriedade da terra.

Muitas das grandes palavras da Escritura são termos legais. Alguma coisa estava errada no universo. Grande injustiça fora perpetrada, e Deus

era justo. Tudo isso são termos legais: justificação (Romanos 5:1), reconciliação (Efésios 2:16), redenção (Lucas 2:38), condenação (João 3:19), advogado (I João 2:1).

Quando Satanás, mediante seus sortilégios e artimanhas, separou o homem de Deus no Jardim do Éden, estava sendo mais do que o enganador do primeiro casal. De algum modo misterioso, exercia um tipo de pseudo-soberania sobre o homem. Mas o poder de Satanás foi destruído no Calvário. "Para isto se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo" (I João 3:8). Na cruz, Satanás recebeu um castigo atrasado. Embora Satanás ainda seja o fingido e o usurpador, seu fim e destruição são certos pela vitória de Cristo na cruz. "Para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo" (Hebreus, 2:14).

Se foi possível a um homem, Adão, levar a raça humana à ruína, por que não seria possível a outro homem redimi-la? Diz a Bíblia: "Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo" (I Coríntios 15:22). Por meio da cruz, Cristo salvou os escravos que Satanás mantinha em cativeiro, e os reconciliou Consigo. A Bíblia descreve esse plano divino com as palavras seguintes: "Mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória; sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivesse conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória" (I Cor. 2:7, 8). Esse era o segredo eterno. Era esse "o mistério, guardado em silêncio nos tempos eternos, e que agora se tornou manifesto" (Romanos 16:25, 26).

Assim como Rommel, a "Raposa do Deserto", foi detido pelos Aliados que passaram a empregar os próprios métodos dele, também Satanás foi detido por Deus e apanhado em sua própria armadilha. Satanás não contava que Deus amasse o mundo tão intensamente que deixasse Seu próprio Filho ser submetido ao pior que Satanás podia fazer, e porque o demônio errou em seus cálculos quanto à grandeza do amor divino e a sabedoria de Seu plano, viu-se na cruz despido de sua

autoridade e poder. O que parecia ser a maior derrota da história tornou-se o maior triunfo.

EXPIAÇÃO

Quando traduzia o Novo Testamento para o idioma inglês, William Tyndale encontrou grande dificuldade para descobrir uma palavra à altura do significado da obra redentora de Cristo. Não achando palavra adequada, Tyndale juntou duas palavras simples, *at* e *onement*, formando assim *atonement* (expiação) e proporcionando em sua etimologia uma indicação do ensinamento bíblico da salvação pela reconciliação. Na monte de Cristo na cruz, Deus e o homem, que estavam separados pelo pecado, foram unidos pela cruz. Se os pecados do homem pudessem ter sido perdoados de qualquer outro modo, Deus não teria permitido a Seu Filho ir ter à cruz. Se os problemas do mundo pudessem ter sido resolvidos de algum outro modo, Deus não teria permitido a morte de Jesus. No jardim de Getsêmane na noite antes do Calvário, Jesus orou: "Se possível, passe de mim este cálice" (Mateus 26:39). Em outras palavras, se existe algum outro meio de redimir a raça humana, ó Deus, encontra-o! Não havia outro meio, e então Ele orou: "Não seja como eu quero, e, sim, como tu queres" (Mateus 26:39).

A religião judaica ortodoxa foi fundada no sistema sacrificial. Quando Deus entrou em aliança com Israel, na qual Ele devia ser seu Deus e Israel deveria, em sentido especial, ser Seu povo (Deuteronômio 7:7), essa relação se fundou na lei. Mas o povo não a podia respeitar perfeitamente, e a violação da mesma era pecado. Diz a Bíblia: "Porque o pecado é a transgressão da lei" (I João 3:4). Quando Deus deu a lei, sabia que o homem não era capaz de cumpri-la. Muitos demonstram confusão sobre o motivo pelo qual Deus deu a lei, quando sabia que não seria possível ao homem cumpri-la. A Bíblia ensina que a lei foi dada como um espelho – olho a lei e nela vejo meu estado espiritual. Vendo o quanto falhei, isso me leva à cruz de Cristo, procurando perdão. "De

maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados pela fé" (Gálatas 3 :24). A Bíblia diz ser esse o motivo pelo qual Cristo veio ao mundo para redimir aqueles que estavam sob a lei. O homem não podia cumpri-la, estava condenado por ela.

O pecado tinha de ser expiado, pelo que, de início, Deus instituiu o sistema sacrificial mediante o qual o homem podia ser levado a uma relação correta com Deus. Por isso, João Batista disse: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29). Sob a lei judaica aqueles que haviam cometido ofensa traziam sacrifícios de cordeiros e ofereciam-nos a Deus. Tais sacrifícios eram tipos e sombras do Grande Sacrifício que estava ainda por vir.

Os sacrifícios oferecidos em altares hebraicos indicavam o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Tais sacrifícios foram instituídos não porque Deus fosse sanguissedento ou injusto em Suas exigências, mas para que a atenção do homem pudesse ser dirigida à repugnância e horror do pecado e à cruz, onde o próprio Deus faria um sacrifício eterno que satisfaria para sempre as exigências de Sua justiça. "Não por meio de sangue de bodes e de bezerros, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção" (Hebreus 9:12).

Na expiação de Cristo pelo pecado, Ele se apresentou para ocupar o lugar do pecador culpado. Se Deus houvesse perdoado o pecado por um decreto divino sem a expiação, que acarretava a vergonha, agonia, sofrimento e morte de Cristo, nesse caso o homem poderia supor que Deus deixava passar, fechava os olhos ou se mostrava indiferente ao pecado. O homem continuaria assim pecando, e a Terra se teria transformado num inferno vivo. Mas no sofrimento de Jesus temos a participação de Deus no ato de expiação. O pecado sangrava o próprio coração de Deus, que ali sentia todos os cravos e lanças, o sol quente, a zombaria e os golpes corporais. Na cruz está o amor sofredor de Deus, arrastando a culpa do pecado humano; e só isso pode abrandar o coração do pecador e trazê-lo ao arrependimento e salvação. "Fê-lo pecado, por nós" (II Coríntios 5:21).

A CRUZ DE CRISTO

O cerne do Evangelho cristão, com sua encarnação e expiação, acha-se na cruz e na ressurreição. Jesus nasceu para morrer e fez pelo homem o que este não pode fazer por si próprio. Fê-lo mediante a cruz e a ressurreição. Hoje em dia, estamos procurando panacéias filosóficas de fabricação humana, e em todos os centros de estudo travam-se debates à busca da sabedoria suprema e da felicidade daí resultante. Até agora, solução alguma foi encontrada e lutamos ainda com os mesmos problemas filosóficos de que tratavam Platão e Aristóteles. Estamos procurando uma saída para nosso dilema e o sinal universal que podemos ver reza: "Não há saída." Mas a cruz se apresenta em meio a nosso dilema como a esperança única. Nela, encontramos a justiça de Deus em satisfação perfeita, a misericórdia divina estendida ao pecador, o amor de Deus cobrindo as necessidades, o poder divino para as emergências, a glória de Deus para as ocasiões todas. Nela encontramos força bastante para transformar a natureza humana, transformar o mundo.

Milhares de pessoas sofrem complexos de culpa, e quase todas sentem que, de algum modo, estão erradas, como o menino que afirmou: "Acho que nasci errado." Da cruz, Deus disse: "Eu vos amo", e estava dizendo também: "Eu vos posso perdoar." A palavra mais gloriosa e emocionante em qualquer idioma é "perdão". Deus, em Cristo, tinha uma base para perdoar. Porque Cristo morreu, Deus pode justificar o pecador e ainda assim ser justo.

A morte de Cristo na cruz foi mais do que a morte de um mártir, mais do que um bom exemplo com o oferecimento da Sua vida pelos Seus semelhantes. O Seu sacrifício foi aquele que Deus indicara e ordenara como o único sacrifício pelo pecado. Dizem as Escrituras: "Mas o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos ... ao Senhor agradou moê-lo, fazendo enfermar" (Isaías 53:6, 10). Devido a ter o próprio Deus determinado que Cristo cubra a culpa humana, não é possível que Deus rejeite o pecador que aceitou Jesus Cristo como seu

Salvador. "A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé" (Romanos 3:25).

É disso que trata a mesa de comunhão na igreja. Todas as vezes que comemos o pão lembramo-nos do corpo de Cristo pregado à cruz por nós, e todas as vezes que bebemos o vinho estamo-nos lembrando do sangue derramado na cruz como cobertura dos nossos pecados. Uma meninazinha, vendo a cruz sobre a mesa de comunhão, perguntou: "Mamãe, que faz esse sinal de mais na mesa?" A cruz é o grande sinal de mais que Deus deu à história.

A expiação de Cristo é suficiente, porque Deus disse que o era. Sei que sou pecador, sei que violei as leis de Deus, sei que ofendi a Deus inúmeras vezes. Meu coração, mente e consciência têm estado perturbados. No entanto, quando pela fé olho a cruz, encontro paz e alegria porque ser que Deus ficou satisfeito com o sacrifício de Seu Filho. Meu pecado foi cometido contra Deus, e se Ele estiver contente com o que Cristo fez a meu favor e deseja me perdoar, nesse caso não tenho mais motivos de preocupação. Estou redimido, reconciliado, perdoado, foi-me garantido o céu – não devido a qualquer bondade ou boas obras de minha parte, mas apenas devido ao amor e misericórdia de Deus, em Cristo na cruz, é que tenho algum direito ao céu. Foi Deus quem permitiu a Cristo morrer em meu lugar. Foi Deus quem aceitou Seu sacrifício quando Ele morreu.

Quando Jesus tomou o nosso lugar, nossos pecados foram depositados nEle e nossos pecados não podem estar em dois lugares ao mesmo tempo. Todo o meu pecado estava em Cristo, e não retive em mim qualquer pecado pelo qual Deus venha mais tarde a pedir contas. Meu pecado tornou-se o encargo de Cristo, que o tirou de mim, tomando-se o portador dos pecados. Toda minha dívida com Deus foi transferida para Cristo, que pagou tudo quanto eu devia. Jamais sofrerei a vergonha do julgamento ou os terrores do inferno. "Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nos as nossas transgressões" (Salmos 103:12).

Mas alguém pode dizer: "Não compreendo isso tudo." Que ridículo! Se um homem se estivesse drogando e eu lhe atirasse uma bóia, iria ele dizer que não a usaria até saber se era feita de borracha ou cortiça, e se era bastante forte para sustentá-lo? Um homem a ponto de afogar-se iria falar assim? Os que estão fora de Cristo são incapazes de compreender o mistério da cruz, enquanto estiverem em seu estado degenerado. Não é que a luz não seja bastante para ver o mistério, pois existe luz suficiente para levar-nos à cruz de Cristo para obter misericórdia. Pela fé recebemos a Jesus Cristo como nosso Senhor e Salvador, e a cruz nos tornará a coisa mais preciosa do mundo.

A EVIDÊNCIA DA CULPA

Quando olhamos a cruz, vemos diversas coisas. *Em primeiro lugar, ali está a mais clara evidência da culpa do mundo*. Na cruz de Cristo o pecado atingiu seu ápice, e sua aparição mais terrível efetuou-se no Calvário. Jamais se apresentou tão negra ou odiosa. Ali vemos o coração humano inteiramente nu e sua corrupção de todo à vista. Alguns disseram que o homem melhorou desde aquele dia e que, se Cristo regressasse em nossos tempos, não seria crucificado, mas teria gloriosa recepção. Cristo vem todos os dias a nós, na forma das Bíblias que não lemos, na forma das igrejas que não freqüentamos, na forma de necessitados que deixamos de ajudar.

Estou convencido de que, se Cristo voltasse, hoje, seria crucificado com rapidez ainda maior do que Lhe sucedeu há dois mil anos. O pecado jamais melhora alguém, assim como um câncer jamais melhora. A natureza humana não se modificou, e enquanto nos pomos a olhar a cruz, vemos claras indicações de que o homem está inerentemente errado e ouvimos o veredicto inevitável do próprio Deus: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Romanos 3:23).

PROVA DE QUE DEUS ODEIA O PECADO

Em segundo lugar, na cruz encontramos a prova mais forte de que Deus odeia o pecado. Repetidas vezes, Deus afirmou que a alma que peca morrerá. A fim de ter um entendimento claro da atitude de Deus para com o pecado, basta examinar o propósito da morte de Cristo. Dizem as Escrituras: "E sem derramamento de sangue não há remissão" (Hebreus 9:22). Aí temos uma afirmação positiva de que não pode haver perdão ao pecado, a menos que seja paga nossa dívida. Deus não tolerará o pecado e a lei moral condena-o, exigindo pagamento por ele. Deus, como árbitro moral do universo, não pode entrar em acordos e continuar justo. Sua santidade e Sua justiça exigem penalidade pelo rompimento da lei.

A tendência, em nossos dias, é no sentido de achar que tal posição, por parte de Deus, é severa em demasia, e assim nos vemos fabricando um outro evangelho (Gálatas 1:8). Existem muitos, em nossos dias, que atribuem o pecado a causas psicológicas, e muitos afirmam não serem responsáveis pelo que fazem. Mas Deus diz que nós somos responsáveis, e quando olhamos a cruz vemos como Deus lida drasticamente com o pecado. Diz a Escritura: "Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nos o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?" (Romanos 8:32). "Àquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nos" (II Coríntios 5:21). Se Deus teve de mandar Seu único Filho à cruz a fim de pagar a penalidade do pecado, nesse caso o pecado deve, realmente, ser coisa abominável aos olhos dEle.

A GLÓRIA DO AMOR DIVINO

Em terceiro lugar, na cruz vemos uma demonstração gloriosa do amor de Deus. "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16). Paulo escreveu aos cristãos em Roma: "Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos

ímpios. Dificilmente alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Romanos 5:6-8).

Uma bela e jovem dirigente social veio visitar minha esposa e a mim. Convertera-se a Cristo numa de nossas cruzadas, e mostrava-se absolutamente radiante em sua transformação. Já aprendera de cor inúmeros versículos da Escritura, e estava tão cheia de Cristo que por duas horas estivemos sentados, ouvindo-a apresentar seu comovente testemunho. Repetidas vezes ela disse: "Não posso entender como Deus pode perdoar-me. Fui uma pecadora tão má! Não consigo compreender o amor de Deus."

A BASE DA FRATERNIDADE

Em quarto lugar, na cruz vemos uma base de verdadeira fraternidade mundial. Fala-se muito, hoje em dia, sobre a Paternidade universal de Deus e sobre a fraternidade universal do homem. A maior parte dos apelos feitos em nome da paz se baseia na idéia da fraternidade humana. Existe um sentido no qual Deus é o Pai de nós todos, pela criação, mas o mundo parece cego ao fato de que, para os homens conhecerem Deus espiritualmente como Pai, devem aceitar Cristo como Salvador pessoal. Somente assim somos trazidos à família de Deus, cuja Paternidade espiritual só pertence àqueles que nEle confiam.

A Bíblia diz que Deus vê duas classes de homens. Vê os salvos e os perdidos, os que vão para o céu e os que vão para o inferno. Jesus tornou isso bem claro ao dizer: "Entrai pela porta estreita (larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz para a perdição e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com era" (Mateus 7:13, 14).

A Bíblia, no entanto, ensina também que existe uma fraternidade gloriosa e uma Paternidade igualmente gloriosa por intermédio da cruz.

"Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derrubado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu na sua carne a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse em si mesmo novo homem, fazendo a paz" (Efésios 2:14, 15). Fora da cruz, existe a amargura, intolerância, sedição, má vontade, preconceito, concupiscência, cobiça e ódio. Dentro da eficácia da cruz, existem amor, companhia, vida nova e nova fraternidade. A única esperança humana de paz está na cruz de Cristo, onde todos os homens, seja qual for sua nacionalidade ou sua raça, podem tornar-se uma nova fraternidade.

Há pouco tempo, um professor universitário afirmou: "Existem duas coisas que nunca serão resolvidas, os problemas da raça e da guerra." Eu afirmo que esses dois problemas, bem como todos os demais, podem ser resolvidos, mas somente na cruz. A cruz de Cristo não é apenas a base de nossa paz e esperança, mas também o meio de nossa salvação eterna. O objetivo da cruz não é somente um perdão completo e gratuito, pois é igualmente uma vida transformada, vivida em companhia de Deus. Não admira que Paulo dissesse, há dois mil anos: "Pregamos a Cristo crucificado." É essa a mensagem para o mundo de hoje, a mensagem de esperança, paz e fraternidade. É a isto que o mundo chama loucura, mas que Deus resolveu chamar sabedoria.

O DIA EM QUE A MORTE MORREU

Quando minha esposa e eu estudávamos na universidade, costumávamos fazer longos passeios a pé pelo campo, indo dar num velho cemitério, onde íamos ler os epitáfios nos lápides. Desde aquela época, sinto prazer em ir a cemitérios velhos em diversos pontos do mundo. Quando passamos por eles e vemos as lápides ou entramos numa igreja e examinamos os monumentos antigos, vemos inscrição na maioria deles: "Aqui jaz." Em seguida vem o nome, com a data de falecimento e algum louvor às boas qualidades do defunto. Mas como é diferente o epitáfio gravado no túmulo de Jesus! Não está escrito em caracteres de ouro, e tampouco gravado na pedra. Pronunciado pela boca de um anjo, exatamente o oposto do que há em todos os demais túmulos: "Não está aqui: ressuscitou, como havia dito" (Mateus 28:6).

Os acontecimentos mais importantes na história humana foram a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Disse o Apóstolo Paulo: "E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vá a vossa fé ... E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados" (I Coríntios 15:14, 17).

Ao ler a respeito da igreja primitiva, vemos que o tema central do testemunho dado ao mundo pelos primeiros cristãos era o fato de que Jesus Cristo, que fora crucificado, levantara dos mortos. Em geral ouvimos um sermão sobre a ressurreição pela Páscoa, e a coisa costuma ficar por aí. Na pregação dos primeiros Apóstolos, entretanto, a cruz e a ressurreição eram temas constantes. A cruz e a ressurreição estavam ligadas. Sem a ressurreição, a cruz não tem sentido. Separada da ressurreição, a cruz foi uma tragédia e uma derrota. Se os ossos de Cristo jazem corroídos num túmulo, nesse caso não há boa-nova, a treva do mundo é realmente negra e a vida não tem significado. O Novo Testamento torna-se um mito, o cristianismo uma fábula e milhões de pessoas, vivas e mortas, são vítimas de gigantesca mistificação.

No final de seu grande livro, *Fathers and Sons* (Pais e Filhos), Ivan Turgenev descreve um cemitério de aldeia, em distante recanto da Rússia. Entre as muitas sepulturas abandonadas e negligenciadas havia uma, intocada pelo homem e onde animais não passavam: apenas os pássaros pousavam nela, e cantavam ao nascer do dia. Da aldeia próxima vinha com freqüência um casal idoso, marido e mulher, andando com passos lentos e apoiando-se mutuamente, para visitar aquele túmulo. Ajoelhando-se na cerca e olhando firmemente a pedra sob a qual jazia seu filho, suspiravam e choravam. Depois de breve palavra, limpavam a poeira da pedra, punham em pé o ramo de um abeto e começavam a orar. Naquele local pareciam estar mais próximos de seu filho e das lembranças dele. É quando Turgenev pergunta: "Podem ser suas orações e suas lágrimas infrutíferas? Pode ser que o amor, amor sagrado e devotado, não seja onipotente? Não! Por mais apaixonado, pecador e rebelde o coração oculto no túmulo, as flores que crescem em cima dele encaram-nos serenamente com olhos inocentes, e não nos falam somente da paz eterna, aquela grande paz da natureza indiferente; elas também nos falam da reconciliação eterna, e da vida sem fim."

Assim é que Turgenev oferecia a esperança de uma reconciliação eterna. Mas, em que se baseia essa esperança? Baseia-se na ressurreição de Jesus Cristo.

O HOMEM VIVERÁ OUTRA VEZ?

A grande pergunta de todas as eras foi sempre: "Se um homem morre, viverá outra vez?" Sabemos que a primeira parte da frase cumpre-se todos os dias e não há "se" a esse respeito. "Aos homens está ordenado morrerem uma só vez" (Hebreus 9:27). A questão está em – "O homem viverá outra vez?"

Existe quem afirme que tudo no homem são somente ossos, carne e sangue. Dizem que quando se morre, quando se está morto, nada acontece. Não se vai a parte alguma: é pó ao pó, cinzas às cinzas.

Perguntemos ao cientista e este não consegue responder. Perguntei a muitos cientistas o que pensavam a respeito da vida após a morte, e a maioria respondeu: "Simplesmente não sabemos." A ciência lida com fórmulas e tubos de ensaio, e existe um mundo espiritual do qual ela nada sabe.

Devido ao fato de que muitos acreditam na vida após a morte, suas obras acham-se repletas de tragédia e pessimismo. As obras de William Faulkner, James Joyce, Ernest Hemingway, Eugene O'Neill e muitos outros estão cheias de pessimismo, trevas e tragédia.

Como se mostram diferentes de Jesus Cristo! Este afirmou: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá, eternamente" (João 11:25, 26). E noutra parte Ele diz: "Porque eu vivo, vós também vivereis" (João 14:19). E em outra parte: "Credes em Deus, crede também em mim" (João 14:1). Nossa esperança de imortalidade fundamenta-se somente em Cristo, e não em quaisquer desejos, anseios, argumentos ou instintos de imortalidade. No entanto, a esperança de imortalidade revelada em Cristo concorda com todos esses grandes desejos e instintos. "O coração", disse Pascal, "tem razões que a própria razão desconhece."[1] No caso da ressurreição de Cristo, temos o testemunho não só do coração, mas também da razão.

A Bíblia trata da ressurreição de Jesus como acontecimento que podia ser examinado pelos sentidos, dizia respeito aos olhos, pois os discípulos viram os numerosos aparecimentos de Jesus sob todas as condições concebíveis. Isso aconteceu em certa ocasião a um único discípulo, enquanto de outra feita ocorreu para mais de quinhentos. Alguns viram Jesus separadamente, outros juntos. Por momentos, alguns, e outros por longo lapso de tempo. Alguns O viram à distância, outros de perto. Uns O viram uma vez, outros diversas vezes. A ressurreição dizia respeito aos ouvidos, pois os discípulos ouviram Jesus conversando. Dizia respeito ao tato, pois os discípulos foi dito que segurassem Jesus e assim comprovassem Sua realidade física. Não

apenas eles O viram, mas O tocaram e andaram em Sua companhia, conversaram com Ele, comeram com Ele e O examinaram. Isso afasta as aparições de Jesus ressuscitado do terreno da alucinação e as coloca no reino de fatos materiais demonstráveis.

Existe uma base de fato histórico para nossa crença na ressurreição corporal de Cristo, que repousa em mais provas do que qualquer outro acontecimento ocorrido naquela época.

PROVAS HISTÓRICAS DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

1. A morte real de Jesus

Existe quem afirme que Jesus na realidade não morreu, mas apenas desmaiou. Uma ressurreição torna obrigatória uma morte. A fim de erguer-se dos mortos, Jesus tinha de morrer. Isso é um fato axiomático deduzido da crucificação. Os soldados estavam certos de que Jesus morrera e não foi preciso que provocassem a morte pelo choque, quebrando-Lhe as pernas, como no caso dos dois ladrões. Foram os inimigos de Jesus, e não Seus amigos, que atestaram a Sua morte, e convenceram-se disso quando enfiaram uma lança em Seu coração.

2. O sepultamento físico de Jesus

O corpo de Jesus foi envolto em linho fino e aromatizado, conforme o costume local. Havia um túmulo verdadeiro, que pedia a colocação de um corpo. Além disso, uma pedra foi rolada contra a entrada do sepulcro, foi afixado um selo e um guarda romano se postou diante dEle. Esse sepultamento do corpo de Jesus faz pressupor a impossibilidade de enterrar um espírito. Os espíritos são imateriais e não podem ser sepultados. O corpo de Jesus era material.

Ele não foi apenas sepultado, de modo a ocupar espaço em um túmulo, mas esteve sepultado ali durante três dias. Isso não poderia ter

acontecido a um espírito, pois os espíritos não ocupam espaço nem tempo.

3. O túmulo vazio

Quando os discípulos viram o túmulo em que haviam sepultado anteriormente o corpo de Jesus, encontraram-no vazio. Os adornos de sepultamento estavam em forma e lugares tais que indicavam seu abandono pela partida ordenada do corpo de Jesus. Quando este apareceu mais tarde a Seus discípulos, foi num corpo, pois disse: "Um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (Lucas 24:39). O Seu corpo ressurreto ocupava condições espaciais e executava as funções de movimento, aparência e ingestão de alimentos. Falava e andava, ocupou um aposento mas não precisou de porta para entrar ou sair. Era o mesmo corpo em sua forma espiritual glorificada, que Jesus tirara do túmulo, deixando-o vazio.

4. A ressurreição corporal

Houve treze aparições diferentes de Jesus, sob todas as condições e circunstâncias concebíveis. Diversamente das alucinações, que podem continuar a enganar, as aparições de Jesus cessaram, pois terminaram com Sua ascensão.

Qualquer versão que procure desmentir a ressurreição corporal de Jesus vê-se diante dessas aparições de Jesus em Seu próprio corpo. Era um corpo ao mesmo tempo semelhante e diferente daquele que fora pregado ao madeiro. Era tão semelhante, que Maria O confundiu com o jardineiro. Era tão semelhante, que podia receber alimento, empenhar-se em conversa e ocupar um aposento.

A dessemelhança estava em suas propriedades, pois combinava propriedades tanto materiais quanto imateriais. Podia atravessar portas fechadas ou desaparecer. Quando examinado cientificamente, isso não deve parecer tão inacreditável.

"Nenhuma substância material, porta ou qualquer outra coisa, é realmente sólida. Existem sempre espaços entre as moléculas, de modo que um corpo assim atravessar outro não é coisa mais difícil de imaginar do que um regimento passar por outro, marchando, num desfile militar, e se um regimento contivesse tantos homens quantas moléculas existem numa porta provavelmente pareceria tão sólido quanto ela. Além disso, o corpo ressurgido de Cristo, ainda que possuindo algumas propriedades materiais, é representado como tendo sido também espiritual e a maior aproximação de uma substância espiritual de que temos qualquer conhecimento científico é o éter, que também parece combinar propriedades materiais e imateriais, mostrando-se em algumas particularidades mais um sólido do que um gás. Pode, no entanto, atravessar todas as substâncias materiais, e isso certamente nos impede de declarar inacreditável que o corpo espiritual de Crista passasse por portas fechadas. Na verdade, por tudo quanto sabemos, pode ser uma das propriedades dos seres espirituais a de atravessar substâncias materiais (como fazem os raios X), e se mostrar em geral invisíveis, mas ainda assim ser capazes, se o desejarem, de assumir algumas das propriedades da matéria, tais como tornarem-se visíveis ou audíveis. Na verdade, a menos que sejam capazes de fazê-lo, é difícil ver como pudessem manifestar-se. E uma pequena alteração nas ondas luminosas vindas de um corpo o tornaria visível aos olhos humanos, estando fora de dúvida dizer que Deus, o Onipotente, não pudesse operar tal transformação num corpo espiritual. Embora, para um corpo assim, fazer-se tangível ou ingerir alimentos não seja realmente mais maravilhoso do que tornar-se visível ou audível, porquanto quando ultrapassamos a fronteira entre o natural e o sobrenatural tudo é misterioso."[2]

Foi no espírito dessa prova e verdade que Paulo disse ao rei Agripa: "Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?" (Atos 26:8).

Com freqüência espantosa, a Bíblia afirma o fato da ressurreição corporal de Cristo. Talvez a afirmação mais direta de todas esteja na narrativa feita por Lucas no livro dos Atos, quando relata: "A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias" (Atos 1:3). Que vamos fazer com essas "muitas provas"? Alguém perguntou a meu colega George Beverly Shea quanto sabia a respeito de Deus, e ele

respondeu: "Não sei muito, mas o que sei modificou minha vida." Podemos não ser capazes de levar todas essas provas a um laboratório científico e verificá-las, mas se aceitarmos qualquer fato da história, teremos de aceitar o fato de que Jesus Cristo se levantou dos mortos.

A ressurreição de Cristo não foi apenas um pós-escrito à vida terrena de Jesus, mas um elo de uma série de acontecimentos redentores, que constituem uma cadeia que vai de eternidade a eternidade. Esses acontecimentos incluem a encarnação, a crucificação, a ressurreição, a ascensão e o regresso. Qualquer elo que faltasse nessa seqüência destruiria a cadeia e, assim, tornaria impossível a redenção.

Para o cristianismo pessoal, a ressurreição é de máxima e total importância. Existe uma inter-relação vital para a própria existência do cristianismo, bem como para o crente individual, na mensagem do Evangelho. O teólogo suíço Karl Barth foi quem afirmou: "Queres acreditar no Cristo vivo? Só podemos crer nEle se acreditarmos em Sua ressurreição corpórea. É esse o teor do Novo Testamento. Temos sempre a liberdade de rejeitá-lo, mas não de modificá-lo, ou fazer de conta que o Novo Testamento afirme outra coisa. Podemos aceitar ou recusar a mensagem, mas não a podemos modificar."

A RESSURREIÇÃO É ESSENCIAL

1. *Como sistema de verdade*, o Cristianismo entrará em colapso se rejeitarmos a ressurreição. Que Jesus Se levantou dos mortos, eis uma das pedras fundamentais de nossa fé. Como disse Paulo, "se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a vossa fé" (I Coríntios 15:14).

2. *A mensagem do Evangelho*, isto é, a boa-nova da salvação, acha-se relacionada com uma crença, na ressurreição. Juntamente com a crucificação, foi o tema central dos pregadores apostólicos ao início da era cristã, os quais proclamavam a ressurreição como ponto central do Evangelho. Foi o que Paulo disse: "Irmãos, venho lembrar-vos o Evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda

perseverais; por ele sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão. Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (I Coríntios 15:1-4).

É Charles Reynolds Brown quem nos relata uma conversa travada entre Auguste Comte, o filósofo francês, e Thomas Carlyle, o ensaísta escocês. Comte declarou sua intenção de dar início a uma nova religião que suplantaria inteiramente a religião de Cristo. Não deveria ter mistérios, sendo tão clara quanto a tabuada de multiplicar, e seu nome deveria ser "positivismo".

"Muito bem, Sr. Comte. Muito bem]" comentou Carlyle. "Tudo de quanto vai precisar será falar como jamais um homem falou, viver como nenhum outro homem viveu, e ser crucificado, ressuscitar ao terceiro dia, e fazer o mundo crer que ainda está vivo. Nesse caso, a sua religião terá possibilidade de manter-se."

3. *Uma experiência pessoal de salvação* se relaciona com uma crença na ressurreição. Quando Paulo apresentou a fórmula de fé salvadora, ela estava baseada numa crença na ressurreição. "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa para a salvação" (Romanos 10:9, 10).

Sempre que surge o argumento de que a ressurreição de Jesus não compreendeu a reanimação de Seu corpo, quem o afirma diz que a ressurreição é ressurreição advinda da morte, jamais do túmulo. Dizem que Jesus ergueu-Se imediatamente da morte, entrando em vida espiritual com Deus. Isso quer dizer uma ressurreição espiritual, mas não física e é o que proclamam muitos pregadores modernos na manhã da Páscoa, quando falam, mas não explicam, a ressurreição de Jesus.

Certo ministro me disse recentemente que, mesmo quando dizia o Credo dos Apóstolos, mantinha suas dúvidas, e confessou: "Não posso acreditar na ressurreição de Jesus Cristo."

As Escrituras do Novo Testamento falam unanimemente das testemunhas visuais do Cristo ressurgido, e afirmam:

"Vimos a sua glória."
"A este Jesus Deus ergueu, do que todos somos testemunhas"
"Buscai Jesus de Nazaré, que foi crucificado; ele se ergueu"
"Vós o vereis"
"Ele apareceu"
"Vi Jesus, o Senhor"

No curto espaço de três dias ambos os acontecimentos, a morte e a ressurreição, efetuaram-se corporal, e não simbolicamente – tangível, e não espiritualmente – observados por homens de carne e sangue, e não fabricados pela alucinação.

"Se os autores do Novo Testamento conhecessem os dispositivos de século XX, talvez houvessem insistido na confirmação proporcionada pela máquina fotográfica, pela máquina de gravar, ou pelo relato jornalístico."[3]

Jesus poderia regressar ao céu sem uma ressurreição corporal. Antes de Sua encarnação, Ele existira no céu sem um corpo, e fora a fonte de toda vida. Mas tal regresso não seria um triunfo completo sobre a morte, e Satanás teria ganho uma vitória parcial.

Quando devidamente compreendida, a morte não é apenas a cessação da existência. Ela afeta a personalidade e suas relações com o corpo. O corpo traz em si a sentença de morte, bem como a personalidade. O corpo tem de ser retirado de sua condição de perdição, bem como a alma. Apenas mediante a ressurreição do corpo poderia tornar-se completa a vitória sobre a morte. Isto dizia respeito não somente ao corpo de Jesus, como dirá respeito, também, ao corpo de todos os que crêem. Assim somos salvos, em instância suprema, da morte física, da morte espiritual e da morte eterna. Assim como o julgamento da morte foi total, também é total a salvação quanto à sua penalidade, dizendo respeito ao físico, espiritual e eterno.

Eis a afirmação feita por Paulo: "Transformados seremos todos, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos

transformados... Então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" (I Coríntios 15:51, 52, 54, 55).

A ressurreição foi a confirmação da natureza e ministério de Jesus, que "foi poderosamente demonstrado Filho de Deus, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos" (Romanos 1:4). A ressurreição foi também o penhor e a promessa de nossa própria ressurreição. "Pois se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará juntamente em sua companhia os que dormem" (I Tess. 4:14). "Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem" (I Coríntios 15:20).

Além disso, Jesus amparou a validez de todas as Suas afirmações e a realidade de todas as Suas obras em Sua ressurreição. Tudo dependia de que se levantasse dentre os mortos. Por esse meio, Ele seria julgado verdadeiro ou falso.

O QUE SIGNIFICA A RESSURREIÇÃO PARA NÓS?

1. *Significa a presença do Cristo vivo*. Cristo é o companheiro vivo de todas as pessoas que depositam sua confiança nEle. Foi Cristo quem disse: "E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século" (Mateus 28:20). É a garantia de que a vida possui novo significado. Após a crucificação, os discípulos assediados desesperaram-se e disseram: "Ora, nós esperávamos que fosse Ele quem havia de redimir a Israel" (Lucas 24:21). Havia angústia, desespero e tragédia em meio deles. A vida perdera seu significado e propósito, mas quando a ressurreição se tornou evidente, ela adquiriu novo sentido, apresentava propósito e motivo.

David Livingstone dirigiu-se, certa feita, a um grupo de estudantes na Universidade de Glasgow. Ao erguer-se para falar, viram que trazia em seu corpo as marcas das lutas que tivera na África. Em quase trinta ocasiões distintas as doenças o haviam atacado com gravidade,

deixando-o descarnado e pálido. O braço esquerdo, esmagado por um leão, pendia ao lado do corpo. Depois de descrever suas provações e atribulações, disse: "Gostariam que lhes dissesse o que me sustentou em todos os anos de exílio junto a uma gente cuja língua eu não compreendia, e cuja atitude para comigo era sempre incerta e muitas vezes hostil? Foi o seguinte: 'Eis que estou convosco, até a consumação dos séculos.' Nessas palavras depositei tudo, e elas jamais me falharam."

2. *As orações do Cristo vivo*. Dizem as Escrituras: "É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós" (Romanos, 8:34). Em outras palavras, existe um Homem à mão direita de Deus Pai. Está vivo num corpo que ainda apresenta as marcas dos cravos em Suas mãos, e intercede por nós junto a Deus Pai, na qualidade de nosso Sumo-Sacerdote.

3. *O poder do Cristo vivo*. A ressurreição tornou possível a Cristo identificar-se aos cristãos em todas as épocas e conferir-lhes poder de servi-Lo. "Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai" (João 14:12). Paulo chegou mesmo a orar: "Para conhecê-Lo e ao poder da sua ressurreição" (Filip. 3:10). A presença de Sua ressurreição nos confere vigor e poder para a tarefa de cada dia.

4. *O padrão de nossos novos corpos*. O corpo ressurgido de Jesus Cristo é o padrão do que serão os nossos corpos quando também nos erguermos dos mortos. "Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da Sua glória, segundo a eficácia do poder que Ele tem de até subordinar a Si todas as coisas" (Filipenses 3:20, 21).

5. *A promessa de um futuro redentor*. Todo o plano do futuro tem por chave a ressurreição. A menos que Cristo tenha-Se erguido dos mortos, não pode haver reinado ou rei futuro. Quando os discípulos estavam no lugar da ascensão, receberam a garantia dada pelo anjo de que o Cristo da ressurreição seria o Cristo da glória trazida de volta à

terra. "Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como O vistes subir" (Atos 1:11). É assim que a ressurreição constitui acontecimento que, ao mesmo tempo, preparava e confirmava um acontecimento futuro de Sua segunda vinda.[5]

Sim, nosso guia Jesus Cristo está vivo.

Quando estive na Rússia, ouvi contarem uma história acerca de certa aldeia russa. Depois da revolução bolchevista, o dirigente comunista local fora enviado para narrar ao povo as virtudes do comunismo e afastar-lhe a tendência para a religião, a que Karl Marx chamava "o ópio do povo". Depois que o comunista falou por bastante tempo, disse em tom de desprezo ao pastor cristão da aldeia: 'Tem cinco minutos para contestar." A isso, o pastor replicou: "Não preciso de cinco minutos, pois bastam cinco segundos." Subiu à plataforma e fez a saudação pascoal: "Cristo ressuscitou! A uma só voz, os habitantes da aldeia responderam em coro: "Ressuscitou na verdade."

A POSSIBILIDADE DO NOVO HOMEM

Em seu *Brave New World* (Novo Mundo Audaz), Aldous Huxley inventou uma droga chamada "soma", que tirava todas as asperezas da vida. Não resta dúvida de que, para salvar a humanidade, é preciso ser feita alguma coisa radical, e bem depressa. O homem está à beira do inferno, e as forças que adejam sobre nosso mundo mostram-se tão avassaladoras que, por toda a parte, o homem começa a gritar com desespero: "Que devo fazer para salvar-me?"

Em nosso mundo, tudo parece estar melhorando, menos o homem. Em sua natureza moral essencial, que governa sua relação com o semelhante, ele rouba, mata, mente, engana e espolia. Desde o começo do tempo, ele permanece essencialmente o mesmo. Os relatos jornalísticos de assassinato, estupro e brutalidade indicam que, de alguma maneira, nós fracassamos. Depois de muitos anos de estudos psicológicos, Carl Jung afirmou: "Todos os antigos pecados primitivos não estão varridos, mas acocorados nos cantos escuros de nossos corações modernos... ainda ali, e ainda tão medonhos quanto sempre o foram."

O homem está sendo forçado a aceitar a realidade do pecado e da necessidade de um novo nascimento. Foi Walter Lippmann quem disse: "Estávamos tão certos de que finalmente surgira uma geração, ansiosa e ávida, que vinha endireitar esta terra desordenada... e preparada para essa tarefa... tínhamos tão boa intenção, fizemos tamanho esforço, e vejam o que conseguimos! Só conseguimos embaralhar as coisas. Torna-se necessário um novo tipo de homem."

O grande filósofo dinamarquês, Kierkegaard, escreveu um livro intitulado *A Doença Até a Morte*, onde afirma: "O homem nasce e vive em pecado, nada podendo fazer a seu próprio favor, senão prejudicar-se."

Estamos começando a perceber a incapacidade do homem, depois de séculos inteiros de esforços inúteis no terreno religioso, cultural, moral e educativo que visavam a transformar-lhe o coração. O homem lutou inutilmente por alcançar suas metas morais e transformar-se

mediante a melhoria do ambiente. Agora, achamo-nos desiludidos e percebemos que, de algum modo, a transformação tem de vir de dentro de nós próprios.

AS TENTATIVAS DE TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM

O homem faz na atualidade experiências nas chamadas ciências behaviorísticas, incluindo a antropologia, psicologia e sociologia, a fim de descobrir as leis do comportamento humano. O mal dessas experiências é que ignoram o fato do pecado humano. De acordo com as novas ciências, o pecado em grande parte é imaginário, o homem produto de seu ambiente, o produto afortunado ou não de uma combinação de genes e cromossomos. Nesse sentimentalismo pseudocientífico, o delinqüente juvenil é simplesmente uma criatura desprivilegiada e o ladrão não passa de um desajustado. Nessa filosofia, abandona-se a idéia do pecado e da responsabilidade individual, incriminando tudo, menos o que cometeu o crime ou delito. Assim, nada teríamos a curar a não ser o ambiente humano, em termos de mais condições de habitação, favelas, pobreza, desemprego e discriminação racial, enquanto o suspeito primordial, que é o indivíduo, continua ileso e imutável. O próprio homem e seu comportamento, de acordo com essa ciência nova, são considerados resultados da seleção natural.

Encontra-se, em seguida, a tentativa humana de transformar-nos mediante a química. Os cientistas acham-se anualmente empenhados a fundo no controle do comportamento humano por meio de agentes farmacológicos. Estamos às vésperas de um vasto aperfeiçoamento de drogas destinadas a controlar o comportamento humano. De início, essas drogas serão usadas apenas nos casos de doenças mentais, mas existe sempre a possibilidade de que os ditadores mundiais as empreguem para controlar segmentos inteiros da sociedade. Trata-se das drogas "que modelam as mentes humanas", pois "com novos dispositivos os cientistas estão descobrindo como manobrar nossas emoções,

pensamentos e comportamento". Tais drogas "mudam a mente, alteram as sensações, percepções, estados de espírito, desejos, modos de pensar e de agir".

O professor B. F. Skinner, da Universidade de Harvard, já declarou: "Estamos ingressando na era do controle químico do comportamento humano. As condições motivadoras e emocionais da vida diária normal provavelmente serão mantidas em qualquer estado desejado, pelo emprego de drogas." Na melhor das hipóteses, entretanto tais drogas só nos proporcionarão modificações temporárias, seja para melhor ou para pior, dependendo da natureza de quem as administre, havendo danos permanentes prováveis para o cérebro humano.

O NOVO NASCIMENTO

Foi Jesus Cristo quem exigiu: "Importa-vos nascer de novo" (João 3:7). Jamais teria Ele apresentado essa meta, se não houvesse a possibilidade do acontecimento. Sim, o homem pode ser transformado, de modo radical e permanente, de dentro para fora. Existe a possibilidade de chegarmos a ser um homem completamente novo.

É interessante notar que Jesus fez essa afirmação a Nicodemos, dirigente religioso correto e devoto, que deve ter ficado atordoado por ela. Se Cristo houvesse dito isso a Zaqueu, que fora desonesto em toda a sua escalada no mundo financeiro, ou à mulher no poço, que tinha diversos maridos, ou ao ladrão na cruz, ou à mulher apanhada em adultério, teria sido mais fácil compreender. Sabemos que essas pessoas precisavam de uma transformação. Mas Jesus o declarou a um dos grandes dirigentes religiosos de Seu tempo. Nicodemos jejuava dois dias por semana, passava duas horas por dia orando no templo, pagava o dízimo de toda sua renda, ensinava teologia no seminário. A maioria das igrejas o receberia com prazer, mas Jesus disse: "Não basta; terás de nascer de novo." Isso implica que todos os homens necessitam nascer de novo e implica, também, que todos eles têm essa possibilidade.

Em recente volume de *Peloubet's Select Notes* (Notas Seletas de Peloubet), o Dr. Wilbur M. Smith apresentou a seguinte análise específica de alguns aspectos do novo nascimento:

"Que significa nascer um homem de novo? Para começar, significa algo tremendamente radical. O que somos por natureza somos por causa do que éramos, quando nascemos. Ao tempo do nascimento já está determinado nosso sexo e a própria estrutura de nosso corpo. Não há dúvida de que o nosso temperamento, nossas capacidades, nossos hábitos e inclinações, tudo isso nos é dado ao nascimento, pelo menos fundamentalmente, acontecendo o mesmo à nossa própria aparência. Nascer de novo implica, ao menos, um início absolutamente novo, não uma reforma da vida, não o voltar mais uma página, não a adição de qualquer atributo, aspecto ou capacidade novos, mas tão radical transformação que, por seu intermédio, venhamos a ser completamente diferentes do que temos sido. É claro que todos sabem que não podemos nascer pela segunda vez materialmente. A referência é, pois espiritual. Trata-se de um renascimento não do corpo, mas da alma, do espírito e do caráter. Também devemos notar... a extensão universal e a necessidade absoluta de um milagre assim, se quisermos ser membros do reino de Deus. Ninguém se acha excetuado e ninguém pode substituir essa realidade tremenda por outra coisa."

Para sua própria vergonha, e em detrimento da sociedade, a igreja moderna abandonou em grande parte essa mensagem do novo nascimento. Prega a transformação social, o desarmamento e legislação adequada, mas não se interessa por aquilo que resolverá realmente os problemas do nosso mundo – a transformação dos homens. O problema básico do homem é espiritual, e não social. O homem necessita de uma transformação completa, efetuada de dentro para fora.

A Bíblia refere-se muitas vezes a essa transformação de que falava Jesus. Afirmou o profeta Ezequiel: "Dar-vos-ei coração e porei dentro de vós espírito novo" (Ezequiel 36:26). No livro dos Atos, Pedro chama a isso arrependimento e conversão. Paulo fala disso, dirigindo-se aos romanos, como sendo "ressurretos dentre os mortos" (Romanos 6:13). Em Colossenses, Paulo fala em que "vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno

conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (Colossenses 3:9, 10). Em Tito, fala ele do "lavar regenerador e renovador do Espírito Santo" (Tito 3:5). Pedro disse que somos "co-participantes da natureza divina" (II Pedro 1:4), enquanto João dizia que a renovação era passar "da morte para a vida" (João 5:24). No catecismo da Igreja da Inglaterra, chama-se ao acontecimento "uma morte para o pecado e um novo nascimento para a virtude".

A Bíblia ensina assim que o homem pode passar por uma transformação radical, espiritual e moral, produzida pelo próprio Deus. A palavra que Jesus utilizou, e que se traduz como "de novo", ou "novamente", na verdade significa "de cima", "vindo de cima". O contexto do terceiro capítulo de João ensina que o novo nascimento é o que Deus faz pelo homem quando este deseja aceitar a Deus. Como vimos, a Bíblia ensina que o homem está morto pelos seus delitos e pecados, e que sua grande necessidade é de VIDA. O homem não possui dentro de si a semente da nova vida, que tem de vir do próprio Deus.

Certo dia, uma lagarta sobe em uma árvore e a natureza a envolve num manto de fibras. Dorme a lagarta e daí a algumas semanas emerge na forma de bela borboleta. Também o homem, perturbado, desanimado, infeliz, perseguido pela consciência, impelido pela paixão, governado pelo egoísmo, beligerante, brigão, confuso, deprimido e abatido, arrasado, que faz uso de álcool e barbitúricos, que procura fugir, pode chegar a Cristo pela fé e emergir como um novo homem. Isto parece inacreditável, até mesmo impossível, mas é precisamente o que a Bíblia nos ensina.

MAIS DO QUE REFORMA

Esse novo nascimento é muito mais do que uma reforma. Há muitos que, á entrada do Ano Novo, tomam uma série de decisões sobre o que farão no ano que começam e só conseguem mesmo é deixar de cumpri-las, por lhes faltar capacidade para tanto. O homem está sempre a

reformar-se, mas a reforma, na melhor das hipóteses, é coisa temporária. É preciso transformar a natureza humana.

Ao efetuarem sua convenção anual, um grupo de barbeiros resolveu demonstrar o valor de sua arte. Encontraram um vagabundo num bairro pobre e cortaram-lhe os cabelos, barbearam-no e lhe deram um banho, vestindo-o depois com roupas novas feitas por excelente alfaiate. Haviam assim demonstrado, para sua própria satisfação, o valor do bom corte de cabelo e da barba bem feita, mas três dias depois o vagabundo estava novamente nas sarjetas. Fora externamente transformado em homem de aspecto respeitável, mas os impulsos de seu ser íntimo não se haviam transformado. Fora perfumado e bem tratado, mas não modificado.

Pode-se escovar um porco, borrifar-lhe Chanel n.° 5, e pôr-lhe ao pescoço uma fita colorida e levá-lo para a sala. Mas, quando o soltarmos, ele pulará na primeira poça de lama que encontrar, porque a sua natureza íntima não foi modificada e ele continua a ser porco.

A Bíblia ensina que graças ao novo nascimento o homem entra num mundo novo. Existe uma dimensão nova de vida e a transformação que ocorre no homem se exprime na Bíblia com diversos contrastes: concupiscência e santidade, trevas e luz, morte e ressurreição, um estranho que se torna um cidadão no Reino de Deus. O homem que passou pelo novo nascimento é chamado pessoa da casa de Deus. A Bíblia ensina que sua vontade é modificada, os seus objetivos na vida transformados, a sua disposição mudada, as suas afeições transmutadas e ele apresenta então propósito e significado em sua vida. No novo nascimento, nasceu uma vida nova em sua alma, e ele recebe nova natureza e novo coração. Torna-se uma nova criatura.

Nicodemos ficou intrigado por essas afirmações de Cristo e perguntou: "Posso entrar no ventre de minha mãe e nascer pela segunda vez?" Era uma pergunta natural, que qualquer de nós teria feito. Tanta coisa em que Nicodemos acreditara havia sido afastada! Estava descobrindo que a religião não era suficiente, que a Lei de Moisés não o poderia salvar, pois ele não estava realmente atendendo às suas

exigências. Tinha de nascer de novo. Ficava sabendo que ninguém poderia entrar no Reino do Céu sem possuir a vida eterna, pois nada pode existir lá senão a vida em Deus. Aquele que tiver essa vida poderá entrar. A grande pergunta é a seguinte: "Possuo a vida eterna? Se não a possuo, como posso obtê-la?" Trata-se da pergunta mais importante que um homem pode formular ou ver respondida.

A Bíblia nos fala de muitos homens que foram transformados graças ao seu encontro com Jesus Cristo, como o endemoninhado cujas correntes não continham a força de seus acessos, mas que, ao encontrar Jesus se transformou e mais tarde foi visto em seu lar "vestido e em juízo perfeito". Não era mais presa de alucinações, não estava mais sujeito ao poder satânico. Não sentia mais os temores que constantemente o atormentavam, não constituía mais uma ameaça à sua gente. Tornara-se um homem mudado, no caráter, no vestuário, na conduta e até no ambiente (Lucas 8:26-29).

Zaqueu roubara o povo como coletor de impostos. Depois de ter encontrado Jesus, tudo mudou para ele, que passou a restituir o que roubara. "Resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais" (Lucas 19:8).

Muitos desses encontros com Cristo determinaram uma transformação instantânea. No dia de Pentecostes, houve três mil pessoas que nasceram de novo. De manhã, tinham estado perdidas, confusas e pecaminosas, mas antes do fim do dia haviam nascido para o Reino de Deus, e cada uma delas passara da morte para a vida (Atos 2:41).

Um jovem chamado Saulo ia a caminho de Damasco a fim de perseguir os cristãos, quando se encontrou com Cristo sob o quente sol da Síria, e jamais voltou a ser o mesmo. Lembrou-se depois repetidamente desse encontro e sobre ele falou nos anos posteriores, revivendo aquele dia e aquele momento em que encontrara a Cristo (Atos 9).

O carcereiro filipense passou por uma experiência semelhante. Quando, tomado pelo medo, gritou: "Que devo fazer para salvar-me?", disse-lhe o Apóstolo Paulo: "Crê no Senhor Jesus, e serás salvo." Muitos

psiquiatras modernos poderiam dizer que ele não estava em condições emocionais de tomar uma decisão permanente, mas Paulo não entendeu assim e batizou o carcereiro naquela mesma noite. Depois disso, o carcereiro começou a lavar-lhes os ferimentos como sinal da nova vida que recebera de Deus (Atos 16).

Qualquer pessoa que queira pôr a sua confiança em Jesus Cristo como seu Salvador pessoal pode receber o novo nascimento agora. Os primeiros pregadores metodistas foram chamados "pregadores do agora", pois ofereciam a salvação naquele mesmo instante. A vida nova não é coisa que se receba à hora da morte ou depois dela, mas para ser recebida *agora*. "Eis agora o tempo sobremodo oportuno, eis agora o dia da salvação" (II Coríntios 6:2). Deus oferece a vida eterna a todos que a queiram receber.

Suponhamos que eu ofereça ao leitor um presente. Há um momento em que ele não o tem, e no momento seguinte está em seu poder. A vida eterna é um presente dado por Deus. Há um momento em que não a possuímos, e outro em que a temos. Deve haver o momento em que seja aceita.

Joan Winmill, jovem atriz dos palcos londrinos, tinha tudo e nada tinha. Era como milhares de profissionais de nossos dias, que possuem talento, dinheiro e êxito – e também uma vida vazia. Chegara ao ponto de pensar no suicídio quando, tangida pela curiosidade, foi ter a uma cruzada evangélica na *Harringay Arena*. Ao fazer-se o convite para que se recebesse Cristo, sem saber o que estava fazendo, reagiu e recebeu a nova vida. Tornou-se inteiramente diferente e hoje em dia é uma das pessoas cristãs mais felizes que conheço, pois tem um propósito e um sentido na vida.

Jim Vaus era o homem empregado por Mickey Cohen na tarefa de ouvir secretamente as comunicações telefônicas alheias, e chefe do mundo criminoso da costa ocidental dos Estados Unidos da América. Passou um dia por uma tenda onde se realizava uma reunião evangélica, em Los Angeles. Respondeu ao apelo para entregar-se a Cristo, e isso o

transformou tão completamente que Jim Vaus veio a ser um dos grandes trabalhadores religiosos e sociais de nossa época.

Poderia citar inúmeros exemplos de homens e mulheres que se encontraram com Jesus Cristo. Todos se tornaram criaturas novas, e suas vidas foram inteiramente transformadas. Ingressaram em nova dimensão de vida, nasceram pelo poder do alto. A natureza de Deus foi-lhes concedida. Estavam cheios de concupiscência, cobiça e egoísmo e passaram a glorificar a Deus, ajudando os seus semelhantes.

O homem pode reconquistar o paraíso. Perdeu-o no Jardim do Éden, mas pode recuperá-lo por intermédio de Jesus Cristo. Se um número suficiente de homens e mulheres tivesse essa nova vida, poderíamos transformar o mundo em que vivemos! Esta é a única esperança, o remédio único. Não há outro. O homem tem de passar por uma renovação completa, vinda de dentro de si mesmo.

COMO TORNAR-SE UM NOVO HOMEM

Há algum tempo, durante uma sessão de perguntas e respostas efetuada na Escola de Teologia de Harvard, um estudante se levantou e perguntou-me:

– Pode dizer-me em linguagem simples e clara o que devo fazer para ser salvo?

Essa pergunta me é feita repetidas vezes, nas faculdades e universidades onde freqüentemente faço palestras. Pode o alcoólatra, o ladrão, o assassino, o pervertido sexual ser transformado radicalmente e tornar-se um novo homem?

Numa universidade da costa ocidental dos Estados Unidos, um professor de ciências veio a meu quarto na União de Estudantes, e declarou:

– Vai ficar surpreso com a pergunta que lhe vim fazer.

Depois disso, fez-me uma longa descrição de sua luta íntima com questões morais, espirituais e intelectuais, e acrescentou:

– Chego cada vez mais à compreensão de que meu problema com o cristianismo na realidade não é intelectual: é moral. Não tenho querido atender às exigências morais do cristianismo. E eis minha pergunta: que posso fazer para receber Jesus Cristo?

Quando o governador de um de nossos Estados nos recebeu em sua casa, disse que queria conversar comigo em particular. Fomos para uma outra parte da casa, onde ele fechou a porta. Eu percebia que ele lutava com suas emoções. Disse finalmente:

– Estou no fim do caminho. Preciso de Deus. Pode-me dizer como encontrá-Lo?

Em outra ocasião, quando visitei um grupo de homens no corredor das celas dos condenados à morte, um deles, forte e de aspecto inteligente, ouviu o que eu tinha a dizer. Depois, perguntei-lhes se desejavam ajoelhar-se enquanto eu orava. Pouco antes de se ajoelhar, ele disse:

– Pode explicar outra vez o que devo fazer para ser perdoado dos meus pecados? Quero saber que estou indo para o céu.

São precisamente essas as mesmas perguntas feitas a Jesus Cristo, há quase dois mil anos. São as mesmas perguntas feitas aos Apóstolos, quando proclamavam o Evangelho em todo o Império Romano. As perguntas indicam que os anseios espirituais íntimos do homem mudaram muito pouco.

O jovem rico veio correndo ajoelhar-se diante de Cristo, e Lhe perguntou: "Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" (Marcos 10:17). Depois de Pedro ter pregado seu grande sermão no Pentecostes, diz a Bíblia que "compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro: "Que faremos, irmãos?" (Atos 2:37). O nobre africano que dirigia sua carruagem pelo deserto falava com Filipe, o envangelista, e de repente deteve o veículo e disse: "Que me impede?" (Atos 8:36). À meia-noite o carcereiro filipense perguntou a Paulo e Silas: "Senhores, que devo fazer para que seja salvo?" (Atos 16:30).

O homem do século XX faz a mesma pergunta que os homens sempre fizeram. É uma pergunta antiga, mas sempre nova; mostra-se tão importante em nossos dias quanto o foi no passado.

O que deve fazer o homem para reconciliar-se com Deus? Que quer dizer a Bíblia com palavras tais como conversão, arrependimento e fé? São todas elas palavras de salvação, porém muito mal compreendidas.

Jesus tornou tudo tão simples, e nós complicamos tanto as coisas! Ele falou às pessoas em frases curtas e de uso diário, exemplificando Suas mensagens com parábolas que não se esquecem. Apresentou a mensagem de Deus com tanta simplicidade que muitos não podiam compreender o que Ele dizia.

No livro dos Atos, o carcereiro filipense perguntou ao Apóstolo Paulo: "Que devo fazer para que seja salvo?" Paulo lhe deu resposta bem simples: "Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e tua casa" (Atos 16:30, 31). Isso é tão simples que milhões de pessoas se confundem. A única decisão pela qual podemos converter-nos é nossa decisão de crer em

Jesus como nosso Senhor e Salvador pessoal. Não é preciso arrumar as nossas vidas, primeiro. Não é preciso acertar antes as coisas em casa e nos negócios. Não é preciso tentar abandonar algum hábito que nos esteja impedindo de chegar a Deus. Já tentamos tudo isso e falhou muitas vezes.

Em nossas cruzadas; quando faço o convite de que recebam Cristo, cantamos o trino "Assim Como Sou", e chegamos a Cristo exatamente como somos. O cego veio como era, o leproso como era, Maria Madalena com sete demônios veio como era, o ladrão na cruz veio como era. Você pode vir a Cristo como é.

CONVERSÃO

A palavra "conversão" significa simplesmente "voltar-se". Do princípio ao fim, a Bíblia mostra Deus suplicando ao homem que se volte para Ele (Provérbios 1:23; Isaías 31:6; 59:20; Ezequiel 14:6; 18:32; 33:9; Joel 2:12; Mateus 18:3; Atos 3:19; Hebreus 6:1). É impossível ao homem, no entanto, voltar-se para Deus a fim de arrepender-se ou, mesmo, crer, sem a ajuda de Deus! Tudo o que podemos fazer é pedir a Deus que "nos volte". Muitas vezes vemos registrado na Bíblia que os homens fizeram exatamente isso (Salmos 85:4; Cantares de Salomão 1:4; Jeremias 31:18; Lamentações 5:21).

Quando um homem apela para Deus, é-lhe concedido o verdadeiro arrependimento e a fé. Por esse motivo, o Apóstolo Paulo podia dizer: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo" (Romanos 10:13). A Bíblia nunca pede ao homem que se justifique, regenere e converta, ou salve a si mesmo. Só Deus pode fazer essas coisas.

Existem pelo menos *dois elementos de conversão* – o *arrependimento* e a *fé*. Jesus disse: "Se porém, não vos arrependerdes, todos... perecereis" (Lucas 13:3). O arrependimento traz consigo um reconhecimento do pecado que acarreta culpa e rebaixamento pessoal diante de Deus, mas não quer dizer um desprezo servil por si próprio. É um simples reconhecimento do que somos. Nós nos vemos como Deus

nos vê, e dizemos: "Ó Deus, sê propício a mim pecador" (Lucas 18:13). Foi Jó quem disse: "Eu Te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos Te vêem. Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42:5, 6).

ARREPENDIMENTO

O arrependimento quer também dizer uma mudança de sentimentos, o que significa um pesar genuíno pelo pecado cometido contra Deus (Salmos 51). Como disse Paulo na Segunda Epístola aos Coríntios 7:9, 10: "Agora me alegro, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento... porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação".

O arrependimento também quer dizer uma modificação de propósito e leva consigo a idéia de uma rejeição íntima do pecado, pelo exercício da vontade. No entanto, tudo o que temos a fazer é querer, e Deus nos ajudará.

Na Idade Média. o senhor de uma propriedade na Inglaterra estava à morte. Chamou um servo, que sabia ser cristão devoto, e disse:

– Jim, estou morrendo. Não tenho certeza de que irei para o céu. Podes dizer o que devo fazer?

O antigo e sábio serviçal conhecia bem o orgulho do amo, e respondeu:

– Senhor, se quiser salvar-se terá de ir ao chiqueiro, ajoelhar-se na lama e dizer: Meu Deus, tem piedade de mim, pecador.

– Eu não poderia fazer isso – respondeu o amo. – Que iriam pensar os vizinhos e serviçais?

Passou-se uma semana e ele chamou novamente o servo, a quem disse então:

– Jim, que disseste que eu devia fazer para salvar-me?

Respondeu o velho servidor:

– Senhor, terá de ir ao chiqueiro dos porcos.

– Tenho pensado nisso, Jim – disse o amo – e estou pronto a fazê-lo.

Foi quando o serviçal declarou:

– Senhor, não precisa ir até o chiqueiro. Basta querer fazê-lo.

É preciso querer. Muitas pessoas apresentam estranhas idéias sobre o arrependimento. Há quem pense no antigo banco dos penitentes, e talvez não fosse má idéia restabelecê-lo.

Um psicólogo de Beverly Hills, na Califórnia, declarou há pouco tempo: "Muitas pessoas estão precisando é de um antigo banco metodista de penitentes." O arrependimento pode ser um dos fatos mais excelsos da nossa vida.

O arrependimento é a plataforma de lançamento da qual a alma é enviada à sua órbita eterna, tendo Deus ao centro do arco. Quando nossos corações se curvaram tão baixo quanto possível, e verdadeiramente reconhecemos e abandonamos nossos pecados, eis que Deus toma conta de tudo e, como o segundo estágio de um foguete, eleva-nos ao Seu Reino. O caminho da subida é a humilhação. O homem se meteu em dificuldades quando ergueu sua vontade contra a de Deus, e sairá dessas dificuldades quando se curvar à superioridade divina, quando se arrepender e disser com humildade: "Meu Deus, tem piedade de mim, pecador. " A situação extremada a que chega o homem torna-se, então, a oportunidade de Deus.

Os psiquiatras sabem que existem poderes curativos na confissão. "Acalme-se e conte-me tudo a seu respeito", dizem a seus clientes. A psicologia desse método é fazer com que o paciente conte tanta coisa a seu respeito que venha, afinal, a desembaraçar-se dos liames que o prendem. Há certamente grande valor em desabafar, revelar nossos pensamentos mais íntimos a alguma pessoa neutra, mas o arrependimento bíblico vai muito além disso.

É preciso que o psiquiatra possa descobrir, por sua técnica, o problema psicológico dentro da personalidade, mas para onde se dirige, a partir daquele ponto? Não basta localizar a falha no subconsciente. O pecado é uma doença da alma, e Cristo o único médico capaz de

proporcionar a cura. Há problemas, encargos, responsabilidades e culpas que se encontram além da capacidade curativa do psiquiatra ou de qualquer médico. O arrependimento torna-se a chave, e o perdão o portão, para entrar no Reino de Deus.

FÉ

O segundo elemento da conversão é a fé. A fim de nos convertermos, precisamos tomar uma decisão. Diz a Escritura: "Quem nEle crê não é condenado; o que não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus" (João 3:18). Ora, quem não está condenado? Aquele que crê. E quem já está condenado? Aquele que não crê. Nesse caso, que devemos fazer para não estarmos condenados? A resposta é simples: devemos crer.

Como é natural, devemos também compreender o que essa palavra "crer" implica. Significa "confiar" e "entregar-se". A Bíblia ensina que, sem fé, não é possível agradar a Deus, e afirma: "É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que se torna galardoador dos que O buscam" (Hebreus 11:6). Crer é nossa resposta à oferta feita por Deus, de misericórdia, amor e perdão. Foi Ele quem tomou a iniciativa, e a salvação vem toda de Deus. Quando Cristo curvou a cabeça na cruz e disse "está consumado", queria dizer exatamente isso mesmo (João 19:30). O plano divino da nossa reconciliação e redenção fora completado em Seu Filho. O homem, no entanto, deve corresponder, recebendo e confiando.

Na Bíblia a fé é descrita como "a certeza de coisas que se esperam, a convicção de ratos que não se vêem" (Hebreus 11:1). A fé não é apenas seguir a Cristo; é apoderar-se de Cristo, pois Ele é o objeto de nossa fé. Não é apenas um sentimento subjetivo, mas um ato objetivo.

As duas palavras, "crença" e "fé" são traduzidas da mesma palavra grega no Novo Testamento, sendo termo jamais usado ali no plural. A fé

cristã não significa acreditar numa série de coisas, mas uma disposição singular e individual do espírito e coração em relação a Jesus Cristo.

A coisa mais óbvia sobre a fé salvadora *é que ela crê em alguma coisa*. Não crê em tudo ou apenas em qualquer coisa. É crença numa pessoa, e essa pessoa é Cristo. E tampouco a fé se mostra antagonizada com a razão ou o conhecimento. Não é antiintelectual, mas um ato do homem que se estende além dos limites de nossos cinco sentidos. É o reconhecimento de que Deus é maior do que o homem, o reconhecimento de que Deus proporcionou um modo de reconciliação que não poderíamos obter pelo esforço próprio.

O psiquiatra nos diz que, antes que ele possa auxiliar o seu paciente, este deve procurá-lo sinceramente, pedindo ajuda e seguindo sua orientação. O paciente não pode ser coagido ou forçado a isso. Espiritualmente, é o mesmo que sucede com a fé.

COMPROMISSO

A fé também é compromisso. Foi Leighton Ford quem declarou: "A crença não é fé sem provas, mas compromisso sem reservas." A crença vem da inteligência, o desejo se relaciona com as emoções e o compromisso põe em jogo a vontade. Assina é que o homem se acha todo empenhado num ato de fé. Na verdade, a fé é o que sabemos, como nos sentimos e o que fazemos a respeito de Jesus Cristo, e assim ela se torna ação, e essa ação é fé e compromisso.

O Dr. Ernest White indica que o primeiro movimento a ser percebido no processo da conversão é a convicção, o que é obra do Espírito Santo. Constituir-se-á provavelmente de um período de conflito, que depende em grande parte do ambiente e do temperamento do indivíduo. Nem todos passam pelo mesmo tipo de experiência, no processo da conversão. Há pessoas que apresentam o que os psicólogos descrevem como um superego pronunciado, ou uma consciência hiper-

sensível, sujeitos a longos períodos de acusação e condenação de si mesmas.

John Bunyan foi um indivíduo assim. Passou muitas semanas a ouvir vozes que o condenavam. Nesse período de medo e abatimento, teve o desejo intenso de ser aceito por Cristo e encontrar paz e perdão. Santo Agostinho passou por experiência semelhante no curso de seu longo período de convicção do pecado.

Por outro lado, existem aqueles que têm uma conversão muito mais tranqüila, quando aceitam alguma afirmação da Escritura ou recebem e aplicam a si próprios algum sermão, sem maiores tensões ou conflitos. Para essas pessoas tranqüilas, a conversão não é menos verdadeira do que acontece no caso daquelas outras, mais ativas.

No décimo sexto capítulo dos Atos temos a narração da conversão de duas pessoas. Uma era Lídia, negociante na cidade de Tiatira, que adorava a Deus e foi orar à beira do rio onde ouvira Paulo pregar. Abriu o coração, creu, e se converteu sem luta ou conflito. A outra foi o carcereiro filipense de quem já falamos, e que entrou em pânico quando um terremoto permitiu a fuga de alguns dos seus prisioneiros. Foi correndo para a prisão, desembainhou a espada para matar-se, quando ouviu as palavras de reconforto do Apóstolo Paulo. Pediu uma luz e, tremendo, lançou-se aos pés de Paulo e Silas, perguntando: "Que devo fazer para ser salvo?" Ouviu de Paulo o Evangelho com a instrução de que cresse, e rejubilou, crendo em Deus. Houve nisso drama, exaltação e crise.

EMOÇÃO

Em algumas pessoas pode ocorrer, na conversão, uma crise emocional cujos sintomas são semelhantes aos do conflito mental. Pode haver sentimentos profundos e explosões de lágrimas e ansiedade, e pode não haver nada disso. Existem os que sentem pouca emoção, ou mesmo nenhuma, aceitando a salvação sem qualquer crise ou sentimento. Na verdade, não conseguem especificar o momento definido em que

chegaram pela primeira vez ao conhecimento de Cristo. Minha esposa é um dos melhores cristãos que conheci até hoje, mas não pode precisar o momento de sua conversão, embora tenha a certeza dela porque conhece Cristo pessoalmente na realidade da vida diária, e possui a alegria do Senhor.

Quando Jesus descreveu o novo nascimento ao intelectual e digno Nicodemos, disse também: "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito" (João 3:8).

Jesus disse que era como o movimento do vento, que às vezes se mostra tão imperceptível quanto um zéfiro e, de outras, tão impetuoso quanto um ciclone. A conversão também é assim – às vezes tranqüila e terna, outras, desarraigando e remodelando a vida sob grande manifestação emocional.

UM ATO DA VONTADE

Existe também a resolução volitiva, pois a vontade se encontra obrigatoriamente em jogo no caso da conversão. As pessoas podem sofrer conflitos mentais e crises emocionais sem se converterem. Só quando exercem a prerrogativa de um agente moral livre e a vontade de se converterem é que realmente se convertem. Esse ato da vontade é um ato de aceitação e compromisso. Aceitam prazerosamente a misericórdia de Deus e recebem o Filho de Deus e então se comprometem a fazer a vontade de Deus. Em todas as conversões verdadeiras, a vontade do homem se ajusta à de Deus. Quase ao final da Bíblia encontramos o convite: "E quem quiser receba de paga a água da vida" (Apocalipse 22:17).

A decisão é sua! Precisa querer, para ser salvo. É a vontade de Deus, mas deve tornar-se a sua, também.

Todas as semanas recebo inúmeras cartas mandadas por aqueles que dizem ter dúvidas e incertezas sobre a vida cristã. Indagam se devem

considerar-se cristãos, não tendo certeza de que se hajam convertido. Talvez pensem que se converteram, mas possuem pouca daquela alegria conferida pela fé cristã. Isso se mostra particularmente verdadeiro no caso daqueles que não tiveram uma experiência de crise no momento de sua conversão.

No começo deste século, o professor Edwin Starbuck, homem de destaque no terreno da psicologia, observava que os trabalhadores cristãos geralmente eram recrutados em meio àqueles que tinham tido uma conversão agitada e dramática. Em outras palavras, esses apresentavam conceito claro do que significa a conversão, pois haviam passado por ela.

Grande parte da filosofia da educação religiosa moderna se baseia na idéia de que uma pessoa pode tornar-se cristã mediante um processo educativo. Por esse motivo, arrebanhamos para a igreja dezenas de milhares de pessoas que nunca tiveram um encontro pessoal com Jesus Cristo. Falta a grande número de pessoas tidas como cristãs essa "experiência do encontro" com Cristo, havendo em seu lugar apenas o ensino religioso.

É raro que empreendamos uma cruzada sem que, na mesma, alguns estudantes seminaristas ou mesmo pastores façam uma profissão de conversão. Em cruzada recentemente empreendida, dezesseis eclesiásticos se apresentaram para receber Jesus Cristo como Salvador. Muitos desses homens haviam sido preparados teologicamente, mas alguns jamais haviam tido um encontro genuíno com a pessoa de Cristo. A um dos homens mais religiosos de Seu tempo Jesus disse: "Importa-vos nascer de novo" (João 3:7). Nicodemos não pedia substituir o renascimento espiritual por seu profundo conhecimento da religião, e nós também não o podemos fazer.

Já li um livro sobre o esqui aquático, e não foi preciso muito tempo para eu ver que jamais aprenderia a esquiar sobre a água mediante a leitura do livro; seria preciso ter experiência pessoal. Já li uma série de livros ensinando a jogar golfe, mas nenhum deles parece capaz de fazer-

me melhorar nesse esporte. É preciso que eu vá para o campo e *jogue*. Podemos estudar teologia e religião, mas chega o momento em que é preciso sentir Cristo pessoalmente.

A lagarta tão feia, dentro de seu casulo, passa meses em crescimento e metamorfose quase imperceptíveis, mas por maior que seja esse crescimento, chega o momento em que passa por uma crise e aparece uma borboleta. As semanas de crescimento silencioso são importantes, mas não podem tomar o lugar daquele momento em que o antigo e feio ficam para trás e o novo e belo passam a existir.

É bem verdade que existem multidões de cristãos cuja vida e fé dão testemunho de que, consciente ou inconscientemente, eles se converteram a Cristo. Podem não saber qual foi o momento exato em que isso ocorreu, mas em minha opinião tal deve ser a exceção, e não a regra. Quer se lembrem ou não do momento, houve o instante em que atravessaram a linha da morte para a vida. Não se pode dizer o momento exato no qual a noite se torna dia, mas sabemos quando o sol despontou.

O Dr. Donald Grey Barnhouse disse, certa vez: "Não é presunção minha dizer que tenho tanta certeza de que estarei no Céu quanto tenho de que Cristo estará lá. Dizer que alguns dos meus atos tiveram participação nisso, seria presunção; mas quando digo que meus atos, os 2%, os 50% ou os 80%... estão todos postos de lado, e que os 100% de justiça de Deus são minha salvação, nesse caso certamente a jactância se acha excluída." Como afirmou Paulo: "Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? Das obras? Não, pelo contrário, pela lei da fé" (Romanos 3:27).

SEGURANÇA

Há três meios pelos quais posso saber que tenho vida eterna: objetivamente, porque a Palavra de Deus o afirma; subjetivamente, devido ao testemunho dado pelo Espírito interiormente; e experimentalmente, porque pouco a pouco, à medida que passa o tempo, vejo a obra experimental de Deus em minha vida. Trata-se de processo

mais lento do que eu gostaria que fosse, mas é um processo. Por isso, posso dizer: "Eu sei. "

COMO RECEBER CRISTO

A pergunta que surge em muitas mentes é a seguinte: Que devo exatamente fazer para receber Cristo? Gostaria que me fosse dado apresentar tudo numa fórmula e entregá-la a quem faz aquela pergunta, mas é impossível. Como já sugeri, a experiência de cada um é diferente da de todos os outros. Assim como não existem dois cristais de neve idênticos, não existem duas experiências com Cristo que sejam exatamente a mesma. Existem, no entanto, certas linhas de orientação na Bíblia, que nos ajudam para chegarmos à aceitação de Jesus Cristo como nosso Salvador. Seja-me permitido, por esse motivo, resumir o que devemos fazer.

Em primeiro lugar, devemos reconhecer que Deus nos amou tanto que entregou Seu Filho para morrer na cruz. "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16). "O Filho de Deus... que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gálatas 2:20).

Em segundo lugar, devemos arrepender-nos dos nossos pecados. Disse Jesus: "Se, porém, não vos arrependerdes, todos . . . perecereis" (Lucas 13:3). E disse, também : "Arrependei-vos e crede" (Marcos 1:15). Como afirmou John Stott, pastor da Igreja de Todas as Almas em Londres, "a fé que recebe Cristo deve ser acompanhada pelo arrependimento, pelo qual se rejeita o pecado". O arrependimento não quer simplesmente dizer que devamos lamentar o passado. Lamentar não basta: é preciso que nos arrependamos, que voltemos as costas ao pecado.

Em terceiro lugar, devemos aceitar Jesus Cristo como Salvador e Senhor. "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no Seu nome" (João 1:12). Isto quer dizer que aceitamos a oferta de amor, misericórdia e perdão

feita por Deus, quer dizer que aceitamos Jesus Cristo como nosso único Senhor e único Salvador. Quer dizer que deixamos de lutar e tentar salvar-nos a nós mesmos. Confiamos nEle completamente, sem reservas, como nosso Senhor e Salvador.

Em quarto lugar, devemos confessar Cristo publicamente. Disse Jesus: "Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus" (Mateus, 10:32). Essa confissão implica a idéia de uma vida vivida de tal modo diante de nossos semelhantes que estes nela percebam uma diferença. Quer também dizer que reconhecemos, por nossa boca, o Senhor Jesus. "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Romanos, 10:9). É de extrema importância que, ao recebermos Cristo, digamos a alguém o mais depressa possível o que se passou. Isto nos confere vigor e coragem para testemunhar.

É importante que tomemos nossa decisão e assumamos nosso compromisso com Cristo agora. "Eis agora o tempo sobremodo oportuno, eis agora o dia da salvação" (II Coríntios 6:2). Se quisermos arrepender-nos dos nossos pecados e receber Jesus Cristo como nosso Salvador, podemos fazê-lo agora. Neste momento, podemos curvar a cabeça ou ficar de joelhos e fazer a seguinte e pequenina prece que utilizei com milhares de pessoas, em todos os continentes:

Ó Deus, reconheço que pequei contra Ti. Lamento os meus pecados e desejo afastar-me deles. Recebo e reconheço publicamente Jesus Cristo como meu Salvador e O confesso como meu Senhor. A partir deste momento quero viver para Ele, e servi-Lo. Em nome de Jesus, amém.

Se está querendo tomar esta decisão, se houver em seu maior conhecimento recebido Jesus Cristo, Filho de Deus, como seu próprio Salvador, então de acordo com as afirmações citadas e tiradas da Escritura você se tornou um filho de Deus, em quem Jesus Cristo habita. Um número demasiadamente grande de pessoas comete o engano de medir a certeza de sua salvação por seus sentimentos. Não cometa esse grave erro. Acredite em Deus. Tome-O pela Sua palavra.

A DINÂMICA DO NOVO HOMEM

No terceiro século de nossa era, Cipriano, Bispo de Cartago, escrevia a seu amigo Donato, dizendo: "Este é um mundo mau, Donato; é um mundo inacreditavelmente mau. Mas descobri no meio dele uma gente tranqüila e santa que aprendeu um grande segredo, e encontrou uma alegria mil vezes maior do que a conferida por qualquer dos prazeres de nossa vida pecaminosa. Essa gente é desprezada e perseguida, mas não se importa. Essa gente é dona de sua própria alma, e sobrepujou o mundo. Essa gente, Donato, são os cristãos... e eu sou um deles."

Se você se houver arrependido de seus pecados e recebido Cristo como Salvador, nesse caso você também é um deles.

PERDOADO E JUSTIFICADO

No momento em que você se converte a Cristo sucedem diversas coisas dramáticas, quer tenha ou não percebido.

Em primeiro lugar, seu pecado foi perdoado. "No qual temos a redenção, a remissão dos pecados" (Colossenses 1:14). "Filhinhos, eu vos escrevo, porque os vossos pecados são perdoados, por causa do seu nome" (I João 2:12). Em todo o Novo Testamento nos é dito que quem recebe Cristo como Salvador também recebe de imediato, como presente de Deus, o perdão do pecado. Diz a Bíblia: "Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões" (Salmos 103:12). O único motivo pelo qual os nossos pecados podem ser perdoados está, naturalmente, em que Jesus Cristo pagou toda a pena por eles, na cruz. Ele foi "entregue por causa das nossas transgressões" (Romanos 4:25).

O perdão de Deus, no entanto, vai muito além do perdão dos pecados. Deus não só perdoa, como justifica. Isto quer dizer que o homem, na verdade, não tem mais culpa aos olhos de Deus. Como já disse alguém, "estou justificado, e é como se jamais houvesse pecado".

Muitas vezes minha secretária usa um papel no qual pode passar a borracha, papel esse quimicamente tratado e do qual os erros podem ser apagados sem ficar rasura. Deus trata nossos corações com a química de Sua graça e apaga os erros de tal modo que ficamos sem mancha e sem rasuras diante de Seus olhos.

Todos aqueles que depositam sua confiança em Jesus Cristo apresentam-se sem culpa diante de Deus, limpos de qualquer acusação. Não se trata de uma questão de sentimento, mas de um fato. Podemos aplicar a passagem de Gálatas 2:16 a nós próprios: "Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e, sim, mediante a fé em Cristo Jesus. " A justificação e o perdão são dádivas gratuitas de Deus, e nada têm que ver com o mérito por parte do homem; tudo é de Deus. São o Seu favor imerecido. Perdão e justificação nos são transmitidos por intermédio da fé.

Nestes nossos dias de complexos de culpa, talvez a palavra mais gloriosa seja "perdão".

Um homem condenado à prisão perpétua por assassinato fugiu da Penitenciária Estadual de Oklahoma. O diretor da mesma ofereceu 1.500 dólares ao fugitivo para que o mesmo se apresentasse pessoalmente no portão, mas havia uma condição nessa oferta. O prêmio seria ganho pelo prisioneiro com o seu trabalho na prisão. "Se ele voltar, providenciaremos para que não fuja outra vez", disse o diretor. "A justiça deve prevalecer."

Como é diferente a oferta feita por Deus a todos os que fogem da justiça divina! Não existem condições em Sua oferta. "Deixe o perverso o seu caminho... converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele" (Isaías 55:7). A justiça civil procura apanhar o criminoso, mas a divina pretende libertá-lo. A justiça foi satisfeita pela morte de Cristo. Todos os que se apresentem a Deus, pela fé e arrependimento, serão recebidos não como fugitivos, mas como filhos de Deus, "justificados de todas as coisas" (Atos 13:39).

ADOTADO

Em segundo lugar, o novo homem é adotado. "Para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos" (Gálatas 4:5). No momento em que recebermos Cristo como Salvador, receberemos também a natureza divina dos filhos de Deus. Estaremos, então, colocados na posição de herdeiros conjuntos com Jesus Cristo. "Nos predestinou para ele, para a adoção de filhos" (Efésios 1:5). Teremos então todos os direitos de um filho e todas as coisas no Reino estarão ao nosso alcance.

Meus amigos Roy Rogers e Dale Evans adotaram diversas crianças e certa vez lhes perguntei se tinham dado aos filhos adotivos os mesmos direitos e privilégios que davam aos filhos verdadeiros. Mostraram-se chocados por minha pergunta, e responderam:

– Naturalmente! São tão nossos quanto os que nos nasceram e têm todos os direitos e privilégios como os de nossa própria carne e sangue.

Também nós fomos adotados pela família de Deus, com todos os direitos e privilégios.

O ESPÍRITO SANTO

Em terceiro lugar, o novo homem é morada do Espírito de Deus. Antes de subir aos céus, Jesus Cristo disse: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade... vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós" (João 14:16, 17). No curso de Sua vida na terra, a presença de Cristo só pôde ser compartilhada por um pequeno grupo de homens. Agora, Cristo mora, por intermédio do Espírito, nos corações de todos aqueles que O receberam como Salvador. O Apóstolo Paulo escreveu aos romanos: "Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós" (Romanos 8:9). Mais tarde, escrevia aos

coríntios, dizendo: "Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?" (I Coríntios 3:16).

O Espírito Santo é dado a todo crente, não por tempo limitado, mas para sempre. Se Ele nos abandonasse por um só momento, estaríamos em grave situação.

Com algum desdém e desprezo uma senhora disse a um ministro, a quem estivera ouvindo:

– O senhor não está dentro do espírito da época.

Replicou o ministro:

– Tem toda razão, não estou dentro do espírito da época. Mas tenho dentro de mim o Espírito Santo desta época.

É Walter Knight quem conta o episódio de um menino que recebera Cristo fazia pouco tempo, e perguntou ao pai:

– Papai, como posso acreditar no Espírito Santo se nunca O vi?

– Vou mostrá-Lo a você, Jim – respondeu o pai, que era eletricista.

Mais tarde os dois foram à usina de energia elétrica, onde o pai mostrou os geradores ao filho, explicando:

– É daqui que sai a energia que vai aquecer e iluminar a casa. Não podemos ver essa energia, mas está naquela máquina e nas linhas de força.

– Eu acredito na eletricidade – disse o menino Jim.

– Está claro que sim – acrescentou o pai – mas você não acredita nela porque a pode ver. Você acredita porque vê o que ela faz. Da mesma forma, pode acreditar no Espírito Santo, porque vê o que Ele faz nas vidas das pessoas, quando estão entregues a Cristo e possuem a Sua energia.

Aceitamos assim pela fé o fato de sermos morada do Espírito de Deus. Ele se encontra em nós para conferir-nos a energia especial de trabalhar por Cristo, para nos proporcionar vigor no momento da tentação, para produzir o fruto sobrenatural do Espírito, qual seja o "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" (Gálatas 5:22, 23). Está em nós para guiar-nos pelo difícil terreno que temos de palmilhar como cristãos.

Nas vezes em que vou à Europa pregar, prefiro ir de navio e desfrutar os cinco dias de viagem pelo mar. Numa dessas viagens, o Comandante Anderson, do *United States*, levou-me para ver o giroscópio do navio, e disse:

– Quando o mar está agitado, o giroscópio ajuda a manter o navio estável. Ainda que as ondas sejam enormes, o giroscópio ajuda a estabilizar o barco e manter-lhe o equilíbrio.

Enquanto ouvia aquela explicação, pensava como o Espírito Santo parece um giroscópio. Que venham as borrascas da vida estrugir em nossas cabeças, que venha o inimigo Satanás como uma inundação, que venham as ondas de sofrimento, pesar, tentação e provação. As nossas almas se manterão estáveis e em paz perfeita quando o Espírito Santo habita em nossos corações.

FORÇA PARA RESISTIR À TENTAÇÃO

Em quarto lugar, o novo homem tem possibilidades de vitória sobre a tentação e o pecado. "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (I Coríntios 10:13).

A Bíblia ensina que o novo homem deve "detestar o mal" (Romanos 12:9) e despojar-se "do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano" (Efésios 4:22). Também diz: "Nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências" (Romanos 13:14).

O grande problema, no entanto, é o seguinte: Como fazê-lo? Onde obtemos tal capacidade e vigor?

Essa nova capacidade e esse novo vigor advêm do Espírito Santo, que habita dentro de cada crente verdadeiro. Não é o resultado da nossa luta pessoal contra a tentação, mas a vida de Deus que habita em nós. Habita em nossos corações para ajudar-nos a resistir ao pecado. É nossa tarefa acreditar e ceder-lhe. A vida cristã, a partir desse ponto, deve ser

vivida por meio da atividade da fé, que é o escudo de nossas defesas contra Satanás (Efésios 6:16) e nos permite sobrepujar o mundo mau ao nosso redor (I João 5:4).

A Bíblia diz que, como cristãos, podemos tornar-nos "mais que vencedores" (Romanos 8 :37). O vigor para nossa conquista e vitória flui continuamente, vindo de Cristo. A Bíblia não diz que o pecado esteja completamente extirpado do cristão nesta vida, mas que o pecado não reinará mais sobre nós. O vigor e força do pecado foram batidos e o cristão possui agora recursos dos quais pode dispor para viver além e acima deste mundo. A Bíblia ensina que quem tenha nascido de Deus não comete pecado (I João 3:6-9). É como a menina que disse que, quando o demônio lhe bateu à porta com uma tentação, ela simplesmente mandou Jesus atender.

Assim é que, em Jesus Cristo, o novo homem é realmente um homem novo. O que quer dizer ser uma nova criatura, ou uma nova pessoa? Digamos de imediato que o novo homem não é o homem antigo, melhorado ou reformado. Nem sequer é o homem velho reformado ou remodelado, pois Deus não faz o novo do velho, nem põe vinho novo em garrafas velhas. O novo homem é Cristo em nós. Como na criação, fomos feitos à imagem de Deus. Na nova criação, somos recriados à imagem de Cristo. Paulo disse: "Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes á imagem de seu Filho" (Romanos 8:29).

Esse novo homem não é o produto de modificação psicológica. De acordo com o psiquiatra Ernest White, a conversão cristã "apresenta resultados permanentes nas profundezas da personalidade e põe um homem à frente na trilha da santidade. O tratamento psicológico pode obter uma nova disposição da configuração mental e emocional, mas não introduz uma nova força na vida".

O novo homem, na verdade, é Cristo no coração, e Cristo no coração quer dizer que Ele está no centro de nosso ser. O uso bíblico da palavra "coração" simboliza todo o reino das afeições. Nessa área, Cristo

aparece para transformar nossas afeições, daí resultando que as coisas pelas quais tínhamos afeição anteriormente passaram e as coisas pelas quais temos afeição são novas e de Deus. Se Cristo habita no coração, isso quer dizer que Ele habita também no espírito com sua função variada de pensamento e autodeterminação. No processo de transformar-se uma nova criatura quando Cristo habita o coração, a personalidade humana não é absorvida ou destruída. Ao invés disso, é enriquecida e dotada de poder graças a essa União com Cristo.

O NOVO HOMEM NÃO É PERFEITO

Há um problema que os cristãos enfrentam logo em seguida à conversão. Algumas pessoas têm a idéia de que se tornam perfeitas de imediato, e depois disso sentem-se tentadas, em conflito, e até mesmo cedem à tentação algumas vezes. Muitas se enchem de confusão, frustração e desalento, dizendo que a vida cristã não é o que pensavam. A Bíblia ensina que podemos tornar-nos maduros, mas isso não quer dizer que sejamos sempre infalíveis.

Afirma Ernest F. Kevan: "O cristão perfeito é o que, consciente da sua incapacidade, ainda assim se esforça por atingir a meta" (Filipenses, 3:14).[1] A Bíblia ensina: "Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que porventura seja do vosso querer" (Gálatas 5:17).

Existe um conflito espiritual no coração de todo o verdadeiro crente. É verdade que o cristão possui uma nova natureza, mas a natureza antiga ainda se acha nele. Está em nossa decisão, ceder dia a dia ao reino e domínio da nova natureza, que é dominada por Cristo. Desde que somos uma criatura nova, para a qual todas as coisas antigas passaram e todas as coisas se tornaram novas, não mais praticamos o pecado.

Podemos cair no pecado, mas odiando-o. A natureza nova não comete pecados, mas quando o cristão peca é porque a natureza antiga

conseguiu dominar por um momento, e quando o cristão peca sente-se desgraçado até que o pecado seja confessado e restaurada a comunhão com Deus. Essa é a diferença entre o crente e o incrédulo. O incrédulo torna o pecado uma prática, e o crente não o faz, pois o detesta e ao invés de viver na licenciosidade anterior, procura obedecer aos mandamentos de Deus. Assim é que Paulo afirma: "Nós... que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Romanos 8:4). Isso quer dizer que devemos ser submissos à nova natureza, ao Espírito Santo que habita em nós. "Nem ofereçais os membros do vosso corpo ao pecado como instrumento de iniqüidade; mas oferecei-vos a Deus como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus como instrumento de justiça" (Romanos 6:13).

NOVOS PADRÕES

Devemos alimentar constantemente a nova natureza com a Palavra de Deus, e devemos matar de fome a natureza antiga, que ambiciona o mundo e a carne. É dito que "nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências" (Romanos 13:14), e é dito também "que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" (Romanos 12:1).

A partir de então, as nossas decisões são feitas com uma nova visão e dimensão. Quando estamos correspondendo a todos os privilégios e poderes de nossa vida nova em Cristo, o pecado perde seu controle sobre essas escolhas e disposições. O cristão está sob o domínio de Cristo e, por conseqüência, vive de acordo com padrões novos, dispondo de uma nova força.

Em Londres, um alcoólatra foi entregue aos cuidados do psiquiatra, que logo abandonou o caso porque o paciente não melhorava. Durante nossas reuniões na *Harringay Arena*, o alcoólatra foi convidado a aparecer, e ouviu com espanto as mensagens do Evangelho, pensando consigo mesmo que talvez houvesse alguma esperança para ele. Certa

noite, quando o convite foi feito, levantou-se em companhia de diversos outros. Converteu-se, e uma nova energia surgiu na sua vida. Naquela noite, antes de deitar-se, estendeu o braço como costumava fazer, procurando a garrafa de bebida, mas alguma coisa – ou melhor, Alguém – lhe dominou a mão. Saindo da cama, levou a garrafa até a pia, onde a esvaziou. Ao despertar na manhã seguinte, o hábito fez com que novamente procurasse o trago de sempre. Não o encontrou, mas não teve qualquer sensação de desapontamento.

Foi ver o psiquiatra e disse:

– O doutor perdeu um cliente. Cristo salvou-me da bebida, e agora sou um novo homem.

– Parece ótimo – respondeu o médico. – Talvez eu encontre auxílio onde você encontrou. Não sou alcoólatra, mas também tenho as minhas necessidades e problemas.

O psiquiatra começou também a freqüentar as reuniões, e veio igualmente a aceitar Cristo como seu Salvador. Um ano mais tarde, no saguão de um elegante hotel londrino tanto esse psiquiatra como o ex-alcoólatra deram testemunho do poder salvador de Jesus Cristo, que os guardara.

Ser uma nova criatura em Cristo não quer dizer ter havido uma alteração nos elementos de personalidade da pessoa, mas que um princípio novo de vida foi introduzido no centro de seu ser, o coração, dirigindo-lhe a vontade para novos motivos, nova conduta e novos ideais.

Acontece com freqüência, como diz o Dr. White, que após a conversão mudem completamente os gostos de uma pessoa, não devido a qualquer esforço consciente da vontade ou decisão, mas devido à alteração ocorrida em nível mais profundo. O cristão não quer mais fazer algumas das coisas que queria dantes fazer, e cria um impulso de fazer aquilo que, anteriormente, teria evitado. Há ocasiões em que essa modificação se efetua de modo repentino e ciclônico, como quando um alcoólatra abandona a bebida ou uma maledicente pára com os seus mexericos. Em outros casos, é uma transformação gradual que impregna

toda a vida e visão do indivíduo, modificando-o cada vez mais e levando-o à semelhança de Cristo.

NOVA ORIENTAÇÃO

O motivo pelo qual, como novas criaturas, sentimos o passamento das coisas antigas e o início das novas é quíntuplo em sua explicação.

Em primeiro lugar, o novo homem tem uma orientação nova. Antes da conversão, achava-se orientado para o mundo e suas atividades materialistas e seculares. Agora acha-se orientado para Jesus Cristo, com os ideais mais elevados da vida cristã.

NOVA MOTIVAÇÃO

Em segundo lugar, o novo homem tem uma motivação nova. Antes da conversão, os motivos para viver centralizavam-se em torno dos seus apetites e vontades. Desejava o que queria fazer, obter e ser. Às vezes isso era bom, e de outras mau, mas em geral estava afastado de Deus. Agora, a sua motivação é a vontade de Deus, que constitui o motivo mais elevado possível para a vida, e enquanto estivermos inspirados e ativados por essa motivação agiremos no caráter das criaturas novas que somos.

NOVA DIREÇÃO

Em terceiro lugar, o novo homem tem uma direção nova. Antes da conversão, a direção da vida era em sentido contrário à de Deus, sendo-lhe fácil agir erradamente, e natural pecar. Agora, a vida toma nova direção. "Todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne... e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia... nos deu vida juntamente com Cristo" (Efésios 2:3-5).

Movemo-nos agora na direção à vontade de Deus. Emoções novas e diferentes inundam-nos os corações, e achamos as práticas pecaminosas desprovidas de atração e mesmo detestáveis. Marchamos na direção da retidão e da piedade. Temos os pensamentos de Deus, seguindo-O. Movemo-nos com a mente de Cristo, e estamos livres das escravizações da mente natural. Estamos livres da inveja e dos rancores, e nos tomamos graciosos e bondosos como Ele foi.

NOVO CRESCIMENTO

Em quarto lugar, o novo homem sentirá um novo crescimento espiritual e moral. Pode-se imitar a vida cristã pelo esforço religioso, mas sempre é possível identificar a flor artificial. Existe uma diferença entre um crescimento espiritualmente natural do princípio cristão, e existe uma cópia moral dele. Um é crescimento; o outro, adição. Disse Jesus: "Olhai como crescem os lírios" (Lucas 12:27). Como crescem? Orgânica, espontânea, automaticamente, sem se esforçarem ou lutarem ou preocuparem, assim como crescemos fisicamente sem esforço consciente.

Um de meus filhos disse, certa vez:

– Vou ser grande como o papai!

Disse isso e esticou-se para adquirir mais estatura, porém seu esforço não o fez aumentar um só centímetro.

No momento em que recebemos Cristo, temos um início como se fôssemos um recém-nascido espiritual. "Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que por ele vos seja dado crescimento" (I Pedro 2:2). Uma criança pode nascer em casa rica e tornar-se assim o possuidor de bons pais, irmãos e irmãs, casas e terras, mas no momento de seu nascimento o principal não é que seja informado dessas coisas maravilhosas. Há outras questões importantes que devem ser tratadas antes. Precisa receber alimento, pois tem fome e precisa crescer. Deve ser protegido, porque nasceu num mundo de

muitos inimigos. No berçário da maternidade ele é tratado com luvas esterilizadas e mantido à distância de estranhos, de modo a não ser vítima de qualquer dos milhões de germes que poderão atacá-lo.

Um amigo europeu converteu-se a Cristo quando leu *Peace with God* (Paz Com Deus), onde ficou sabendo que o crente é uma nova criatura, que as coisas antigas passam e todas as coisas se tornam novas (II Coríntios 5:17). Disse-me ele:

– Se é assim, não farei esforço para reformar-me ou fazer o bem, para que não pareça que me estou transformando. Porei à prova essa promessa de Deus para ver que transformação Ele fará em mim em conseqüência da crença.

Resolveu alimentar o "novo homem" apenas pela leitura da Bíblia, pela oração e presença na igreja. Veio a transformação para ele, não mediante seus esforços pessoais, mas pelo poder do Espírito Santo.

Você se tornou um filho de Deus. Nasceu em Sua família, como uma criancinha. Trata-se de momento estratégico em sua vida, e há duas ou três coisas que o ajudarão a fortalecer-se para a batalha e manter-se a salvo dos feitiços de Satanás, o inimigo de nossa alma.

1. É importante fortificar sua própria alma, *lendo as Escrituras*. Se não tem uma Bíblia, consiga um exemplar e comece a ler o Novo Testamento. "De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? observando-o segundo a tua palavra" (Salmos 119:9). "Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti" (Salmos 119:11). Por isso concito o leitor a ler e aprender de cor trechos da Palavra de Deus.

Satanás fará tudo a seu alcance para impedi-lo de ler a Bíblia e derrotá-lo na vida cristã que acabou de achar. No passado, você pode não ter sido atacado por Satanás, mas agora ele vê que você tomou o rumo que o faz enfurecer-se. Renunciou a ele e se juntou àqueles que crêem no Filho de Deus. Não é mais propriedade de Satanás, e pertence Àquele que o resgatou e pagou por você um preço – o de Seu sangue na cruz. Pode estar certo de que Satanás tentará perturbá-lo. Os seus ataques tomam muitas formas, e você só os poderá vencer se usar a arma

proporcionada por Deus. "Tomai... a espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (Efésios 6:17). A Palavra de Deus não é somente uma espada de ataque, mas também um escudo de defesa para desviar os dardos do inimigo (Romanos 10:17; Efésios 6:16).

Por esse motivo, é de vital importância que estude as Escrituras. Quando Cristo, no deserto, foi tentado três vezes pelo demônio, fez frente a cada tentação com a Escritura, dizendo: "Está escrito" (Mateus 4). Se Jesus achou preciso resistir aos ataques de Satanás pela citação das Escrituras, você precisa muito mais ainda dessa arma poderosa.

2. É importante que *aprenda a orar*. Disse Jesus: "Importa orar sempre" (Lucas 18:1), e também: "Até agora nada tendes perdido em meu nome; pedi, e recebereis, para que a vossa alegria seja completa" (João 16:24). O apóstolo Paulo chegou ao ponto de dizer: "Orai sem cessar" (Tessalonicenses 5:17). Uma vez que tomou sua decisão por Cristo, pode agora dirigir-se a Deus como Pai. No início não será capaz de orar com muita fluência, mas é importante que comece imediatamente. A primeira oração que faça pode ser algo como isto: "Ó Pai, agradeço-Te por salvar minha alma. Eu Te amo. Em nome de Cristo, amém". Pode ser uma oração simples assim, mas logo verá que estará orando sobre tudo, e logo suas preces estarão constantemente em seu subconsciente, e então começará a "orar sem cessar".

George Washington Carver costumava levantar-se de manhã às quatro horas para orar. Comentando as bênçãos daquelas primeiras horas matutinas, ele dizia:

– Não há outra ocasião em que eu tenha uma compreensão tão nítida do que Deus pretende fazer comigo, como naquelas horas em que as demais pessoas ainda dormem. É quando ouço melhor a Deus e me informo dos Seus planos.

3. É importante que tenha a *companhia de outros cristãos*. Não pretende Deus que você viva sozinho a vida cristã. Precisa fazer parte de uma igreja. "Não abandonemos a nossa própria congregação" (Hebreus 10:25). Se separarmos uma brasa das demais, ela logo se apagará,

consumida. No entanto, se pusermos a brasa junto a outras, haverá ali um brilho que durará horas inteiras. Pode haver uma aula bíblica ou grupo de oração em sua coletividade, que não conheça ainda. Logo poderá encontrar seu caminho para todos os tipos de companhia e associação cristã que lhe trarão novas amizades e fortalecerão sua fé.

Você é agora membro de uma fraternidade mundial que se estende sobre todas as barreiras nacionais, raciais e lingüísticas. Já percorri trilhas na selva africana onde encontrei companheiros cristãos, e éramos imediatamente irmãos, ainda que nos víssemos separados pela língua, pela raça e pela cultura. Uma das maiores alegrias de minha vida foi viajar pelo mundo e encontrar milhares de cristãos em todos os países.

Certa vez, quando estive na Rússia, fui ao Circo de Moscou. A Rússia é um lugar onde eu não poderia ser reconhecido por pessoa alguma, ou pelo menos assim eu pensava. Enquanto estávamos sentados, assistindo ao espetáculo circense, um cavalheiro de modos muito distintos aproximou-se e sentou-se por momentos a meu lado, perguntando:

– O Sr. é Billy Graham, o evangelista americano?

Com expressão de surpresa no rosto, respondi que sim, e ele acrescentou:

– Sou um funcionário público húngaro em Moscou a serviço. Queria que soubesse que sou crente em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Foi tudo quanto disse, e se afastou. É fácil imaginar a alegria que me tomou o coração, em encontrar um irmão em Cristo, em Moscou! Já descobri que Deus tem a Sua gente por toda parte. Assim como havia santos na casa de César, também há santos nos palácios dos reis e ditadores.

NOVA PREOCUPAÇÃO SOCIAL

Em quinto lugar, o novo homem deve ter uma nova orientação social. Isso afetará suas relações familiares, profissionais, sua atitude para com o trabalho e para com seu próximo.

Toda a diferença entre o cristão e o moralista está nisso. O cristão trabalha a partir do centro, o moralista a partir da periferia. Um é o organismo, no centro do qual existe um germe vivo plantado pelo Deus vivo. O outro é cristal, belo que seja, mas somente cristal, a que falta o princípio vital do crescimento.

Você compreenderá que Deus se interessa pelas grandes questões sociais de nossos dias, tais como a imoralidade, a pobreza, os problemas raciais e o crime. Disse o Apóstolo Tiago: "A fé sem as obras é inoperante" (Tiago 2:20). Nossas boas obras dão testemunho de termos recebido Cristo. Devemos visitar os doentes, os presos, mostrar amizade aos que estão sozinhos e tentar reaproximar aqueles que se separaram. Tentaremos mostrar, a vidas desperdiçadas, os valores novos. Estenderemos nossos passos para demonstrar bondade, cortesia e amor às pessoas de outras raças. Estaremos prontos a sofrer, a que abusem de nós e nos ridicularizem, num mundo hostil onde não compreendem os nossos objetivos.

É uma sensação estimulante viver a vida nova com Cristo em mim, permitindo-me vivê-la.

Quando dirigia seu *Ford* pela estrada, certo homem notou, de repente, que alguma coisa não estava bem no veículo. Saltou do carro, examinou o motor mas não encontrou o defeito. Quando fazia isso, surgiu outro veículo, e ele fez um sinal pedindo auxílio. Do veículo que se deteve, um Lincoln novo em folha, saltou um homem alto e amável, que perguntou:

– Qual é o problema?

– Não consigo fazer este *Ford* andar.

O recém-chegado mexeu em algumas coisas, debaixo do capô do carro defeituoso, e depois pediu:

– Ligue o motor.

Quando este pegou, o homem que pedira ajuda sentiu-se agradecido, declarou sua identidade e perguntou:

– Qual é o seu nome, amigo?

– Meu nome – respondeu o estranho – é Henry Ford.

Aquele que fabricara o veículo sabia como fazê-lo funcionar. Deus fez a você e a mim, e somente Ele sabe pôr a sua e a minha vida em funcionamento. Sem Cristo, poderíamos levar nossas vidas a uma ruína completa. Com Ele no comando tudo vai bem. Sem Ele, nada podemos fazer.

LIGAÇÃO SOCIAL DO NOVO HOMEM

Até um estudo superficial da vida de Jesus revela que Ele se interessou pela reação do homem diante dos problemas sociais com que se defrontava. Desde que Jesus Cristo andou pela terra, o pensamento mundial a respeito das questões sociais passou por transformação radical. Devido a Ele o mundo testemunhou uma nova reverência pela vida humana e aprendeu alguma coisa sobre a dignidade e o valor do homem. Dos cinco homens pelos quais Paulo passou nas ruas de Roma, três eram escravos. A afirmação de Cristo de que todos os indivíduos possuem valor incomensurável aos olhos de Deus, foi a imagem que veio mais tarde ajudar na libertação dos escravos. Jesus disse: "Ora, quanto mais vale um homem que uma ovelha?" (Mateus 12:12). Foi Jesus quem nos ensinou que existe em cada homem, potencialmente, um filho de Deus. Quando viveu na terra, ninguém foi Seu companheiro predileto, fosse por ser rico ou por ser pobre. A patente e a distinção social nada significavam para Ele e era pelo homem, como homem, que Cristo se importava. Tomando em Si a nossa natureza humana, mostrou o que poderíamos ser, o que Deus pretendia que fôssemos.

Devido a Jesus, a mulher se viu erguida à sua posição atual. Em grande parte da literatura antiga, a mulher era encarada como pouco mais do que um animal. Eis um extrato das Leis de Manu: "Dia e noite as mulheres devem ser mantidas na dependência pelos elementos masculinos da família. Elas jamais estão preparadas para a independência, e são tão impuras quanto a própria falsidade." A vinda de Jesus modificou tudo isso. Ele elevou a condição da mulher para sempre, quando nasceu de Maria. O cântico de Maria, o "Magnificat", é a carta magna da liberdade da mulher. Alguns de Seus seguidores mais fiéis foram mulheres, e Ele as incluía entre Seus amigos mais íntimos, tais como Maria Madalena, Maria e Marta.

A vinda de Jesus Cristo modificou a conduta de grande parte do mundo. Os cristãos, dedicam a vida a ajudar o próximo, socorrer a

pobreza, cuidar dos doentes. Muitos hospitais, orfanatos, instituições de caridade e asilos têm sua origem em Cristo. A consciência social do homem viu-se aprofundada pela vinda de Jesus. A história da igreja cristã, ao correr dos séculos, com seus triunfos, e fracassos, prova o fato de que Cristo veio sensibilizar a vida do mundo, indicando ao homem uma nova direção.

Por que motivo, então, o mundo se encontra em transe tão desesperado? A resposta está em que ele não quer ir ter com Cristo, e assim receber a vida. O mundo O rejeitou. É bem verdade que parte de sua consciência está ainda com Jesus, mas não sua conduta. Cristo só pode salvar o mundo estando vivo nos corações de homens e mulheres. Falamos displicentemente sobre o estabelecimento de uma ordem cristã de sociedade por meio de leis e providência de construção social, como se a pudéssemos trazer dos céus, ainda que para isso fosse preciso trabalhar bastante. O Reino de Deus jamais nos virá desse modo. Se a raça humana se voltasse repentinamente para Cristo, teríamos imediatamente a possibilidade de uma nova ordem cristã e poderíamos abordar os nossos problemas dentro dos quadros da compreensão e da fraternidade cristãs. É bem certo que os problemas continuariam, mas a atmosfera para a sua solução se veria inteiramente mudada.

Jesus andava no meio da multidão, e não tinha receio de entrar em contato com ela, com seus melhores e piores elementos, os doentes e os sadios, os grandes e os pequenos. "Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe, de joelhos... Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o. . . " (Marcos 1:40, 41). A pessoa mais suja, mais solitária e mais abandonada naquele mundo era o leproso. Imaginemos o que deve ter significado, para ele, Jesus estender a mão e tocá-lo, com amor e compaixão. Provavelmente nenhuma outra mão o tocara, desde que a doença se manifestara.

Qualquer pessoa que deseje levar bênçãos à vida dos outros deve, de algum modo, "sentar-se onde elas se sentam". Wilfred Grenfell tornou-se o anjo do Labrador, no Canadá, porque foi para lá viver com a

gente do lugar. David Brainerd viveu com os índios da América Colonial. William Booth viveu no famoso *East End* de Londres. William Seagrave tornou-se o famoso e amado "Cirurgião da Birmânia" porque viveu toda a sua vida, quer doente ou em bom estado de saúde, numa aldeia da Birmânia. Recusou-se a voltar a seu lar, que amava, para que não morresse de doença ou por acidente quando afastado do povo birmanês, e foi lá que faleceu em 28 de março de 1965, numa pequenina aldeia não muito distante da fronteira com a China Comunista.

Se pretendemos tocar a gente de nossas coletividades, deveremos também conhecer os seus sofrimentos, sentir-lhe as tentações, fazer-lhe companhia em seus transes. Jesus Cristo entrou na arena de nossos problemas, e chorou com quem chorava, rejubilando-se com quem se alegrava.

É por isso que me interesso pelas pessoas que trabalham nas igrejas dos bairros pobres. Trata-se, provavelmente, do ministério religioso mais cheio de frustrações dos Estados Unidos, entre gente que mora em casas inadequadas e de que grande parte não tem emprego. As idéias religiosas não têm grande sentido para essas pessoas, cujas vidas estão totalmente desorganizadas. O pastor enfrenta todas as frustrações delas e tenta compassivamente penetrar-lhes nos problemas. Por outro lado, nos últimos quinze anos, houve tantas modificações que há necessidade de novas atitudes, novas e audaciosas técnicas de evangelização e orientação cristã.

A MISSÃO DA IGREJA

É nesse ponto que a tensão na igreja se torna aguda. Qual a missão principal da igreja? É redentora, social, ou ambas? Há quem sustente que até o evangelismo devia ser reinterpretado conforme as linhas da construção social e na pressão política. Estamos hoje testemunhando o grande destaque conferido às organizações eclesiásticas e as suas resoluções, pronunciamentos, entendimentos e à própria lei, no sentido

de criar e aplicar as transformações sociais antevistas pelos dirigentes da igreja como uma parte do mundo onde ela será a influência dominante.

Quando a maioria das denominações protestantes efetua seus concílios, assembléias ou convenções anuais, pronuncia-se em questões relativas ao desarmamento, ao auxílio do governo federal à educação, ao controle de natalidade, às Nações Unidas e a toda uma série de questões sociais e políticas. Muito raramente são aprovadas resoluções que se refiram ao testemunho redentor do Evangelho.

Existem os que pensam sempre em termos de ação de massas. As massas, as massas de grupo, têm obrigações, deveres e responsabilidades. Acham que deve haver leis que obriguem o grupo a honrar essas responsabilidades e que isso é a parte principal da missão cristã. Existem outros na igreja que julgam que a missão da mesma não é por orientação à sociedade. Existe certamente um sentido no qual a igreja deve orientar, alertar e apresentar a sua orientação, proclamando os critérios absolutos pelos quais Deus julgará a humanidade – tais como os Dez Mandamentos e o Sermão da Montanha, proclamado o propósito divino de Deus por meio do governo numa sociedade caída, e pregando todo o conselho de Deus, que diz respeito ao ambiente e ao ser físico do homem, bem como à sua alma. Ainda assim, existem os que discordam violentamente dessa posição. Não resta dúvida que a igreja se acha em perigo de abandonar a estrada real e perder-se num atalho.

Temos tentado resolver todos os males da sociedade como se esta se compusesse de homens regenerados, a quem tivéssemos obrigação de apresentar a orientação e conselho cristãos. Estamos começando a perceber que, embora a lei deva garantir os direitos humanos e exercer restrições sobre aqueles que os violam, sempre que aos homens faltar acatamento à lei, deixarão de respeitá-la, ainda que não a possam revogar. Desse modo, o governo poderá tentar legislar a conduta cristã, mas logo descobrirá que a mesma continua inalterada.

A transformação dos homens constitui a missão principal da igreja e o único modo de consegui-lo é fazer com que se convertam a Jesus

Cristo. Depois disso é que eles terão a capacidade de corresponder à ordem cristã de "Amar o próximo".

Creio também que a igreja está tentando falar sobre um número demasiado de questões que, na realidade, não lhe dizem respeito. Há certas questões que sabemos estarem erradas – a injustiça racial, o crime, a jogatina, a desonestidade e a pornografia. Nesses setores, devemos falar como os profetas de Deus, Não tenho tanta certeza, no entanto, de que o conjunto da igreja tenha o direito de tomar decisões políticas. Não tenho certeza de que os dirigentes da igreja tenham o direito de falar sem consulta, exprimindo-se em nome de todos os seus membros. Não resta dúvida que a igreja protestante norte-americana esteve perigosamente perto de envolver-se em política durante as eleições de 1960 e 1964. Muitos órgãos dela se opuseram a Kennedy, e quatro anos mais tarde muitos outros grupos aprovaram resoluções contra Goldwater.

Como resultado do afastamento da igreja do caminho principal de seu ministério, muitos de seus fiéis mostram-se inquietos e insatisfeitos. Alguns se recusam a dar mais dinheiro, muitos estão procurando alimento espiritual em outra parte. Um dos grandes dirigentes trabalhistas deste país disse recentemente a um amigo meu: "Vou à igreja nos domingos, e tudo quanto ouço é conselho social, quando meu coração está faminto de alimento espiritual."

Certo presidente dos Estados Unidos da América me disse que estava farto de ouvir pregadores falarem sobre questões internacionais, sem o conhecimento dos fatos reais. É perfeitamente correto um pastor apresentar as suas opiniões pessoais sobre qualquer assunto, na sua qualidade de cidadão, mas a coisa se torna diferente quando a igreja fala, como igreja, sobre todas as questões sociais e políticas, principalmente quando as mesmas, resolvidas deste ou daquele modo, não constituem problemas morais ou espirituais. Muitas vezes homens devotos e espirituais tomam posições contrárias.

Estou convencido de que, se a igreja voltasse à sua tarefa principal de pregar o Evangelho e levar as pessoas ao conhecimento de Crista, isso

teria um impacto muito mais poderoso sobre a estrutura da nação do que qualquer outra coisa que estivesse a seu alcance fazer.

O MINISTÉRIO DE CRISTO

Há um episódio interessante registrado no Evangelho de Lucas, a respeito do ministério de Cristo. "Nesse ponto, um homem que estava no meio da multidão lhe falou: Mestre, ordena a meu irmão que reparta comigo a herança. Mas Jesus lhe respondeu: Homem, quem me constituiu juiz ou partidor entre vós? Então lhes recomendou: Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui" (Lucas 12:13-15).

Aí temos um caso decisivo. Um homem levava o seu problema econômico a Jesus. Naquele tempo, se um homem tinha dois filhos, a propriedade paterna ia na proporção de dois terços para o mais velho cabendo o terço restante ao mais novo. Nesse caso, talvez o filho mais novo estivesse pedindo mais do que a sua terça parte ou talvez o mais velho se houvesse apoderado de mais do que os seus dois terços. Não é provável que esse homem se apresentasse a Jesus com uma exigência injusta ou irrazoável, pelo que lhe concedemos o benefício da dúvida. A sua exigência era justa. E que disse Jesus? Replicou: "Homem, quem me constituiu juiz ou partidor entre vós?" Que resposta decepcionante! Lá estava um homem com um problema econômico razoável, e se via rejeitado por Cristo. Foi provavelmente para casa, onde disse aos amigos que Jesus não se interessava pelas questões sociais. É provável que tenha dito que Jesus se mostrava frio e indiferente às suas necessidades materiais.

Tratava-se de autêntico problema econômico, sobre o qual a igreja se manifesta muitas vezes, e em nossos dias aprova muitas resoluções sobre tais questões. Cristo examinou o caso e aprovou uma resolução? Estudou essa questão econômica? Não! Replicou com aparente indiferença: "Homem, quem me constituiu juiz ou partidor entre vós?" Em outras palavras, Jesus disse que não fora designado para essa função

de árbitro em questões econômicas. As declarações e pretensões daquele que O inquiriu podem ter sido perfeitamente justas, ou não. Jesus achou que essa questão devia ser resolvida pelas autoridades.

Depois disso, Ele se voltou para o tema principal de seu ministério e disse: "Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui." Aqui vemos Jesus recusando-se deliberadamente a se envolver num problema econômico, indicando coisa muito mais profunda. Havia uma queixa mais sutil, um problema mais profundo em jogo.

INJUSTIÇAS SOCIAIS

Não há a menor dúvida de que hoje a injustiça social campeia por toda a parte. Examinando o nosso cenário norte-americano, Jesus veria fato ainda mais profundo e diria: "Guardai-vos e acautelai-vos da cobiça, do espírito de eterno descontentamento com o que a vida oferece, sempre querendo mais, sempre olhando as condições de vida de outrem e jamais se contentando." Nisto consiste a doutrina social de Jesus.

Na igreja, devíamos começar a examinar a raiz de nossos problemas, que é a doença da natureza humana! No entanto, tentamos ser médicos sociais canhestros e errados, aplicando remédios aqui e passando ungüento ali, nas feridas do mundo, mas as feridas irrompem outra vez em outras partes do corpo doente. A grande necessidade é que a igreja chame o grande Médico que pode, somente Ele, diagnosticar adequadamente a doença. Ele virá por baixo das meras erupções cutâneas e pronunciará a causa de tudo – o pecado.

Se, na igreja, queremos uma causa para lutar por ela, combatamos o pecado, revelemos sua hediondez. Mostremos que Jeremias estava certo, ao dizer: "Enganoso é o coração, mais do que todas as causas, e desesperadamente corrupto" (Jeremias 17:9). E então, quando o centro do problema humano for tratado, quando essa doença for erradicada, só então o homem viverá com o homem, como irmão com irmão.

Não desejo ser mal interpretado. Acredito que se deve tomar posição quanto às questões morais, sociais e espirituais de nossos dias. Fazia pouco tempo que eu pregava, quando resolvi que jamais pregaria a uma assistência racialmente segregada, em qualquer situação da qual tivéssemos conhecimento. Isso aconteceu muito antes da decisão do Supremo Tribunal, em 1954. Perdi muitos seguidores, recebi muitas cartas ameaçadoras. Fui chamado de radical, liberal, comunista. Certas igreja deixaram de desejar que eu me apresentasse em seus púlpitos, mas achei que era essa a posição cristã e não podia assumir outra.

Em minhas cruzadas, tenho pregado sobre todas as questões sociais concebíveis. Utilizei meu programa radiofônico *The Hour of Decision* (A Hora de Decisão) para pregar sobre todas as questões sociais de nossa época, e tenho falado de tudo, desde a habitação deficiente até à segurança das rodovias. As questões sociais de nossos dias, no entanto, não foram o tema principal de minha pregação, pois este tem sido o mesmo dos primeiros Apóstolos: "Que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (I Coríntios 15:3, 4).

Quando Filipe, o evangelista, pregava ao nobre etíope na quente estrada do deserto, dizem as Escrituras: "Ele lhe pregou Jesus." O nobre africano provavelmente estava sendo puxado por escravos e a escravidão constituía a maior das injustiças sociais daquela época, mas não temos qualquer notícia de que Filipe o recriminasse pelo escravagismo. Ele lhe pregou Jesus.

Aos famintos, Jesus disse: "Eu sou o pão da vida." Aos sedentos, disse: "Eu sou a água da vida." Aos cansados, disse: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei." À pessoa sobrecarregada de culpa, Ele disse: "Vossos pecados estão perdoados." Até aos mortos Ele falou: "Eu sou a ressurreição."

Existe outro problema que se relaciona com a preocupação de natureza social. Disse o Apóstolo Paulo: "Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação" (Filipenses 4:11).

Quando escreveu isso, o Apóstolo estava numa prisão romana. Trata-se de afirmação espantosa, partida de alguém que estava tão insatisfeito com sua própria vida espiritual que chamava a si mesmo o maior dos pecadores, e em outra ocasião declarou não ter alcançado a meta, mas estar-se ainda esforçando para isso. Que queria dizer? Queria dizer que descobrira o segredo de estar perfeitamente satisfeito com qualquer condição de vida na qual aprouvesse a Deus colocá-lo.

Não dependia das circunstâncias para ser feliz, não apresentava qualquer reclamação contra a vida ao lhe faltar dinheiro ou conforto, ou quando se via exposto a críticas injustas. Pensava mais no que podia dar do que no que podia receber ou obter. Podia dizer sinceramente: "Para mim o viver é Cristo" (Filipenses 1:21). Em outras palavras, para Paulo a vida significava apenas Jesus Cristo, Cristo para amar e servir, Cristo para pregar e adorar.

VALORES VERDADEIROS

Embora Cristo dissesse que a vida do homem não consiste nas coisas que ele possui, na igreja achamo-nos perigosamente perto de ensinar às pessoas que as "coisas" são as posses mais importantes da vida. Vivo nos Montes Apalaches, onde conheço famílias que não têm tanto quanto outras, residentes em Nova York e Filadélfia. Apresentam no entanto, uma alegria, um contentamento e uma paz fundados em sua fé espiritual, que lhes proporciona satisfação e tranqüilidade. Conheço milionários em Nova York, Texas e Califórnia que estão a caminho de estourar os miolos, por não poderem resistir às pressões da vida.

Quem é mais rico? Quem possui mais bens? Paulo podia dizer na prisão: "Estou contente." Que coisa poderia ser pior do que um cárcere romano, frio e infestado de ratos? Na igreja, estamos em perigo de inverter o caso do filho pródigo. Jesus disse que o filho pródigo voltou a si, deixou o país distante e regressou a seu pai. Ao invés de tentar tirar o

filho pródigo do campo distante, estamos na igreja tentando levar-lhe o conforto material e a felicidade no chiqueiro do mundo.

É certo que Paulo sentia um descontentamento espiritual que o impetra a todos os sofrimentos concebíveis a fim de poder conquistar os homens para Cristo. Decerto nós, como cidadãos cristãos, não temos o direito de estar contentes com nossa ordem social enquanto os princípios de Cristo não se vejam aplicados a todos os homens. Enquanto houver na escravidão um homem que devia estar livre, enquanto existirem favelas e guetos, enquanto qualquer pessoa for dormir sem ter comido, por falta de alimento, enquanto a cor da pele de uma criatura for a sua prisão, deverá haver descontentamento divino.

RESPONSABILIDADE CRISTÃ

Isso parece paradoxo, mas não é. Como cristãos, temos duas responsabilidades. Uma é proclamar o Evangelho de Jesus Cristo como solução única para as necessidades humanas mais profundas. Outra é aplicar tão bem quanto possamos os princípios do cristianismo às condições sociais em redor de nós.

Jesus ensinou que o cristão é "o sal da terra" (Mateus 5:13). Falou em sal, porque essa substância confere sabor à comida e, além disso, conserva. Há alimentos que se deteriorariam sem ele. Nossa sociedade nacional se tornaria corrupta, a cobiça e concupiscência, juntos ao ódio, levariam a nação a verdadeiro inferno, se não fosse o sal cristão. Basta tirar todos os cristãos da América e ver o caos que se formaria da noite para o dia. É, em parte, porque a igreja perdeu a sua qualidade de sal que temos agora necessidades morais e sociais tão grandes. Uma pitada de sal apresenta valor inteiramente fora de proporção com a sua quantidade.

Ele disse também: "Vós sob a luz do mundo" (Mateus 5:14). A escuridão de nosso mundo é cada vez mais tenebrosa e só resta uma luz verdadeira, a de Jesus Cristo, refletida por aqueles que nEle confiam e crêem. O próprio Jesus viera trazer luz para que os homens pudessem ver

a Deus por Seu intermédio. Os que O seguem devem fazer brilhar e irradiar Sua luz. Ele disse: "Brilhe a vossa luz diante dos homens" (Mateus 5:16).

Cristo indica que o mundo é a esfera da luz e do sal. Os problemas atuais em nossa vida nacional são graves e todos os cristãos possuem uma responsabilidade definida. O cristão é cidadão de dois mundos e, diante dessa cidadania dupla é-lhe dito nas Escrituras não só que ore pelos que ocupam a autoridade política mas também que participe e sirva ao seu governo. O cristão é o único e verdadeiro portador de luz no mundo. Assim como existe o perigo de que o sal perca a sua qualidade, há também o de que a luz se perca nas trevas se não tiver a oportunidade de brilhar. As vidas dos primeiros cristãos foram seu testemunho invencível e o mundo pode argumentar contra um credo, mas não contra vidas transformadas.

É o que faz o simples Evangelho de Jesus Cristo, quando pregado sob o poder e a autoridade do Espírito Santo.

O cristão não apenas segue Cristo e aprende com Ele, mas também tem de agir. O mundo julga o cristão por sua vida, não por sua crença, e seus atos são indicação de sua fé. Disse o Apóstolo Tiago: "Mas alguém dirá: Tu tens fé e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras te mostrarei a minha fé" (Tiago, 2:18).

Perguntaram certa feita a um evangelista se ele não achava que o mundo estava ficando pior, e ele respondeu: "Se estiver, nesse caso estou decidido a que o seja a despeito de mim." Podemos parafrasear, e dizer: "Se o mundo está ficando pior, então, o será a despeito do Evangelho de Cristo e dos que nEle confiam."

O FUTURO FABULOSO

Quase todos os presidentes dos Estados Unidos, nos anos mais recentes, apresentaram um slogan para caracterizar os objetivos de sua administração. Todos esses slogans estenderam ao povo novas esperanças e a antecipação de uma vida melhor no futuro imediato. Com Franklin D. Roosevelt, foi "A Nova Distribuição" (*The New Deal*); com Harry Truman, tivemos "A Distribuição Justa" (*The Fair Deal*); com John F. Kennedy, foi "A Nova Fronteira" (*The New Frontier*), e com Lyndon Johnson temos agora "A Grande Sociedade" (*The Great Society*).

A despeito das nuvens carregadas que pairam no horizonte, o homem se prepara hoje para um futuro fabuloso. As fronteiras se transferiram da terra para o espaço exterior, do solo para o ar, e do cavalo-vapor para a energia nuclear. Progressos científicos notáveis nos estão rapidamente conduzindo a uma era de maravilhas científicas sem paralelo.

As projeções imaginadas desse futuro fabuloso teriam feito Franklin D. Roosevelt vacilar. Dizem que o futuro pertence ao cientista, que no campo dos transportes o tempo se reduzirá a quase nada, à medida que naves-foguete transportarão viajantes de Nova York a Londres em menos de uma hora. Viveremos em casas feitas de plástico, completamente abertas ao ar livre e aquecidas pela energia solar. A elaboração dos alimentos trará iguarias delicadas de todas as partes do mundo, e os progressos no setor das comunicações proporcionarão telefones eletrônicos que transportaremos em nossos bolsos. Os jornais serão tiras largas que irão saindo de uma máquina de telefoto, chegando a nossos lares pela televisão.

O planejamento desse futuro fabuloso, no entanto, apresenta uma falha fatal! É materialista, secular e humanista e não leva em conta a doença moral do homem, tendo deixado pouco lugar para Deus! Os planejadores não puseram em seus cálculos as palavras de Jesus: "Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca de

Deus" (Mateus, 4:4). Hoje em dia, o homem come continuamente da árvore do conhecimento, sem provas da árvore da vida, e acha-se ainda sob a ilusão satânica de que se tornará igual a Deus.

Baseamos nossas esperanças quanto a esse futuro fabuloso em nosso processo educativo atual, progressivo e científico. O falecido juiz Robert Jackson afirmou: "Um dos paradoxos de nossa época está em que a sociedade moderna só tem a recear... o homem educado"[1] O motivo desse medo está no fato de que nos estamos desenvolvendo mentalmente, sem uma moralidade correspondente.

O PERIGO INTERNO

Disse o Presidente Theodore Roosevelt: "Quando educamos um homem intelectual e não moralmente, preparamos uma ameaça à sociedade."

A ciência está aprendendo a controlar tudo, menos o homem. Ainda não resolvemos os problemas do ódio, cobiça, concupiscência e preconceito, que produzem a injustiça social, a luta racial e finalmente a guerra. Assim é que esse futuro fabuloso se vê ameaçado por muitos perigos, tais como a destruição nuclear, que adeja como a espada de Dâmocles sobre nossas cabeças.

O maior perigo de todos, entretanto, é interno. Todas as outras civilizações anteriores entraram em desintegração e colapso devido a forças internas, e não pela conquista militar. A Roma Antiga constitui exemplo notável da queda de uma civilização. Embora sua desintegração fosse acelerada pelas invasões estrangeiras, na opinião de Arthur Weigall, arqueólogo de renome mundial, entrou em colapso "somente depois que o suborno e a corrupção campearam durante gerações seguidas". A Grande Muralha da China, que levou mil e duzentos anos para ser construída, não caiu, pois não precisava cair. Três vezes o inimigo passou por seus portões, graças ao simples expediente de subornar os guardas.

Por mais adiantada que esteja em seu progresso, qualquer geração que negligencie sua vida espiritual e moral se desintegrará. Esta é a história do homem e este é o nosso problema moderno.

O cristão acredita num futuro fabuloso, ainda que a estrutura atual da sociedade moderna deva desaparecer e todo o seu progresso se veja varrido pela autodestruição, em conseqüência do fracasso e da loucura do homem.

Existe certo sentido no qual o Reino de Deus já está aqui, na presença viva de Cristo nos corações de todos os verdadeiros crentes. Existe, também, no entanto, a consumação final de todas as coisas, a que se chama o Reino de Deus. É esse o futuro fabuloso! Será um futuro no qual não existirão guerras, nem pobreza. Existirão relações humanas felizes e pacíficas, ampla e completa oportunidade de explorarmos todas as nossas capacidades. Haverá um estado de reconciliação completa entre o homem e Deus, entre uma raça e outra, entre uma e outra nação.

A INTERVENÇÃO DE DEUS

O futuro fabuloso pelo qual nós, os cristãos, estamos esperando não será o prosseguimento natural da história humana. Não advirá de estruturação política, nem será o resultado da educação ou da ciência sozinhas. Nascerá do estabelecimento do Reino de Deus, pela intervenção direta de Deus!

Existe grande preocupação nas igrejas quanto à aplicação dos princípios de Jesus Cristo à ordem social, em termos de um evangelho social, e acham que vale a pena tentar levar a democracia um pouco mais para perto do ideal do Reino de Deus sobre a terra. Acredito convictamente na aplicação do Evangelho à ordem social, pois o Evangelho deve falar às preocupações sociais de nossos dias. Em muitos respeitos as melhores aspirações da vida moderna são um subproduto da fé cristã, mas aos seus objetivos utópicos faltam os meios de realização, porque não levam em conta o coração humano irregenerado. Na verdade,

muitas vezes buscam uma utopia na terra, não deixando lugar para Deus ou para a satisfação das exigências espirituais. Até o clamor pela justiça social, que é uma preocupação bíblica, parece hoje visar a uma sociedade de ideal, de pecadores altamente privilegiados, que mantêm Deus à distância.

Mas quando o Reino de Deus for estabelecido, não o será mediante reformas sociais, princípios democráticos ou realizações científicas apenas. Será estabelecido pela mão de Deus em meio *às ruínas* de nossas instituições sociais e governamentais. Esse estabelecimento é descrito em muitos lugares na Bíblia e uma das ocasiões onde surge com maior clareza é na profecia de Daniel, que viu a culminação do Reino de Deus sobre a terra como ato de Deus e acontecimento originado no céu.

Daniel viu "quando uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou. Então foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a palha das eiras no estio, e o vento os levou, e deles não se viram mais vestígios. Mas a pedra, que feriu a estátua, se tornou em grande montanha que encheu toda a terra" (Daniel 2:34-35).

Essa grande imagem representa as nações do mundo, e foi esmagada por uma pedra, o que simboliza o estabelecimento do Reino de Deus "sem intervirem mãos" e vindo do céu. É coisa de feitura de Deus, e não humana.

O motivo para esse estabelecimento divino da fase final da história está na natureza da própria história. Esta não está dotada dos fatores e forças que podem produzir um final glorioso. A história não traz a sua própria realização feliz. A equação humana mostra-se por demais evidente: o homem está por demais inclinado à depravação. Isto não quer dizer que Deus não apresente propósito na história entre a queda do homem e a segunda vinda de Jesus Cristo. O Seu fito é reconciliar o homem Consigo: "A saber, que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (II Coríntios 5:19). Desse modo, a mensagem de todos os verdadeiros cristãos a seus semelhantes é: "rogamos que vos

reconcilieis com Deus" (II Coríntios 5:20). Todos os planos de Deus, bem como seus propósitos, centralizam-se em Seu Filho Jesus Cristo. Embora Deus governe e ordene a história, o centro de Suas atividades não está na história secular *per se*, que se acha condenada por sua revolta espiritual contra o Senhor da história.

O entrecho da Bíblia é a história do homem em disputa com Deus. Os homens individuais nascem no pecado e alheados de Deus. As nações acham-se em disputa com Deus, e sua glória está em ruínas espalhadas pelos caminhos da história. O seu final será uma assembléia gigantesca de nações, não para criar assim o estado perfeito, mas para receber o julgamento de Deus pela verdade rejeitada. "Pois todas as nações têm bebido do vinho do furor da sua prostituição" (Apocalipse 18:3). Jesus ensinou: "E todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas" (Mateus 25:32). "As nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira... para serem julgados" (Apocalipse 11:18). De acordo com as Escrituras, o mundo caminha para o julgamento.

Em parte nenhuma a Bíblia ensina que a igreja virá finalmente a converter todo o mundo a Jesus Cristo. Jamais houve na história uma geração, e jamais haverá, na qual a maioria das pessoas acredite em Cristo. As estatísticas mostram que a igreja está perdendo com rapidez, na explosão demográfica. De dia para dia, diminui a percentagem de cristãos na população mundial.

AQUELE GRANDE DIA

Por toda a Bíblia encontramos uma expressão usada muitas vezes por seus escritores, que se referem "aquele dia", ou "o dia", ou "os últimos dias". Quando as forças aliadas invadiram a Normandia, chamaram àquela data o "Dia D", e quando o Japão se rendeu ás forças norte-americanas chamou-se ao dia de "Dia VJ".

Os escritores da Bíblia tiniam em vista um dia de culminação ao qual chamaram "aquele dia". Os primeiros cristãos do Novo Testamento falavam constantemente a respeito de "aquele dia", e por ele ansiavam. O Apóstolo Paulo, por exemplo, afirma: "Porque sei em quem tenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até *aquele dia*" (II Timóteo 1:12). O Apóstolo estava dizendo que todos os seus pecados passados haviam sido perdoados devido a Cristo e que Deus podia mantê-lo até algum dia máximo no futuro.

Na segunda epístola a Timóteo (418) o Apóstolo, referindo-se às coroas e recompensas que os cristãos receberão no futuro por sua fidelidade, disse: "Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará *naquele dia*."

Que espécie de dia estavam mencionando e aguardando? Que dia é esse na história, do qual toda a Bíblia fala e ao qual quase todo escritor do Novo Testamento se refere? Que "Dia D" é esse da Santa Escritura? O que é essa "Hora H" prometida ao cristão pela Bíblia e sobre a qual ela alerta o pecador?

Os nossos dirigentes políticos constantemente nos alertam sobre o perigo de que irrompa a Terceira Guerra Mundial, com sua destruição nuclear apavorante. Será a possibilidade de uma guerra de destruição total o que os escritores do Novo Testamento tinham presente quando falavam de "aquele dia"? Não, de modo algum. Para eles o "Dia D" e a "Hora H" significavam a segunda e gloriosa vinda de Jesus Cristo à terra.

Diz a Escritura:

"E a vós outros que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia" (II Tessalonicenses 1:7-10).

Isto não dá a entender que a educação e a ciência estejam marchando para o triunfo. Na verdade, a Bíblia ensina exatamente o

oposto, que o mundo está rumando para a destruição e o julgamento, mas que das ruínas Deus estabelecerá a Utopia.

O próprio Jesus disse: "Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assina será também a vinda do Filho do homem" (Mateus, 24:37-39).

Decerto ninguém afirmaria que o mundo se tenha convertido nos dias de Noé. No entanto, assim como foi naquela época, será quando Cristo voltar.

O Apóstolo Paulo escreveu ao jovem Timóteo a respeito daqueles últimos dias, dizendo:

"Sabe, porém, isto: Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis; pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, antes amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes" (II Timóteo 3:1-5).

Aqui encontramos uma descrição explícita do estado de coisas imediatamente anterior à vinda de Cristo. Nada existe nessas passagens que indique que o Reino de Deus virá ao mundo por causas naturais.

Muitas pessoas se confundem tomando passagens isoladas, tirando-as de seu contexto e citando-as. Como exemplo, temos: "Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e as extremidades da terra por tua possessão" (Salmos, 2:8). Ou então encontramos, em Isaías 11:6-9: "O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará ... porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar."

Um exame cuidadoso das profecias acima, e outras semelhantes, feito no contexto geral onde se encontram, revelará que o seu

cumprimento será acompanhado de julgamentos terríveis. Como exemplo, as coisas profetizadas no Salmo 2:8 são introduzidas no verso seguinte desta maneira: "Com vara de ferro as regerás, e as despedaçarás como um vaso de oleiro." O contexto de Isaías 11:6-9 indica o mesmo: "Mas julgará com justiça os pobres, e decidirá com eqüidade a favor dos mansos da terra; ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o perverso" (Isaías 11:4).

Autores seculares têm-se referido ao fracasso final do homem, e no prefácio à sua *História da Europa,* H. A. L. Fisher escreveu: "Homens mais sábios e doutos do que eu perceberam na história uma trama, um ritmo, uma configuração predeterminada. Tais harmonias acham-se ocultas para mim, que só consigo ver uma emergência sucedendo a outra, como a onda sucede a onda."

T. S. Eliot exprimiu o mesmo, de modo diferente, em seu poema *The Hollow Men* (Os Homens Insinceros):

> É assim que termina o mundo,
> É assim que termina o mundo,
> Não com estouro, mas em lamúria.[2]
>
> (This is the way the world ends,
> This is the way the world ends,
> Not with a bang but a whimper.)

Esses homens tinham razão, mas estavam também inteiramente equivocados! Tudo virá, mas como disse John Baillie: "Não por qualquer estrada comprida, não por qualquer processo indolor de educação, não por qualquer evolução natural, não por qualquer progresso gradual e fácil. Todos os fatos desmentem esses sonhos utópicos."[3]

O sistema mundial do mal, como o conhecemos, vai chegar a um final dramático, mas não se trata de "o fim". Os anseios e sonhos da humanidade serão atingidos quando Deus estabelecer Seu reinado glorioso na terra para o deleite da humanidade. Muitos estudantes da

Bíblia e da história acreditam que tenhamos agora entrado na fase final da história humana pelo ato de desarmonia entre o homem e Deus.

No interesse de sua própria preservação, diz a Carta das Nações Unidas no preâmbulo: "Nós, os povos, decididos a afastar das próximas gerações a guerra..." Podem as Nações Unidas afastar o mundo das guerras? A resposta é: Não! Aquela afirmação foi concebida e criada por estadistas com pouco conhecimento do significado do conceito bíblico da história e da natureza humana. Quando a perspectiva é errada, todo o ponto de vista é errado. Quando a premissa está errada, a conclusão será loucura. Dei meu apoio às Nações Unidas porque essa organização oferecia alguma esperança, ao menos, de resolver alguns problemas e adiar algumas hostilidades maiores. Trata-se da melhor tentativa feita pelo homem no curso de diversas gerações, mas a equação humana continua presente. O problema básico não foi sequer tocado. Não se pode construir uma superestrutura sobre alicerces rachados. A superestrutura das Nações Unidas, em seu reluzente edifício do East River, na cidade de Nova York, foi construída sobre os alicerces rachados da natureza humana e, quando muito, serve como um expediente temporário.

Há muitos séculos, todas as formas de governo, desde a administração familiar e tribal, até a ditadura despótica e a democracia, vêm sendo experimentadas. Nenhuma delas conseguiu estabelecer a retidão, a justiça e a paz, os três elementos sem os quais jamais poderemos ter prosperidade nacional contínua ou paz internacional.

Os Estados Unidos foram talvez a experiência mais bem sucedida da história, e o sonho norte-americano foi uma tentativa gloriosa. Fundava-se em alicerces religiosos e seus primeiros conceitos vinham da Sagrada Escritura. Deus honrou e abençoou os Estados Unidos como a poucas outras nações na história humana. Nos últimos anos, entretanto, a nação tem-se afastado da sua tradição religiosa, e quer o saiba ou não, está em grandes dificuldades tanto interna quanto externamente.

O coração pecaminoso, orgulhoso e rebelde do homem jamais poderá, com sua constituição atual, reunir inteligência bastante para

salvar o sistema mundial atual. Podemos passar à ação dilatória por meio de nossas organizações internacionais e o desarmamento, mas não conseguiremos a paz duradoura. O próprio Jesus disse que haveria guerras até o fim dos tempos e indicou que essas guerras se tornariam cada vez maiores e mais intensas, à medida que "o fim" se aproximasse.

Caim não viveu pelo desígnio de Deus, mas pela lei da presa e da garra, e estamos seguindo hoje o seu estilo. A civilização nasceu fora do Éden, no ceticismo e imoralidade de um homem que era voluntarioso e preferiu seguir suas próprias paixões e razão, e não a revelação feita por Deus. Foram esse homem e esse estado de espírito que produziram a civilização sem Deus. E, embora tenhamos substituído por formas de vida muito mais elevadas aquele primitivismo, e embora tenhamos estabelecido níveis muito mais elevados de civilização, ainda estamos construindo com tijolos sem argamassa. Ainda estamos num rumo que nos afasta de Deus.

DEUS NÃO ESTÁ AUSENTE

Quando o cristão, de Bíblia na mão, examina o cenário mundial, percebe que não adoramos um Deus ausente e que Deus se acha nas sombras da história e que Ele tem um plano. O cristão não se perturba com o caos, a violência, o atrito, o derramamento de sangue e a ameaça de guerra que enchem as páginas de nossos jornais. Sabemos que essas coisas são conseqüência do pecado e da cobiça do homem, e se estivessem acontecendo outras coisas, teríamos dúvidas quanto à Bíblia. Todos os dias temos milhares de provas do cumprimento das profecias bíblicas, e sempre que leio meu jornal digo a mim mesmo: "A Bíblia tem razão."

Por mais pressagiado que seja o futuro, o cristão conhece o final do enredo da história. Estamos caminhando para um clímax glorioso, e todos os escritores do Novo Testamento acreditam em que "o melhor está ainda por vir".

Como disse John Baillie, "a Bíblia mostra que o futuro se acha nas mãos de Deus. Se estivesse nas nossas, faríamos tremenda confusão. O futuro não está nas mãos do demônio, pois nesse caso ele nos levaria à destruição. O futuro não está à mercê de qualquer determinismo histórico que nos leve cegamente à frente, pois nesse caso a vida seria destituída de sentido. Mas o futuro se acha em mãos daquele que está preparando algo que 'nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano'."

Disse o salmista: "O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo? O Senhor é a fortaleza da minha vida; a quem temerei?" (Salmos 27:1).

Conta-se o caso de um menino que viajava sozinho num trem, na Inglaterra. Numa das estações, um cavalheiro idoso entabulou conversa com o menino, seguindo-se o diálogo:

– Está viajando sozinho, meu filho?

– Sim, senhor.

– Até onde você está viajando?

– Até o fim da linha.

– Não tem medo de fazer toda essa viagem sozinho?

– Não, não tenho.

– E por que?

– Porque meu pai é o maquinista.

Não admira que o menino demonstrasse tanta confiança e nada receasse. Seu pai estava no controle da composição, e sabia que seu filho estava em alguma parte da mesma. Deus, nosso Pai, está no controle do mundo e conhece "os Seus", neste planeta em rebelião.

Conta-se que o secretário de Oliver Cromwell foi despachado ao continente europeu com alguma missão importante. Pernoitou uma vez numa cidade da costa e revolvia-se na cama, incapaz de conciliar o sono. De acordo com costume antigo, um servo dormia em seu quarto e, enquanto aquilo sucedia, o mesmo dormia a sono solto. O secretário de

Cromwell, afinal, despertou o homem, que perguntou porque seu senhor não conseguia descansar.

– Tenho grande receio de que alguma coisa corra mal nesta viagem – foi a resposta.

– Senhor – perguntou o criado –, posso fazer uma ou duas perguntas? Deus governava o mundo antes de nascermos?

– Sem a menor dúvida.

– E o governará também depois de estarmos mortos?

– Certamente que sim.

– Nesse caso, senhor, porque não O deixamos governar também o presente?

A fé do secretário de Cromwell se avivou, daí resultou sua paz de espírito e, em poucos minutos, tanto ele quanto seu criado dormiam profundamente.

A história está marchando para algum lugar. O cristão diz, com Davi: "Nas tuas mãos estão os meus dias" (Salmos 31:15). E sabemos perfeitamente que Aquele que faz bem todas as coisas trará a beleza, extraída das cinzas e do caos mundial. Um novo mundo está nascendo, e uma nova ordem social aparecerá quando Cristo voltar para estabelecer Seu Reino. As espadas serão transformadas em ferramentas de lavoura e o leão se deitará ao lado da ovelha. Um futuro fabuloso está à nossa frente.

A TROMBETA DISTANTE

Quando eu falava sobre o futuro que Deus está planejando, um estudante da Universidade do Havaí perguntou:

– Isso não é uma forma de fuga?

– Em certo sentido, sim – respondi. – E antes que o diabo tenha terminado sua obra neste mundo, nós todos vamos estar à procura dos sinais que indicam a saída.

Em seu notável livro *Christian Behavior* (Conduta Cristã), C. S. Lewis afirma:

"A esperança é uma das virtudes teológicas. Isto quer dizer que uma atenção continuamente voltada para o mundo eterno não é, como pensam algumas pessoas de nosso tempo, uma forma de fuga ou de raciocínio afetivo, mas uma das coisas que o cristão deve fazer. Não quer dizer que devamos deixar o mundo atual como está. Quando lemos a história, descobrimos que os cristãos que mais fizeram pelo mundo atual foram exatamente aqueles que mais pensavam no mundo seguinte. Foi a partir do momento em que os cristãos, em grande parte, deixaram de pensar no mundo vindouro que se tomaram tão ineficazes neste. Basta visarmos o céu, e a terra será levada até lá. Visemos a terra, e não conseguiremos nem um, nem outro."

Em meio ao pessimismo, tristeza e frustração da hora presente, há um brilhante farol de esperança, a promessa feita por Jesus Cristo: "E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei" (João 14:3).

No curso da Segunda Guerra Mundial, as palavras do General Douglas MacArthur ecoaram nos ouvidos dos habitantes das Filipinas, ocupadas pelos japoneses. Ele prometera – "Eu voltarei!" – e manteve sua promessa. Jesus Cristo também prometeu voltar, e manterá Sua promessa.

Toda a natureza da salvação individual está apoiada na pessoa e na obra de Jesus Cristo. "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2:8, 9). "Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo Sua misericórdia, Ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que Ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus

Cristo nosso Salvador, a fim de que, justificados por graça, nos tomemos Seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna" (Tito 3:5-7).

Da mesma forma, a salvação da sociedade na reorganização das instituições sociais do homem, coerente com a abolição da injustiça social, guerra, pobreza e doença, será tirada das mãos do homem. Não será obtida pela educação, evolução, política, tecnologia, poderio militar ou ciência e tampouco por uma igreja universal que possa influenciar a legislação nos parlamentos e congressos das nações, de modo a produzir tais atos benevolentes dos homens que, com isso, todo o ódio, mal e pecado sejam abolidos.

A salvação da sociedade virá por meio dos poderes e forças liberados pelo regresso apocalíptico de Jesus Cristo, e será efetuada por intermédio do Reino de Deus em seus princípios de retidão. Será o cumprimento profetizado da redenção, aplicado a todas as fases da vida humana e da existência nacional. A segunda vinda de Cristo será tão revolucionária que modificará todos os aspectos da vida neste planeta. Cristo reinará na retidão, a doença será vencida, a morte modificada, a guerra abolida, a natureza transformada. O homem viverá como foi inicialmente planejado que devia viver.

Nada existe no horizonte de hoje, ou no pensamento contemporâneo, que ofereça outra esperança melhor do que essa. Alguém já disse: "Nada do que se fizer com ovos estragados pode dar uma boa omelete." Essas civilizações sucessivas do passado foram arranjos diferentes de instituições humanas, mas jamais tivemos uma ordem social duradoura, satisfatória e pacífica. É impossível construir um mundo pacífico sobre os alicerces rachados da natureza humana.

JESUS CRISTO VOLTARÁ

A importância dessa esperança de regresso de Cristo é estabelecida pela freqüência, extensão e intensidade de sua menção na Bíblia. É mencionada em todos os livros do Novo Testamento, com exceção de

apenas quatro. Cristo falava constantemente de Sua volta, não só a Seus discípulos como também aos demais, e disse ao sumo-sacerdote: "Vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-Poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu" (Mateus 26:64).

Em trinta versículos da Bíblia encontra-se um que fala nisso. Existem 318 referências nos 216 capítulos do Novo Testamento, e a vigésima parte de todo ele trata desse ponto.

A volta foi predita pela maioria dos escritores do Antigo Testamento, por Moisés (Deuteronômio 33:2), Jó (Jó 19:25), Davi (Salmos 102:15), Isaías (Isaías 19:20), Jeremias (Jeremias 23:5), Daniel (Daniel 7:13), Zacarias (Zacarias 14:4) e por muitos outros. Foi prometida pelo próprio Cristo: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também" (João 14:1-3).

O fato da volta de Cristo foi proclamado por todos os Apóstolos em sua pregação, por Pedro (Atos 3:20, 21; I Pedro 1:7, 13); Paulo (Romanos 8:23; I Tessalonicenses 4:15-17); João (I João 2:28; 3:2); Tiago (Tiago 5:7-9), e Judas (Judas 14-15).

A esperança de uma segunda vinda é encontrada nos grandes credos da igreja, tais como o Credo dos Apóstolos, Credo de Nicéia e Credo Atanasiano. Os Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra dizem: "Cristo realmente ergueu-se da morte e retomou Seu corpo, com carne, ossos e todas as coisas pertencentes à perfeição da natureza do homem, com que Ele ascendeu ao Céu, e lá está sentado até que venha a julgar todos os homens no dia final" (Artigo 4). O Artigo 17 da Confissão de Augsburgo trata com detalhes do "regresso de Cristo para o julgamento". O Credo dos Apóstolos, repetido em muitas igrejas todos os domingos, afirma: "De onde virá para julgar os vivos e os mortos."

A Bíblia ensina isso, os Apóstolos o pregaram e os credos da igreja o afirmam. O maior testemunho de todos, e o mais revelador, no entanto,

vem dos lábios do próprio Cristo: "Quando vier o Filho do homem" (Mateus 25:31); "verão o Filho do homem vindo" (Mateus 24:30); "vem o vosso Senhor" (Mateus 24:42); ". . . quando vier na glória de Seu Pai" (Marcos 8:38); "até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor" (Lucas 13:35); "assina também agora vós tendes tristezas mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará" (João 16:22); "vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-Poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu" (Mateus 26:64).

Decerto um acontecimento projetado, alvo de atenção tão geral e freqüente e cheio de tanta promessa, é digno da atenção do homem moderno.

Há três palavras gregas utilizadas no Novo Testamento a fim de descrever a volta de Cristo. A primeira é *parousia*, que traz em si a idéia da presença pessoal de Cristo. Em outras palavras, quando Crista voltar Ele virá em pessoa.

A segunda palavra grega é *epiphaneia*, que traz a idéia de aparecimento. É o aparecimento, saindo das trevas de uma estrela que esteve lá todo o dia, oculta à visão e surgindo repentinamente à noite.

A terceira palavra grega é *apokalupsis*, trazendo consigo a noção de desvelar, desencobrir. É o desvelar ou desencobrimento de quem esteve oculto. Hoje em dia, a pessoa de Cristo está oculta à vista, embora Sua presença por intermédio do Espírito Santo se ache em nossos corações. Hoje é o dia de fé. Naquele dia, Ele será revelado. Naquele dia de Sua vinda, não será mais fé, porém visão.

Seu primeiro aparecimento foi tranqüilo e discreto – os pastores, a estrela e a manjedoura. O segundo aparecimento será com Seus refulgentes guerreiros do céu, capazes de enfrentar qualquer situação e derrotar os inimigos de Deus até que Ele tenha subjugado toda a terra.

Assim é que cristão algum tem o direito de andar por aí torcendo as mãos, imaginando o que devamos fazer diante da atual situação do mundo. A Escritura diz que em meio à perseguição, confusão, guerras e boatos de guerras, devemos reconfortar-nos mutuamente com o

conhecimento de que Jesus Cristo está voltando em triunfo, glória e majestade.

Muitas vezes, quando me vou deitar à noite, penso que antes de despertar, Cristo poderá ter vindo. Às vezes, ao me levantar e olhar a madrugada penso que talvez seja este o dia em que Ele virá.

VIRÁ INESPERADAMENTE

A Bíblia ensina que o regresso de Jesus Cristo será repentino, inesperado e dramático. Acontecerá como surpresa e tomará a maioria das pessoas de surpresa. "Pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o dia do Senhor vem como ladrão de noite" (I Tess. 5:2).

Quando o ex-presidente Eisenhower estava passando férias em Denver, há muitos anos sua atenção foi despertada para uma carta aberta publicada por um jornal local, onde se contava como o menino Paul Haley, de seis anos, morrendo de câncer incurável, exprimira o desejo de ver o Presidente dos Estados Unidos da América. Espontaneamente, num desses gestos graciosos que são relembrados muito tempo após terem sido esquecidos os discursos cuidadosamente preparados por um homem, o Presidente resolveu atender ao pedido do menino.

Assim foi que em certa manhã de domingo, em agosto, uma grande limusine chegou à casa dos Haley e dela saltou o Presidente, que se dirigiu até a porta, onde bateu.

O Sr. Donald Haley veio abrir, vestido em calça de zuarte, camisa velha e barba por fazer. Atrás dele estava o pequenino Paul, e o espanto dos dois, ao encontrarem o Presidente Eisenhower à porta bem pode ser imaginado.

– Paul – disse o Presidente ao menino – eu soube que você me queria ver. Estou satisfeito em vê-lo, também.

Dito isso, apertou a mão do menino e o levou para ver a limusine presidencial, apertou-lhe de novo a mão e partiu.

Os Haleys e seus vizinhos, bem como muita gente mais, provavelmente comentaram por muito tempo esse gesto bondoso e

profundo, por parte de um Presidente atarefado. Apenas uma pessoa não se sentiu de todo feliz com o acontecimento: o Sr. Haley. Jamais poderá esquecer-se de como estava vestido quando abriu a porta.

– Aquela calça, a camisa velha, a barba crescida... Que maneira de receber o Presidente dos Estados Unidos!

Está claro que a visita não fora anunciada, e em tais circunstâncias não era de esperar que ele estivesse todo preparado e arrumado em suas melhores roupas, mas por toda a vida desejará que houvesse saído da cama e feito a barba um pouco mais cedo naquele dia, vestindo ao menos uma camisa limpa antes da chegada do Presidente. A prontidão e vigilância são indicadas com insistência aos cristãos, para que à vinda de Cristo, tomando-nos de surpresa, não nos vejamos despreparados.

A segunda vinda de Cristo será uma série de acontecimentos que têm transpirado já por período bastante longo. Haverá o êxtase, o arrebatamento dos crentes para encontrá-Lo no ar (I Tess. 4:16, 17). É esse o acontecimento próximo no calendário de Deus, e dirá respeito à primeira ressurreição, quando todos os crentes, de todas as épocas, serão levantados dos mortos e reunidos aos crentes vivos. Deverá haver a ceia das bodas do Cordeiro (Apocalipse 19:7), que é o momento da coroação de Jesus Cristo como Senhor dos senhores e Rei dos reis.

Haverá a grande tribulação a que Jesus se referiu em Mateus 24, 21 e 29. Deverá haver o aparecimento do Anticristo (II Tess. 3:8-10; Apocalipse 13; I João 2:18). Haverá muitos outros acontecimentos que não posso examinar aqui, por falta de espaço. Alguns deles já se acham claramente delineados nas Escrituras, e outros são de natureza misteriosa, e sobre os mesmos podemos apenas fazer especulações.

QUANDO VIER

Alguns dos resultados da vinda de Cristo, no entanto, acham-se claramente delineados na Bíblia:

PAZ

Em primeiro lugar, a paz será estabelecida na terra.

Quando Karl Barth, o teólogo suíço, visitou as Nações Unidas, fez o seguinte pronunciamento: "A organização internacional poderia ser uma parábola terrestre do reino divino, mas a paz verdadeira não será feita aqui, embora possa parecer uma aproximação. A paz será feita pelo próprio Deus, ao final de todas as coisas."

Louis Mumford disse: "A guerra é produto específico da civilização." Parece ser uma das características que distinguem o homem da fera, pois ele ataca seu semelhante de um modo que não se encontra no animal.

Dispondo agora de poderes de destruição que o homem antigo só se atrevia a imputar a seus deuses, e com a prática de investir quantidades cada vez maiores de inteligência e energia na fabricação de armas absolutas cada vez mais perigosas, o homem criou as condições que preparam o regresso de Cristo. A única solução para esse problema da guerra é o regresso de Cristo e a abolição da guerra. Com todo o nosso poderio militar e alianças políticas e estruturas militares para preservar a paz, estamos finalmente chegando ao fim da estrada. Nossas esperanças modernas de paz não podem assentar na capacidade de provocar cada vez mais a guerra.

O pacifismo fracassará, pois o pacifista age como se todos os homens se tenham regenerado e sejam acessíveis pela persuasão e boa vontade. O pacifista também se recusa a reconhecer o papel da força na manutenção da justiça, ao lado do amor. Embora o desarmamento seja desejável, o desarmamento unilateral seria loucura em nosso mundo anual. Devemos, em primeiro lugar, desarmar as paixões humanas e mudar os corações dos homens. A guerra deve ser abolida dos corações humanos antes que possa ser afastada dos campos de batalha.

Isaías, o profeta, antevendo o dia da paz futura, disse: "E o Seu nome será... Príncipe da Paz; para que se aumente o Seu governo e venha paz sem fim" (Isaías 9:6-7). Cristo estabelecerá a paz mundial permanente.

JUSTIÇA SOCIAL

Em segundo lugar, nossas instituições sociais serão reconstruídas.

As instituições sociais presentes, que buscam o estabelecimento da justiça para todos, a abolição da pobreza, a redução do crime e a prosperidade de todos os homens, não poderão de modo adequado atingir tais resultados enquanto ignorarem o problema básico da natureza humana. Jamais conseguiremos obter a justiça social total somente pela lei. O reformador social cristão comete o erro de esperar que a ordem social existente corresponda à ética cristã. O homem não tem a capacidade de corresponder à ética cristã. O cristianismo não pode esperar que o mundo corresponda às verdades do Evangelho enquanto não tenha a vida que o Evangelho proporciona em Cristo. Nós, os cristãos, deveríamos ser a luz e o sal da sociedade em que vivemos. Os cristãos transformaram a sociedade para melhor, mas as soluções finais e totais continuam fora de nosso alcance, devido à natureza pecaminosa do homem.

Os comunistas ensinam que, por intermédio da revolução e da violência, a sociedade perfeita será estabelecida aqui na terra e, daí em diante, todos os homens serão inteiramente felizes. O comunismo oferece sua panacéia mediante a coação e a obrigatoriedade, e com a redistribuição forçada da propriedade. Todos esses planos, no entanto, estão condenados ao fracasso e a criar outras condições que somente o regresso de Cristo poderá resolver.

Em Isaías 2:19 o Senhor diz que Ele "abalará a terra", Eu acredito que isso inclua todas as instituições sociais.

RESTAURAÇÃO DA NATUREZA

Em terceiro lugar, Cristo restaurará a natureza, levando-a a seu estado original.

Hoje em dia, a natureza está em tom menor, e vive da presa e da garra. Quem já tiver visto um fume de Walt Disney, mostrando o que ocorre em seu próprio quintal, sabe que quase toda a natureza está empenhada na sobrevivência do mais capaz. Tudo isso se modificará, e

os profetas previram uma época na qual o lobo morará com o cordeiro e o deserto florirá como uma rosa, onde a doença e a morte serão inexistentes, quando o conhecimento de Deus "cobrirá a terra, como us águas cobrem o mar" e o pecado, com o seu cortejo de mares, será limitado e restrito. Isso constituiu o sonho profético de uma idade dourada, um sonho que se tornou a promessa do Reino de Deus na terra, saída dos lábios do próprio Cristo. Até a natureza deverá ser transformada, e os espinhos e cardos, retirados. O veneno será extraído das bocas das serpentes, e toda a natureza cantará e exaltará a glória de Deus.

JUSTIÇA INTERNACIONAL

Em quarto lugar, Cristo tornará internacional a justiça.

"Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (II Pedro 3:13). A natureza humana será total e completamente modificada, a justiça despontará dos corações humanos. O bem moral jamais advém da coação, e podemos proteger nossos semelhantes quando restringimos o criminoso, mas este não é melhorado com isso. O homem só melhora de dentro para fora.

Muitas vezes o Presidente Eisenhower se manifestou sobre a paz e a justiça, mas apenas sob a direção de Jesus Cristo teremos um período em que ambas vigorem permanentemente no mundo. A justiça e a retidão perfeitas não estão presentes em nosso mundo, e de vez em quando, por períodos breves, nas épocas de maior realização social, em especial sob o impacto dos ideais cristãos, nós nos aproximamos de uma era assim, mas somente para uma região limitada, por tempo limitado e de modo também limitado. A totalidade do mal e da depravação existente nos homens está colhendo sua safra normal numa ordem social tão complicada, confusa e corrupta que apenas a volta de Cristo a pode salvar.

A VONTADE DE DEUS FEITA NA TERRA

Em quinto lugar, Cristo reafirmará na terra a vontade de Deus.

Isso ocorrerá quando Sua oração for respondida: "Venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu." O céu é o céu

porque a vontade de Deus é sua ordem, e a terra se tornará celestial quando a vontade de Deus for sua ordem também.

O Apóstolo João previu uma época na qual um novo céu e uma nova terra passarão a existir. A característica principal desse novo céu e terra será a justiça. A característica principal de nossa terra atual é o pecado, daí suas desordens, males, desastres, injustiças, doença e morte. Quando vigorar a nova ordem da justiça, vigorará também uma nova ordem de vida.

Quando Cristo veio pela primeira vez, encarou o mal como algo individual e hereditário. Quando voltar, Cristo julgará o mal em todas as suas manifestações. Transformará os homens e a natureza, e instituirá uma era de tamanha benevolência que o mar não poderá reinar, e não mais existirão a crueldade, opressão e escravidão. Tudo isso acontecerá em conseqüência do reinado pessoal de Cristo, em seguida a Seu retorno.

Marguerite Higgins, correspondente de guerra, recebeu o cobiçado Prêmio Pulitzer de reportagens internacionais, devido à cobertura que fez da luta na Coréia. Escreveu um relato sobre a Quinta Companhia de Fuzileiros, que de início contava com dezoito mil homens, em seu combate com cem mil comunistas chineses, dizendo:

"Fazia muito frio e o termômetro registrava muitos graus abaixo de zero naquela manhã, quando os jornalistas se reuniram aos soldados em descanso ao ar livre. Cansados, semicongelados, estes encostavam-se nos caminhões enlameados, comendo em latas. Um fuzileiro enorme comia feijão frio com a faca, e suas roupas estavam endurecidas como se fossem de madeira. O rosto, coberto de barba grossa, estava cheio de lama. Um correspondente lhe perguntou: 'Se eu fosse Deus e lhe pudesse dar o que você quisesse, o que pediria?' O homem se manteve imóvel por um instante, depois ergueu a cabeça e respondeu: 'Queria que me desse o dia de amanhã'."[1]

Para o verdadeiro crente em Jesus Cristo, o futuro está assegurado. Esperamos a trombeta distante, anunciando a chegada de Cristo. O cristão tem o amanhã, o Reino de Deus sobre a terra.

SINAIS DO FIM

Em 1860, o químico francês, Marcelin Berthelot afirmou: "Dentro de cem anos a ciência física e química dirá ao homem o que é o átomo. Em minha opinião, quando a ciência chegar a esse estágio, Deus virá à terra com seu grande chaveiro e dirá à humanidade: 'Cavalheiros, está na hora de fechar'."[1]

Há pouco tempo, a Seção Literária do *New York Times* publicou um artigo escrito por Michael Amerine, intitulado "Literatura do Juízo Final", que se iniciava dizendo: "A fantasia e a ficção fantástica são apenas garatujas escritas nas paredes, comparadas à verdadeira literatura do Juízo Final de nossos dias." Alguns dos livros então relacionados pelo artigo eram:

DEVEMOS ESCONDER-NOS? (MUST WE HIDE?)
NÃO HAVERÁ TEMPO (THERE WILL BE NO TIME)
MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA (MANUAL FOR SURVIVAL)
MEDO (FEAR)
A GUERRA E A BOMBA (WAR AND THE BOMB)
NOSSO DESTINO TEM DE SER A DESTRUIÇÃO?
(MUST DESTRUCTION BE OUR DESTINY?)
E DEPOIS DO JUÍZO? (AFTER DOOM, WHAT?)
ADEUS, MUNDOZINHO (LITTLE WORLD, GOODBYE)

Em certa manhã, no Jardim das Oliveiras quando os discípulos estavam sozinhos com Jesus, fizeram-Lhe três perguntas muito importantes: "Dize-nos quando sucederão estas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século" (Mateus 24:3). Os discípulos haviam aceitado o fato de que Jesus regressaria, e queriam saber quando. Queriam saber, também, se haveria quaisquer sinais prévios da Sua vinda. Sabiam que as Escrituras do Antigo Testamento estavam cheias de sinais de Sua primeira vinda e que haviam profetizado com precisão os detalhes da mesma.

Se o mundo houvesse estudado os sinais do Antigo Testamento, teria sabido que Jesus vinha e O teria recebido, mas sua ignorância e cegueira quanto aos ensinamentos das Escrituras levou-o a deixar de reconhecê-Lo. Centenas de anos antes de Jesus nascer, o Antigo Testamento revelava que:

– Seria da tribo de Judá (Gênesis 49:9, 10).
– Nasceria em Belém (Miquéias 5:2).
– Nasceria de uma virgem (Isaías 7:14).
– Seria chamado do Egito (Oséias 11:1).
– Tornar-se-ia um profeta (Deuteronômio 18:18, 19).
– Seu próprio povo O rejeitaria (Isaías 53:3).
– Faria entrada triunfal em Jerusalém (Zacarias 9:9).
– Seria traído e vendido por trinta peças de prata (Zacarias 11:12, 13).
– Seria levado à morte pela crucificação (Salmos 22).
– Suas mãos e pés seriam perfurados (Salmos 22:16).
– Soldados jogariam a sorte por sua roupa (Salmos 22:18).
– Erguer-se-ia dos mortos (Salmos 16:9, 10).
– Subiria ao céu (Salmos, 68:18).

Jesus disse a Seus discípulos que haveria sinais que eles poderiam observar, mas preveniu-os em duas ocasiões para que se acautelassem de marcar datas. "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai" (Mateus 24:36). "Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para Sua exclusiva autoridade" (Atos 1:7).

Embora os prevenisse contra a especulação sobre o momento exato de Seu regresso, assegurou-lhes que existiam sinais em todas as Escrituras, bem como em Suas próprias palavras, que fariam aparecer àqueles que têm "olhos de ver" a proximidade da hora. "Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei as vossas cabeças; porque a vossa redenção se aproxima" (Lucas 21:28).

O Novo Testamento usa a palavra "sinal" de diversos modos. Em alguns casos, trata-se de um "prodígio" na forma de milagre para

estabelecer os direitos divinos de Jesus, de que Ele era o Filho de Deus. Certa vez, Jesus referiu-se aos "sinais dos tempos", a fim de repreender os fariseus por suas exigências imoderadas de que desse provas de Seu Messianismo. Existem, no entanto, utilizações de "sinais" que servem como indicações na revelação bíblica.

Jesus disse que haveria uma geração futura com certas características indicando que o final está próximo. Em outras palavras, existe uma "geração X", em algum ponto da história, na qual todos os sinais convergirão. Aqueles cujos corações foram transformados por Jesus Cristo, cujas mentes foram esclarecidas pelo Espírito Santo, poderão ler os sinais daquele dia e avisar ao povo, como fez Noé. Em nossos dias parece que tais sinais estão realmente convergindo pela primeira vez, desde que Cristo subiu ao céu.

QUAIS SÃO ALGUNS DESSES SINAIS?

1. O ESTADO MENTAL DO MUNDO

Jesus disse duas coisas que caracterizariam o estado mental do mundo pouco antes de Seu regresso. Em primeiro lugar, "sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade" (Lucas 21:25). Estar angustiado ou perplexo é estar oprimido ou sob pressão. A perplexidade significa "confusão mental". Em outras palavras, Ele disse que a geração anterior a Seu regresso estaria sob forte pressão de todos os pontos de vista, e não se veria uma saída para tal estado de coisas. Isto muito parece alguma coisa escrita por Sartre, Camus, Huxley, Hemingway ou outros escritores modernos. Na verdade, Jean Paul Sartre escreveu um livro intitulado NÃO HÁ SAIDA.

Jesus disse que o mundo atingiria um estado de impasse internacional, quando as nações enveredariam de beco em beco escuro, só para descobrir que todos eles não têm saída. "Haverá homens que

desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo" (Lucas 21:26).

Haverá frustração mundial, guerras sem decisão e grande abundância, ao lado de milhões que passam fome. Quando os homens contemplarem o futuro, disse Ele, não terão apenas medo, mas ficarão apavorados.

Em segundo lugar, Ele disse: "Muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros" (Mateus 24:10). Jamais existiu época em que as pessoas se mostrassem, como se mostram agora, tão irritadiças, magoando-se e ofendendo-se com tanta facilidade. Os psiquiatras estão tão ocupados que, eles mesmos, acabam tendo esgotamento nervoso enquanto tentam freneticamente consertar-nos os nervos esfrangalhados. Os lares desabam sob as pressões devastadoras da vida moderna, e em algumas partes do mundo, ao formarem-se as pressões, as famílias estão sendo realmente traídas por seus próprios elementos. Não resta dúvida que estamos em perigo, nesta geração de esgotamento psicológico.

2. O ESTADO MORAL DO MUNDO

Nos tempos de Noé, encontramos escrito: "Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra, e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração... disse a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens: eis que os farei perecer juntamente com a terra" (Gênesis 6:5, 12-13).

Jesus disse: "Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do homem: Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento" (Lucas 17: 26, 27). A despeito dos avisos de Deus por intermédio de Noé, eles se encontravam tão ocupados consigo próprios e sua iniqüidade que "não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos" (Mateus 24:39).

Jesus também disse: "O mesmo aconteceu nos dias de Ló: Comiam, bebiam, compravam, plantavam e edificavam; mas no dia em que Ló

saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre, e destruiu a todos. Assim será no dia em que o Filho do homem se manifestar" (Lucas 17:28-30).

Jamais houve época na qual os homens se esforçassem tão desesperadamente por divertir-se quanto o fazem hoje. Estamos saciados, banalizados e entediados. Em *O Futuro do Homem*, Teilhard e Chardin escreveu:

"O grande inimigo do mundo moderno, seu 'Inimigo Público Número Um é o aborrecimento, o tédio... Quero repetir: a despeito de todas as aparências, a humanidade está entediada. Talvez seja essa a causa fundamental de todos os nossos problemas. Não sabemos mais o que fazer conosco."[2]

Estamos cansados até de nossas férias. Não é apenas que os programas de televisão sejam tão ruins, mas é que adoecemos por causa da quantidade excessiva. Já faz muito tempo que Jó afirmou: "O júbilo dos perversos é breve e a alegria dos ímpios momentânea" (Jó 20:5). A Bíblia diz: "Até no riso, tem dor o coração, e o fim da alegria é tristeza" (Provérbios 14:13).

O mundo se encontra numa orgia moral como nunca foi vista, nem nos dias de Roma. Temos ao alcance das mãos todos os prazeres de que o homem pode desfrutar, e ele abusou de todos os bens que Deus lhe deu, inclusive o sexo, até não encontrar mais satisfação e alegria neles. A revista *Time*[3] recentemente apresentou o relato sobre um "Festival de Expressão Livre" num centro da juventude parisiense onde rapazes e moças executaram diante da platéia atos imorais de tamanha depravação que não os podemos descrever aqui. Aí temos o homem a fazer o que quer. É a natureza humana, sem Deus, exprimindo a si mesma. E é também um sinal do fim.

3. APOSTASIA

Disse Jesus: "Levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos" (Mateus 24:11). "Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostarão da fé, por obedecerem a espíritos

enganadores e a ensinos de demônios" (I Timóteo 4:1). O Apóstolo Paulo preveniu: "Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas" (II Timóteo 4:3, 4).

Tudo isso parece indicar uma época de hipocrisia generalizada, quando multidões inteiras serão arrebanhadas para a igreja sem terem tido experiência pessoal com Jesus Cristo. Crescerão as seitas e falsos mestres se infiltrarão na igreja. A Bíblia será submetida a severos ataques.

Não se modificou a estratégia de Satanás, desde quando perguntou a Eva, no Jardim do Éden: "É assim que Deus disse?" Há alguns professores de religião que procuram deliberadamente destruir a autoridade das Escrituras e a fé da igreja. São os lobos em pele de cordeiro, dos quais Jesus falou a Seus seguidores. São os líderes do "afastamento", que deverá caracterizar a igreja ao final da época.

"Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus, e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo" (Judas 1:4).

A expressão que se traduziu por "se introduzirem com dissimulação" é grega e pouco comum, ocorrendo somente nessa passagem. Literalmente traduzida, significa "infiltrar-se pelo lado", como um ladrão entra numa casa. Esse ladrão veio roubar não nossas posses materiais, mas nossa fé em Deus, Seu Filho e Sua Palavra. Quando os homens fiéis erguem um brado contra a presença do ladrão, vêem-se acusados de perturbar a paz. Formas antigas de erro, conhecidas em tempos idos, exercem-se novamente sob rótulos tais como "a nova moralidade", "a nova teologia" e "cristianismo sem religião".

Disse o apóstolo Paulo: "Isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniqüidade, o filho da perdição" (II Tessalonicenses 2:3). "Apostasia" se refere, com clareza, a

um abandono da crença. Muitas passagens da Escritura falam nisso. O profeta Amós escreveu: "Eis que vêm dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome sobre a terra, não de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor. Andarão de mar a mar, e do norte até ao oriente; correrão por toda parte, procurando a palavra do Senhor, e não acharão" (Amós 8:11-12).

Haverá uma época quando as pessoas famintas da verdade a procurarão onde se supõe que esteja disseminada, como nos livros e nos templos, mas não ouvirão a Palavra do Senhor. Ao invés de receberem uma mensagem que satisfaça a seus anseios espirituais, ouvirão um sermão sobre algum problema político ou social da atualidade, ou um sermãozinho sobre a arte e a literatura. E assim vagueiam de um para outro lugar, passando da esperança ao desespero e mais tarde desistindo.

"Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras, e que têm cauterizada a própria consciência" (I Timóteo 4:1, 2).

4. AUMENTO DA DELINQÜÊNCIA

Jesus disse: "E, por se multiplicar a iniqüidade, o amor se esfriará de quase todos" (Mateus 24:12).

"Sabe, porém, isto: Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis; pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, antes amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes" (II Timóteo 3:1-5).

Notemos que essa passagem ensina, de modo explícito, que são essas as características dos últimos dias. Os jornais estão cheios de relatos sobre a rebelião da juventude, derrubada de governos e desordens públicas em quase todos os países da terra. Basta-nos citar os registros

criminais para demonstrar que a delinqüência aumenta em proporção assustadora no mundo inteiro. Jesus ensinou que, pouco antes do fim, a delinqüência se tornaria mundial, e disse: "Quando ouvirdes falar de guerras e tumultos" (Lucas 21:9). Essa palavra, "tumultos", traz em si a idéia da rebelião, revolução e anarquia, indicando ser sinal do fim da época, que se aproxima.

5. A CHEGADA DOS ZOMBADORES

"Tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação" (II Pedro, 3:3, 4).

Muitos que se professam cristãos dizem que se trata de ensinamentos falsos, porquanto a segunda vinda de Cristo não se realizou conforme a primeira igreja esperara, e perguntam: "Por que Cristo ainda não veio? Não disse Ele que viria depressa?" No entanto, traduzida literalmente aquela promessa diz: "Estou realmente a caminho."

Em nossos arranha-céus muitos escritórios e salas acham-se à altura de setenta ou oitenta andares. Um diretor de firma telefona ao porão do edifício, onde fica a garagem, e avisa: "Estou a caminho. Aprontem meu automóvel", e isso não quer dizer que já tenha chegado à garagem, mas que se está dirigindo para lá e no momento em que o automóvel estiver posto em posição de sair ele estará chegando. É esse o sentido que nos foi transmitido nas palavras – "certamente venho sem demora". Aqueles cristãos que se encontram no porão ou o túmulo, serão levantados primeiramente; e num momento, num piscar de olhos, seremos levados a Ele para encontrar o Senhor nas nuvens.

Aqueles que acreditam na inevitabilidade do progresso humano acham difícil crer no regresso de Cristo. Se acreditarmos que o homem está avançando por seu próprio esforço, jamais aceitaremos a promessa feita por Cristo, de que regressará e trará um fim para o próprio pecado.

Existem também aqueles que se recusam a crer em Seu retorno, pois isso desfaria seus planos e sonhos. Querem comer, beber e divertir-se sem qualquer interferência em suas vidas voltadas para si mesmas. É por esse motivo que os zombadores no tempo de Noé se recusaram a acreditar no dilúvio do qual ele procurava avisá-los.

6. PERSEGUIÇÃO GENERALIZADA

"Então sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros" (Mateus 24:9, 10).

"Estai vós de sobreaviso, porque vos entregarão aos tribunais e às sinagogas; sereis açoitados e vos farão comparecer à presença de governadores e reis, por minha causa, para lhes servir de testemunho... Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores, e os matarão. Sereis odiados de todos por causa do meu nome" (Marcos 13:9, 12, 13).

Notemos o destaque que Jesus confere a "por meu nome". Milhares de cristãos comprometem sua fé em Jesus Cristo, negando-O. Até alguns eclesiásticos negligenciam ou deliberadamente se recusam a encerrar uma oração pública no nome de Jesus, receando ofender um incrédulo. Não podem resistir à perseguição que poderia acompanhar um reconhecimento público de Jesus Cristo. Também isto constitui outro sinal.

7. OPULÊNCIA

"Atendei agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventuras, que vos sobrevirão. As vossas riquezas estão corruptas e as vossas roupagens comidas de traça, o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos, e há de devorar, como o fogo, as vossas carnes. Tesouros acumulastes nos últimos dias" (Tiago 5:1-3).

Enquanto há milhões que morrem à fome, outros milhões se enriquecem cada vez mais. Há poucos anos, quando ouvíamos falar em

um milionário, pensávamos nele com reverência. Hoje em dia, no mundo ocidental, existem milhares de milionários, e não mais se considera rico aquele que possua cem mil dólares.

Nada existe de errado em ser rico, se a riqueza foi honestamente adquirida, mas a negligência na administração dos seus recursos constitui pecado aos olhos de Deus. O Apóstolo Paulo preveniu: "Porque o amor ao dinheiro é raiz de todos os males" (I Timóteo 6:10). Jesus disse: "Guardai-vos da avareza" (Lucas 12:15) e foi Samuel Johnson quem afirmou: "A sede de ouro, destituída de sentimentos e de remorso, é a derradeira corrupção do homem degenerado."

Trata-se, naturalmente, de uma das grandes atrações exercidas pelo comunismo. Os discípulos do materialismo marxista entraram nas regiões assoladas pela pobreza, e chamaram a sua gente de "camaradas". Isso exerce grande atração sobre os que vivem em condições inferiores enquanto, ao mesmo tempo, vêm fotografias de nações prósperas e ricas. O Apóstolo disse que esse seria um dos sinais do fim.

8. PREPARAÇÃO PARA ARMAGEDOM

"E certamente ouvireis falar de guerras e rumores de guerras" (Mateus 24:6). A Bíblia diz que, ao se aproximar do fim, as guerras se tornarão gerais, devastadoras e freqüentes.

Não resta dúvida de que as nações do mundo estão preparando o palco para representação de uma das cenas mais terríveis no drama da luta humana, e todo o mundo está se encaminhando para uma guerra muito maior do que qualquer coisa já vista. Nas Escrituras chama-se a isso a "batalha de Armagedom" (Apocalipse 16:14-16; Joel 3:9-14).

A guerra moderna é a mais desenvolvida de todas as ciências. Aperfeiçoamos nossas armas, mas deixamos de aperfeiçoar os homens que as usam. Houve homens como Hitler, que teriam utilizado quaisquer meios para conquistar o mundo. Podemos, por acaso, supor que não exista um homem assim, em nossos dias?

9. CONHECIMENTO E VIAGENS

"Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará" (Daniel 12:4).

O significado das palavras de Daniel não poderia ser compreendido senão por nossa geração. Na verdade, a Escritura diz que elas estão "encerradas e seladas até ao tempo do fim" (Daniel 12:9).

Hoje sabemos bem o que Daniel queria dizer. Trata-se, por certo, da era da velocidade, da viagem e do conhecimento. O conhecimento humano se duplica em quinze anos, e o homem passou da carroça puxada a animal aos foguetes e mísseis em menos de duas gerações.

Walter Reuther, o dirigente trabalhista norte-americano, recentemente me disse que adquiriremos mais conhecimento nos dez anos vindouros do que os adquiridos nos últimos duzentos anos. Até o aparecimento do automóvel e do avião, era difícil compreender o que Daniel queria dizer ao se referir a "muitos correrão de lá para cá". Mas agora existem milhões de automóveis nas rodovias e incontáveis aviões no ar, todas as horas do dia e da noite.

Essa passagem também poderia significar que o conhecimento das Escrituras aumentará, e decerto isso é verdadeiro em nossos dias. Existe um interesse maior e estudo mais profundo das Escrituras proféticas, por parte de muitos cristãos, talvez, do que em qualquer outra época da História. Novas descobertas arqueológicas e científicas conferiram foco mais nítido à profecia. Pela primeira vez desde que as Escrituras foram escritas sob inspiração do Espírito Santo, podemos compreender muitas partes dela, à luz dos acontecimentos mundiais de nossos tempos.

10. CONFERÊNCIAS DE PAZ

"Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vem a dor do parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão" (I Tessalonicenses 5:3).

Jamais se falou tanto de paz, e o mundo anseia desesperadamente por ela, mas a paz não parece absolutamente ao nosso alcance.

No Segundo Salmo, Davi perguntou: "Por que se enfurecem os gentios e os povos imaginam coisas vãs?" Porque não sabem para que lado voltar-se nesta época de violência e ameaça de destruição. Naquele mesmo Salmo, Davi disse: "Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o Senhor e contra o Seu Ungido, dizendo: Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas."

Esse "conspiram" descreve o esforço desesperado, por parte dos dirigentes mundiais, no sentido de estabelecer a paz, mas Deus ficou fora de seu planejamento. O Príncipe da Paz jamais é consultado sobre ela, e o homem insensato segue seus próprios programas, afirmando com audácia que pode solucionar seus problemas sozinho, sem Deus.

11. A VINDA DO DITADOR MUNDIAL

Existem tantas referências interessantes na Bíblia a um futuro governo mundial a ser dirigido por um grande Anticristo, que o espaço desta obra não nos permite examiná-las aqui. Torna-se óbvio que a aceitação, pelo mundo, do governo por um só homem deve ser antecedida por um período de preparação. Em recente conferência pela paz, realizada em Washington, um orador após outro referiu-se à necessidade e possibilidade de um governo mundial.

No *Gideon Seymour Memorial Lecture*, na Universidade de Minnesota, Arnold Toynbee declarou: "Conviver como uma única família é o único futuro que a humanidade pode ter, agora que a tecnologia ocidental aniquilou simultaneamente a distância e inventou a bomba atômica." Mais adiante, acrescentou: "A alternativa para a destruição da raça humana é uma fusão social mundial de todas as tribos, nações, civilizações e religiões do homem."

No curso da última década foi compreendido que nação alguma pode viver para si própria, pois o que afeta um país afeta a todos. Existe

também a tendência para a ditadura em muitas das nações que ora surgem, e isso significa um abaixamento da democracia. O governo em mãos de um grupo grande muitas vezes deixou de funcionar adequadamente, em parte devido a opiniões que divergiam muito entre si. Divergências sem fim, debates e discussões anulam o valor da orientação de muitos.

Certa vez, perguntei ao ditador de um Estado africano por que motivo não tinha a democracia em seu país, e ele respondeu: "Antes que a democracia possa dar qualquer resultado, é preciso ter um eleitorado bem informado e inteligente. Não estaremos prontos para a democracia durante uns cem anos ainda."

É na Bíblia que lemos: "Porque em seus corações incutiu Deus que realizem o seu pensamento, o executem à uma e dêem à besta o reino que possuem, até que se cumpram as palavras de Deus" (Apocalipse 17:17). Outra passagem reveladora afirma:

"Com efeito o mistério da iniqüidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; então será de fato revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca, e o destruirá, pela manifestação de sua vinda. Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos, é por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça" (II Tessalonicenses 2:7-12).

Isto nos diz claramente que um poder sem lei tem trabalhado ao correr das eras, e que no final da época na qual as pessoas "deleitaram-se com a injustiça", o Espírito Santo o restringirá somente até que os crentes sejam levados.

Nesse caso, tal super-homem será a encarnação de Satanás, chamado Anticristo nas Escrituras, e poderá assumir o domínio do mundo. A Bíblia ensina que o mundo atingirá certo ponto no qual se criará um governo mundial, e surgirá um ditador ou presidente mundial.

As câmaras de televisão certamente estarão lá, e percorrerá o mundo a notícia de que um homem da paz, um governante mundial, foi escolhido.

A palavra "besta" no Apocalipse13 é utilizada para exprimir a idéia de que se tratará de um homem de grande força e capacidade de impor sua vontade ao mundo. O termo "besta" não pretende indicar aspecto repulsivo. Ao contrário, a Escritura diz que ele será admirado, temido e adorado. Dominará o cenário mundial com habilidade jamais vista antes, e temporariamente acabará com a guerra que tem devastado a terra. Descobrirá brilhantes métodos econômicos, que proporcionarão resultados imediatos, e a prosperidade regressará, o dinheiro será farto por toda a parte, e o medo que empolgou todas as partes do mundo dará lugar à esperança.

O mundo se apresentará em admiração e reverência a seu gênio superlativo, bem como a seu poder, enquanto milhões de pessoas chegarão mesmo a adorá-lo como a um deus. Ele arregimentará toda a humanidade, exigindo que antes de o alimento poder ser comprado seus súditos recebam o selo de sua marca (Apocalipse 13:17).

A era do computador contribuirá para sua capacidade de controlar a vida de cada pessoa na terra. Ele será a própria encarnação do mal. Seu sonho único, seu desejo e ambição serão o de destruir até o simples pensamento de Deus na face da terra. Proferirá blasfêmias contra Deus e se exaltará além de qualquer tipo de deus que o mundo tenha conhecido até então.

No ano de 1902, a revista *Harper's* publicava um retrato notável do futuro governante, e os diretores da revista diziam: "Surgirá 'o homem'. Será forte na ação, cônscio nos modos, pessoalmente simpático e continuamente vitorioso. Varrerá para longe parlamentos e demagogos, levará as civilizações à glória e as reconstruirá na forma de um império, unindo-o e organizando maiores êxitos. Codificará tudo, galvanizará o cristianismo, organizará a erudição em humildes academias de homens insignificantes, e prescreverá um maravilhoso sistema educacional, e as nações reconhecidas deificarão um egoísmo afortunado e agressivo."

Diz a Bíblia sobre esse governante mundial: "Por sua astúcia ... fará prosperar o engano, no seu coração se engrandecerá" (Daniel 8:25). A Bíblia ensina, também, que até os eleitos de Deus serão enganados e que alguns de seus primeiros seguidores serão cristãos professos.

12. EVANGELISMO MUNDIAL

"E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim" (Mateus 24:14).

No ano de 1500 a Bíblia só fora impressa em quatorze idiomas. Já em 1800 o total subia a setenta e uma línguas, e em 1965 estava impressa em mais de 1250 línguas e dialetos. Acrescentemos a isso os recursos do rádio e da televisão, bem como os programas missionários intensivos desde a Segunda Guerra Mundial. Existem poucos lugares no mundo, em nossos dias, onde não se possa ouvir o Evangelho. Devido às viagens, comunicações e técnicas modernas é possível que a profecia de Mateus 24:14 esteja sendo cumprida, pela primeira vez, em nossa geração.

Existem muitos outros sinais do fim, revelados na Bíblia, mas que não posso mencionar por falta de espaço neste livro. Uma coisa, no entanto, sabemos com certeza: Jesus Cristo virá. Não sei quando, em que hora, dia, mês ou ano. É errado e contra a Escritura tentar marcar a data do regresso de Cristo. Só Deus sabe quando Ele virá, mas a Bíblia diz que Ele regressará à terra. Não há possibilidade de que as nações do mundo resolvam os problemas da natureza humana antes que Ele regresse.

Uma coisa sabemos, e essa é que a vinda de Cristo está mais próxima do que acreditávamos de início. Pode ser que muitos desses acontecimentos se apresentem antes de esta geração ter passado. Disse o poeta Campbell: "Os acontecimentos vindouros enviam antes sua sombra." O que vemos suceder hoje pode bem ser uma preparação para a intervenção de Deus nas questões humanas, com o novo advento de

Jesus Cristo. Paulo disse aos cristãos que se consolassem "uns aos outros com estas palavras" (I Tessalonicenses 4:18).

QUE FAZER?

Para o cristão nem tudo está perdido, a menos que os seus afetos estejam centralizados nas coisas deste mundo. Se houvermos vivido uma vida dedicada a Deus, formando tesouros no céu, com nossos afetos dedicados às coisas de cima, nesse caso não temos motivo para desespero e desânimo. Pode ser esta a hora antes do amanhecer, quando Cristo regressará.

Diante desses acontecimentos em marcha rápida, qual deve ser nossa atitude?

1. PREPARAR-SE COM URGÊNCIA

Disse Jesus: "Por isso ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá" (Mateus 24:44). Estaremos pronto para recebê-Lo, se Ele vier hoje? Em muitas passagens, a Bíblia nos avisa para estarmos prontos, e podemos dizer que se trata de um apelo baseado no temor. "Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa" (Hebreus 11:7).

A palavra "temor" pode ser traduzida por "pavor". Noé estava apavorado ante a perspectiva dos acontecimentos vindouros, e foi esse "temor" o que o levou a construir a arca.

2. ESPERAR COM PACIÊNCIA

"Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque ainda dentro de pouco tempo aquele que vem virá, e não tardará" (Hebreus 10:36, 37).

O nascimento de Isaque, prometido a Abraão e Sara, tardou bastante, mas a promessa de Deus se realizou mesmo quando parecia impossível.

3. OBSERVAR COM ANTECIPAÇÃO

Foi Matthew Henry quem escreveu: "Observar implica não só a crença de que nosso Senhor virá, mas também o desejo de que Ele venha, pensar freqüentemente em Sua vinda, e encarar sempre Sua vinda como certa, ainda que o ano e a ocasião em que isso ocorra sejam incertos."

"Aguardamos com ansiosa expectativa a vinda do Senhor Jesus Cristo" (Filipenses 3:20, Weymouth). O Apóstolo Paulo escreveu a Tito, dizendo: "Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tito 2:13).

Depois de ouvir um ministro pregar sobre a segunda vinda de Cristo, a Rainha Vitória declarou: "Meu desejo é que Ele venha enquanto eu estiver viva, de modo que eu possa tomar minha coroa e depositá-la a Seus pés."

4. TRABALHAR COM ZELO

"Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim" (Mateus 24:46). Algumas pessoas acham que, se Cristo está vindo, nesse caso de que serve continuarmos em nossas obras? Por que não parar de trabalhar e observar? Foi esse um dos problemas dos tessalonicenses, aos quais Paulo escreveu afirmando que Cristo viria. O apóstolo lhes explicou alguns dos detalhes sobre os últimos dias, e insistiu com eles para que se pusessem a trabalhar. A esperança da vinda de Cristo nos deveria, a todos, fazer trabalhar com mais afinco, de modo que "não nos afastemos envergonhados na sua vinda" (I João 2:28).

Para os cristãos, a vinda de Cristo será um momento glorioso, e para os que estão fora de Cristo será a maior de todas as calamidades, uma separação trágica, um desapontamento inacreditável. Mas para os que se acham prontos, que consumação gloriosa! Entre as últimas palavras da Bíblia encontramos: "Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus."

O JUÍZO FINAL

Um dos agnósticos mais interessantes da história dos Estados Unidos foi Robert G. Ingersoll, que fez conferências e palestras por todo o país, nas quais impugnava a Bíblia e a existência de Deus. Certa noite, quando falava numa pequena cidade do Estado de Nova York, proclamou com eloqüência suas dúvidas quanto a um juízo futuro e ao inferno, e, ao terminar, um velho beberrão que estava nos fundos do salão exclamou, com voz pastosa: "Tenho grande esperança de que tenha razão, Irmão Bob. Estou mesmo contando com isso!"

O homem moderno não gosta de pensar em Deus em termos de ira, raiva e juízo final, e prefere modelá-lo por suas próprias inclinações, dando a Deus as características que O quer ver possuindo. Tenta refazer Deus, a fim de que Ele se ajuste ao seu próprio pensamento afetivo, reconfortando-se em seus pecados. Esse "deus" moderno apresenta os atributos de amor, misericórdia e perdão sem justiça, o que quer dizer ausência de julgamento e de punição pelo pecado. Deus se vê reconstruído pelas linhas de tolerância, amor generalizado e boa vontade universal. A opinião bíblica de que a retidão seja tão suprema quanto o amor na natureza divina vê-se abandonada. Nesse quadro de Deus não existem leis que exijam obediência absoluta, e tampouco encontramos nele os padrões aos quais deva ater-se o homem. Como exemplo, mais de novecentos eclesiásticos e estudantes se reuniram, há algum tempo, na Escola de Teologia de Harvard, a fim de fazerem um balanço da chamada "nova moralidade" e sua importância para a igreja.

Certo professor de teologia disse que as relações sexuais pré-conjugais entre noivos eram justas, e que Deus as compreenderia. Um professor de outra escola teológica achava que nenhuma relação sexual deva receber condenação absoluta por parte da igreja. Desse modo, muitos dirigentes religiosos continuam reconstruindo Deus, de acordo com as tendências seculares e humanistas de nossa época.

Tal tipo de "deus", no entanto, formaria um mundo impossível, caótico, irresponsável e destruidor de si próprio. Nele seria impossível o homem viver com certeza e felicidade, pois para ter sentido, a vida do homem tem de basear-se na lei e num legislador. Disse o salmista: "A lei do Senhor é perfeita, e restaura a alma; o testemunho do Senhor é fiel, e dá sabedoria aos símplices. Os preceitos do Senhor são retos, e alegram ao coração; o mandamento do Senhor é puro, e ilumina os olhos" (Salmos 19:7, 8). A Bíblia previne que "os homens maus não entendem o que é justo" (Provérbios 28:5). O próprio Jesus pós o Seu selo de aprovação na lei quando disse: "E é mais fácil passar o céu e a terra, do que cair um til sequer da lei" (Lucas 16:17).

A Lei Mosaica e o Sermão da Montanha constituem padrões que jamais poderão ser modificados e eclesiástico algum tem o direito de abaixar esses padrões em nome de Deus, sem incorrer no perigo de conspurcar a lei, blasfemar contra Deus e tornar-se culpado de heresia.

DEUS JULGARÁ TODOS OS HOMENS

A Bíblia ensina que Deus é, sem a menor dúvida, um Deus de julgamento, ira e raiva.

Se alguma coisa ela ensina, é que Deus vai julgar o homem. Repetidas vezes, Jesus avisou sobre o julgamento: "E contudo vos digo: No dia do juízo haverá menos rigor para Tiro e Sidom, do que para vós outros" (Mateus 11:22). "De toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do juízo" (Mateus 12:36). "Mandará o Filho do homem os seus anjos que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniqüidade, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes" (Mateus 13:41, 42). "Nada há encoberto que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido" (Lucas 12:2). "E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento" (João 5:22).

Em todo o Novo Testamento os Apóstolos ensinam que haveria um momento de julgamento. "Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou" (Atos 17:31). "Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento" (Romanos 2:5, 6). "E a vós outros que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus" (II Tessalonicenses 1:7, 8). "Aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo" (Hebreus 9:27). "Certa expectação horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários" (Hebreus 10:27). "Os quais hão de prestar contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos" (I Pedro 4:5). "Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos, e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes, e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono, e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande dia da ira deles; e quem é que pode suster-se?" (Apocalipse 6:15-17).

São estas apenas algumas em meio a centenas de passagens que poderíamos citar indicando um momento de julgamento a vir ainda, no qual todo homem que já viveu estará envolvido e do qual nenhum escapará! Se tirássemos da Bíblia todas as referências que ela contém sobre o juízo final, ela ficaria muito menor do que é.

JUSTIÇA, MISERICÓRDIA E AMOR

Existem muitos a dizer que o julgamento não é coerente com a justiça, a misericórdia e o amor, mas afirmam-no por não entenderem a natureza de Deus. Recusaram-se a aceitar a revelação da natureza de Deus, encontrada na Bíblia.

O julgamento é coerente com a *justiça*, pois esta exige a pesagem na balança, e sem o julgamento isso seria impossível. Quando Jeremias disse: "rei que ... executará o juízo e a justiça na terra" (Jeremias 23:5), ele colocou esses fatores em justaposição. A justiça é impossível sem o julgamento, a lei não pode existir sem uma penalidade. A razão nos diria que haverá uma época na qual os Hitlers, os Eichmanns e os Stalins serão levados a prestar contas de seus atos. De outra maneira, não haveria justiça no universo. Milhares de homens maus viveram e praticaram sua maldade sobre os demais, sem parecerem ter pago um castigo em sua vida e a razão nos diz que haverá uma época em que os lugares errados serão tornados retos (Isaías 45:2).

O julgamento é coerente com a *misericórdia*. O Deus que fosse misericordioso deveria agir na misericórdia conforme os padrões da justiça e retidão. O julgamento de modo nenhum colide com a misericórdia, pois se esta deve ser utilizada, o julgamento deve ser uma parte da ordem divina. Ser misericordioso sem ser justo é uma contradição.

O juiz que ministra justiça deve basear seus atos na lei. O rompimento da lei exige punição, e demonstrar misericórdia diante da lei transgredida é destruir a ordem e criar o caos. A misericórdia é qualidade que não pode esquecer ou negligenciar o princípio da lei; não sendo uma atitude universal em todos os casos de lei transgredida, mostra-se destruidora da ordem.

Há tempos atrás, fui detido na estrada por excesso de velocidade numa zona em que havia limite para ela, e no tribunal de tráfego declarei-me culpado. O juiz se mostrou não apenas amigo, mas ficou até bastante embaraçado por estar eu em sua presença, como faltoso. A multa foi de dez dólares, e se ele me tivesse deixado ir sem a pagar, teria sido incoerente com a justiça. A penalidade tinha de ser paga, por mim ou por outra pessoa!

O julgamento é coerente com o amor. Um Deus de amor deve ser um Deus de justiça. É por amar que Deus é justo. Sua justiça põe na

balança Seu amor e torna significativos Seus atos, tanto de amor quanto de justiça. Deus não poderia amar coerentemente os homens, se não proporcionasse o julgamento dos pecadores. Sua punição ao pecador e a separação que faz dos justos é manifestação do grande amor divino. Devemos sempre olhar a cruz no negro pano de fundo do julgamento. Foi devido ao amor de Deus pelo homem ser tão intenso que Ele deu Seu Filho, de modo que o homem não tivesse de enfrentar o julgamento.

O julgamento é necessário como incentivo da consciência. O homem necessita do incentivo da recompensa pelo bem e da ameaça do castigo como elemento dissuasório contra o mal. Na composição atual de sua natureza moral, o castigo é um "aguilhão" necessário à sua consciência. O homem precisa dessa ameaça e de seu aviso, para evitar fazer o mal. Pode não ser esse o motivo mais elevado para que façamos o bem, mas mostra-se necessário diante das imperfeições que têm existido na natureza moral do homem, desde o Jardim do Éden.

Devemos ver o homem como ele é, não como devia ser, e pregar as nossas opiniões de justiça, misericórdia, amor e julgamento sobre o caráter de Deus e a natureza imperfeita atual do homem. O "ideal absoluto" não existe, a não ser na fantasia irracional do filósofo moderno que tece suas teorias filosóficas sem levar em consideração a revelação bíblica de Deus e da doença espiritual do homem.

Suponhamos que em algum país não houvesse forças policiais. O caos se instalaria da noite para o dia. Suponhamos, também, que não houvesse tribunais para corrigir os errados. Em que barafunda ficaria tal país! Ninguém estaria a salvo, em lugar nenhum. Em algumas cidades as pessoas não se encontram a salvo, a despeito da proteção policial, e em algumas ruas até os policiais correm perigo. E de quando em vez até mesmo um policial é preso por ter infringido a lei. As paixões más dos homens, mesmo com os dispositivos de aplicação da lei, são restringidas de leve apenas. Os jornais dão testemunho constante disso, com os seus relatos sobre atividades criminosas.

O ÚLTIMO GRANDE CONFLITO

A Bíblia ensina que o homem é tão rebelde contra as leis de Deus que, algum dia, reunirá seus exércitos contra o próprio Deus. Será esse o último grande conflito, Armagedom. "Então os ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom" (Apocalipse 16:16). Será essa a guerra final, com o último esforço convulsivo do homem caído contra a lei de Deus. Qual será a resposta de Deus? Uma demonstração de misericórdia? Uma exibição de tolerância? Não! Será o julgamento.

A alternativa da misericórdia, desprezada e rejeitada, é o julgamento. Deus ofereceu o Seu amor e misericórdia e perdão ao homem e da cruz Deus disse ao mundo todo: "Eu vos amo." No entanto, quando aquele amor se vê deliberadamente rejeitado, a única alternativa é o julgamento.

OS JUÍZOS DIFERENTES

Contrariamente à opinião popular, a Bíblia nada diz respeito de um julgamento geral em que todos os homens apareçam diante de Deus ao mesmo tempo. A Bíblia relaciona uma série de julgamentos diferentes e assim, por exemplo, há um que se fará dos retos no trono de julgamento de Cristo (II Coríntios 5:10), outro que será o julgamento das nações (Mateus 25:31-46), e também um julgamento dos mortos iníquos no grande trono branco (Apocalipse 20:11-13). Tais julgamentos de assuntos diferentes em momentos diversos e para fins distintos formam o quadro composto de juízo, nos acontecimentos revelados pelas Escrituras proféticas.

O JUÍZO DO PECADO

Este julgamento se efetuou na cruz. Diz a Escritura: "Àquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (II Coríntios 5:21). Devido a isso, a Escritura

ensina: "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Romanos 8:1). Em outras palavras, o julgamento do pecado que eu merecia já foi emitido. Cristo tomou meu julgamento sobre a cruz. Todas as exigências da lei foram satisfeitas, na oferta que Cristo fez de Si Próprio pelos pecados. "Mas o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos" (Isaías 53:6). "Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados" (I Pedro 2:24). "Jesus... tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus" (Hebreus 10:12).

A lei dissera: "O salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23), e "A alma que pecar, essa morrerá" (Ezequiel 18:4). Eu mereci julgamento e inferno, mas Cristo tomou aquele julgamento e inferno por mim, e Ele mesmo declarou: "Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida" (João 5:24). Nenhuma outra afirmação poderia ser mais clara, no sentido de que o verdadeiro crente em Jesus Cristo não entrará em julgamento. Esse julgamento já passou. "Lançaste para trás de ti todos os meus pecados" (Isaías 38:17). Deus disse mais, por intermédio de Jeremias, o profeta: "Dos seus pecados jamais me lembrarei" (Jeremias 31:34).

Jamais compreenderemos a grandeza do amor de Deus em Cristo na cruz, até compreendermos que não teremos em tempo algum de apresentar-nos ao julgamento de Deus por nossos pecados. Cristo tirou os nossos pecados, terminou a obra de redenção. Não estou salvo por quaisquer obras ou méritos meus. Já preguei a milhares de pessoas em todos os continentes, mas não irei para o céu por ser pregador. Irei para o céu inteiramente pelo mérito da obra de Cristo. Jamais me apresentarei no tribunal de julgamento de Deus, pois isso já ficou para trás.

Certa feita, quando atravessava o Atlântico Norte, olhei pelo portaló do navio ao acordar de manhã, e vi uma das nuvens mais escuras que já tinha visto até então. Tinha a certeza de que estávamos rumando para uma tempestade terrível, e pedi que mandassem meu café para o

camarote e falei com o camareiro sobre aquela borrasca. Foi quando ele me disse:

– Ora, já atravessamos aquela tempestade. Ela ficou para trás de nossa rota.

Se somos crentes em Jesus Cristo, já passamos pela borrasca do julgamento, e isso aconteceu na cruz.

O JUÍZO DO CRENTE

Pelo que eu disse antes, isso parece uma contradição. Não se trata de julgamento no sentido de condenação, mas de avaliação e medida. Trata-se de ocasião em que Cristo dará recompensas aos Seus. "Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito, por meio do corpo" (II Coríntios 5:10).

Embora o verdadeiro crente em Cristo não possa trabalhar por sua salvação, pois "não de obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2:9) e porque "não por obras de justiça, praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, Ele nos salvou" (Tito 3:5), ainda assim pode trabalhar por uma recompensa. Diz a Escritura:

"Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo. Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, manifesta se tornará a obra de cada um; pois o dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será alvo, todavia, como que através do fogo" (I Coríntios 3:11-15).

Qualquer obra feita por um seguidor de Cristo para a glória de Deus é "ouro, prata, pedras preciosas", mas se qualquer seguidor de Cristo trabalhar com qualquer interesse próprio ou ambição pessoal, será "madeira, feno, palha", e se queimará.

Não é uma questão de salvação, mas de "obras" depois da salvação. Nessas passagens, o crente em Cristo é representado como construindo uma superestrutura de serviço ou obras que deverão ser postas à prova pelo fogo. Assim é que cada professor de escola dominical, cada conselheiro da mocidade, cada trabalhador social, cada eclesiástico, cada cristão, irá passar pelo fogo que porá à prova a obra de cada crente.

O Apóstolo Paulo se mostrava constantemente preocupado em ser "aprovado" por Deus (II Coríntios 10:18). Não estava preocupado com sua salvação pessoal, pois isso ficara estabelecido na cruz. Receava, no entanto, que suas obras pudessem ser desaprovadas, caso não fosse extremamente cuidadoso no modo pelo qual trabalhava para Deus.

Os crentes em Cristo receberão uma recompensa nesse trono de julgamento de Cristo, e a mesma é mencionada às vezes nas Escrituras como um "prêmio" (I Coríntios 9:24). De outras é chamada uma "coroa" (I Coríntios 9:25; Filipenses 4:1; I Tessalonicenses 2:19). Os crentes em Cristo nada devem a Deus em pagamento pela salvação, que é conferida como dádiva, mas devem a Deus uma vida de devoção e serviço integrais. Até um copo de água dado em nome de Cristo não passará sem recompensa, o que se torna um incentivo a que amemos o próximo e lhe demonstremos esse amor, partilhando em seus problemas e necessidades.

Quando uma mulher em Nova York teve seu filho na rua e gritou, pedindo socorro, inúmeras pessoas passaram por ela sem atender, sem ao menos chamar um médico ou a polícia. Disseram que não queriam envolver-se naquilo. Um daqueles que não quiseram envolver-se era cristão professo, que mais tarde sentiu tamanho remorso e condenação, que foi a seu pastor, chorando, contar seu pecado. Certamente, naquele dia, esse homem perdeu uma recompensa.

O JUÍZO DO GRANDE TRONO BRANCO

O seguinte está registrado em Apocalipse 20:11-13, onde o Apóstolo João afirma:

"Vi um grande trono branco e aquele que nele assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então se abriram livros. Ainda outro livro, o livro da vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras."

É esse o julgamento para o qual se encaminham todas as pessoas fora de Cristo. A data já foi marcada por Deus e todos os homens, de todas as raças e nacionalidades, tanto passadas quanto atuais, se encontrarão presentes. Será o dia para o qual todos os demais dias foram feitos. Podemos marcar e desmarcar encontros em nossas vidas, mas esse encontro será efetuado. Os céticos e zombadores modernos acharão ridícula a idéia de um julgamento vindouro. Riram da previsão que Noé fizera quanto ao dilúvio, riram de Jeremias quando predisse a destruição de Jerusalém. Riram de Ló quando avisou aos homens de Sodoma que Deus ia derramar fogo e enxofre, riram de Amós quando preveniu Israel sobre o juízo que vinha. Mas todos esses julgamentos se concretizaram. "Deus ... agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça" (Atos 17:30, 31).

Naquele dia, os "Livros" serão abertos, e lá estarão os dados da vida de cada homem, do berço ao túmulo.

Na Capela de São Jorge, na Abadia de Westminster em Londres, encontra-se um monumento da Segunda Guerra Mundial, que consiste em quatro volumes encadernados, contendo os nomes dos sessenta mil civis mortos por ação inimiga na cidade de Londres. Um volume fica aberto no santuário, e um feixe de luz ilumina os nomes registrados nas páginas abertas. Cada dia volta-se uma página.

Assim é que os nomes daqueles que foram ricos ou pobres, donos de títulos ou cidadãos comuns, jovens ou velhos, sadios ou doentes, capacitados ou incapacitados, famosos ou infames, estarão juntos para

serem revelados à luz, para que todos vejam nas páginas guardadas por Deus. É um livro de morte, e que momento terrível será para milhões de pessoas, quando os "Livros" forem abertos!

O Dr. Wilbur Penfield, diretor do Instituto Neurológico de Montreal, declarou em relatório feito ao Instituto Smithsoniano: "Nosso cérebro contém um registro permanente de nosso passado que se mostra como uma fita única e contínua de película cinematográfica, dotada de faixa sonora. Essa filmoteca registra toda nossa vida consciente, a partir da infância. Podemos reviver essas cenas do passado, uma de cada vez, quando o cirurgião aplica uma fraca corrente elétrica a certo ponto no córtice temporal de nosso cérebro."

O relatório prossegue, dizendo que à medida que revivamos as cenas do passado, sentiremos exatamente as mesmas emoções que sentimos durante o seu acontecimento. Pode ser que a raça humana seja confrontada com esse registro irrefutável na barra do julgamento de Deus, quando "Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens" (Romanos 2:16).

Encontramos muitos avisos nas Escrituras a respeito do grande dia que virá, o do juízo final. Será o dia profetizado em Provérbios 1:24-31:

"Mas, porque clamei, e vós recusastes; porque estendi a minha mão, e não houve quem atendesse; antes rejeitastes todo o meu conselho, e não quisestes a minha repreensão; também eu me rirei na vossa desventura, e, em vindo o vosso terror, eu zombarei, em vindo o vosso terror como a tempestade, em vindo a vossa perdição como o redemoinho, quando vos chegar o aperto e a angústia. Então me invocarão, mas eu não responderei; procurar-me-ão, porém não me hão de achar. Porquanto aborreceram o conhecimento, e não preferiram o temor do Senhor; não quiseram o meu conselho e desprezaram toda minha repreensão. Portanto comerão do fruto do seu procedimento e dos seus próprios conselhos se fartarão."

Naquele grande dia, os homens pedirão misericórdia a Deus, mas será tarde demais. Naquele dia, os homens procurarão Deus, mas não O poderão encontrar. Será tarde demais.

Trata-se do dia a que Jesus se referiu, no Sermão da Montanha, quando disse: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade" (Mateus 7:21-23).

Haverá, até mesmo, gente que fez o trabalho do Senhor. Estarão ocupados na igreja, e fizeram muitos trabalhos maravilhosos, mas o próprio Jesus diz: "Nunca vos conheci." Que coisa terrível! Eles achavam que suas próprias boas obras os salvariam. Deveríamos ter sempre presente que algum dia Jesus Cristo será o Juiz. "O Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento" (João 5:22).

Quando era jovem, o juiz Warren Candler advogava, e um de seus clientes foi acusado de assassinato. O jovem advogado fez tudo quanto pode para eximi-lo da acusação. Havia algumas circunstâncias atenuantes, e ele se valeu delas tanto quanto foi possível diante do júri. Além disso, achavam-se presentes no tribunal os idosos progenitores do acusado e o jovem advogado apelou para os sentimentos e moções dos jurados, fazendo freqüentes referências àquele casal idoso e temente a Deus.

A seu tempo, os jurados se retiraram para decidir, e tendo alcançado um veredicto voltaram a seus postos. O veredicto era de inocência para o acusado, e o jovem defensor, que também era cristão, teve uma conversa muito séria com o cliente, a quem preveniu para que se mantivesse fora dos maus caminhos e confiasse no poder de Deus a fim de se manter em trilha certa.

Passaram-se os anos, e novamente o homem foi levado à barra do tribunal, também sob acusação de homicídio. O advogado que o defendera no primeiro julgamento achava-se, dessa feita, no lugar de

juiz, e à conclusão dos trabalhos os jurados apresentaram o veredicto – "Culpado".

Ordenando que o condenado se pusesse de pé para ouvir a sentença, o juiz Candler disse:

– Em seu primeiro julgamento, fui seu advogado; hoje, sou seu juiz. O veredicto dos jurados torna obrigatório que o condene à forca.

Hoje, Cristo é nosso Advogado, nosso Salvador, desejando perdoar, limpar e esquecer. No entanto, estamos marchando para um dia terrível, no qual Ele será nosso Juiz.

O MUNDO EM FOGO

Disse um amigo a Mark Twain:

– Estou preocupado, porque o mundo vai-se acabar.

– Não se preocupe – respondeu o famoso humorista:

– Passaremos sem ele.

Mark Twain pode não ter percebido isso na ocasião, mas estava dizendo a verdade. Podemos passar sem o mundo, porque Deus determinou modelar um mundo novo, por meio do fogo. Escreveu o Apóstolo Pedro: "Virá, entretanto, como ladrão, o dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas" (II Pedro 3:10).

Esse momento da queima foi predito pelos profetas como sendo o grande e terrível dia do Senhor, quando a terra estremecerá, os céus se agitarão, o sol se escurecerá e as estrelas retirarão seu brilho. Será um dia escuro, disse o profeta, quando "um fogo devora" e "uma chama queima". Repetidas vezes os profetas utilizaram a palavra "fogo".

Muitas vezes, na Bíblia, a palavra "fogo" não representa o fogo da combustão, como o conhecemos. A Bíblia ensina que Deus utiliza o fogo como agente de limpeza e purificação. Quando lemos que o Espírito Santo veio como "línguas de fogo", não supomos que se tratassem de chamas comuns, mas sim da representação do caráter do Espírito Santo como agente de limpeza. O fogo também pode ser considerado agente de purificação, e quando os profetas falam de fogo no julgamento do mundo, ou quando Pedro menciona o fogo ao final desta era, não é provável que se refiram ao fogo da combustão. Poderia ser o fogo da fissão atômica, a libertação da energia nuclear pelo rompimento do átomo. Trata-se apenas de especulação, como é claro, mas poderia ser a forma elementar e criadora do fogo utilizada no início dos tempos e a ser novamente usada no "novo início", a fim de criar uma nova terra.

O FOGO DO JUÍZO

Certamente será um fogo de juízo sobre o mundo mau. O livro do Apocalipse está, em grande parte, tomado por detalhes sobre esses julgamentos, centralizados no rompimento dos sete selos (Capítulo 6), o toque das sete trombetas (Capítulo 8) e o derramamento das sete taças (Capítulo 16). Trata-se, certamente, de representações simbólicas da série de julgamentos que encerram a era presente. Quando tais julgamentos estiverem terminados é que Cristo deverá vir, com toda a Sua glória esplêndida. Sua vinda é comparada a uma faísca de relâmpago (Mateus 24:27), a carros como torvelinhos (Isaías 66:15), a olhos de fogo chamejante (Apocalipse 1:14), a uma grande voz como a de um rugir de leão (Joel 3:16).

Na Bíblia isso é chamado "o grande e terrível dia", quando os homens se manterão nas reentrâncias e ravinas, pedindo às montanhas: "Caí sobre nós, e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono, e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande dia da ira deles; e quem é que pode suster-se?' (Apocalipse 6:16, 17). É interessante notar que a última prece da humanidade não será ao Deus verdadeiro e vivo, mas às rochas e montanhas. Mesmo nesse momento, o coração do homem estará em tamanha revolta contra Deus que ele se voltará para os ídolos, e não para Ele.

O FOGO PURIFICADOR

Esse fogo, no entanto, não será apenas de julgamento, mas também de limpeza e purificação. Entre o vasto número de promessas na Bíblia se encontra a que fala de um novo mundo. É a promessa de que o errado será tornado certo, o mal se tornará bem, o corrupto se verá limpo e a maldição se tornará uma bênção. O cumprimento disso será nos novos céus e na nova terra. É o que Pedro descreve, quando afirma: "nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos

quais habite justiça" (II Pedro 3:13). Achamo-nos, no entanto, em perigo de sermos roubados do reconforto dessa promessa, por duas coisas, de acordo com Pedro.

Em primeiro lugar, pela presença do ciclo interminável de mal, desapontamento, doença, injustiça e morte, que poderá obscurecer essa grande esperança de um novo mundo. Por isso o Apóstolo disse: "Procuro despertar com lembranças a vossa mente esclarecida" (II Pedro 3:1).

Em segundo lugar, pela presença de zombadores, que perguntam: "Onde está a promessa da sua vinda?" Essa zombaria baseia-se em sua afirmação de que "desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação" (II Pedro 3:4). O zombador diz que este é um mundo de lei natural e a intervenção divina, portanto, se mostra improvável. Mas o zombador é culpado de monumental ignorância, em sua suposição de que "todas as coisas continuam como eram desde o início da criação".

Deus interveio nas questões humanas por intermédio do dilúvio, no passado, e intervirá no futuro. Deus interveio nas questões humanas pela cruz de Cristo, a fim de dar a conhecer ao mundo Seu grande amor pelo homem, "não querendo que nenhum pereça", e o fará outra vez, nos acontecimentos relacionados à segunda vinda de Cristo. No passado, o instrumento de intervenção foi a água, mas no futuro será o fogo.

A TRÍPLICE TRANSFORMAÇÃO QUE VIRÁ

No capítulo 3 da segunda epístola de Pedro, o Apóstolo descreveu uma *transformação tríplice* que se efetuará nessa ocasião.

Em primeiro lugar, "os céus passarão com estrepitoso estrondo". Provavelmente isso se refere à atmosfera que circunda a terra, e não quer dizer que ela deixará de existir, mas que se modificará. Quer dizer deslocamento, e não destruição, pois em seu lugar virão uma nova atmosfera e uma nova terra, reconstruídas para habitação do novo homem, que terá um novo corpo. Até o clima será modificado para esse novo homem.

Em segundo lugar, diz Pedro: "E os elementos com o calor se dissolverão", e os "elementos" significam aquilo que é rudimentar, ou o primeiro passo. Quando aplicado à matéria, como acontece no caso, refere-se à estrutura rudimentar da mesma em termos de átomos. Toda matéria consiste em átomos, e todos os elementos podem ser transformados pelo calor. Supõe-se comumente que esse seja o calor da combustão, mas poderia ser o calor gerado pela separação do próton e do nêutron no núcleo do átomo, libertando assim a tremenda energia calorífica na natureza, pela qual o céu e terra atuais serão transformados em novo céu e nova terra. Na realidade, não sabemos ao certo e só podemos fazer conjecturas, à luz dos conhecimentos da ciência moderna.

Ao lidar com o futuro em termos de profecia bíblica, não temos o direito de fazer afirmações dogmáticas, mas temos de extrair suposições razoáveis dos acontecimentos futuros. Com a quantidade inacreditável de informações de que pode dispor um intérprete moderno, ele se encontra em posição de extrair essas suposições razoáveis, que prometem trazer grande esclarecimento à sua compreensão da Escritura. Assim é que nos achamos, hoje em dia, em posição de compreender tais Escrituras como a descrição feita por Pedro sobre os novos céus e terra em medida impossível há uma geração.

A *terceira* transformação descrita por Pedro refere-se à terra. Diz ele: "E a terra e todas as obras que há nela serão queimadas." Tudo aquilo que não se ajustar à vida nova do mundo novo será destruído. É a isto que alguns chamam o fim do mundo, mas o mundo jamais terá um fim, e será apenas modificado e melhorado.

O processo de transformação que produzirá os novos céus e terra encontra-se nas palavras seguintes:

"Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do dia de Deus, por causa do qual os céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se dissolverão" (II Pedro 3:11, 12).

É notável que há dois mil anos um escritor divinamente inspirado viesse a empregar o termo "dissolver", que repentinamente se proveu de sentido moderno, por intermédio da ciência contemporânea.

"Dissolvido" foi a mesma palavra que Jesus utilizou quando Lázaro se apresentou a Ele, diante de seu túmulo, envolto em roupas fúnebres. Jesus disse: "Desatai-o, e deixai-o ir" (João 11:44). E quando as coisas da natureza "forem dissolvidas", eles serão libertados de suas roupagens fúnebres de doença, morte e pobreza. Toda a natureza poderá, então, entrar em novo e glorioso estado de existência.

Todos nós já dissolvemos um comprimido em um copo com água. O que ocorreu? O comprimido desapareceu, mas não foi destruído. Ao invés de continuar sólido, tornou-se um líquido, modificou sua aparência, mas não sua substância. Tomou outra forma de existência, e isso acontece todas as vezes que tomamos uma aspirina.

Uma dissolução parecida a essa se efetuará, e não a destruição ou extinção, mas uma transformação em formas, condições e ocorrências novas. O agente catalítico poderia muito bem ser o fogo, como o da fissão nuclear. Grandes transformações geológicas, zoológicas, químicas e astronômicas se efetivarão, porém ainda de maior importância será a nova ordem de coisas. Grandes modificações morais e espirituais ocorrerão, porque será um novo mundo, "onde habite a justiça".

O que o mundo tem de errado é o pecado na natureza humana e a maldição na natureza física. "Maldita é a terra por tua causa... Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão" (Gênesis 3:17-19). Tudo isso será mudado! O processo dissolvente e de libertação produzirá a transformação da natureza física, bem como da natureza humana e a justiça será a característica determinante do novo mundo.

Diz a Bíblia: "Eis que faço novas todas as coisas" (Apocalipse 21:5). Deus fará isso por meio do fogo, o que nos leva a algumas perguntas: Por que motivo um céu novo e uma nova terra? Por que o fogo? Por que o julgamento? Para que a transformação cataclísmica? Por

que não, ao invés dessas coisas, a continuação do progresso humano, produzindo uma nova idade de ouro?

A resposta se encontra no fato do pecado e do propósito redentor de Deus. O pecado não pode ser destruído ou modificado por qualquer processo científico. Assim como tinha de haver uma cruz e um Gólgota para dar fim ao pecado no coração, deve haver outro acontecimento divino para dar fim ao mal no mundo. Não há um modo fácil pelo qual se pudesse conseguir a redenção. O homem, bem como Deus, tem de sofrer e sentir o preço terrível a pagar pelo pecado. Dessa vez, será em âmbito mundial e se efetuará tanto na natureza física quanto na humana. Os céus novos e a nova terra surgirão de um mundo de fogo. Todos os vestígios do pecado e da corrupção precisam ser destruídos, e até a matéria será purificada. Todos os aspectos da maldição primeva do pecado têm de ser obliterados, e o mundo precisa ser libertado e isento das restrições e limitações impostas pela maldição do pecado. Deverá haver a eliminação universal de todo o mal no homem e na natureza, de modo que não haja obstáculos à estrutura e composição do mundo novo.

PREPARANDO PARA O FUTURO

O futuro pertence a quem se prepara para ele, e recebemos instruções no sentido de fazê-lo. Afirmou Pedro: "Por essa razão, pois, esperando estas coisas, empenhai-vos por ser achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis" (II Pedro 3:14).

Diz a Bíblia: "O mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente" (I João 2:17).

Há pouco tempo conversei com famoso arquiteto, de quem ouvi a afirmação de que seus edifícios durariam até a eternidade. Tive de rir, pois ele edificou apenas para uma hora. Nosso mundo desaparecerá como um castelo que crianças fazem na areia da praia. O orgulho do poder, a pompa da riqueza, a beleza da arte, a astúcia da habilidade, tudo

isso passará. O mar de chamas esmagará e devorará tudo, sem exceção. Todo o mundo se tornará outra vez uma só massa em fusão.

Será então que Deus tomará essa massa e remodelará a terra e os céus conforme Seu próprio desígnio.

Enquanto isso, a Bíblia ensina que Satanás e o Anticristo serão também destruídos pelo fogo, e que o primeiro será primeiramente manietado, depois libertado, e atirado no lago de fogo. "Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos" (Apocalipse 20: 2). "O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago do fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos" (Apocalipse 20:10). Desse modo o originador do mal e do pecado será para sempre banido do universo de Deus, e jamais voltará a perturbar o homem.

Eu acredito que a terra será consumida pelo fogo, não só porque Deus disse isso, mas porque a ciência criou armas que o podem fazer. Plínio disse que, para ele, constituía milagre que o mundo escapasse ao fogo um dia que fosse.

A Bíblia ensina que tudo isso acontecerá quando menos se esperar. A hora terrível virá furtivamente, como um ladrão na noite. No tempo de Noé, não se esperava que o mundo fosse destruído pela água, e a gente daquela época discutia com ele, dizendo que todas as coisas haviam continuado como tinham sido desde os dias de seu primeiro pai, Adão, e assim continuariam a ser. Achavam que Noé era um doido, andando de um para o outro lado proclamando a vinda do juízo e assustando as pessoas.

O homem não mudou, e ainda rejeita o testemunho da Escritura. Continua em pecado e rebelde contra Deus, e assim ficará até o momento em que o som da trombeta o convencerá de que o Senhor vem, e chegou o dia do juízo final para os homens iníquos.

Em nossos dias, o mundo se acha louco em sua obsessão com o prazer, o sexo e o dinheiro. Seu ouvido está embotado demais para ouvir a verdade, e a maioria se mostra cega. Não querem ver, não querem

ouvir, apressam-se no caminho para seu destino. "Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vem a dor do parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão" (I Tessalonicenses 5:3).

No entanto, Deus anseia para que os homens se salvem. "O Senhor... não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (II Pedro 3:9). Deus está trabalhando para fazer com que os homens se detenham no mergulho vertical para o pecado e enviou o Seu Espírito Santo para convencer, os Seus pregadores e profetas para advertir. Sua Palavra está impressa em quase todas as línguas. O homem não tem nenhuma desculpa.

O MUNDO DE AMANHÃ

A exposição da General Electric na Feira Mundial de Nova York, efetuada nos anos de 1964 e 1965, apresentava como sua canção-tema aquela onde se afirma que "Haverá Um Amanhã Esplendoroso" (*There Will Be a Bright Tomorrow*). Certamente os produtores utilizaram essa canção com certas dúvidas, levando em conta o estado precário em que se acha o mundo, mas quando o cristão diz que "haverá um amanhã esplendoroso" ele não faz qualquer reserva em sua afirmação, pois Deus o prometeu e "nem uma só palavra falhou de todas as sua boas promessas" (I Reis 8:56).

A esperança cristã se baseia em dois mundos – este e o próximo. Quando se tem em vista esses dois mundos, achamo-nos adequadamente preparados para uma vida plena aqui. O cristão possui a esperança de uma vida de alegria, paz e amor ao próximo em meio a um mundo de dificuldades, a esperança de melhores condições de vida como resultado da influência cristã em qualquer sociedade ou coletividade. A grande e suprema esperança do cristão, no entanto, acha-se no mundo que virá. É verdade que uma pessoa não se acha preparada para viver, enquanto não estiver preparada para morrer. É Emil Brunner quem afirma: "O que o oxigênio significa para os pulmões, significa a esperança para o sentido da vida humana." Em sua autobiografia, escreveu o Dr. R. McNair Wilson, cardiologista: "A esperança é o remédio que uso mais do que qualquer outro." [1]

A Bíblia afirma que haverá um outro mundo e ela não argumenta em favor de sua existência, e tampouco se esforça por explicá-lo. Afirma Gordon Allport: "O futuro é aquilo que mais preocupa as pessoas."[2] Ao descrever o futuro do cristão, o Apóstolo Paulo afirmou, certa feita: "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em o coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam" (I Coríntios 2:9).

O Apóstolo Paulo teve uma vez a visão do céu, ocasião em que viu coisas "que seriam inenarráveis", o que indica que não as poderia explicar adequadamente em língua compreensível. Também não podemos compreender as maravilhas do mundo vindouro, nem relacionar seu conhecimento ao deste mundo. Isso estaria além de nossa capacidade atual de compreensão. No encerramento da Bíblia encontramos escrito: "Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram" (Apocalipse 21:1).

UMA NOVA CRIAÇÃO

Tudo será novo, com relação ao céu, descrito como uma nova criação onde nos movimentaremos em corpos novos, possuindo nomes novos, cantando novos hinos, vivendo numa cidade nova governada por nova forma de governo, e impelidos por novas perspectivas da eternidade. O paraíso perdido pelo homem será reconquistado, mas haverá muito mais do que isso. Será um paraíso novo, não o antigo consertado e reformado. Quando Deus diz: "Eis que faço novas todas as coisas", o destaque maior está conferido a "todas as coisas". Viveremos num mundo inteiramente novo.

O conceito tradicional de "habitante do céu" é caricatural e muitas vezes pensamos naquela paragem como lugar onde as pessoas estão sentadas diante de harpas, com asas saindo das omoplatas. Já vimos ilustrações de um halo cravejado de jóias em torno à cabeça de um homem, olhar angelical em seu rosto, ruas douradas sob seus pés e a beleza estonteante de arcadas de pérolas a lhe encher os olhos. Como é claro, isso não é a natureza verdadeira do habitante do céu, que não vive uma forma estática de vida.

Alguém já disse que à porta do céu se acha a inscrição de aviso: "Não é permitida a entrada, a não ser para trabalhar." O céu não é somente descanso, mas é trabalho, aventura, emoção, emprego e empenho. Diz a Escritura, referindo-se aos habitantes celestes, que "os

seus servos o servirão" (Apocalipse 22:3). Será bastante como a vida atual com sua atividade e lazer, mas despida de todas as imperfeições que destruíram o sentido completo e verdadeiro da vida.

De acordo com Jesus, a vida no mundo futuro se relaciona a "muitas moradas", termo variadamente compreendido como significando muitos lugares de pouso, muitos lares ou muitos planetas a visitar. Podemos entender muita coisa com essa afirmação de Jesus, mas para mim ela significa uma vida ativa, criadora e intrépida.

Foi Ian McClaren quem escreveu: "O céu não é um mosteiro trapista, e tampouco aposentadoria ou pensão. Não, é uma terra de progresso constante." O céu terá muitas oportunidades de aventura incessante e vida criadora abundante.

A revista *Time*, certa feita, descreveu a casa do futuro, chamando-a "a Casa da Nova Era" (*the New Age House*). Sua construção era como "nenhuma outra anteriormente feita. O telhado, uma colmeia de minúsculas células solares, que usam os raios do sol para aquecer a casa e fornecer toda a energia elétrica necessária à mesma. Portas e janelas abriam-se a sinais feitos com a mão, fechando-se automaticamente quando chovesse. O receptor de televisão se apresentava como um quadro pendurado na parede, bem como os painéis de controle do aquecimento e condicionamento do ar. O rádio era do tamanho de uma bola de golfe, o telefone uma tela como de cinema, que projetava tanto a imagem quanto a voz de quem chamasse. Na cozinha, o fogão preparava bifes grossos em pouco menos de dois minutos, e os pratos e roupas eram lavados sem sabão e sem água. A casa não tinha tomadas elétricas, e raios invisíveis de rádio dirigiam todos os aparelhos domésticos. À noite, paredes e teto brilhavam suavemente com 'sanduíches de luz' embutidos em vidro, que mudavam de cor ao girar-se um botão. E por toda a casa pequenos bulbos de tom avermelhado e estranho esterilizavam o ar e dele retiravam todas as bactérias".[3]

Essa descrição foi feita há alguns anos, e parte desse sonho já se tornou realidade em muitos lares dos Estados Unidos. As casas do céu,

no entanto, serão muito mais espetaculares, ultrapassando os mais agradáveis sonhos de qualquer mãe de família.

Há algum tempo visitei Rocket City, no Estado do Texas, um dos empreendimentos mais fantásticos nos Estados Unidos da América. É o lugar onde vivem e se preparam os astronautas, e ali me mostraram algumas cápsulas de alimento, aperfeiçoado para utilização dos aeronautas quando forem à Lua. Um dos cientistas presentes comentou, então, sorrindo:

– Talvez vá ser esse o alimento do céu!

A Bíblia ensina que haverá algum tipo de alimento particularmente adequado aos corpos daqueles que viverão no céu, pois o livro do Apocalipse fala de "uma árvore da vida, que dava doze tipos diferentes de frutas".

JESUS CRISTO ESTARÁ PRESENTE

O ponto mais emocionante a respeito do céu, entretanto, é que Jesus Cristo estará presente e lá O verei frente a frente, terei a oportunidade de falar diretamente com Ele e Lhe fazer uma centena de perguntas que jamais vi respondidas até hoje.

Um garotinho estava viajando sozinho de trem, certo dia quente, quando os demais passageiros se mostravam extremamente incomodados pelo calor, e o cenário não era dos mais interessantes, pois atravessavam o deserto do Arizona. Uma senhora sentada ao lado do menino lhe perguntou:

– Você está cansado dessa viagem comprida?

O menino sorriu, e respondeu:

– Um pouco, mas não me incomodo. A senhora sabe? Meu pai está me esperando em Los Angeles.

Às vezes ficamos um pouco cansados com os encargos, mas é retemperante saber que Jesus Cristo nos estará esperando ao final da jornada de nossa vida. A alegria de estar com Ele para sempre acha-se

além da capacidade descritiva de qualquer autor. O Apóstolo Paulo estava tão ansioso por ver Cristo que estava "preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor" (II Coríntios 5:8).

A Bíblia ensina que o trono de Deus se acha no céu. "O céu é meu trono, e a terra o estrado de meus pés" (Atos 7:49). O seu reino é o universo e não conhece limite ou fim. Os cientistas nos dizem que o espaço é infinito e que vivemos num universo em expansão, não em contração. Os nossos telescópios jamais encontraram os limites do espaço exterior, e quando chegarmos ao céu não estaremos limitados a um determinado lugar. Todo o universo será nosso império, e o que é verdade do espaço exterior também o é do que hoje chamamos "tempo", pois este será sucedido pela eternidade, e nos moveremos à frente por intermináveis seqüências do futuro, explorando os confins infinitos do universo.

UM LUGAR PREPARADO

O céu é mais do que um estado de espírito, ou uma condição de vida: é um lugar que está sendo "preparado", isto é, será arrumado para a morada e utilização daqueles que se reconciliaram com Deus por intermédio de Jesus Cristo.

Tudo isto nos leva à conclusão de que o céu será tão amplo quanto o próprio universo. Será tão maravilhoso e belo quanto nem imaginar podemos, pois só o Criador o pode fazer. Tudo está sendo preparado para nossa felicidade pessoal e deleite, e todos os desejos e anseios se verão cumpridos inteiramente.

Uma das descrições do céu é a encontrada nas derradeiras páginas da Bíblia, onde se diz: "Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o esposo" (Apocalipse 21:2). Nada há que seja universalmente mais belo do que uma noiva. Basta pensar em toda a expectativa, cuidado e preparação de uma noiva. O vestuário, cabelo, porte, sorriso e alegria

contagiante, tudo isso se combina para tornar o momento do casamento o acontecimento mais transcendental de sua vida. Jamais vi uma noiva que não fosse adorável, e a Bíblia se vale dessa beleza para descrever o céu.

Na manhã do dia em que se ia casar nossa filha mais velha, tive com ela uma conversa em particular, no curso da qual pude ver uma combinação tal de antecipação, alegria e felicidade como nunca pude ver mais tarde, ou vira antes, no rosto de qualquer mulher.

O Apóstolo João, a quem foi dada de relance uma visão da eternidade, afirmou: "E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas" (Apocalipse 21:4, 5).

Certa noite, uma jovem que passeava em companhia do pai se manteve silenciosa por bastante tempo, e afinal ele perguntou em que pensava.

– Eu estava pensando – respondeu ela – que se o céu com as estrelas é tão bonito visto pelo avesso, como deve ser maravilhoso visto do lado certo.

PERFEIÇÃO

O céu será aquela perfeição com que sempre sonhamos. Todas as coisas que têm feito a terra desprovida de encantos, e trágica, não existirão no céu, onde não haverá noite, morte, doença, tristeza, lágrimas, ignorância, desapontamento ou guerra. O céu estará cheio de saúde, vigor, virilidade, conhecimento, felicidade, adoração, amor e perfeição.

O céu será mais moderno e atualizado do que qualquer das construções modernas feitas pelo homem. Será lugar feito de molde a desafiar o gênio criador da mente desimpedida e livre do homem redimido, um lugar tornado supremamente atraente pela presença de Cristo.

Uma das maravilhas do céu que passa quase sem menção serão as espécies variadas de seres representados em sua população. Alguns deles são chamados príncipes, outros potentados, outros governantes, pois haverá tronos, principados e patentes a serem ocupadas pelos diversos graus dos príncipes celestes. Haverá ali o serafim e o querubim, anjo e arcanjo, Gabriel e Miguel, e mais as miríades inumeráveis que circulam pelas cortes e palácios celestes, rodeando Deus em Seu trono a fim de reconhecer Sua Majestade, sempre atentos às Suas ordens, dirigindo os habitantes dos mundos celestes.

Depois de termos reduzido as descrições encontradas na Bíblia e formado um quadro complexo, descobrimos tratar-se de um novo céu e uma nova terra, coroados por uma "cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador". No livro do Apocalipse, João o descreve como tendo nascentes, árvores, frutas, vestes, palmeiras, música, coroas, pedras preciosas, ouro, luz, cores do arco-íris, água, conhecimento, amizade, amor, santidade e a presença de Deus e Seu Filho. Tudo isto, e muito mais ainda, será o céu!

Disse o Apóstolo Paulo: "Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo" (Filipenses 3:20). A Bíblia afirma que nós, os cristãos, somos forasteiros, na terra. Somos estrangeiros, gente de fora, peregrinos e residentes temporários neste planeta. "Não temos aqui cidade permanente" (Hebreus 13:14). Desejamos um pais melhor, que é o céu.

CIDADÃOS DO CÉU

Nenhuma isenção é concedida ao cristão quanto ao destino comum da raça humana. Nascemos para as dificuldades, do mesmo modo como os demais, e as tribulações nos perseguem como a todos. Quando chega a depressão econômica, podemos estar desempregados, quando a guerra irrompe achamo-nos em perigo. Estamos expostos às mesmas doenças e a muitos dos mesmos problemas psicológicos que afligem os demais.

Assim é que devemos cultivar interesse pelo mundo atual, e fazer tudo o que pudermos para ajudar o nosso próximo, com quem convivemos, seja ele crente ou não.

É bem verdade, no entanto, que mesmo neste mundo o cristão possui certos privilégios, enquanto preliba sua estada no céu. Como Charles Spurgeon costumava dizer, "todas as legiões do inferno não nos podem obrigar a fazer o trabalho do demônio". O príncipe deste mundo pode fazer com que seus súditos o sirvam, mas não pode fazer um recrutamento entre nós, os "de fora". O verdadeiro filho de Deus afirma sua isenção quanto a todas as ordens de Satanás e, na verdade, somos os únicos inteiramente livres. Existe hoje quem diga que devemos fazer como fazem os outros, que devemos conformar-nos ao nosso mundo, nadar a favor da maré, andar com a multidão. Mas o crente diz: "Não, não esperem de mim que entre nos maus costumes e modos deste mundo. Estou em Roma, mas não farei como fazem os romanos. Sou estrangeiro, forasteiro, um homem de fora. Minha cidadania está no céu."

Achamo-nos sintonizados com um mundo diferente. Diz a Escritura: "Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele" (I João 2:15). Desejemos antes que zombem de nós do que nos aprovem, considerando a cruz de Cristo riqueza maior do que todos os tesouros de Washington, Londres, Paris ou Moscou.

Para gente de fora, os tesouros deste mundo não exercerão atrativos. O nosso tesouro se acha no céu, "onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam nem roubam" (Mateus 6:20). O dólar norte-americano, a libra esterlina inglesa ou o marco alemão não podem ser gastos no céu, e quando lá chegarmos desejaremos ter depositado maior tesouro em seus bancos. Será muito melhor ser rico com Deus do que com os homens.

Como cidadãos do céu, também partilhamos da sua glória. A Bíblia ensina que até os anjos são nossos servidores, os grandes santos do passado, os nossos companheiros. Cristo é nosso irmão, Deus o nosso

Pai. E receberemos a imortalidade. "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque havemos de vê-Lo como Ele é" (I João 3:2).

APENAS UMA PORTA PARA O CÉU

Há mais uma coisa de imensa importância relativa ao céu, qual seja o como chegar lá.

Existem restrições quanto à entrada no céu, e a Escritura diz: "Nela nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no livro da vida do Cordeiro" (Apocalipse 21:27). Isso afirma com clareza que certas pessoas não terão permissão para desfrutar as glórias e alegrias do céu. São as que negligenciaram o registro de seus nomes no livro da vida do Cordeiro, rejeitaram a oferta feita por Deus, oferta de amor, misericórdia e graça. São as que disseram "não" a Jesus Cristo. O próprio Jesus disse: "Entrai pela porta estreita (larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz para a perdição e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela" (Mateus 7:13, 14).

Teremos, pela fé, entrado pela porta estreita? Estaremos agora trilhando aquele caminho estreito que conduz à vida eterna? Ou estaremos entre as massas da humanidade que seguem pela estrada larga, rumo à destruição? Qual é o nosso destino? Que estrada estamos tomando? Nem todas as pessoas serão encontradas no céu.

Certo homem que dirigia seu automóvel parou para perguntar a um pedestre como chegar a determinada rua. Quando o pedestre lhe ensinou, o motorista perguntou em tom de dúvida:

– É esse o melhor jeito de chegar até lá?

O outro replicou:

– É o *único* jeito.

Só existe um caminho que leva ao céu. Jesus disse: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14:6).

O último convite que vemos na Bíblia afirma o seguinte: "O Espírito e a noiva dizem: Vem. Aquele que ouve diga: Vem. Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de graça a água da vida" (Apocalipse 22:17).

Esta ainda é uma época de graça, e a oferta divina de perdão e nova vida ainda permanece. A porta, no entanto, fechar-se-á um dia. Algum dia será tarde demais. Por isso a Bíblia avisa constantemente, e faz também seu desafio: "Eis agora o tempo sobremodo oportuno, eis agora o dia da salvação" (II Coríntios 6:2).

Quando o dilúvio veio, Noé estava salvo e seguro na arca. Fora tolo o bastante para confiar em Deus e acreditar no que Ele dizia. Quando o mundo irromper em chamas, poderemos estar salvos e seguros, acreditando e aceitando a "loucura de Deus". Isso pode fazer pouco sentido para este mundo moribundo, mas para nós que estamos salvos é o poder de Deus para a salvação.

NOTAS

PREFÁCIO

1. Blaise Pascal, *Pensées*, tradução com introdução de J. M. Cohen (Baltimore; Penguin Books, Inc., *Penguin Classics*, 1961), p. 42.

CAPÍTULO 1

1. Gordon Wolstenholme, ed., *Man and His Future* (Boston: Little, Brown, 1963). Citação tirada da capa.

CAPÍTULO 2

1. *Missions*, janeiro de 1962.

CAPÍTULO 3

1. *The Saturday Evening Post*, 1963.
2. *U. S. News and World Report*, 30 de março de 1964.

CAPÍTULO 6

1. "The Nature of Man", em Carl F. H. Henry, ed., *Christian Faith and Modern Theology* (Nova York: Channel Press, 1964), pp. 147-48.
2. Ibid.
3. Pascal, *Pensées*.

CAPÍTULO 7

1. Cartas, 112-3.

CAPÍTULO 8

1. John A. T. Robinson, *Honest to God* (Filadélfia: Westminster Press, 1963).

CAPÍTULO 11

1. *Christianity and the Modern World* (Nova York: George H. Doran, 1906), p. 14.
2. Pascal, *Pensées*.
3. *The Person of Christ* (Londres: James Nisber & Company, 1880), p. 30.
4. Archibald Rutledge, *Christ Is God* (Westwood, N. J.: Fleming H. Revell Company, 1941), pp. 14-15.
5. Ibid., p. 45.
6. Ibid., pp. 43-44.

CAPÍTULO 13

1. Pascal, *Pensées*.
2. Padres Doyle, Chetwood e Herzog, *The Truth of Christianity Series*, 4 volumes (Nova York: Benziger Brothers, Inc.), p. 245.
3. Time, 20-4-61, p. 59.
4. Marcus Barth e Verne H. Flesher, *Acquittal by Resurrection* (Nova York: Holt, Rinehart e Winston, 1963), p. 13.
5. Ibid.

CAPÍTULO 14

1. Gordon Wolstenholme, ed., *Man and His Future*, p. 275.

CAPÍTULO 16

1. Ernest F. Kevan, *Salvation* (Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1963).

CAPÍTULO 18

1. William Buckley, *God and Man at Yale* (Chicago: Henry Regnery Co., 1951).
2. *The Hollow Men em Collected Poems 1909-1962*.
3. *A Reasoned Faith* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1963).

CAPÍTULO 19

1. G. Curtis Jones, *What Are You Worth?* (St. Louis: Bethany Press, 1954).

CAPÍTULO 20

1. Walter B. Knight, *Knight's Treasury of Illustrations* (Grand Rapids: Eardmans Publishing Company, 1962).
2. Pp. 145, 146.
3. 4-6-65.

CAPÍTULO 23

1. *Doctor's Progress* (Londres: Eyre and Spottiswoode, 1938).
2. The Individual and His Religion (New York: The Macmillan Company, 1960).
3. 29-4-57.